

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Mestrado em Comunicação

Narrativas do Céu

A presença da Astrologia nos meios de comunicação

Ana Cristina Vidal de Castro Ortiz

São Paulo

2015

ANA CRISTINA VIDAL DE CASTRO ORTIZ

Narrativas do Céu

A presença da Astrologia nos meios de comunicação

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação no Programa de Pós Graduação Comunicação na Contemporaneidade, linha de pesquisa Produtos Midiáticos: Comunicação, Jornalismo e Entretenimento, da Faculdade Cásper Líbero.

Orientadora: Prof. Dra. Dulcília H. S. Buitoni

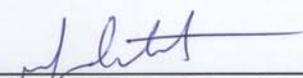
São Paulo

2015

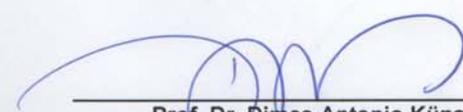
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Autora: ANA CRISTINA VIDAL DE CASTRO ORTIZ

**"NARRATIVAS DO CÉU: A PRESENÇA DA ASTROLOGIA NOS MEIOS DE
COMUNICAÇÃO"**



Profa. Dra. Malena Segura Contrera
Universidade Paulista - UNIP



Prof. Dr. Dimas Antonio Künsch
Faculdade Cásper Líbero - FCL



Profa. Dra. Dulcília Helena Schroeder Buitoni
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Data da Defesa: 27 de abril de 2015

Para Pedro e Luiza, amores da minha vida.

Para o céu estrelado que desde sempre guiou a humanidade. Para a Astrologia, que todos os dias me ajuda a compreender melhor as pessoas e a vida.

AGRADECIMENTOS

A minha família, especialmente minha mãe, pelo apoio constante em todas as minhas escolhas e caminhos.

Aos amigos astrólogos Roxane Mangueira, Guilherme Salviano, Camila Colaneri, Kátia Bueno, Cláudia Lisboa, Alexey Dodsworth e Célia Gozzi, pelas conversas, entrevistas e colaborações.

Aos colegas do mestrado, pela troca constante e apoio mútuo, especialmente Carol Chamizo, Wal Pereira, Pedro Arthur, Celso Unzelte, Marcela Feriani, Raquel Traldi, Rachel Buzzoni e Rodrigo Volponi.

Aos demais amigos queridos, pela força durante todo esse processo. Especialmente Piky, Renata, Paulinho, Fabi e Thaysa.

À Minha querida orientadora, profa. dra. Dulcília Buitoni, por aceitar o desafio e me acompanhar nessa jornada.

Aos integrantes da banca, Malena Contrera e Dimas Künsch, pelas preciosas contribuições na banca de qualificação e também na defesa.

À própria Astrologia e meu trabalho como astróloga, que me ajudam diariamente a compreender melhor as pessoas e o mundo, além de me ensinarem como ser uma pessoa melhor. A meus alunos e clientes, pelo apoio, inspiração e todo aprendizado.

Aos sites, revistas e jornais nos quais sou colunista e/ou para onde já escrevi, pela experiência que despertou o interesse em pesquisar mais sobre o assunto. À TV Gazeta e toda a produção do “Programa Mulheres”, especialmente à apresentadora Cátia Fonseca e ao diretor Rodrigo Riccó, pela entrevista e pelas contribuições, mas, principalmente, pela experiência que ampliou meu foco de interesse e pesquisa.

Ao meu amor, meu querido marido e companheiro de todos os dias, Pedro Ortiz, pelas conversas e leituras, pela paciência, presença, carinho, amizade, companheirismo e por esse amor que cresce todos os dias.

À nossa filha, Luiza, que nasceu durante essa jornada, mudando completamente a minha vida, trazendo ainda mais amor e inspiração.

Aos (mais de vinte) gatos que, apesar de todos os post-its arrancados, páginas de livro desmarcadas e parágrafos inteiros deletados no computador, foram meus grandes companheiros durante a escrita desta dissertação, já que não escrevi uma linha sequer sem a presença e o carinho de pelo menos um deles. Principalmente a Margarida.

RESUMO

Esta pesquisa aborda as relações entre Astrologia e os meios de comunicação e foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Comunicação na Contemporaneidade, linha de pesquisa Produtos midiáticos: Comunicação, Jornalismo e Entretenimento. Reflexões sobre conhecimento humano, narrativas e mitos fundamentam a parte descritiva e analítica sobre a presença da Astrologia na mídia. Autores como Edgar Morin e Renato Janine Ribeiro reforçam a ideia de que a Astrologia é um tema importante a ser tratado no cenário comunicativo contemporâneo. A dissertação inclui um levantamento histórico sobre o percurso do saber astrológico na história humana, sua inserção e presença na mídia. A discussão dos mitos e narrativas é embasada em conceitos e estudos de Joseph Campbell, Vladimir Propp, Lúcia Leão, entre outros autores. Para a análise da Astrologia nos meios de comunicação, autores como Daniela Osvald Ramos, Malena Contrera e Claude Fischler, fornecem elementos que permitem compreender essa presença e relação. Os procedimentos metodológicos incluem pesquisas históricas e iconográficas, além de análise de matérias sobre Astrologia em jornais e revistas e entrevistas com astrólogos. A investigação sobre o horóscopo (na imprensa, na televisão e na internet) permite que se apontem diferenças, características e caminhos possíveis. Com o auxílio de autores como Norval Baitello Júnior e Paul Feyerabend é possível notar que o horóscopo reduz e simplifica a Astrologia, apesar de divulgá-la. Verifica-se também que o horóscopo tem uma qualidade de repetição que remete à ideia de mito e rito, descrita por Mircea Eliade e cria o hábito do acompanhamento diário, ligando diretamente a Astrologia ao fluxo da imprensa e das mídias. A partir de autores como Arlindo Machado, Pierre Bourdieu Manuel Castells e Henry Jenkins é possível problematizar a relação do conteúdo astrológico e a natureza dos meios de comunicação, especialmente televisão e internet. Refletir como a Astrologia aparece nas mídias permite pensar que há espaços para que ela atue como forma de compreender e narrar a vida humana.

Palavras-chave: Comunicação. Astrologia. Mídia. Narrativas. Compreensão. Horóscopo.

ABSTRACT

This research deals with the relationship between Astrology and the media and was developed at the Graduate Program in Contemporary Communication, media products research: Communication, Journalism and Entertainment. Reflections on human knowledge, narratives and myths underlie the descriptive and analytical part on the presence of Astrology in the media. Authors such as Edgar Morin and Renato Janine Ribeiro reinforce the idea that Astrology is an important topic to be discussed in the contemporary communicative scenario. The dissertation includes a historical survey of the route of the astrological knowledge in human history, their insertion and presence in the media. The discussion of myths and narratives are founded on concepts and studies of Joseph Campbell, Vladimir Propp, Lúcia Leão, among other authors. For the analysis of Astrology in the media, authors like Daniela Osvald Ramos, Malena Contrera and Claude Fischler, provide elements that allow us to understand this presence and relationship. The methodological procedures include historical and iconographic research, and analysis of materials on astrology in newspapers and magazines and interviews with astrologers. The research on the horoscope (in the press, on television and on the Internet) allows us to point differences, features and possible paths. With the help of authors such as Norval Baitello Junior and Paul Feyerabend it is possible to notice that the horoscope reduces and simplifies Astrology, although disclose it. Also, the horoscope has a repetition of quality that refers to the myth idea and rite, described by Mircea Eliade and creates the habit of daily monitoring, directly linking Astrology to the press and media flow. From authors such as Arlindo Machado, Pierre Bourdieu, Manuel Castells and Henry Jenkins we can discuss the relationship of astrological content and the nature of the media, especially television and the Internet. Reflecting how Astrology appears in the media suggest that its possible to act as a way to understand and relate to human life.

Keywords: Communication. Astrology. Media. Narratives. Comprehension. Horoscope.

“Era astrólogo ou simples poeta? Era o vidente do ar. Tinha uma loja azul cobalto,
claro céu dentro do bazar” – Cecília Meireles

“Somos, todos nós, criaturas das estrelas, elas nos fazem, nós as fazemos, somos parte
de uma coreografia da qual, de modo nenhum, nunca, podemos pensar em nos
separar” – Doris Lessing

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 ASTROLOGIA E MÍDIA: ORIGENS	18
1.1 Astrologia, origens e sociedade	18
1.2 Astrologia e Astronomia	22
1.3 O retorno da Astrologia	25
1.4 Astrologia e meios de comunicação	28
1.4.1 Os almanaques: a origem do horóscopo	29
1.4.2 As primeiras colunas de horóscopos	32
1.4.3 Dos almanaques aos horóscopos de jornal: a popularização da Astrologia no Brasil	34
2 NARRATIVAS MÍTICAS E CELESTES	43
2.1 Mitos	43
2.2 Mitos celestes	46
2.3 Ciclos solares e lunares	48
2.4 Narrativas astrológicas: ciclos celestes, estações do ano e os doze signos	55
2.5 Mapa e narrativa	57
3 NARRATIVAS MIDIÁTICAS DA ASTROLOGIA	67
3.1 Horóscopo	67
3.2 Olhando para a Astrologia pela fresta: as janelas que recortam	74
3.3 Diálogo e compreensão: a visão do todo	76
3.4 Jornadas astrológicas	80
3.5 Linguagem e conteúdo dos horóscopos	90
4 PRESENÇA DA ASTROLOGIA NA MÍDIA	94
4.1 A Astrologia em jornais e revistas	96
4.2 A Astrologia na televisão	103
4.3 A Astrologia na internet	113
4.4 Convergência de mídias: caminhos possíveis para as narrativas astrológicas nos meios de comunicação	117

5 A ASTROLOGIA COMO FORMA DE COMPREENDER E NARRAR A VIDA HUMANA	128
5.1 Desencantamento do mundo celeste	128
5.2 Narrativas míticas contemporâneas	134
5.3 Narrativas astrológicas e pensamento humano	139
5.4 Narrativas celestes e mundo (re)encantado	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	151
ANEXOS	

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Almanak da Província de São Paulo</i> para 1873	36
Figura 2 – Exemplos de mapas astrológicos	57
Figura 3 – <i>Jornal New York Post</i> , 18/3/1936	71
Figura 4 – Modelo de jornada do herói	82
Figura 5 – Os signos do zodíaco	83

ANEXOS

Anexo 1 – Revista *Horóscopo Capricho*. Editora Abril. Publicada em janeiro de 1984.

Anexo 2 – Revista *Capricho*. Editora Abril. Publicada em junho de 1982.

Anexo 3 – Revista *Cláudia*. Editora Abril. Publicada em fevereiro de 2015.

Anexo 4 – *Folha de S. Paulo* de 13 de junho de 1969.

Anexo 5 – *Folha de S. Paulo* de 12 de janeiro de 2015.

Anexo 6 – Exemplos de matérias sobre Astrologia publicadas nos jornais (algumas das que são citadas no texto).

Anexo 7 – Revista *Contigo*. Editora Abril. Publicada em 22 de janeiro de 2015.

Anexo 8 – Revista *Ilusão*. Editora Abril. Publicada em dezembro de 1960.

Anexo 9 – Revista *Nova*. Editora Abril. Publicada em janeiro de 2015.

INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação é a relação entre Astrologia e comunicação, especialmente a presença das narrativas astrológicas na mídia. Conteúdos astrológicos, especialmente sob a forma de horóscopo, estão presentes em jornais e revistas do mundo ocidental. Da imprensa passaram ao rádio e à televisão e agora aparecem em diferentes formatos na internet, em sites jornalísticos e nas redes sociais.

Sabe-se que a relação entre homem e cosmos acompanha a humanidade há milênios e desde os primórdios o homem se relaciona com o céu, notando a influência dos ciclos celestes nos acontecimentos terrestres. Os mitos celestes sempre povoaram o imaginário do homem, que, em tempos passados, acreditava que o Céu era a morada dos deuses. Dessa forma, os astros exerciam influência na vida humana, sendo que até mesmo a organização social estava relacionada à organização cósmica. Assim, esse céu, que era sagrado, e seus ciclos, norteavam a vida humana.

A Astronomia e a Astrologia nasceram juntas e, por muito tempo, não havia distinção entre elas. Porém, no século XVII houve uma separação, que fez com que a Astrologia ficasse marginalizada por alguns séculos, aparentemente esquecida e sem lugar. Apenas no século passado a Astrologia volta a ter algum destaque, apesar de até hoje buscar um lugar seguro para ocupar. Mas, apesar de rejeitada pela religião e pela ciência, a Astrologia e suas narrativas, incluindo a mitologia celeste, jamais deixaram de fazer parte do imaginário e da vida humana.

Tais narrativas astrológicas também estão presentes na mídia, em seus diversos formatos, seja de forma explícita, como nos horóscopos de jornal ou em programas com conteúdo astrológico, como de forma sutil, implícita, pela sua mitologia que serve de recurso para a construção de outras narrativas. Ou seja, a Astrologia está bastante presente nos meios de comunicação que ajudam a divulgá-la, ao mesmo tempo que abrem espaço para apenas parte de seu conteúdo, muitas vezes de maneira superficial e genérica.

Esta dissertação trata da presença das narrativas astrológicas na mídia e sua inserção como entretenimento nos principais meios de comunicação, fazendo com que sejam produtos que fazem parte do cotidiano das pessoas. É estudado principalmente o horóscopo, por ser a narrativa astrológica mais comumente encontrada na mídia e,

portanto, o grande divulgador da Astrologia, sendo também um conteúdo que costuma gerar preconceito por sua generalidade.

Esta pesquisa visa compreender de que forma as narrativas astrológicas estão inseridas no cenário comunicativo contemporâneo e quais são os caminhos possíveis para que Astrologia e comunicação possam se relacionar cada vez mais, já que parece haver um interesse mútuo nesse diálogo, uma vez que, especialmente na forma de horóscopo, a narrativa astrológica gera uma continuidade capaz de impor um ritmo de leitura e de criar um ritual que interessa à mídia. A mídia, por sua vez, parece ser um caminho eficiente para divulgação da Astrologia.

Outro objetivo desta pesquisa é compreender de que maneira a comunicação pode proporcionar mudanças na relação entre a Astrologia e seu público. Além disso, esta dissertação visa apresentar a Astrologia como área do saber e como uma forma de compreender e narrar a vida humana.

Para tanto, foi feita uma pesquisa histórica e iconográfica, tanto da Astrologia como de sua relação com a Comunicação, incluindo análise de matérias publicadas sobre o tema e entrevistas com astrólogos que atuam na mídia.

Assim, de início traço o percurso histórico da Astrologia, incluindo suas origens e influência na formação das sociedades, seja pela relação entre o homem e suas observações astronômicas, seja pela mitologia contida nesse saber ou pela importância dos ciclos, incluindo os celestes, na vida humana. O primeiro capítulo conta essa história, desde a origem da Astrologia, passando por seu rompimento com a Ciência, até seu retorno num tempo mais recente. Para esta pesquisa, conto com historiadores, filósofos, sociólogos e autores estudiosos do assunto, entre eles Edgar Morin, Lena Petrossian, John Towley, Peter Marshall, Kocku von Stuckrad, Rupert Sheldrake, Benson Bobrick, Serge Hutin, Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, Renato Janine Ribeiro, entre outros.

Ainda no primeiro capítulo, apresenta-se a relação histórica da Astrologia com os meios de comunicação, a partir dos almanaques até a inserção do horóscopo e outras narrativas astrológicas na mídia, bem como sua presença até hoje em revistas, jornais, rádio, televisão e internet. Autores como Claude Fischler, Marília Suzuki e Daniela Osvald Ramos, entre outros, ajudam a contar essa história. É feito, ainda, um levantamento sobre os almanaques existentes, bem como um histórico da presença da Astrologia na mídia.

O segundo capítulo apresenta a ideia de mito, abordando especialmente os mitos celestes, que sempre estiveram presentes na vida humana, desde as sociedades mais antigas. Entre os mitos celestes, são abordados tanto os mitos solares e lunares quanto os ciclos ligados ao Sol e à Lua, dos quais nasceram tais mitologias, sempre importantes para a vida humana. Até porque esses foram dos primeiros ciclos a serem conhecidos pelo homem e, portanto, os primeiros a permitir a noção de tempo. Em seguida, são apresentadas algumas narrativas astrológicas.

Para trabalhar com as narrativas míticas e celestes, são utilizados autores como Mircea Eliade, Joseph Campbell, Joseph L. Henderson, Carl Gustav Jung, Richard Wilhelm, Gilbert Durand, entre outros. Para aprofundar no tema das narrativas, contamos com a ajuda de Regina Machado, Beatriz Del Pichia, Cristina Balieiro, Lúcia Leão, Vladimir Propp, Roland Barthes, Walter Benjamin.

O terceiro capítulo aborda as narrativas midiáticas da Astrologia. É tratado especialmente o horóscopo, a principal narrativa astrológica presente na mídia. Neste capítulo, são apresentadas diversas visões da Astrologia, incluindo algumas mais críticas, como de Theodor Adorno e Roland Barthes e outras mais compreensivas, como de Edgar Morin e Paul Feyerabend. Embasada em conceitos de Norval Baitello Jr, nota-se que muitas dessas críticas foram na verdade feitas ao horóscopo, que é apenas um recorte da Astrologia. Assim é possível analisar as janelas e recortes criados pelo horóscopo, que, em geral, reduzem o saber astrológico e podem criar uma imagem limitada a seu respeito. Este capítulo também trata do monomito, proposto por Joseph Campbell e da jornada do herói astrológico, proposta de Malena Contretra, diariamente descrita no horóscopo presente na mídia, criando o hábito da leitura pela repetição que gera um ritmo e, portanto, um ritmo nos meios de comunicação o que, de acordo com Mircea Eliade, nos remete aos ritos e mitos arcaicos. Ainda são analisados alguns desses textos, para mostrar o quanto os horóscopos são narrativas resumidas, genéricas e simplificadas.

O quarto capítulo analisa especificamente a presença da Astrologia na mídia, fazendo uma introdução acerca de sua presença no jornal e nas revistas, para depois concentrar-se mais especificamente em sua presença na televisão e na internet. Estão incluídas entrevistas com astrólogos que possuem larga experiência na mídia, mais especificamente na televisão. São analisadas as narrativas astrológicas presentes em cada uma das mídias, com foco em televisão e internet. Nesse sentido, também são analisadas suas demandas e características a partir de autores como Arlindo Machado,

Pierre Bourdieu e Manuel Castells. Assim, é possível traçar uma relação entre o conteúdo astrológico e suas narrativas que são disponibilizadas em cada uma dessas mídias, o que permite, também e com apoio de autores como Henry Jenkins, algumas considerações sobre a convergência de mídias como um dos caminhos possíveis para uma comunicação mais eficiente e profunda da Astrologia.

O quinto e último capítulo retomar a ideia de encantamento e desencantamento do mundo a partir de autores como Malena Contrera, Edgar Morin e Dimas Künsch e Rupert Sheldrake e seu impacto na Astrologia, incluindo sua presença na mídia. É apresentado o cenário do qual deuses deixaram de habitar o Céu e a Ciência passou a ser o extremo oposto desse mundo onde o encanto era presente, o que fez com que a Astrologia perdesse o espaço que até hoje tem dificuldades de reencontrar, seja como saber complexo seja como em termos de conteúdo na mídia. Este capítulo traz, ainda, conceitos de Joseph Campbell, Christopher Vogler e Mircea Eliade, abordando as narrativas mitológicas contemporâneas, bem como sua presença na mídia atual, incluindo a Astrologia, seus mitos e narrativas. Este capítulo traz, ainda, autores como Levi Strauss, Gilbert Durand e Michel Maffesoli, na tentativa de construir a ideia de um possível reencantamento do mundo. Por fim, apresenta a Astrologia como forma encantada de compreender e narrar a vida humana.

CAPÍTULO 1

ASTROLOGIA E MÍDIA: ORIGENS

To everything

There is a season

And a time for every purpose

Under heaven – Nina Simone¹

1.1 Astrologia, origens e sociedade

A Astrologia acompanha há muito tempo a história da vida humana. Desde a Antiguidade o homem olha para o céu e percebe a relação dos movimentos celestes com os acontecimentos terrestres. Com essa constante observação, nossos antepassados descobriram relações profundas entre os ciclos celestes e o que acontece na Terra. As próprias estações do ano guardam uma relação íntima com o ciclo do Sol e originaram os doze signos. Os ciclos solares e lunares já orientavam os antigos em seu plantio, caça e outros ciclos aqui na Terra.

O interesse do homem pelo céu acompanhou diversas civilizações, como sumérios, babilônios, caldeus, egípcios, assírios, gregos, romanos, incas, maias e chineses, entre outros. Esses povos conheciam e interpretavam o céu, traçando paralelos com os acontecimentos terrestres.

Edgar Morin, autor que refletiu muito sobre a comunicação e tantos outros temas importantes, também tratou da Astrologia, incluindo sua presença na mídia e na cultura de massa. Ele é um dos autores que estudaram as origens da Astrologia e sua influência na constituição das sociedades humanas:

Desde a Antiguidade, as sociedades humanas elaboraram concepções a respeito de um universo no qual cada uma delas se inscrevia. Essas sociedades modelaram sua organização de acordo com a ordem cósmica: seus calendários foram estabelecidos com base nos ciclos solares e lunares. (MORIN, 2008, p. 9).

¹ Para tudo/ Existe uma estação/ E um momento para cada propósito/ Sob o céu. (Tradução da autora)
Turn! Turn! Turn! – Nina Simone

Desde “os primórdios da História, o espírito humano preocupou-se, apaixonou-se, fascinou-se, encantou-se, enfeitiçou-se e inquietou-se pelo céu estrelado” (MORIN, 2008, p. 11). Por isso, a “sociedade humana sempre buscou inscrever-se no cosmo e inscrever o cosmo em si mesma” (MORIN, 2008, p. 11).

Mesmo antes do nascimento da Astrologia

os astros desempenhavam um papel central na maior parte das civilizações. A organização social estava decalcada sobre a organização cósmica e os ritos religiosos asseguravam a harmonia entre o homem e o mundo. A ordem cósmica era ao mesmo tempo modelo e garantia de ordem social (PETROSSIAN, 1972 p. 15).

Até porque os movimentos celestes foram os primeiros ciclos percebidos pelo homem e, portanto, responsáveis pela organização dessas antigas sociedades, já que “toda a nossa compreensão mental do mundo depende dos ciclos – se os eventos não se repetissem, não haveria um universo apreensível e estruturado” (TOWNLEY, 1995, p. 9).

Para os antigos, o céu era algo sagrado e a relação do que era visto com o que acontecia na Terra despertou a necessidade de dados mais exatos a respeito dos ciclos dos planetas para que pudessem prever eventos terrestres. Isso porque os ciclos celestes se repetiam e, com esses, os acontecimentos terrestres se tornaram previsíveis, já que acompanhavam essa repetição. A partir daí, surge a necessidade de se calcular melhor esses ciclos, para que as previsões se tornassem possíveis.

Rupert Sheldrake, importante biólogo da atualidade, afirma que “na Idade Média, assim como em todas as épocas anteriores, de forma geral o homem acreditava que o Céu tinha vida, que o cosmo todo tinha vida” (2008, p. 19). O filósofo e historiador Peter Marshall também estudou essa relação entre o homem e o cosmo como algo sagrado:

os mesopotâmios acreditavam que os humanos eram parcialmente divinos, nascidos da mesma substância dos deuses, mas sua principal tarefa era servir aos deuses. O céu à noite, com as estrelas e planetas, era visto como *Shitir Shame* – o “livro dos céus” –, contendo os mandamentos dos deuses. (MARSHALL, 2004, p. 211).

Para o historiador Kocku von Stuckrad (2007), há indícios da presença da Astrologia desde a Idade do Bronze, em torno de 3.300 a.C.

A maior parte dos estudiosos aponta que foi na Mesopotâmia que a Astrologia, pelo menos da forma como a conhecemos hoje, nasceu. E teria sido difundida dessa região para o Egito e dali para a antiga Grécia. Porém, apesar de existirem fatos e evidências que permitem traçar uma linha do tempo, há algumas dúvidas históricas a respeito do nascimento e evolução da Astrologia.

O historiador americano Benson Bobrick conta que “quatro mil anos antes de Cristo, os babilônios e assírios observaram o céu em busca de presságios sobre seu destino e do alto de seus zigurats² cartografaram o curso dos planetas” (2007, p. 31). “A partir dessas observações”, continua, “começaram a prever o tempo, a seca, a fome, a guerra, a paz e o destino dos reis” (2007, p. 31). Vilém Flusser (2007, p. 70) também se refere às previsões feitas pelos antigos sacerdotes através da Astrologia, tendo como referência os ciclos e os epiciclos.

Segundo o historiador Serge Hutin, a arqueologia confirma por documentos seguros que a Astrologia era praticada pelos caldeus dois ou três milênios antes da era cristã. Além disso, descobertas mais recentes mostram que essa prática já existia em época ainda anterior, a dos sumérios, “que a teriam trazido da Ásia Central por volta do V milênio antes de Cristo” (1975, p. 65). O autor defende a ideia de que o termo “mesopotâmios” deveria ser usado no lugar de caldeus, já que estes últimos “não foram...os únicos povos antigos que conquistaram... a Mesopotâmia” (HUTIN, 1975, p. 66).

Marshall (2004, p. 257), cita o trabalho *The Origins of the Zodiac*, do estudioso Rupert Gleadow, para falar sobre a primeira noção da Astrologia como a conhecemos, que teria surgido entre os séculos VII e V a.C., incluindo o próprio zodíaco. Marshall também demonstra a presença da Astrologia como ciência sagrada egípcia, “que era manifestada de maneira simbólica em sua arte e arquitetura” (2004, p. 258). Para o autor, mesmo que tenha havido uma fertilização posterior, “tanto o Egito quanto a Mesopotâmia podem ter herdado sua Astrologia como parte integrante da ciência sagrada de uma civilização anterior perdida” (2004, p. 258).

Muitos historiadores já afirmaram que a origem da Astrologia ocidental seria grega, já que foi na Grécia que muito da estrutura da teoria astrológica foi

² Os zigurats eram torres existentes na Babilônia, que simbolizavam a ligação entre o céu e a terra e de onde “os adivinhos observavam com precisão o movimento dos astros no céu” (HUTIN, 1975, p. 67).

desenvolvida. Assim, apesar de não terem inventado esse saber, sem dúvida os gregos proporcionaram grande desenvolvimento à Astrologia e sistematizaram esse saber, sendo a origem da Astrologia que adotamos hoje no Ocidente. A própria teoria dos quatro elementos e suas associações com os doze signos³ vem dos gregos (MARSHALL, 2004, p. 266). Ressalte-se que esta dissertação aborda apenas a Astrologia ocidental, apesar da Astrologia ser forte no Oriente, com seus próprios pressupostos e fundamentações.

A relação entre Astrologia e medicina também tem origem na Grécia, tanto que, para os gregos, “no diagnóstico de uma doença acreditava-se que se um signo que regia determinada parte do corpo fosse afetado por um planeta maléfico ou por um planeta com um aspecto negativo, por afinidade aquela parte do corpo também seria afetada” (MARSHALL, 2004, p. 267). Assim como o diagnóstico, a cura também dependia dos planetas.

Carl Gustav Jung, citando Paracelso, lembra que “o médico não deve ser apenas alquimista, mas também astrólogo” (2012c, p. 26). Segundo ele, “sem esta arte de interpretação das constelações astrais, o médico seria apenas um pseudomedicus (2012, p. 26)”. Ou seja, o médico deveria “reconhecer este céu interior” (2012c, p. 27), já que “há no homem um firmamento como no céu” (2012c, p. 27). Jung ainda complementa dizendo que “para nós, o céu externo é um indicador do céu interior: então, quem quererá ser um médico que não conheça o céu externo?” (2012c, p. 27). E isso aconteceu ao longo da história, já que muitos dos médicos eram também astrólogos, entendendo que “em cada ser humano existe um céu particular” e que “o céu é o ser humano e o homem é o céu” (JUNG, 2012c, p. 28).

A Astronomia matemática também se desenvolveu na Grécia, entre os séculos IV a.C. e III d.C. (MARSHALL, 2004, p. 282). Nessa época, a “Astrologia passou a ter um cunho mais científico, com bases matemáticas” (SUZUKI, 2007, p. 5).

Assim, “a Astrologia ocidental moderna tem suas raízes na mistura das culturas da Mesopotâmia, Egito e Grécia” e por “quatro mil anos, cada uma dessas grandes civilizações contribuiu para o crescimento da Astrologia” (MARSHALL, 2004, p. 208). Além disso, a “Astrologia não somente se tornou parte da cultura diária, como foi parte integrante da medicina, da magia e de vários cultos influentes

³ Os doze signos seriam uma combinação entre quatro elementos – fogo, terra, ar e água – e três ritmos (ou formas de expressão) – cardinal, fixo e mutável.

no mundo egípcio e greco-romano no início da era cristã” (MARSHALL, 2004, p. 307).

Lena Petrossian conta que os astros foram “os reguladores do tempo social e da vida, quer profana, quer religiosa” (PETROSSIAN, 1972, p. 16). Segundo a autora, “o nascimento da Astrologia andou ligado aos progressos na observação do movimento dos astros”, bem como “Astronomia e Astrologia, ciência e magia são de fato indissociáveis” (PETROSSIAN, 1972, p. 16).

1.2 Astrologia e Astronomia

De acordo com historiadores e estudiosos, a Astrologia e a Astronomia nasceram juntas, pois a preocupação em calcular astronomicamente os ciclos celestes tinha, para os antigos, uma motivação astrológica, pois queriam compreender os ciclos e fazer previsões a partir do movimento celeste. Os ciclos, aliás, foram importantes em toda a concepção de nossa sociedade, especialmente os ciclos do Sol e da Lua, que regiam as plantações e as estações do ano. “A roda do Sol, o círculo do tempo, coloca tudo e todas as coisas de volta no lugar que lhes é devido” (FLUSSER, 2007, p. 69).

Conforme explica Edgar Morin: “É impressionante que as mais remotas civilizações da Antiguidade, como as da China, Egito, Caldeia e Assíria, tenham desenvolvido correlativamente a Astronomia e a Astrologia” (2008, p. 10).

Na Antiguidade, conhecer o céu e seus ciclos era fundamental para compreender melhor o que acontecia na Terra, pois as observações astronômico-astrológicas apontavam uma correlação direta entre eventos celestes e terrestres. É o que diz Rupert Sheldrake: “No passado, as pessoas acreditavam que o que acontecia na Terra estava relacionado ao que acontecia no Céu. Essa tradição ainda é vivamente preservada pela Astrologia moderna” (2008, p. 24).

Até o século XVII, Astrologia e Astronomia eram interligadas e não havia distinção entre elas e seus profissionais. Os astrônomos eram chamados astrólogos. Muitos dos grandes astrônomos do passado eram astrólogos, entre eles Johannes Kepler (Weil der Stadt, Alemanha, 27/12/1571-Ratisbona, Baviera, 15/11/1630), autor de almanaques astrológicos e astrólogo de reis.

Como conta o astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, “Kepler iniciou sua carreira elaborando calendários astrológicos e concluiu-a como astrólogo da Corte

do Duque de Wallenstein. Essa atividade permitiu que sobrevivesse” (2003, p. 187). E ele ainda complementa: “Segundo a concepção astrológica de Kepler, é possível prever o futuro com base no que ocorre no céu” (2003, p. 187).

O livro *A bruxa de Kepler* (CONNOR, 2005), biografia de J. Kepler, que recebeu esse nome porque sua mãe foi condenada e queimada como bruxa, por preparar “remédios à base de ervas”, também tem registros da relação de Kepler com a Astrologia, inclusive apresentando trechos do próprio mapa feito por ele e cartas e anotações nas quais ele falava sobre o assunto, inclusive sobre os aspectos astrológicos seus e de seus familiares.

Edgar Morin também mostra que:

o nascimento dum a Astronomia moderna coincide com o renascer da astrologia: os próprios astrônomos modernos Copérnico (1473-1543), Kepler (1571-1630), praticavam a astrologia. Assim, e paradoxalmente, os homens do Renascimento não estabeleciam uma autêntica oposição, um século antes do seu divórcio, entre Astronomia e astrologia. A astrologia, a magia, a Astronomia, a medicina eram consideradas ciências empíricas. (1972, p. 21).

Morin ainda reforça que além da relação direta entre Astrologia e Astronomia, esses estudos eram aplicados a toda sociedade. Para ele: “Outrora, porém, inseparável da Astronomia, a Astrologia estabelecia a influência direta dos planetas, não apenas sobre o destino dos indivíduos, mas, também, sobre o das sociedades” (2008, p. 10).

Até porque a Astrologia surge justamente para compreender os eventos coletivos, políticos e econômicos e tudo o que influenciava a sociedade, o que incluía saber o destino de reis e rainhas. A Astrologia individual/pessoal era apenas para os reis e nobres que tinham alto poder aquisitivo. A Astrologia aplicada ao indivíduo é muito mais recente, pois surge junto com a psicologia a partir do século XX.

Entre os séculos XVI e início do XVII, a Astrologia foi bastante popular, embora nessa época se iniciasse um rompimento entre a Astronomia centrada no Sol e a Astrologia geocêntrica, que seguia o modelo de Ptolomeu. A partir do século XVII, a Astrologia e a Astronomia, até então irmãs, separam-se e, com isso, a Astronomia ganha *status* de ciência, enquanto a Astrologia passa a ocupar outro lugar, até hoje incerto.

Como relata Edgar Morin:

A astrologia foi rechaçada como superstição, simultaneamente, pelo cristianismo e pelo racionalismo científico. Só conseguiu reconquistar seu espaço no contexto da subjetividade individual, único lugar em que lhe foi reconhecida alguma objetividade. A sociedade não se encontra mais inscrita no cosmo e, a partir do século XIX, foi forçada a inserir-se em um devir irresistível que lhe promete o controle do mundo. (2008, p. 12).

De acordo com Rupert Sheldrake, o divórcio entre Astrologia e Astronomia significou prejuízo para ambas as áreas do conhecimento. Para ele:

A relação entre Céu e Terra era muito importante na cosmologia antiga. Mas, em virtude da separação entre astrologia e Astronomia, os astrônomos passaram a não ver sentido no que está acontecendo nas estrelas; não veem vida, inteligência ou consciência no Céu. Os astrólogos, por sua vez, veem sentido, padrão e uma relação entre o que acontece no Céu e o que acontece na terra; mas, infelizmente, nunca olham para o céu. (2008, p. 25).

Desde que a Astrologia se divorciou simultaneamente da religião e da ciência, vem buscando sua re colocação na sociedade. Aliás, para o professor titular de ética e filosofia política na Universidade de São Paulo Renato Janine Ribeiro,⁴ a Astrologia pretende, de fato, ser uma ciência. Segundo ele, Astrologia é *logia*, *logos*, saber, ciência. Ele aponta, inclusive, que desde que se parou de pensar nos astros como aqueles que nos dizem o futuro, nos dizem a verdade, para pensar nos astros de maneira mecânica e não mais como forma de adivinhação ou sagrado, criou-se a palavra Astronomia, que tem conotação de *nomia*, ou seja, lei, e não de *logia*, ou seja, ciência. Ainda para Ribeiro, isso se deve ao fato de a Astronomia desejar diferenciar-se da Astrologia.

Assim como se separou da ciência, a Astrologia também se afastou do sagrado ou do divino. Rupert Sheldrake acredita “que uma das coisas que precisamos fazer é recuperar um sentido de vida no Céu, para que, quando olharmos para as estrelas, quando realmente olharmos para o céu, conscientizemo-nos dessa divina presença e das inteligências e da vida nele contidas” (2008, p. 26).

Desde que isso aconteceu, ou seja, desde que a Astrologia deixou de fazer parte ou de conter a Astronomia e também o sagrado, passou a ser vista pela ciência como algo místico e pela religião como algo profano. Entrou em uma espécie de

⁴ Renato Janine tratou do tema astrologia no programa “Café Filosófico: Agir com Astrologia”, exibido pela TV Cultura em 2003.

limbo, sem pertencer a um lugar bem definido perante a sociedade. Desde então, passou a sofrer uma série de preconceitos.

Em um tempo mais recente, a pouca informação sobre sua história dificultou o entendimento sobre suas origens e sobre seu antigo uso como algo tão presente na vida das pessoas. No programa “Café Filosófico Agir com Astrologia”, exibido em 2003 pela TV Cultura, Renato Janine Ribeiro conta que ao fazer uma pesquisa sobre a história da astrologia constatou a existência de poucos livros em todo mundo ligados ao assunto.⁵ Em sua opinião, a Astrologia entrou no buraco negro da ciência. De acordo com ele, isso se deve ao fato de que uma parte dos interessados diz que a Astrologia é uma superstição e, portanto, não deve ser estudada profundamente ou, ainda, deve ser desmontada. Segundo Renato Janine Ribeiro, para outra parte dos interessados, a Astrologia é a revelação da verdade e por isso não precisa ser estudada cientificamente. Além disso, havia um vazio histórico que apenas recentemente vem sendo preenchido, com publicações que abordam o assunto de forma mais profunda e completa.

1.3 O retorno da Astrologia

Após o divórcio ocorrido entre Astrologia e ciência, Astrologia e Astronomia e Astrologia e religião, a Astrologia ficou abandonada e relegada. Sabe-se que nunca deixou de ser praticada, mas isso era feito de forma oculta e sem grandes divulgações.

Ao longo da história e atualmente, a Astrologia pode ser aplicada tanto ao indivíduo como ao coletivo. Mas, em tempos mais antigos, era usada individualmente sobretudo pela medicina e apenas para reis, nobres e quem podia de alguma forma pagar pelo serviço dos astrólogos. No mais, era especialmente empregada para as grandes previsões coletivas, como o futuro das nações, dos reis, a política, a economia ou a morte de pessoas importantes.

Depois de permanecer nessa espécie de limbo, condenada pela religião e desconsiderada pela ciência, aos poucos a Astrologia ressurge ao longo do século XX aliada a áreas como a psicologia e mais aplicada ao indivíduo. Especialmente pela influência de Carl Gustav Jung ela passa a ser uma das formas de se buscar sentido nas ações humanas. Vale ressaltar que a psicologia como um todo contribuiu para

⁵ Hoje em dia já podem ser encontrados mais livros sobre o assunto, mas, ainda assim, há lacunas, divergências e falta de informações.

esse retorno da Astrologia, já que a partir daí surge uma preocupação maior com o ser humano e o autoconhecimento, o que beneficiou tudo que de alguma maneira pudesse levar a isso. Além disso, os trabalhos de Jung sobre sincronicidade parecem ter sido uma nova maneira de explicar o possível funcionamento da Astrologia. Ele mesmo a usou como exemplo em seu livro *Sincronicidade*, no qual fez alguns experimentos com mapas astrológicos de casais. Outrossim, os estudos de Jung sobre o inconsciente e a linguagem simbólica também foram relevantes para esse retorno da Astrologia.

Vale explicar que sincronicidade é o nome que Jung deu ao que chamou de coincidência significativa, ou seja, eventos que se correspondem de forma tão coincidente que não poderiam ter sido obra do acaso. Por exemplo, quando uma pessoa pensa em outra que no instante seguinte lhe telefona. No caso da Astrologia, para Jung haveria uma coincidência significativa no fato de a configuração planetária corresponder a um acontecimento terrestre e, por isso, seria explicada como uma sincronicidade.

Assim, hoje em dia a Astrologia está especialmente voltada ao indivíduo, mas é também muito empregada por empresas, políticos e para previsões coletivas, econômicas, políticas e sociais.

Sobre o retorno da Astrologia no século passado, Renato Janine Ribeiro (2003), diz que até o século XX a Astrologia é voltada especialmente à previsão do futuro e às ações que a pessoa sofre ou pratica. A partir do século XX, para Renato Janine Ribeiro, a Astrologia se torna junguiana e está mais preocupada com a psique da pessoa. Ela passa a focar menos o que vai acontecer e mais as qualidades, pontos fortes e fracos e a percepção da personalidade das pessoas. Tanto é que a Astrologia deixa de prever apenas considerando um destino imutável para também aconselhar e orientar, incluindo a ideia da existência de livre-arbítrio.

Segundo Renato Janine Ribeiro, C. G. Jung e sua teoria da sincronicidade faz com que “as mânticas⁶ passem a ser configurações materiais do inconsciente, seus mapas” (1996). Assim, a “aceitação dos opostos, em mim, tem a ver com a aceitação dos conflitos, com o casamento cósmico, com o que está fora de mim (1996)”. A Astrologia passar a revelar a “psique mais profunda do indivíduo”. Ou seja, a leitura (astrológica) deixa de ser dos acontecimentos, dos fatos, daquilo que está fora do

⁶ Mânticas são técnicas ou saberes utilizados para prever o futuro. Por exemplo, tarô, runas, etc.

consulente, isto é, agora “trata de sua pessoa psíquica (em sentido renovado, porque re-ligado ao mundo)” (RIBEIRO, 1996).

Diante dessa nova visão, “ideias como a de destino ou de aspectos nefastos perdem por completo o sentido, ainda mais porque o que confere, justamente, sentido à leitura é uma convicção do possível crescimento do ser humano pelos desafios que enfrenta na vida” (RIBEIRO, 1996).

Assim, Ribeiro considera que Jung, com a teoria da sincronicidade “foi quem “teve maior impacto na moderna mântica” e para explicar às mânticas, entre as quais a Astrologia. Mas diferencia a Astrologia de outras mânticas, definindo-a como uma “mântica de elite” que, “em vez de usar as adivinhações como tecnologia (isto é, para uma eficácia externa), vai delas para a psicologia e, portanto, para o assim chamado ‘trabalho interno’, uma reelaboração do eu apoiada no mapa da psique” (1996).

Isso de fato acontece atualmente, já que nas consultas astrológicas, apesar da vontade de saber o futuro que muitos clientes têm, o foco principal é o autoconhecimento, conhecer seus potenciais, talentos, medos, desejos e recursos, para se tornar uma pessoa melhor. As previsões já não são fatalistas e não apontam acontecimentos inevitáveis, já que partem do pressuposto de que, com consciência, podemos mudar o curso de parte dos acontecimentos.

Renato Janine Ribeiro (2001) também define essa Astrologia derivada de Jung como uma “Astrologia mais requintada”, já que essa teria largado as previsões pelo exame da personalidade e, assim, eliminado a adivinhação. Com isso, a Astrologia teria se tornado uma “prática auxiliar da análise junguiana”, na qual “os traços da pessoa são derivados do instante em que ela nasceu” (2001).

Entretanto, a Astrologia ainda é muito usada para fazer previsões e prognósticos. E continua sendo empregada para o estudo dos ciclos coletivos, como o econômico e o político, apesar de ser cada vez mais aplicada ao indivíduo.

Mas, mesmo sendo tão utilizada, é mal compreendido, talvez pela falta de informação. Há muita associação, totalmente equivocada, com misticismo e esoterismo e, em alguns casos, até mesmo com religião. Muita gente considera o astrólogo uma espécie de “vidente”, desconsiderando que suas análises e previsões dependem de cálculos e técnicas específicas. Lena Petrossian entende que “cada vez mais desconsiderada nos meios eruditos ou cultos, a Astrologia entra, daí em diante, no universo subterrâneo das ciências ocultas” e, assim, “a Astrologia voltou a ser clandestina e iniciática” (PETROSSIAN, 1972, p. 23). Porém, a Astrologia é um

saber complexo que merece ser estudado e compreendido e, apesar de ter permanecido na vida humana de forma clandestina, nunca deixou de ser praticada. Aos poucos a Astrologia vai (re)encontrando seu lugar e espaço na vida das pessoas, na mídia e também no meio acadêmico, com a realização de pesquisas de mestrado e doutorado que incluem esse saber em seu tema.

1.4 Astrologia e meios de comunicação

Esse retorno da Astrologia coincide com sua presença cada vez mais forte na mídia. Para Lena Petrossian no início do século XX, na Europa, a Astrologia sai “dos cenáculos dos grupúsculos e da porta fechada dos consultórios, para estar presente na grande imprensa” (PETROSSIAN, 1972, p. 27). No Brasil a Astrologia também começa a se fazer presente na grande imprensa nessa mesma época. Assim, “foi a grande imprensa quem tirou a Astrologia do ocultismo, do *underground* para onde haviam relegado a ciência, a razão e a religião” (FISCHLER, 1972, p. 29).

Com isso, “a partir de 1930 começou a desenvolver-se uma Astrologia de massa, diferente da antiga Astrologia rural – popular dos almanaques, e que se espalhou – desigualmente – por todas as camadas da sociedade” (FISCHLER, 1972, p. 29).

A partir daí, a astrologia começa a se popularizar e ser mais conhecida e “quando os signos do zodíaco começaram a individualizar o horóscopo (1939), principia uma alfabetização astrológica que se intensifica quando este alcança a grande imprensa (1945)” (FISCHLER, 1972, p. 29).

Desde então e cada vez mais, a Astrologia está fortemente presente na mídia sobretudo em sua narrativa mais resumida, na forma de horóscopos. A grande maioria dos jornais, revistas e portais têm uma coluna astrológica, com pequenos textos contendo as previsões para cada um dos doze signos. Apenas para citar alguns exemplos brasileiros, os jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, entre tantos outros, as revistas *Marie Claire*, *Capricho*, *Cláudia*, *Nova*, *Contigo*, *Caras*, *IstoÉ Dinheiro on-line*, entre outras e os portais *UOL-Universo On-Line*, *Terra* e *IG*, entre outros, têm suas colunas astrológicas. Ou seja, a Astrologia está fortemente presente nos principais jornais, revistas e portais do Brasil. Esses horóscopos aparecem como narrativas resumidas, sejam diárias, semanais ou mensais,

com o objetivo de orientar dia a dia a vida das pessoas, para que possam se guiar pelas poucas palavras que cabem naquele texto.

Por um lado, o horóscopo é o grande divulgador da Astrologia. É por causa do horóscopo que boa parte da população conhece a Astrologia e sabe um pouco sobre seu signo solar. Para muita gente, o horóscopo é o único contato com a Astrologia. Para outros, é a porta de entrada para o universo astrológico, pois aquelas poucas palavras geram a curiosidade para saber mais.

Em contrapartida, o horóscopo é a pior divulgação que a Astrologia poderia ter. Ele é genérico, superficial. Tenta encaixar um doze avos da população em duzentos ou trezentos caracteres, transformando um tema tão complexo em uma espécie de autoajuda e em algo muitas vezes sem sentido por conta de sua superficialidade. Para um leigo, ler um horóscopo de jornal leva a acreditar que a Astrologia é algo sem sentido, inventado ou simplesmente algo genérico demais. Ou seja, o horóscopo estereotipa e cria uma imagem distorcida do que é Astrologia.

1.4.1 Os almanaques: a origem do horóscopo

O conhecimento astrológico se populariza inicialmente nos almanaques, que são

uma das formas mais antigas de publicações dirigidas às pessoas simples. Eram uma fonte de pesquisa para o povo e neles encontravam-se um calendário, Lunações, eclipses, indicações de plantio para os agricultores, ensinamentos sobre medicações, horóscopos, datas de festas religiosas, receitas, tratamentos de doença etc. (SUZUKI, 2007, p. 25).

Nos almanaques, era possível encontrar a posição diária do Sol no zodíaco, assim como as mudanças e as fases da Lua. Eles também continham informações importantes sobre as mudanças na maré, sobre as influências lunares, recomendações de datas e épocas propícias para casamentos, viagens, plantio, colheita e outras informações importantes sobre a Lua voltadas à agricultura. Os almanaques também tinham outras informações populares como receitas e outros assuntos de interesse popular.

A jornalista, pesquisadora e professora universitária Daniela Ramos lembra que a palavra almanaque vem do árabe *Al-Manakh*, que significa “lugar onde os

nômades se reuniam para rezar, conversar e trocar notícias” (RAMOS, 2002, p.17).

Assim, segundo a pesquisadora, as

“folhas do almanaque passaram a representar um ‘lugar’ onde a leitura transcorria de forma quase coloquial, uma conversa entre amigos, que abrigava momentos de descontração, informação e integração com os ciclos da natureza”. (RAMOS, 2002, p.17).

Grandes astrônomos também escreveram almanaques, como foi o caso de Kepler, que “passou grande parte da sua vida escrevendo horóscopos” (CONNOR, 2005, p. 65).

Segundo Kocky von Stuckrad, para “os astrólogos praticantes, essas revistas eram uma boa oportunidade para divulgar publicamente os seus serviços” (2007, p. 318).

Tabela 1 – Exemplos de almanaques que continham algum conteúdo astrológico⁷

Nome	Data (1ª ed.)	Autor	Local	Tiragem
<i>Almanach Perpetuum</i>	1446			
<i>Conjunctiones et Oppositiones Solis e Lunae</i>	1457			
<i>Almanach de Liège</i>	1635	Um cônego da igreja de Saint Barthelem (matemático e astrólogo)		
	1550	Pierre van Bruhesen (médico flamenco)	Região norte da atual Bélgica	
<i>Melinus Anglicus</i>	1646	William Lily (famoso astrônomo e astrólogo inglês de sua época, cujos apontamentos são usados até hoje)	Londres	13.500 exemplares. ----- 30 mil exemplares em 1959.
<i>Lunarium Perpetuum</i>	1494 editado em língua portuguesa em 1703		Portugal	
<i>Vox Stellarium</i>	1768	Francis Moore		Mais de 500 mil exemplares.
<i>The Conjurer's Magazine</i>	1791			Textos sobre truques mágicos, receitas químicas e textos astrológicos.

⁷ Não foram obtidos todos os dados das publicações.

<i>The Astrologer's Magazine (antigo The Conjuror's Magazine)</i>	1793			A Astrologia erudita ganhou mais espaço.
<i>The London Correspondent</i>	1814			
<i>Raphael Profético Almanaque</i>	1826			Previsões de aniversário para todos os dias.
<i>Almanaques no Brasil</i>				
<i>Almanaque para a cidade da Bahia</i>	1812			
<i>Almanach do Rio de Janeiro</i>	1816			O mais importante até essa época.
<i>Almanaque Imperial</i>	1829			Em formato que começa a ser notado pelas “pessoas cultas”
<i>Almanaque Laemmert</i>	1839			Começou como uma folhinha literária e chegou a 1,7 mil páginas em 1875.
<i>Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de S. Paulo para o anno de 1857</i>	1857			Foi o primeiro almanaque de São Paulo.
<i>Almanak da Província de São Paulo</i>	1873	Antônio José Baptista de Luné e Paulo Delfino da Fonseca		Durou apenas um ano, pois implicava grande despesa. Foi o 16º almanaque publicado em São Paulo. Contém um capítulo intitulado “Calendário”, no qual há uma longa descrição sobre a divisão do tempo e os ciclos do Sol e da Lua, bem como a relação entre esses de acordo com as Luas Novas, entre outras informações. Para cada mês há a imagem do signo do período, bem como o data e a hora do ingresso do Sol nesse signo. Apresenta data e hora (com minuto e segundo) de cada fase lunar para o mês.
<i>Almanaque do Pensamento</i>	1912	São Paulo		Publicado até hoje, contém informações astrológicas como previsões anuais, mensais e diárias.
<i>Almanaque do Biotônico Fontoura</i>	1920			
<i>Almanaque Abril</i>	1975			

1.4.2 As primeiras colunas de horóscopos

Em 1824, foi publicada a revista *The Stragglng Astrologer*, em Londres. Segundo o astrólogo Guilherme Salviano,⁸ essa provavelmente foi a primeira revista de previsões astrológicas semanais, contendo os assuntos ainda encontrados hoje em colunas astrológicas: amor e casamento, finanças, economia e viagens. Era escrita por Robert Cruz Smith, o primeiro astrólogo a escrever a *The Prophetic Messenger* (Londres, 1827) com o pseudônimo Rafael. Vários seguiram o mesmo pseudônimo e também escreveram até 1850.

Uma possível origem do horóscopo como é feito hoje seria na França, por um astrólogo chamado Fakir Birman, no século XX.

Com relação aos horóscopos como são escritos hoje, quem primeiro considerou o signo solar e, portanto, individualizou as previsões, foi Alan Léo. Segundo o astrólogo Guilherme Salviano,⁹ até então os horóscopos eram feitos de forma genérica, considerando datas e eventos coletivos. Foi Alan Léo, nascido em 7/8/1860 em Westminster, junto a Londres, que ofereceu, pela primeira vez, horóscopos gratuitos aos assinantes do *Astrologer's Magazine*. Assim, popularizou os horóscopos para o signo solar. Para Salviano, Léo, que se chamava William Frederick Alam, que criou esse pseudônimo por seu signo solar, Leão, dirigiu o que se poderia qualificar de a primeira empresa astrológica do mundo, com uma dezena de empregados para fazer os cálculos e redigir os textos. Isso aconteceu entre 1889 e o início do século XX. Dessa forma, Alan Léo conseguiu aperfeiçoar uma técnica de confecção maciça de horóscopos, graças a textos pré-fabricados para cada tipo de mapa e uma máquina copiadora.

Nos Estados Unidos, a primeira coluna de Astrologia surgiu em 1931 na revista *Boston Record*, e as primeiras previsões para cada signo solar, em 1936 no *New York Post* (MCMILLAN, 1985). Em 1941 cerca de 20% dos jornais americanos tinham arquivo em bibliotecas públicas com colunas de Astrologia, e as bancas de jornais pelo menos quatro ou cinco revistas de Astrologia. Em 1945 cerca de 150 jornais tinham colunas de Astrologia, números que aumentaram rapidamente com a

⁸ Palestra Astrologia dos Horóscopos, ministrada pelo astrólogo Guilherme Salviano, em 3/8/2014, no 15º Encontro Anual de Astrologia, realizado na GAIA, Escola de Astrologia.

⁹ Idem.

popularização da Astrologia. Em 1975 cerca de 1.250 dos 1.500 jornais nos Estados Unidos tinha colunas de Astrologia diárias (KURTZ, 1975).

Uma curiosidade sobre os horóscopos publicados nos Estados Unidos tem a ver com Edward Wagner, um dos pioneiros em horóscopos de jornal nos Estados Unidos, que, além de astrólogo, era jornalista e meteorologista. Trabalhava em um jornal na cidade de Cleveland, em 1924, que publicava como verdadeiras invenções de charlatões e espiritualistas. Para fazer essa tarefa, Wagner mergulhou no assunto, aprendendo a interpretar mapas e horóscopos. Ao invés de publicar qualquer desmerecimento da Astrologia, tornou-se um astrólogo profissional. Durante dois anos publicou o *National Astrological Journal* (1933-1935). Em 1936, ele começou uma coluna diária no *New York Post*. Outra curiosidade é que, nos Estados Unidos, algumas colunas astrológicas foram suspensas durante a Segunda Guerra Mundial, como um gesto voluntário da comunidade jornalística com quem escrevia conteúdo astrológico, devido ao fato de A. Hitler usar a Astrologia para definir suas estratégias (HUGHES, 1988).

Ainda assim, em 1941, cerca de 20% dos jornais americanos e quatro a cada cinco revistas tinham colunas de Astrologia. Em 1954, o número de jornais com coluna de Astrologia passou para aproximadamente 150 e em 1975 eram 1.250 dos 1.500 jornais existentes nos Estados Unidos, sendo todas colunas diárias.¹⁰

Por volta de 1960, o horóscopo faz sua entrada no rádio, na Europa, com participação diária de um astrólogo, sendo que a partir de setembro de 1970 Madame Soleil passa a ter um programa no qual respondia perguntas feitas pelo telefone através de seus horóscopos, que eram calculados na hora (FISCHLER, 1972, p. 34). As primeiras rádios europeias a terem colaboração diária de um astrólogo foram a *R.T.L.*, na Itália, e a *Europe 1*, na França.

Claude Fischler, coautor do livro *O retorno dos astrólogos*, organizado por Edgar Morin conta, ainda, que no período entre as duas guerras, “ao mesmo tempo que se desenvolvia a Astrologia da imprensa de grande divulgação” (1972, p. 36), também existiam publicações confidenciais, ou marginais, especializadas. Segundo Fischler, “depois da Libertação”, surgiu “uma imprensa especializada com tiragens

¹⁰ Palestra Astrologia dos Horóscopos, ministrada pelo astrólogo Guilherme Salviano, em 3/8/2014, no 15º Encontro Anual de Astrologia, realizado na GAIA, Escola de Astrologia.

importantes, gestão moderna e lucros baseados na publicidade”, como a *Astres*, fundada em 1948, com tiragem de aproximadamente 70 mil exemplares, e a *Horoscope*, com tiragem de aproximadamente 150 mil exemplares. Ambas eram publicadas mensalmente e ofereciam “signo por signo, previsões e conselhos que pouco diferem – a não ser pela abundância dos desenvolvimentos – dos que se encontram na imprensa não especializada”. Com isso, de acordo com Fischler, passam a coexistir “dois tipos de imprensa astrológica” (1972, p. 36), sendo “uma confidencial, de conteúdo teórico e fins proseliticos, que vai vivendo sem publicidade” (1972, p. 36) e a outra “de grande difusão, de fins comerciais, conteúdo horoscópico, integrando numa publicidade abundante e sincrética todos os sectores do oculto e do mágico” (1972, p. 36). Até porque, para Fischler, é a “imprensa de astro-magazines que constitui o suporte privilegiado do mercado das ciências ocultas, do qual vive e que faz viver” (1972, p. 36). Mas Fischler também aponta publicações intermediárias em jornais, como o *Astral*, com tiragem de 25 mil exemplares e confirma que mesmo as revistas astrológicas de grande tiragem também publicam alguns “artigos consagrados à Astrologia erudita” (1972, p. 36).

Vale ressaltar que Astrologia erudita, para Philippe Defrance é aquela que se contrapõe à Astrologia de massa, “vulgarizada pelos horóscopos” (DEFRANCE, 1972, p. 81).

1.4.3 Dos almanaques aos horóscopos de jornal: a popularização da Astrologia no Brasil

No Brasil, a Astrologia chega com Pedro Álvares Cabral, com o médico, astrônomo, astrólogo e navegador mestre João de Castilha, “um dos primeiros ocidentais a usar o astrolábio como ferramenta de navegação astronômica” (BITTENCOURT, 1998, p. 25). A partir daí foi se desenvolvendo no Brasil, inclusive com a chegada dos almanaques, vindos da Europa no século XVI (RAMOS, 2002, p.17). Sabemos que havia almanaques elaborados para a cidade do Rio de Janeiro no século XVIII, nos anos de 1792 e 1794.

O almanaque, “como forma de veículo cultural, surgiu no Brasil em 1812, *O Almanaque para a cidade da Bahia*”. Em 1816 foi lançado o *Almanach do Rio de Janeiro*, “o mais importante até então”. Em 1829 é lançado o *Almanaque Imperial*,

em formato que “começa a ser notado pelas pessoas cultas” e em 1839 os almanaques ganham “fama popular com o *Almanque Laemmert*, que começou em 1839 “como uma despreziosa folhinha literária para chegar a 1,7 mil páginas em 1875” (*Almanaque do Pensamento*, 2012).

Em 1838 surgiu a venda de “folhinhas”, “que provavelmente foram as precursoras de nossos almanaques” (CAMARGO, 1983, p. 7). Em São Paulo, os primeiros almanaques surgem em 1857. Em 1873 foi lançado *Almanak da Província de São Paulo*, que “não prosseguiu depois do primeiro ano ‘por causa da grande despesa que reclamava’” (MINDLIN, 1985). Este *Almanak*, organizado e editado por Antônio José Baptista de Luné e Paulo Delfino da Fonseca, foi o “décimo sexto almanaque publicado em São Paulo” (MINDLIN, 1985). Segundo José Mindlin, na introdução que faz à republicação do *Almanak*, o primeiro foi o “*Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de S. Paulo para o anno de 1857*: organizado e redigido por Marques & Irmão: 1º anno (S. Paulo Typographia Imparcial, de J. R. de Azevedo Marques, 1856)”. Mas, segundo Mindlin, o *Almanak*, de 1873, é o que contém “a maior soma de informações” (MINDLIN, 1985).

O *Almanak* começa com um capítulo intitulado *Calendário*, no qual há uma longa descrição sobre a divisão do tempo e os ciclos do Sol e da Lua, bem como a relação entre eles de acordo com as Luas Novas, entre outras informações.

Para cada mês, o *Almanak* tem a imagem do signo daquele período, bem como data e hora do ingresso do Sol neste signo. Além disso, ele apresenta data e hora (minuto e segundo) de cada fase lunar para aquele mês. Por exemplo, para janeiro daquele ano (1873) ele conta que “Entra o Sol em Aquario às 19, ás 7 horas 37’39’’da tarde”.

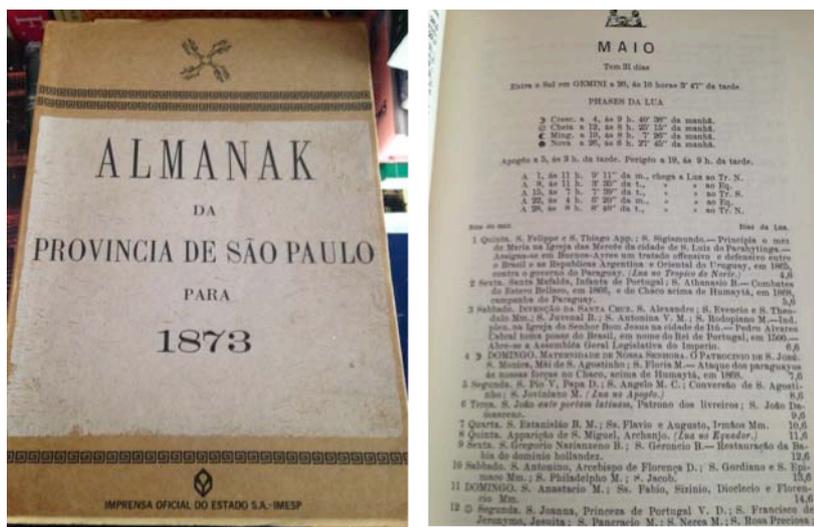


Figura 1 – Almanak da Província de São Paulo para 1873. Acervo da autora.

Um almanaque publicado até hoje é o *Almanaque do Pensamento*, que em sua origem, em 1912, era chamado *Almanaque d'O Pensamento*, cuja edição comemorativa de centenário foi publicada em 2012. Além de uma breve história sobre os almanaques no Brasil, essa edição apresentou o horóscopo para o Brasil em 2012, um texto sobre a Lua, regente daquele ano, lunações e trânsitos planetários e muitas outras informações astrológicas. Além da Astrologia, o *Almanaque* publicou informações sobre Astrologia chinesa, sobre Astronomia, filosofia de vida e espiritualidade. Anualmente, o *Almanaque do Pensamento* também contém informações sobre a tábua das marés.

“Com exceção do *Almanaque Brasileiro de Astrologia* de Assuramaya, lançado entre o fim do século passado e início deste, ele (o *Almanaque do Pensamento*) é o único a ter a astrologia como tema principal desde que foi editado pela primeira vez em setembro de 1912” (*ALMANAQUE DO PENSAMENTO*, 2012).

Uma matéria sobre astrologia foi publicada em 5/4/1936 na primeira página do jornal carioca *Diário de Notícias*, falando sobre uma previsão feita por um astrólogo, que previra a prisão do governador (SUZUKI, 2007, p. 33). Esse jornal também contava com uma coluna astrológica assinada por um astrólogo sob um pseudônimo.

Além disso, nos anos 1930, na redação do jornal *A Folha Carioca* foi fundada a Sociedade Astrológica Brasileira (SUZUKI, 2007, p. 34).

Mas um dos principais responsáveis pela popularização da Astrologia no Brasil foi o astrólogo Omar Cardoso, que nos anos 1950 iniciou uma intensa atividade de comunicação no país, tendo atuado em São Paulo e no Rio de Janeiro, publicando colunas em revistas, jornais e emissoras de rádios e televisão (SUZUKI, 2007, p. 34). Omar Cardoso iniciou a transmissão de seus programas de rádio em Marília, em 1938 (RAMOS, 2002, p.25), além de ser o autor de muitas colunas nas maiores revistas de grande circulação, especialmente *O Cruzeiro*. Note-se que *O Cruzeiro* era a mais importante revista em circulação no Brasil naquele período, com tiragem que chegou a mais de 500 mil exemplares, que “teve uma contribuição decisiva no ‘renascimento’ da Astrologia para o grande público” (SUZUKI, 2007, p. 34). Era uma revista semanal e continha uma seção com previsão diária e assuntos esotéricos.

Omar Cardoso também comandou programas de rádio e televisão, sendo que em 1966 “eram dois programas de rádio ao vivo e irradiados pelas emissoras dos mais longínquos rincões do país” (SUZUKI, 2007, p. 38). Cardoso chegou a trabalhar em trinta emissoras de rádio e de televisão e construiu sua fama fazendo previsões para personalidades como o papa Paulo VI ou Pelé (RAMOS, 2002, p.25).

Para Suzuki, o período de 1950 a 1959 “pode ser considerado como o início do despertar da Astrologia para o grande público leitor de revistas e jornais” (2007, p. 35). Desse período em diante, “tornaram-se habituais nos jornais e nas revistas semanais e mensais seções Astrológicas com previsões para cada um dos doze signos” (2007, p. 35). Além disso, “era comum, no início de cada ano, fazer matérias com previsões para o período e, esporadicamente, produzir publicações especiais relacionadas a grandes eventos, tragédias, etc.” (2007, p. 35).

Nos anos 1950, o astrólogo Assuramaya produziu, por dez anos, uma coluna de página inteira no jornal *O Dia*, que saía aos domingos, na qual “ele abordava vários temas ligados à cultura, à História, inseria mensagens de grandes mestres, biografias e um horóscopo” (SUZUKI, 2007, p. 35).

Assuramaya “também manteve programas de rádio com larga audiência, especialmente na Rádio Nacional, onde substituiu Omar Cardoso, chegando – segundo ele afirma – a receber mais de três mil cartas por mês”. O programa ia ao ar diariamente às 7h30 e existiu até 1976.

A partir dos anos 1960, muitas matérias foram publicadas em jornais sobre Astrologia, sendo que nos anos 1990 foi dado grande espaço aos artigos mais

complexos e profundos sobre o tema, apesar das críticas à Astrologia que também estiveram presentes durante todo esse período.

Em 1973 “começa a ser publicada a *Revista Planeta*”, considerada “um importante instrumento de aglutinação dos personagens da Astrologia” (SUZUKI, 2007, p. 40). Segundo Suzuki, esta revista “amplia e aprofunda o trabalho iniciado pelo almanaque do Pensamento, abrindo espaço para a divulgação de conceitos e enfoques” (2007, p. 40).

Para a pesquisadora Daniela Ramos, a “mais tradicional representante das revistas de divulgação da Astrologia no Brasil foi a revista *Horóscopo*”, que “sobreviveu durante 27 anos no mercado: nasceu em 1973 e parou de circular em outubro de 2001” (RAMOS, 2002, p.22). Ramos conta que a *Horóscopo* estava relacionada à revista da Editora Abril “(...) primeira publicação da empresa dirigida ao público feminino, em 1952” (RAMOS, 2002, p.22) e inicialmente trazia fotonovelas e muitas outras seções, entre as quais o “Horóscopo”.

A primeira edição da *Horóscopo* “trazia previsões para todos os signos do zodíaco e uma matéria sobre ‘*fatos verdadeiros da Astrologia*’”. Durante todo ano de 1974 a revista foi publicada mensalmente e a partir de abril desse ano passou a ter matérias de comportamento do ponto de vista astrológico (RAMOS, 2002, P. 23). Por exemplo, a edição da Revista *Horóscopo Capricho* (Anexo 1) de janeiro de 1984 traz três páginas para cada signo. Sempre com uma imagem e uma pequena introdução com as características da personalidade daquele signo. A seguir, previsões mensais para o signo separadas em amor, saúde, dinheiro. Além disso, uma nota sobre a influência do ascendente para aquele período e previsões para “o dia a dia”, com uma pequena frase diária.

O *Almanaque Abril* começou a ser publicado em 1975 pela Editora Abril. De 1920 a 1980 foi publicado também o *Almanaque do Biotônico Fontoura*, patrocinado por um laboratório farmacêutico (RAMOS, 2002, p. 21). Segundo a autora, o “processo de ligação da Astrologia com os meios de comunicação de massa” (RAMOS, 2002, p. 23) tem início em 1975, “a partir do entrelaçamento do conteúdo astrológico com os astros da TV” (RAMOS, 2002, p. 23). A própria revista *Horóscopo* passou a publicar um especial mensal chamado *Os astros da TV* e, depois, em 2001, o *As dicas dos Astros para o sucesso*. De acordo com Daniela Ramos, a partir daí começa um casamento bem-sucedido entre a Astrologia e “as fórmulas de reprodução de conteúdos de massa” (RAMOS, 2002, p. 23), e a partir de 1980 surgem

outras revistas sobre o tema. Entre elas o *Guia Astral*, lançada em 1985, editada pelo astrólogo João Bidu em Bauru (SP), que se tornou bastante popular. João Bidu, além das revistas, fez sucesso em um programa de rádio no qual respondia cartas sobre dúvidas astrológicas com Omar Cardoso, famoso desde os anos 1950. Em cinco anos, a *Guia Astral* passou de 30 mil para 250 mil exemplares (RAMOS, 2002, p. 23). A editora de João Bidu, Alto Astral, tem diversas publicações sobre Astrologia, que circulam até hoje. Assim, as revistas e a imprensa especializada popularizaram a Astrologia com previsões semanais, quinzenais ou mensais para cada signo e matérias de comportamento, até que os jornais criaram o horóscopo diário, trazendo no “desenrolar do dia a dia do jornal diário um possível novo capítulo da nossa história” (RAMOS, 2002, p. 24).

Em 1976, um programa conduzido por Ana Maria Braga na TV Tupi, abriu espaço para o horóscopo, feito por Claudia Hollander que, em 1977, iniciou um programa próprio na mesma emissora chamado *Alto Astral*, “no qual respondia cartas e fazia cálculos do signo ascendente” (RAMOS, 2002, p. 26). Hollander apresentava informações mais completas sobre Astrologia, mas também interpretava mapas de famosos. Depois passou pela TV Cultura e participou do programa *TV Mulher*, na Rede Globo, em 1984, tendo sido substituída por Leiloca até 1988, quando voltou ao programa (RAMOS, 2002, p. 26).

Guilherme Salviano lembra que Dioni Forti também participou de um programa diário na rádio Band AM, de 1987 a 1995, no qual falava sobre as características dos signos, respondia cartas e apresentava o horóscopo diário. Ele lembra também Zora Yonara, que iniciou sua carreira como astróloga bem jovem, em rádios do interior do Espírito Santo, onde nasceu. Zora ficou famosa por suas previsões astrológicas. Entrou na Rádio Globo em 1961 e entre 1974 e 1980 falava sobre Astrologia e previsões no *Jornal do Almoço*, na TV RBS (afiliada da Globo) em Porto Alegre. Também falava sobre Astrologia no *TV Mulher* da TV Globo entre 1982 e 1985, quando foi substituída por Leiloca. Até hoje faz previsões e dá conselhos com mensagens positivas na Rádio Globo.

Recentemente, a astróloga Cláudia Lisboa, que mora no Rio de Janeiro, faz atendimentos, entre eles de celebridades e ministra cursos de Astrologia, entre outros lugares na Casa do Saber e é uma das astrólogas mais conhecidas do Brasil. Apresentou o programa *No Astral*, que teve quatro temporadas, de 2011 a 2013, e foi exibido na tevê a cabo GNT, totalmente dedicado à Astrologia, com temas específicos

a cada temporada e/ou programa. Como era semanal, a cada episódio Claudia Lisboa apresentava também o horóscopo da semana.

A internet também ampliou a divulgação da Astrologia, fornecendo primeiro os próprios horóscopos e combinações amorosas entre os signos nos portais, que depois passaram a vender mapas astrais on-line. Ou seja, a Astrologia surge na internet com os primeiros portais na forma de horóscopos diários, semanais e mensais, com as tendências astrológicas para os doze signos, além da descrição de cada um deles e sua personalidade. Os grandes sites também apostaram na Astrologia voltada ao amor, falando sobre a compatibilidade e os desafios entre os signos. Isso se mantém até hoje, apesar de ter expandido seus horizontes desde o surgimento dos primeiros sites pessoais de astrólogos e as redes sociais. Isto é, de início a internet foi apenas uma nova plataforma para a expressão da Astrologia e, como o horóscopo já era bem conhecido e lido em jornais e revistas, os portais repetiram o mesmo formato.

Segundo pesquisa feita por mim em 2011, para a monografia final do curso de pós-graduação *lato sensu* em Jornalismo, na Faculdade Cásper Líbero, a internet marca o início de uma nova fase para a Astrologia, que inclui uma nova forma de relacionamento e diálogos entre astrólogos entre si e seu público e entre a própria Astrologia com seus interessados, conforme será abordado adiante.

O *Universo On-line – UOL*, por exemplo, entrou na rede em 1996 com uma seção dedicada à Astrologia chamada *Atração Astral*, que abordava a combinação entre os signos. No começo de 1997 também estreia o *Almas Gêmeas*, no portal *Terra*, com horóscopo e combinação entre signos (RAMOS, 2002, p. 26).

Ramos (2002, p. 27) conta que o *Universo On-line* e o *Terra* aumentaram o espaço dedicado à Astrologia em 2001, quando o *Atração Astral* transformou-se em *Astral*, abrigando horóscopo, mapa astral on-line e vários outros assuntos esotéricos, enquanto o *Almas Gêmeos* oferecia mapa astral on-line, uma revista on-line de Astrologia, entre outras colunas não apenas astrológicas, mas de assuntos esotéricos, como tarô e runas, entre outros.

Assim, a Astrologia foi ganhando cada vez mais espaço na rede, desde os grandes portais até os sites pessoais dos astrólogos, passando pelos grandes sites especializados em Astrologia, como o *Personare* e o *Estrela Guia*, que publicam horóscopos e artigos sobre Astrologia, além de venderem mapas e outros serviços on-line. Estes dois são sites especialmente voltados ao público leigo, mas existem outros

direcionados aos astrólogos, como a *Constelar*, uma importante revista eletrônica de Astrologia, cujo principal público são profissionais e estudantes da área.

Atualmente, as principais revistas e jornais do país têm colunas astrológicas, especialmente horóscopos, mas, apesar da popularização da Astrologia nos últimos anos, pouca coisa mudou em sua relação com a mídia no Brasil.

Jornais publicam horóscopos diários e dão pouco espaço para outros temas astrológicos. Muitas revistas também contêm horóscopos, semanais ou mensais. Algumas poucas revistas abrem espaço para matérias mais profundas sobre o tema Astrologia. Uma delas é *Bons Fluidos*, da Editora Abril, que, por exemplo, na edição de julho de 2014, teve como matéria de capa o artigo *Escrito nas Estrelas*, assinado pela astróloga Silvia Bacci.

Na televisão, alguns programas abrem espaço para a Astrologia, mas, em geral, esse espaço também é restrito aos horóscopos. Um exemplo é o Programa *Mulheres*, na TV Gazeta, que tem uma coluna semanal dedicada à Astrologia, voltada às previsões astrológicas para os doze signos, ou seja, um horóscopo semanal. Além disso, eventualmente algum astrólogo é chamado para participar de algum programa de entrevistas, para abordar um tema específico. Em geral os temas propostos têm a ver com previsões sobre acontecimentos coletivos, personalidades e celebridades, entre outros, com exceção do Programa *No Astral*, já citado, apresentado pela astróloga Cláudia Lisboa.

A Astrologia está presente também na internet e aparece em diferentes formatos. Um deles é a astrologia nos portais, que em muito se assemelha ao que já acontecia em revistas e jornais. Assim, os principais portais têm colunas de horóscopos e, eventualmente, publicam artigos com entrevistas de astrólogos a respeito de assuntos como “previsões para a Copa”, “compatibilidade entre signos” e previsões para celebridades. Por outro lado, a internet também abriu espaço para que os astrólogos criassem seus sites e blogues pessoais, nos quais podem se aprofundar no assunto, escrevendo artigos mais completos e complexos sobre Astrologia. Além disso, as redes sociais também permitiram aos astrólogos maior aproximação de seu público e criaram uma nova forma de escrever horóscopo e falar sobre Astrologia.

O fato é que a Astrologia está presente de forma intensa na mídia porque desperta a atenção do público e, portanto, resulta em audiência para os diversos veículos que a publicam. Por exemplo, uma pesquisa feita pelo IBOPE Nielsen On-Line em 2011, revelou que 42,8 milhões de pessoas usaram a internet no Brasil, sendo

que entre os principais interesses das mulheres adultas estão os sites de Astrologia. Outra pesquisa, também do IBOPE, em Belo Horizonte em 2012, revelou que das pessoas que leem jornal impresso (35%), 24% leem diariamente a sessão de Astrologia e horóscopo.

Porém, apesar de despertar o interesse de muita gente e estar tão presente nas diversas mídias, a Astrologia também traz em si a carga de ter sido popularizada pela mídia, especialmente pelos horóscopos, previsões genéricas para os doze signos do zodíaco. O horóscopo leva em consideração apenas os doze signos, ao passo que um mapa astrológico considera pelo menos doze signos, dez planetas, doze casas astrológicas e diversos outros pontos importantes e a infinita relação que se forma entre esses. Ou seja, o horóscopo é algo genérico e superficial que, se, por um lado, leva a Astrologia ao conhecimento do público, por outro, reduz toda a sua complexidade e contribui para o preconceito que existe. Além dos horóscopos, em geral a mídia aposta em outras ideias astrológicas superficiais, como a compatibilidade afetiva entre os signos – também sem levar em consideração todos os outros pontos e complexidades astrológicas – e previsões sobre as celebridades.

Essa generalização feita pelos horóscopos pode ser um dos principais motivos do preconceito e das críticas à Astrologia.

Outro fator que contribui para o preconceito é o fato de a Astrologia estar na mídia constantemente relacionada a artigos esotéricos e à imprensa sensacionalista, que “não podia deixar de se interessar pelos fenômenos misteriosos, perturbantes, pelas coincidências que a ciência não consegue explicar” (FISCHLER, 1972, p. 33). Assim, assinala Fischler, as colunas de horóscopo passam a ser cada vez mais empregadas depois da guerra, ganhando espaço no jornal, fazendo com que o horóscopo fique “enquadrado por variada publicidade ocultista, e também por anúncios de casamento” (1972, p. 33). Com isso, a Astrologia de massa passa a se expandir e, até hoje, pode ser encontrada nas sessões de *entretenimento* e/ou nas publicações relacionadas ao ocultismo/misticismo.

CAPÍTULO 2

NARRATIVAS MÍTICAS E CELESTES

“Desde então, mesmo quando chove ou o céu tem nuvens, sabem sempre quando a lua é cheia. E quando minguar e some, sabem que se renova e cresce e torna a ser cheia outra vez e assim por todos os séculos e séculos porque é assim que é e sempre foi e será, se Deus quiser e os anjos disserem Amém. E dizem, vão dizer, estão dizendo, já disseram”. – Caio Fernando Abreu

2.1 Mitos

Os mitos são uma das muitas formas de compreensão da vida humana, já que ajudam a contar a história do homem e do mundo e estão presentes em todas as culturas. Para o biólogo Rupert Sheldrake, “mitos são histórias das origens” e “dizem respeito aos feitos de deuses, heróis e seres super-humanos” e explicam a “maneira como as coisas são como são” (1995, p. 350), sendo ao mesmo tempo “explicações e exemplos” (1995, p. 350).

Ou seja, mitos são as primeiras narrativas existentes e, até hoje, são uma das formas de se compreender o mundo. Para Joseph Campbell, “a mitologia é psicologia confundida com biografia, história e cosmologia” (2013, p. 251) e os mitos ajudam a “chegar a uma compreensão das profundas forças que deram forma ao destino humano, forças essas que devem continuar a determinar tanto nossa vida privada, como nossa vida pública” (2013, p. 252). De certa forma, mitos são uma sabedoria de vida, e servem para nos contar nossa própria história. Por isso, os mitos e suas informações “têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e enformaram religiões através dos séculos”. (CAMPBELL, 1992, p. 4).

Nas sociedades tradicionais, “o que acontece agora repete aquilo que aconteceu antes e esta repetição refere-se, sempre, à primeira vez que aconteceu, no tempo mítico das origens” (SHELDRAKE, 1995, p. 350). Assim, “este tempo foi no passado, mas também está, em certa medida, presente agora, porque os padrões

originais se repetem continuamente” (SHELDRAKE, 1995, p. 350). Por isso o “ciclo cosmogônico costuma ser representado como algo que se repete a si mesmo, um mundo sem fim” (CAMPBELL, 2013, p. 257). Nessas sociedades tradicionais, há uma espécie de “revolta contra o tempo concreto, histórico” e, por outro, uma “nostalgia de um regresso periódico ao tempo mítico das origens” (ELIADE, 1969, p. 11). Para eles, a história passada e presente fazem parte de um tempo só. Isto é, a “história mítica apresenta... o paradoxo de ser disjunta e conjunta com o presente” (STRAUSS apud SHELDRAKE, 1995, p. 351).

Apesar das “concepções metafísicas do mundo arcaico” nem sempre terem sido formuladas numa “linguagem teórica”, “o símbolo, o mito e o rito exprimem, em planos diferentes e com os meios que lhes são próprios, um complexo sistema de afirmações coerentes sobre a realidade última das coisas” (ELIADE, 1969, p. 11). Assim, de acordo com Mircea Eliade, “as sociedades pré-modernas ou tradicionais compreendem tanto o mundo como as antigas culturas da Ásia, da Europa e da América” (1969, p. 11). Por isso os mitos, os símbolos e os ritos sobrevivem ao tempo e continuam permitindo uma redescoberta da antiga história do homem (HENDERSON, 2008, p. 133). Ou seja, esses mitos e símbolos pertencem a toda a humanidade, independentemente da localização e do tempo ao qual pertenceu.

Mircea Eliade vai além, ressaltando que “um objeto ou uma ação só se tornam reais na medida em que imitam ou repetem um arquétipo” (1969, p. 49). Dessa forma, a história pode ser contada a partir dos mitos originais. Assim, “nas sociedades tradicionais de todo o mundo prevaleceu a atitude mítica” (SHELDRAKE, 1995, p. 351).

Vale ressaltar que arquétipos são símbolos ou imagens que carregamos em nosso inconsciente que remetem a origens arcaicas e que são encontradas nos registros antigos e sociedades primitivas. Esses símbolos mantêm uma certa numinosidade ou “magia” original e, ainda que tenham variações, sempre remetem a uma mesma ideia.

Ao tentar definir o que é mito, J. Campbell apresenta diversos conceitos, entre eles que

A mitologia tem sido interpretada pelo intelecto moderno como um primitivo e desastrado esforço para explicar o mundo da natureza (Frazer); como um produto da fantasia poética das épocas pré-históricas, mal compreendido pelas sucessivas

gerações (Müller); como um repositório de instruções aleatórias, destinadas a adaptar o indivíduo ao seu grupo (Durkheim); como um sonho grupal, sintomático dos impulsos arquetípicos existentes no interior das camadas profundas da psique humana (Jung); como veículo tradicional das mais profundas percepções metafísicas do homem (Coomaraswamy); e como a Revelação de Deus aos Seus filhos (a Igreja). (2013, p. 367-68)

E ao comentar essas diversas definições sobre o mito, Campbell diz que “a mitologia é tudo isso” e, em outras palavras, mostra que a definição depende de quem a observa e às “exigências do indivíduo, da raça e da época” (2013, p. 368).

Sobre a função do mito, Campbell explica que o homem não pode ser tudo ao mesmo tempo, já que está sempre limitado a determinadas condições e papéis e, assim, a totalidade, a plenitude do homem, “não se acha no membro separado, mas no corpo da sociedade como um todo” (CAMPBELL, 2003, p. 368). Apesar disso, “cada pessoa traz dentro de si mesma o todo” (CAMPBELL, 2003, p. 370). São os mitos, com suas cerimônias e ritos, que traduzem esse todo ao homem e “ensinam a lição da unicidade essencial entre indivíduo e grupo” (CAMPBELL, 2003, p. 368).

Os mitos povoam o inconsciente como arquétipos que ajudam o homem a encontrar sentido na própria existência. E, como disse Campbell em entrevista pouco antes de sua morte, em 1987, conforme registrado no Documentário *O Poder do Mito*, o que existe em comum no humano se revela nos mitos. Por isso mitos também são ideias úteis. Para C. G. Jung, “o homem realmente necessita de ideias gerais e convicções que lhe deem um sentido à vida e lhe permitam encontrar seu próprio lugar no mundo” (2008, p. 111). Jung continua dizendo que o homem “pode suportar as mais incríveis provações se estiver convencido de que elas têm um sentido” (2008, p. 111). Por isso, o “papel dos símbolos religiosos”, por exemplo, “é dar significação à vida do homem” (2008, p. 111). Para Jung, ainda, “é a consciência de que a vida tem uma significação mais ampla que eleva o homem além do simples mecanismo de ganhar e gastar” (2008, p. 111). E é aí que entram os mitos, por meio de seus símbolos, ritos e cerimônias, que ajudam o homem a compreender que há algo maior, que a história se repete e que sua vida é repleta de sentido e significado.

Mas Jung (2008, p. 112) também deixa claro que os mitos não são símbolos conscientemente inventados, mas sim que aconteceram. Tanto que “a origem dos mitos remonta ao primitivo contador de histórias, aos seus sonhos e às emoções que a sua imaginação provocava nos ouvintes” (JUNG, 2008, p. 112).

2.2 Mitos celestes

Entre os mitos mais antigos, estão aqueles ligados ao cosmos, já que “o céu abrangente e infinito, impregnado de eternidade, foi a primeira catedral da humanidade” (JUDGE, 2004, p. 14).¹¹ Mais do que isso, o Céu, para os antigos, tinha um significado religioso. “A simples contemplação da abóboda celeste provoca na consciência primitiva uma experiência religiosa” (ELIADE, 2002, p. 39). Os próprios anjos “estão associados com as estrelas” (SHELDRAKE, 2008, p. 18-9).

Apesar de civilizações anteriores já observarem e seguirem o céu, as primeiras civilizações a analisá-lo e deixar anotadas suas observações foram as da Mesopotâmia. Naquela região, o céu era sagrado e habitado por deuses. Os termos sumérios empregados para divindade e para céu tinham significados próximos e o ideograma usado era o mesmo (ELIADE, 2002, p. 61).

Em praticamente todas as antigas civilizações e culturas, o Céu era a morada de Deus ou dos deuses. O Olimpo, por exemplo, era para os deuses gregos e mesmo para a igreja católica, onde o Pai Nosso mora, para onde vão também aqueles que morrem e não vão para o inferno.

Ou seja, o “Céu *em si mesmo*, considerando como abóbada sideral e região atmosférica, é rico em valores mítico-religiosos” (ELIADE, 2002, p. 98). O Céu sempre foi sagrado e tanto “os seres supremos das populações primitivas como os grandes deuses das primeiras civilizações históricas, todos eles manifestam relações mais ou menos orgânicas com o Céu, a atmosfera, os acontecimentos meteorológicos, etc.” (ELIADE, 2002, p. 98).

Os mitos celestes, desde as sociedades mais antigas, ajudavam o homem a organizar seu lugar no mundo e relacionar as coisas entre si. “Essas sociedades modelaram sua organização de acordo com a ordem cósmica” e “seus calendários foram estabelecidos com base nos ciclos solares e lunares” (MORIN, 2008, p. 9). “Os mitos e religiões transfiguraram as estrelas e os planetas em deuses e deusas” (MORIN, 2008, p. 9) e “todas as mitologias debruçaram-se sobre o mistério das origens do universo e cada uma delas narrou o acontecimento primordial à sua maneira” (MORIN, 2008, p. 10).

¹¹ The sky, overarching, endless, redolent of eternity, was humanity’s first cathedral. (Tradução da autora)

Para Edgar Morin “somos totalmente filhos do cosmo e o carregamos dentro do nosso ser sob a forma de microcosmo” (2008, p. 14) e, assim, a “Terra e o Céu compartilham a mesma identidade física” (2008, p. 14). Mais do que isso, “ao se reconhecerem como filhos do Céu, os chineses admitiram seu parentesco cósmico” (MORIN, 2008, p. 11), o qual, segundo o autor, temos o direito de reivindicar.

O céu sempre esteve presente nos mitos e na vida das pessoas. Até hoje, a “prece mais popular de todo o mundo dirige-se ao ‘Pai Nosso que está no Céu’” (ELIADE, 2002, p. 39). Para Eliade, talvez a “mais antiga fosse dirigida a um mesmo Pai celeste”, usando como referência o testemunho de um africano da tribo dos ewe, que diz “além, onde fica o Céu, Deus também está” (ELIADE, 2002, p. 39). E demonstra “a quase universalidade das crenças num ser divino celestial, criador do universo e assegurador da fecundidade da Terra” (ELIADE, 2002, p. 39).

Talvez hoje as pessoas vejam esse Céu associado ao Pai como uma metáfora não relacionada ao céu de fato. Isso acontece porque, segundo Sheldrake “o Céu foi entregue à ciência” (2008, p. 19) e “o reino celestial é domínio da Astronomia” (2008, p. 19), que nada tem a ver com Deus, os espíritos ou os anjos. Mas, antigamente, não era assim. As pessoas “acreditavam que o Céu estava cheio de espíritos e de Deus” (2008, p. 19).

De qualquer forma, a “relação entre Céu e Terra era muito importante na cosmologia antiga” (SHELDRAKE, 2008, p. 25). Tanto que em muitas culturas tradicionais, “os mitos falam sobre como as pessoas são inspiradas pelas estrelas ou como, efetivamente, se originam de algumas delas” (SHELDRAKE, 2008, p. 25).

Nas filosofias chinesas, é pressuposto que “cosmo e homem, no fundo obedecem às mesmas leis”, e que “o homem é um cosmo em miniatura” (WILHELM, 2012, p. 93). Wilhelm, citando as filosofias chinesas, afirma que cosmo e homem “são regidos pelas mesmas leis e há uma passagem ligando uma situação à outra” (WILHELM, 2012, p. 93). Assim, “psique e cosmo comportam-se como mundo interior e mundo ambiente” (WILHELM, 2012, p. 93). Portanto, conclui Wilhelm, “o homem participa por sua natureza de todo acontecimento cósmico e está entretido a ele, interna e externamente” (WILHELM, 2012, p. 93).

2.3 Ciclos solares e lunares

De qualquer forma, Sol, Lua e outras “divindades” celestes sempre foram cultuadas pelos antigos. Especialmente o Sol, a Lua e seus ciclos sempre foram observados, já que são os que mais claramente percebemos. Os próprios ciclos de dia e noite e as estações do ano estão diretamente ligados a esses ciclos, assim como as fases da Lua, claramente observadas pelo ser humano e sentidas na natureza, como por sua influência nas marés, por exemplo.

No entanto, apesar de se ter acreditado que “a humanidade sempre conhecera o culto do Sol”, na verdade parece que “o culto solar se encontra, de fato, somente em raras regiões do globo” (ELIADE, 2002, p. 103). Os indícios históricos levam a crer que o Sol era cultuado, de fato, entre os povos “civilizados”, nos quais havia uma “certa concordância entre a supremacia das hierofanias solares e os destinos ‘históricos’” (ELIADE, 2002, p. 103). Ou seja, “dir-se-ia que o Sol predomina nas regiões onde, graças aos reis, aos heróis, aos impérios, ‘a história se encontra em marcha’” (ELIADE, 2002, p. 103). Curiosamente, astrologicamente falando, o Sol é considerado o grande herói e, em mapas astrológicos de países, representa seu rei, presidente, governante ou dirigente, ou seja, o “grande herói” que conduz aquela nação, o líder.

Nesse sentido, também, uma primeira diferença entre cultos, mitos e ritos solares e lunares, já que o Sol representa o “regime diurno do espírito” ao passo que a Lua domina o “regime noturno do espírito” e, portanto, visa “uma camada da consciência humana que o mais corrosivo racionalismo seria incapaz de atacar” (ELIADE, 2002, p. 105). Não por coincidência, o Sol astrológico representa os processos conscientes, ao passo que a Lua está ligada à inconsciência.

Outra curiosidade sobre os mitos solares e lunares é que a noite, para os antigos, não representava a morte, mas, sim, uma descida do Sol ao reino dos mortos, para seu retorno no dia seguinte. Já a Lua, em seus três dias de obscurecimento, era associada à morte. Depois desse período, ela ressuscitava, razão pela qual em muitas culturas a Lua também é associada ao lugar onde ficam as almas até poderem reencarnar.

Além disso, “o Sol permanece sempre igual, sem qualquer espécie de ‘devir’”. A Lua, em contrapartida, é um astro que cresce, decresce e desaparece, um astro cuja

vida está submetida à lei universal do devir, do nascimento e da morte” (ELIADE, 2002, p. 127).

Durante três noites o céu estrelado fica sem Lua. Mas esta “morte” é seguida de um renascimento: a “lua nova”. O desaparecimento da Lua na obscuridade, na “morte”, nunca é definitivo. Segundo um hino babilônico dirigido a Sin, a Lua é “um fruto que cresce por si mesmo”. Ela renasce de sua própria substância, em virtude do seu próprio destino (ELIADE, 2002, p. 127)

E é este “eterno retorno às suas formas iniciais, esta periodicidade sem fim” que “fazem com que a Lua seja, por excelência, o astro dos ritmos da vida” (ELIADE, 2002, p. 127). Assim, para Eliade, “não é de surpreender que ela controle todos os planos cósmicos regidos pela lei do devir cíclico: águas, chuva, vegetação, fertilidade” (ELIADE, 2002, p. 127).

Os ciclos lunares, aliás, remetem à primeira contagem de tempo. Eliade ressalta que “as fases da Lua revelaram ao homem o tempo concreto, distinto do tempo astronômico, que só posteriormente foi descoberto” (2002, p. 127). O autor ainda enfatiza que “o sentido e as virtudes mágicas das fases da Lua eram já definitivamente conhecidos na época glaciária” (ELIADE, 2002, p. 127) e seu simbolismo está presente em diversas culturas antigas, especialmente lembrando que a Lua é “considerada como norma da mudança rítmica e da fertilidade” (ELIADE, 2002, p. 127). Mais do que isso, “o tempo concreto era, sem dúvida, medido por meio das fases da Lua” (ELIADE, 2002, p. 127). Conforme aponta Eliade, mesmo nos dias atuais, “certos povos nômades que vivem da caça e da recolecção só utilizam o calendário lunar” (ELIADE, 2002, p. 127). A Lua, inclusive, que “aparece, com efeito, como a primeira medida do tempo” (DURAND, 2012, p. 285). Sabe-se também que as marés são fortemente influenciadas pela gravidade e pelas fases da Lua.

“O homem pré-histórico teve de contar o tempo unicamente por lunações, como o fizeram os celtas, os chineses, os primitivos hodiernos e os árabes, que só conhecem o ano lunar” (DURAND, 2012, p. 286). Até mesmo nosso calendário gregoriano, que tem outra divisão, contém “a sua festa móvel da Páscoa”, que “apela ainda para referências lunares” (DURAND, 2012, p. 286). A Páscoa, considerada uma das mais importantes datas cristãs, acontece anualmente no primeiro domingo de Lua Cheia após o equinócio de março, de outono no hemisfério sul e de primavera no

hemisfério norte, momento que simboliza um novo início. Para a Astrologia, o ano começa nessa data, quando ocorre o equinócio de primavera no hemisfério norte, que simboliza o início de um novo ciclo da natureza, e que astrologicamente é também o ingresso do Sol em Áries, primeiro signo do zodíaco.

Pode-se dizer que os ciclos lunares, portanto, fazem parte das primeiras narrativas humanas, inclusive quando pensamos nos ciclos, na relação do homem com a vida e com a morte, e na compreensão de toda vida humana. A Lua ensinou ao homem que a vida consiste em ciclos e eternos nascimentos e mortes, em ciclos que sempre se repetem e em eternos retornos. Além dos ciclos da Lua, o ciclo do Sol pelo zodíaco e a existência de quatro estações bem definidas também levaram à ideia de eterno retorno, pois, quando o ciclo chega ao fim e outro igual se inicia, temos um ano novo.

Ainda sobre as fases da Lua, “aparecimento, crescimento, decrescimento, desaparecimento seguida de reaparição ao fim de três noites de trevas”, segundo Eliade (1969, p. 101), “desempenharam um papel importante na elaboração das concepções cíclicas” (ELIADE, 1969, p. 101). Esses ciclos lunares, aliás, estão presentes em diversos mitos relacionados ao fim do mundo, por exemplo, sendo que “esta concepção cíclica do desaparecimento e aparecimento da humanidade conservou-se também nas culturas históricas” (ELIADE, 1969, p. 102). Até porque, ainda de acordo com Eliade, “na perspectiva lunar, a morte do homem, bem como a morte periódica da humanidade, são necessárias, como o são os três dias de trevas que precedem o ‘renascimento’ da Lua” (1969, p. 103). Além disso, “a morte do homem e da humanidade são indispensáveis à sua regeneração” (ELIADE, 1969, p. 103). Assim, “o que domina todas estas concepções cósmico-mitológicas lunares é o regresso cíclico daquilo que anteriormente existiu, em suma, o ‘eterno retorno’” (ELIADE, 1969, p. 103).

É o que explica também Durand: “a lua sugere sempre um processo de repetição, e é por ela e pelos cultos lunares que um tão grande relevo é dado à aritmologia na história das religiões e dos mitos” (2012, p. 287).

Até hoje observamos o ciclo da Lua para saber sobre as marés e seus ciclos também são observados em algumas culturas para previsões climáticas, de plantações e colheitas. Mesmo os ciclos de fertilidade da mulher estão intimamente relacionados aos ciclos da Lua. O médico tcheco, Eugeen Jonas, nos anos 1960, ao pesquisar casos de mulheres que engravidavam usando algum método anticoncepcional, encontrou

como único fator comum os ciclos lunares, ou seja, a Astrologia. O Dr. Jonas aprofundou seus estudos depois de ler um livro em que havia uma afirmação dos antigos astrólogos assírio-babilônios, contida num fragmento de tabuinha de barro cozido que dizia que “a mulher é fértil durante certa fase da Lua” (DE SALVO, 2009). Ele desenvolveu o Método Jonas de controle de natalidade, hoje empregado por diversos astrólogos para escolha de períodos astrologicamente mais férteis para que mulheres com dificuldades para engravidar possam se tornar mães. Esse método tem como pressuposto o fato de a mulher ficar mais fértil no dia do mês em que o Sol e a Lua repetem o mesmo aspecto do momento de seu nascimento.

Por reger os ciclos biológicos, o “tempo controlado e medido por meio das fases da Lua” é também um “tempo ‘vivo’”, já que se refere sempre “a uma realidade biocósmica, a chuva ou as marés, as sementeiras ou o ciclo menstrual” (ELIADE, 2002, p. 128).

Ao contrário do Sol, porém, a “Lua nunca foi adorada *em si mesma*, mas no que ela revelava de sagrado, quer dizer, na força que está concentrada nela, na realidade e na vida inesgotável que manifesta” (ELIADE, 2002, p. 131).

A Lua comanda também as águas, não apenas “porque estão submetidas aos ritmos (chuva, maré), mas também porque são germinativas” (ELIADE, 2002, p. 131). Por isso também a divindade da Lua e a divindade da água são a mesma em diversas culturas. As águas do mundo também guardam relação com a Lua, que influencia diretamente as marés, causando as cheias e as ressacas. Curiosamente, em torno de 70% do nosso planeta é composto de água, assim como cerca de 70% do corpo humano. Com isso, fica claro que se a Lua tem tamanha influência sobre as marés e todas as águas do mundo, tem também sobre nós, seres humanos. Por isso astrologicamente ela rege nossas emoções, humores e hormônios.

John Townley lembra que “se há um número maior de vítimas sangrando durante a Lua cheia, também há um número maior de pacientes hospitalares submetendo-se voluntariamente à cirurgia” (1995, p. 25). Ele cita um médico, Dr. Edson J. Andrews, da Flórida, que aponta que 82% dos principais sangramentos pós-operatórios ocorrem mais perto da Lua Cheia do que da Lua Nova, mesmo com um número menor de admissões naquele período. Ele também comenta pesquisa feita durante seis anos em um hospital, que apontou maior número de concepções de bebês na Lua crescente do que na Lua minguante. Ou seja, os ciclos femininos são regidos pelos ciclos lunares, como o ciclo menstrual, que, quando regular, tem a mesma

duração do ciclo lunar, ou seja, entre 28 e 30 dias, e a gestação, que também pode ser contada em meses lunares, e o nascimento, já que estudos mostram que muitos partos ocorrem nas “viradas de lua”, em especial nas luas cheias. Outro aspecto importante é que alguns médicos dizem que muitos partos acontecem na mesma fase lunar em que o bebê foi concebido.

Os ciclos da Lua e do Sol, portanto, foram as primeiras narrativas cíclicas e seus mitos e ritos foram importantes na concepção das antigas sociedades e da compreensão do mundo pelo homem. Já que a organização do cosmos sempre foi uma referência para o homem se organizar.

Sem os ciclos, teríamos um mundo caótico. Por isso, desde a Antiguidade o homem se guia pelos ciclos, cujas narrativas são também essenciais para a contagem do tempo. Os próprios calendários foram criados a partir dos ciclos celestes. Pelo calendário e sua estrutura cíclica, o tempo é especializado pelo ciclo (DURAND, 2012, p. 283). Até porque

o calendário tem uma estrutura periódica, quer dizer, circular. E insiste na forma “circular” do ser, que teria servido de arquétipo ontológico à astrobiologia: O tempo cíclico e fechado afirma no múltiplo o número e a intenção do uno. No limite, este tempo cíclico parece desempenhar o papel de um “gigantesco princípio de identidade aplicado à redução do diverso da existência humana”. (GUSDORF apud DURAND, 2012, p. 283).

“A adoção do ano solar como unidade de tempo é de origem egípcia” (ELIADE, 1969, p. 66), ao passo que outras culturas tinham um calendário lunar. Mas a maior parte das outras culturas históricas tinha um ano ao mesmo tempo solar e lunar. Ou seja, “há sempre uma concepção do fim e do princípio de um novo período de tempo, baseada na observação dos ritmos biocósmicos” (ELIADE, 1969, p. 67).

Mesmo nos dias atuais, nossa divisão de tempo é totalmente baseada nos ciclos celestes. Para dar apenas alguns exemplos dos ciclos que sempre vivemos, todos os dias temos um ciclo de 24 horas, a noite e o dia. Todos os dias o Sol nasce no horizonte leste (o que astrológicamente tem relação com o ascendente e as casas astrológicas) e se põe no oeste. Também os ciclos lunares têm duração de aproximadamente 29 dias para que as quatro fases sejam percebidas por nós. Esses 29 dias são o tempo para a Lua percorrer todo o zodíaco.

Um dos ciclos mais conhecidos e vivenciados pelo homem é o do Sol através do zodíaco, que dura cerca de 365 dias, ou um ano. O zodíaco, na definição da

astróloga Maria Eugênia de Castro, é “uma faixa aparente, em forma de circunferência, portanto de 360°, que ‘envolve’ o nosso sistema solar de acordo com o referencial de um observador na Terra como centro” (2000, p. 24). Ela ainda explica que “esta circunferência é subdividida igualmente em doze signos, ocupando 30° cada um” (CASTRO, 2000, p. 24). Os nomes dos signos foram extraídos das doze constelações zodiacais, pelas quais o Sol transita¹². Mas é importante ressaltar que signos e constelações não são a mesma coisa, até porque cada constelação tem tamanho e formato distinto e a faixa zodiacal onde estão os signos é uma divisão imaginária, que divide a circunferência em torno da Terra em doze partes exatamente iguais. Maria Eugênia de Castro frisa essa diferença: “O Zodíaco astrológico é diferente do Zodíaco astronômico. Embora mantenham os mesmos nomes, partem de princípios e objetivos diversos” (CASTRO, 2000, p. 24). Ela ainda lembra que “o Zodíaco tornou-se o símbolo mais antigo e conhecido em quase todas as civilizações da Terra” (CASTRO, 2000, p. 24). Explica, também, que a palavra Zodíaco “vem do nome grego ‘*Zoe*’ = vida, e ‘*Diakos*’ = roda”. Ou seja, zodíaco significa roda da vida, por onde o Sol, o grande doador de vida do nosso sistema e da vida humana, transita, percorrendo toda esta faixa ao longo do ano. O francês André Barbault define o zodíaco como “o antigo relógio do céu” (1995, p. 90).

Durante um ano, o Sol aparentemente dá uma volta em torno da Terra, percorrendo a eclíptica e o zodíaco, marcando claramente as estações do ano e o clima astrológico. De acordo com a posição astrológica do Sol no dia do nascimento de alguém podemos definir seu signo solar. Assim, quando alguém responde qual seu signo, está falando justamente da posição do Sol no zodíaco astrológico no momento do seu nascimento.

Convivemos, portanto, com esse trânsito do Sol pelo zodíaco. Esse caminho aparente do Sol em torno da Terra que dura em torno de 365 dias é o que define as estações do ano e que está muito relacionado aos signos astrológicos. É como uma história cíclica que o Sol nos conta ao longo de um ano, todos os anos. John Townley nos lembra que “toda a vida sobre a terra depende da repetição anual do ciclo solar, determinado pela revolução da Terra em torno do Sol e pela inclinação do nosso planeta em relação ao seu plano orbital” (1995, p. 35). Ele continua: “As mudanças

¹² Vale lembrar que o trânsito do Sol pelo zodíaco é um movimento aparente, já que é a Terra que gira em torno do Sol. Como observamos da Terra, temos a impressão de que o Sol está “passeando” pelo zodíaco.

de estação assim criadas determinam as condições meteorológicas, as reservas de alimento e as regiões habitáveis, que tornam possível nossa existência” (TOWNLEY, 1995, p. 35).

As estações do ano, por sinal, guardam uma relação íntima com os doze signos astrológicos, porque estão totalmente relacionadas a esse trajeto aparente do Sol em torno de nós. John Townley considera que a maior importância está no início de cada uma das quatro estações, “quando o eixo da Terra aponta para o Sol, afasta-se ou está paralelo a ele” (1995, p. 35). Esse entendimento faz todo sentido quando pensamos que cada uma das quatro estações tem início exatamente quando o Sol ingressa em um dos quatro signos cardinais (TOWNLEY, 1995, p. 35) associados aos inícios, sendo que cada uma delas começa em um signo relacionado com um dos quatro elementos: a primavera tem início quando o Sol ingressa em Áries (fogo), o verão com o ingresso do Sol em Câncer (água), o outono com Sol em Libra (ar) e o inverno com Sol em Capricórnio (terra). Os quatro signos citados são cardinais, sendo cada um deles de um elemento diferente.

O ciclo do Sol pelo zodíaco tem profunda relação com a vida humana. Para André Barbault:

(...) todas as funções biológicas evoluem igualmente ao longo do ano, que fevereiro é o campeão da mortalidade (exílio do Sol), que nosso sono é mais profundo no inverno, estação das marmotas e do voltar-se para si mesmo; e que nosso coração bate mais rápido no verão, estação da agitação e do vai-e-vem; enquanto a primavera faz eclodir a atividade sexual (...). (2004, p. 69).

Cada uma dessas energias tem a ver com a expressão solar por um dos doze signos do zodíaco.

Segundo, André Barbault:

O zodíaco tropical se presta a diversas interpretações e podemos decifrar o ciclo anual de acordo com outros valores, mas o sistema dos princípios elementares e dos elementos constitui uma ilustração magistral comprovada pela classificação das estações dos equinócios e dos solstícios. (2004, p. 70).

Nesse sentido, ele cita Alexandre Volguine ao concordar que:

(...) o Sol astrológico não ocupa a posição importantíssima do Sol astronômico porque sua colocação se difunde em todo o

sistema solar, atrás de cada planeta, como sobre a órbita terrestre, sendo o zodíaco um fenômeno de essência solar. (VOLGUINE, 2004, p. 70).

E conclui esse pensamento da seguinte maneira: “(...) é no seu ritmo de estações que se deve interpretá-lo em primeiro lugar” (VOLGUINE, 2004, p. 70).

Isso mostra, portanto, o quanto a Astrologia tem relação direta com os ciclos da natureza, que eram observados para que o homem pudesse lidar melhor com os seus assuntos e a vida na Terra. Os antigos observavam os movimentos dos astros no céu e percebiam sua relação com os acontecimentos na Terra. O plantio e a colheita, por exemplo, sempre foram feitos de acordo com o céu, em especial as estações do ano – relacionadas à relação entre os movimentos da Terra e do Sol – e às fases da Lua – que acontecem pela relação entre os movimentos Sol-Lua-Terra. Até hoje isso ainda é levado em consideração por parte da população.

2.4 Narrativas astrológicas: ciclos celestes, estações do ano e os doze signos

Especificamente em relação aos ciclos e a Astrologia, o ciclo que envolve o Sol, de 24 horas, que tem a ver com a noite e o dia, está presente na construção das casas astrológicas e o ciclo de aproximadamente 360 dias do Sol, que tem a ver com as estações do ano, está ligado aos doze signos astrológicos.

Pensando especificamente sobre as estações do ano, esse ciclo que se repete está diretamente ligado aos signos do zodíaco. Ao se referir a esse ciclo, John Townley considera:

(...) os efeitos astrológicos desse ciclo estão muito bem definidos e, na verdade, chegam a constituir a base fundamental desse campo, pois é a divisão desse ciclo em 12 que determina os signos do zodíaco, o pano de fundo sobre o qual se passam todas as ocorrências astrológicas. (1995, p. 37)

Ou seja, imaginamos uma linha de 360° em torno da Terra, chamada eclíptica, por onde o Sol aparentemente caminha. Divide-se esse círculo em doze e temos os doze signos astrológicos. Divide-se em quatro e temos as quatro estações do ano, nitidamente compostas por três diferentes fases, num total de doze, que são os signos. Assim, os ciclos de todos os planetas “ganham significação por estarem

dispostos sobre o campo criado pelo ciclo solar anual, com o início das estações indicando os signos dianteiros, ou os signos cardinais” (TOWNLEY, 1995, p. 37).

São, portanto, quatro estações no ano, cada uma delas dividida em três meses, ou em três signos. Cada estação tem início em um equinócio ou solstício. Cada estação tem início exatamente quando o Sol ingressa em um signo cardinal, cada vez em um signo de elemento diferente, marcando o início de uma nova fase. Cada estação tem seu ápice durante o trânsito do Sol por um signo fixo, que potencializa e marca a manutenção daquele clima. O último mês de cada estação ocorre durante o trânsito astrológico do Sol por um signo mutável, que permite a transição de uma fase para a seguinte.

Para Ptolomeu, “o zodíaco é o ano e as suas quatro estações” (BARBAULT, 2004, p. 69). O astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão (2008, p. 33) lembra que inicialmente a astrologia visava prever as estações do ano para fins agrícolas.

Esse ciclo do Sol pelo zodíaco que define as quatro estações marca também o ano e é pelo ano que “o tempo toma uma figura espacial circular” (DURAND, 2012, p. 283).

Vale lembrar que todos estamos submetidos a esses mesmos ciclos e ritmos cósmicos e, por isso, também os mitos criados por diversas sociedades ao longo da história são narrativas diferentes que contam a mesma história.

Qualquer ser humano, em qualquer época e lugar, tem a mesma constituição física e, além disso, independentemente de viver nos tempos atuais ou na época das cavernas, “passa pelos mesmos estágios da infância à maturidade sexual, pela transformação da dependência da infância em responsabilidade, própria do homem ou da mulher, o casamento, depois a decadência física, a perda gradual das capacidades e a morte” (CAMPBELL, 1992, p. 39). Por isso, segundo Campbell, todos temos “o mesmo corpo, as mesmas experiências corporais” (1992, p. 39) e, portanto, reagimos às “mesmas imagens”. E esse é um dos motivos pelos quais os mitos são relevantes e nos ajudam a compreender os ciclos e os processos da vida, individual e coletivamente.

Entre esses mitos, estão os já citados mitos celestes, ou astrológicos, que até hoje estão presentes na vida humana de diversas maneiras. Entre elas, na Astrologia, que inclui esses mitos como uma das formas existentes para se compreender a vida.

2.5 Mapa e narrativa

Pensando na Astrologia aplicada ao indivíduo, por exemplo, o mapa astral conta nossa história e nós contamos a história de nosso mapa. Pode ser sentido como “um símbolo vivo do universo inteiro, visto de um determinado lugar, num determinado instante” (RUDHYAR, 1991, p. 23).

Os ciclos astrológicos falam dos eventos coletivos e pelas observações astrológicas podemos fazer uma retrospectiva na história e contar o passado, podemos analisar o presente e prever o futuro.

Como conta o astrólogo Maurício Bernis (2007, p. 9), há correlações entre as posições dos astros e os eventos humanos, já que todos os mecanismos de funcionamento do universo obedecem a cíclicas naturais. O astrólogo ainda acrescenta que com base em inúmeras pesquisas e estatísticas sabemos que a Astrologia permite a análise desses ciclos. Assim, os ciclos celestes contam a história da vida terrestre.

Cada mapa astrológico é, como o próprio nome diz, um mapa que nos apresenta um caminho de vida. O mapa astrológico é também um roteiro, a partir do qual desenvolvemos nossa vida.

Quando consideramos o mapa natal, cada um tem o seu, porque como existem infinitas combinações possíveis no cosmo, o mesmo céu jamais se repete. Assim, a cada instante, temos uma configuração celeste distinta. Mesmo pessoas nascidas no mesmo momento, se em localizações geográficas distintas, já não terão o mesmo mapa. Nem mesmo irmãos gêmeos têm exatamente o mesmo mapa, já que nascem com pelo menos um minuto de diferença entre eles o que, para algumas técnicas mais específicas em Astrologia, já constitui uma diferença essencial.

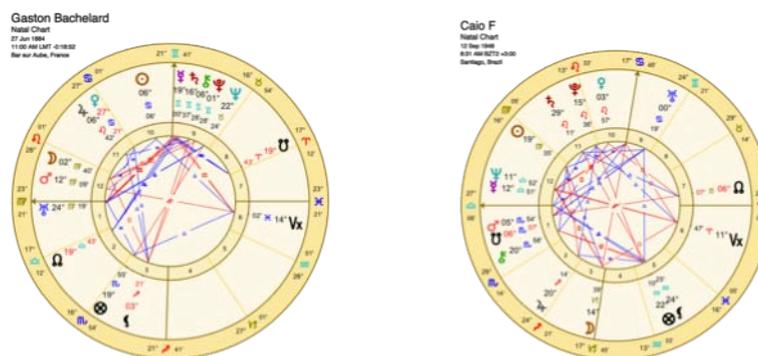


Figura 2 – Exemplos de mapas astrológicos. (Calculados pela autora).

Ou seja, astrológicamente temos a confirmação de que somos todos únicos. As psicólogas Beatriz Del Picchia e Cristina Balieiro apontam para essa exclusividade em ser quem somos e em termos a nossa própria história: “como cada pessoa é única, cada história é única e, de certa forma, mostra como a vida moldou aquela identidade e ao mesmo tempo foi moldada por ela” (2010, p. 18). É exatamente isso que o mapa astrológico mostra: cada um é único e tem sua própria história, criada pela própria pessoa e, ao mesmo tempo, fruto do universo. Beatriz Del Picchia e Cristina Balieiro também falam sobre o quanto “a identidade de uma pessoa está totalmente amalgamada à sua história de vida” (2010, p. 17). Vale complementar que a identidade de uma pessoa, assim como sua história, está totalmente amalgamada ao seu mapa astrológico.

A Astrologia, em especial por meio do mapa astrológico, ensina o quanto as pessoas são protagonistas de sua própria história. A contadora de histórias e professora universitária Regina Machado diz em seu livro que sempre quis trabalhar com as pessoas “para que elas percebessem que podem ser protagonistas e não figurantes no cenário do mundo” (2004, p. 13) e a Astrologia não apenas confirma como ensina justamente isso, pois, quando um astrólogo confronta o mapa astrológico de alguém com sua história de vida, pode perceber o quanto somos a expressão desse céu interior e o quanto vivemos de acordo com essa história cósmica.

Regina Machado (2004, p. 19) compara as diferentes visões possíveis em um determinado assunto a janelas das quais se veem diferentes paisagens, de ângulos particulares. A Astrologia é uma janela, uma forma de olhar o mundo e de contar sua história, uma das muitas maneiras possíveis de contar a história da humanidade e a história de cada um de nós. A Astrologia, ao contar a história, também nos oferece respostas e orientações sobre como viver melhor de acordo com nossas próprias características.

Diante de tudo isso, podemos perceber a Astrologia como uma narrativa, narrativa essa que envolve interpretação. Um astrólogo “lê” o céu e traduz os ciclos celestes para as pessoas. Em outras palavras, a história contada no céu precisa ser interpretada, ou traduzida, por um especialista, ou seja, por um astrólogo.

É como diz a astróloga Bernardete Brady (2008), o céu não é uma simples linha, mas também contém mitologias, histórias e narrativas.

Qualquer astrólogo que analise um mapa astrológico, ou seja, a história celeste de alguém, verá os mesmos sinais e símbolos, os mesmos fatos, qualidades de tempo e acontecimentos. No entanto, cada um irá traduzir de acordo com sua própria história e bagagem pessoal e conforme seu próprio mapa astrológico.

Mas, mesmo diante das diferentes interpretações que podem ser feitas a partir de qualquer aspecto astrológico, esse é sempre o mesmo, imutável. E cada um de nós tem sua história pessoal contada com base nos ciclos celestes. Como uma narrativa que vai sendo contada, um mapa astrológico desdobra-se no tempo e conta uma história real, a história da vida de alguém.

A Astrologia permite que uma história possa ser contada do passado para o presente, do presente para o passado e do presente para o futuro. Além disso, pode ser contada de diferentes aspectos e de ângulos diversos. Nesse sentido, pode-se pensar o mapa como um labirinto ou, em outras palavras, como algo que tem essa estrutura labiríntica. Conforme nos apresenta a pesquisadora de comunicação Lúcia Leão, “os labirintos são signos de complexidade” (2002, p. 15) e assim como labirintos são complexos, um mapa astrológico também é. Aliás, a própria Lúcia Leão associa os mapas aos labirintos, e diz que “no estudo dos labirintos, um tópico bastante importante diz respeito ao conceito de mapa” (LEÃO, 2002, p. 19). Para ela, “Quando pensamos em labirintos, existem vários mapas possíveis” (2002, p. 19). Ao explicar essa relação entre mapas e labirintos, ela fala sobre a possibilidade de se pensar racionalmente em um labirinto a partir da existência de um mapa ou, ainda, sobre a possibilidade de “mapas criados a partir da descoberta de um espaço que está sendo percorrido” (LEÃO, 2002, p. 19). A partir daí, apresenta duas categorias de mapas: os criados ou imaginados a partir de uma mente pensante que observa o labirinto a ser projetado e o criado por quem penetra o labirinto, em um espaço desconhecido e registrando suas observações.

No caso de um mapa astrológico, esse mapeia um labirinto cósmico, que ao mesmo tempo registra um labirinto já percorrido e projeta um labirinto a ser percorrido. Isso acontece justamente porque o mapa astrológico contém ao mesmo tempo o passado, o presente e o futuro. Assim, quando olhamos para o mapa em busca do que já aconteceu, podemos visualizá-lo como um labirinto que mostra o caminho já traçado e vivido. Já ao olhar o mapa para fazer uma previsão, percorremos um labirinto, ou melhor, avaliamos um labirinto pelo qual há múltiplos caminhos e podemos buscar qual o melhor deles a ser percorrido.

Lúcia Leão ainda conclui que um mapa “enquanto construção em constante metamorfose, pertence à esfera do conhecimento adquirido, incorporado na experiência vivida” (2002, p. 19). Um mapa astrológico mostra, de fato, a experiência vivida, uma vez que qualquer astrólogo pode percorrê-lo do presente para o passado e constatar a qualidade do tempo já vivido, bem como localizar os acontecimentos e vivências do dono do mapa. Leão continua sua conclusão afirmando que “o mapa, enquanto hiperespaço cognitivo, muito se difere dos esquemas visuais fixos, pois pertence ao universo das transformações e interconexões”. (LEÃO, 2002, p. 19). E isso também se confirma na análise de um mapa astrológico que, apesar de aparentemente fixo e imutável, já que temos o mesmo mapa ao longo de toda vida, está em constante transformação, relacionando-se o tempo todo com outros mapas (do momento, de outras pessoas etc.).

Um mapa astrológico registra o momento do nascimento de uma pessoa, levando em consideração o momento e o local exato em que isso ocorreu. É como uma fotografia do céu no instante de nascimento e usa diversos sistemas de referência. Esse mapa é válido durante toda vida da pessoa e contém, ao mesmo tempo, o registro de sua essência e o caminho por ela traçado, no passado e no futuro. Em um mapa astrológico, podemos encontrar o percurso feito desde o momento da concepção, toda gestação, nascimento, vida e morte. Esse mapa pode ser, portanto, projetado no tempo, seja para o passado, seja para o presente. Além disso, esse mapa está em constante conexão e relação com o céu de cada momento. Assim, ao contar a história de alguém pelo viés astrológico, além do próprio mapa astrológico projetado e de seu próprio labirinto percorrido temos sua relação com outros fatores.

Como Vladimir Propp, pesquisador russo afirmou em seu livro *Morfologia do conto maravilhoso*, cuja primeira edição é de 1928, “a narrativa assegura funções antropológicas indispensáveis à sociedade humana: funções cosmogônicas, institucionais e criativas” (PROPP, 2006, p. 21). E se a Astrologia é uma narrativa, também contém essas funções por ele apontadas. Tem especialmente a função cosmogônica que, para ele, está ligada “à maneira como uma civilização concebe a origem do universo e a sua própria localização no espaço e no tempo” (PROPP, 2006, p. 21). Ora, a Astrologia trabalha justamente com tempo e espaço, localizando o indivíduo de acordo com ambos os fatores e, além disso, analisa a qualidade do tempo, sem para isso deixar de considerar o espaço.

Propp (2006) analisa especialmente a narrativa presente nos contos míticos, mas traça uma relação entre a história e a narrativa. Segundo ele, há uma mútua implicação entre ambas, pois essa narrativa não apenas dá sentido à história como produz historicidade. Por isso, ainda de acordo com o conceito de Propp, a narrativa é predominantemente metonímica, uma vez que seleciona e articula os paradigmas culturais que fazem o cotidiano.

O mapa astral de uma pessoa é seu DNA astrológico. O DNA contém informações e instruções genéticas que coordenam o desenvolvimento e o funcionamento de todos os seres vivos. Da mesma forma, um mapa astrológico contém instruções e informações sobre a vida de determinado ser vivo. Portanto, é algo que conta a história real da vida de alguém. No entanto, à Astrologia pode ser aplicada a linguagem mitológica, apesar dessa linguagem não contemplar totalmente esse saber. A mitologia pode, na verdade, ajudar a explicar o funcionamento astrológico e fazer uma espécie de ponte ou interface entre sua linguagem simbólica e o entendimento humano. Assim, entre as narrativas possíveis a partir de um mapa astrológico, a mitologia com toda sua estrutura é uma das formas possíveis.

Voltando à teoria de Propp, podemos pensar que a narrativa astrológica ajuda a dar sentido à vida humana, pois permite uma compreensão sobre eventos, reações e situações individuais e coletivas que conecta o homem à natureza e aponta coerência e significado à existência.

Um mapa astral e os ciclos astrológicos ajudam, portanto, a contar a história de uma pessoa e, além disso, a atribuir significado a essa história e vida humana, dando um sentido ao que acontece e atribuindo qualidade ao tempo vivido.

Cristina Balieiro e Beatriz Del Picchia acreditam que “a identidade de uma pessoa está totalmente amalgamada à sua história de vida” (2010, p. 17). Para elas, conhecer essa história de vida, incluindo suas escolhas, dificuldades e dúvidas, “amplia, enriquece e matiza a visão que temos dela” (2010, p. 17). Ao analisar um mapa astrológico e interpretá-lo, traduzindo a linguagem celeste, interpretando o “astrologuês” para alguém, o astrólogo pode auxiliar essa pessoa a entrar em contato com sua história de vida, incluindo fatores que levaram a determinadas escolhas, inclusive suas dificuldades e facilidades ao longo do caminho, passado, presente e futuro.

Balieiro e Del Picchia ainda consideram que “A jornada para o mais profundo e autêntico de si mesmo é expressa na narrativa de uma vida” (2010, p. 18-

9). Essa é justamente uma das funções do mapa astrológico: narrar a vida. E como as autoras complementam: “Assim como cada pessoa é única, cada história é única e, de certa forma, mostra como a vida moldou aquela identidade e ao mesmo tempo foi moldada por ela” (BALIEIRO E DEL PICCHIA, 2010, p. 18-9). E é exatamente isso que um mapa astrológico revela: que cada pessoa é única, já que o céu jamais se repete. Além disso, um mapa astrológico mostra ao mesmo tempo o quanto a vida a moldou, bem como permite identificar o quanto e o como cada um reage à própria vida. Ou seja, o mapa astrológico permite ver o quanto alguém é influenciado pela vida e, ao mesmo tempo, como reage a essa, sendo ao mesmo tempo uma história contada de dentro para fora e fora para dentro.

A pesquisadora, escritora e astróloga Amanda Costa lembra que “A Astrologia, como um sistema simbólico fundado em estruturas arquetípicas” é uma “nova leitura do real” (2011, p. 56, 67) proposta pelo também astrólogo, escritor e jornalista Caio Fernando Abreu. Tanto que a Astrologia foi fundamental em boa parte do processo de escrita de Caio, em cuja obra encontramos muita Astrologia.

Nesse sentido a Astrologia pode ser, então, uma forma de ler o mundo real e, conseqüentemente, uma forma de se contar a história real. Mas é uma narrativa que depende da interpretação de alguém. No caso, de um astrólogo, um profissional capaz de decifrar sua linguagem complexa e traduzi-la.

Também é interessante pensar quando Roland Barthes diz que “a narrativa, ao mesmo tempo, é (*tient*) e pretende ser (*aspire*)” (2011, p. 43) que isso reflete a estrutura de um mapa astrológico que ao mesmo tempo é, porque mostra uma pessoa e sua vida e ao mesmo tempo pretende ser porque também contém tendências, aspectos e possibilidades que nem sempre chegam a ser ou acontecer.

Explicando melhor, um mapa astrológico contém tendências, com infinitas possibilidades e combinações possíveis, que nem sempre serão realizadas. Isso porque cada aspecto e combinação astrológica contém diversas possibilidades de interpretação e manifestação que dependem, entre outros fatores, da ativação astrológica e do livre-arbítrio individual. Os astrólogos costumam dizer que nem tudo que está no mapa astrológico acontece, mas tudo que acontece está no mapa astrológico.

Se a Astrologia pode ser vista como narrativa, o astrólogo pode ser considerado um narrador. É como diz Dane Rudhyar:

O músico treinado olha para a partitura musical e ouve os sons, com toda a sua qualidade comovedora. Do mesmo modo, para o astrólogo treinado, o mapa de nascimento deverá “evocar” a pessoa viva; e, de fato, os planetas e os signos do zodíaco deverão ser vistos como atores numa cena cósmica (...). (1991, p. 23).

Segundo Walter Benjamin (1980, p. 59), o narrador é um homem que dá conselhos. E é isso que o astrólogo faz: dá conselho. Mais do que isso. Ele conta a alguém sua própria história. Aliás, suas histórias: a história do próprio astrólogo, pois é com sua visão que enxerga o céu, a história de seu cliente, cujo céu é interpretado pelo astrólogo e a história da Terra e da humanidade, impressa em todo céu.

Benjamin (1980, p. 60) diz ainda que o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. No caso do astrólogo, além da necessidade de narrar com base em sua própria experiência, e da experiência dos outros, narra segundo os movimentos celestes e a relação que há entre o céu e a terra e, portanto, entre os acontecimentos celestes e terrestres. E Benjamin ainda acrescenta que o narrador “incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1980, p. 60).

Além de narrar a vida individual, o astrólogo tem a Astrologia como ferramenta para narrar a vida coletiva. Isso é possível pela análise dos ciclos astrológicos que permitem as previsões mundiais, coletivas, econômicas, políticas, climáticas etc.

Outro ponto importante é que a Astrologia também pode ser ferramenta para narradores de todas as naturezas. Dois bons exemplos são os dos escritores Fernando Pessoa e Caio Fernando Abreu, que também eram astrólogos e usaram muita Astrologia em suas narrativas, incluindo esse seu conhecimento astrológico em sua obra literária.

Paulo Cardoso, astrólogo português estudioso de Fernando Pessoa, conta que o escritor “foi um excelente astrólogo, que sabia usar os ensinamentos de uma sabedoria milenar no seu dia a dia (...) a Astrologia fez parte do cotidiano do escritor” (CARDOSO, 2011, p. 12). Cardoso também afirma que “Pessoa deixou nas suas arcas mais de três centenas de cartas astrológicas” (2011, p. 12). Em seus livros *Mar português e a simbólica da Torre de Belém* e *Fernando Pessoa: cartas astrológicas*, Paulo Cardoso apresenta mapas astrológicos desenhados e interpretados por Fernando Pessoa, fala de sua relação com a Astrologia e mostra o quanto esse

saber estava presente em toda a sua obra. Ele apresenta, inclusive, os horóscopos (como eram chamados os mapas astrológicos) de seus heterônimos, cujas histórias eram contadas a partir de suas personalidades astrais.

Também o escritor e jornalista Caio Fernando Abreu teve a Astrologia presente em sua vida e obra. Vemos Astrologia em diversos de seus textos, de forma explícita ou implícita. Mas um dos principais exemplos é seu romance *Triângulo das águas*, composto de três histórias, cada uma delas dedicada a um dos três signos de água: Câncer, Escorpião e Peixes. O próprio autor, na apresentação do livro, diz que “A Astrologia foi fundamental para escrevê-lo” e complementa: “Todo livro, percebi aos poucos, estruturava-se sobre a simbologia dos signos de água: a emoção” (2008, p. 16). E cada uma das histórias está diretamente relacionada a um dos três signos de água: “Peixes, em ‘Dodecaedro’, o inconsciente e o caos; Escorpião, em ‘O marinheiro’, a capacidade de redenção plutoniana pela destruição de todas as proteções; Câncer, em ‘Pela noite’, a desesperada busca da afetividade maternal perdida” (ABREU, 2008, p. 16).

Por sinal, Amanda Costa, astróloga e grande amiga de Caio Fernando Abreu, fez sua dissertação de mestrado em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul sobre a presença da Astrologia na obra de seu amigo. O mestrado foi concluído em 2009 e seu trabalho foi publicado em 2011 pela editora Libretos, de Porto Alegre, no livro *360º graus: inventário astrológico de Caio Fernando Abreu*. Assim, tanto Fernando Pessoa quanto Caio Fernando Abreu deixaram como legado em suas obras a presença da Astrologia tanto em suas narrativas na qualidade de escritores, quanto em seus escritos pessoais, como uma forma de contar suas histórias e a história de sua época.

Também na obra de vários outros, como o próprio Gaston Bachelard que, ao estudar os quatro elementos, mesmo sem que tivesse esse objetivo, apresentou a essência da Astrologia, sobre a formação dos signos astrológicos, ainda que de maneira implícita.

Assim, de formas diversas, a Astrologia é uma narrativa e o astrólogo um narrador. Mas é um narrador-intérprete, que precisa conhecer a linguagem astrológica para traduzi-la. Assim, a Astrologia, ou mais especificamente um mapa astrológico, conta uma história real por meio de aspectos celestes e metáforas mitológicas, que podem ser interpretadas de diversas maneiras, de acordo com o astrólogo que fará essa interpretação.

Mas cada astrólogo-narrador contará a história com base em seu próprio ponto de vista, que é também seu próprio mapa astrológico. Isso porque a Astrologia é conhecimento complexo, pois reflete a vida, igualmente complexa, hipertextual e radial.

Claro que Astrologia não é a única forma de compreensão da vida, individual e coletiva, nem a única narrativa possível, mas é uma delas, como uma daquelas janelas a que se refere Regina Machado (2004) através da qual se pode observar e contar a história do mundo.

O fato é que a Astrologia está presente na natureza e em nossa vida. A Astrologia, aliás, nos conecta com a natureza e é uma das muitas formas de contar a nossa história pessoal e a história do mundo. Ela pode ser um elemento na narrativa, uma ferramenta ou a própria narrativa.

A Astrologia é também um conhecimento complexo e, por que não, uma metáfora pela qual podemos interpretar os acontecimentos terrestres e a vida humana. É um conhecimento que une céu e terra, microcosmos e macrocosmos, natureza e ser humano, mundo interior e exterior, passado e futuro. É uma ponte entre ambas as realidades. É também uma linguagem hipertextual, que permite que a narrativa seja interpretada por diversos caminhos, para várias direções, de acordo com o intérprete (astrólogo).

No entendimento do professor da Universidade Autônoma de Barcelona Josep Català,¹³ o saber está na intersecção do conhecimento e a Astrologia é justamente um saber que permite a integração de diferentes áreas e saberes. A Astrologia também exige um pensamento radial, reflexão e um modo próprio de pensar. Exige um pensamento complexo. E exige o que Català (2012) chama de mirada complexa.

A Astrologia, por meio de sua narrativa é capaz de passar de um modelo para o outro, de traduzir os eventos celestes em acontecimentos terrestres. Pode, portanto, ser uma das muitas maneiras de se narrar a vida e pode, também, servir como fio condutor em diferentes narrativas. É uma forma de ler o real, como pensou Caio Fernando Abreu, e talvez uma forma de se contar o real, mediante metáforas celestes e mitologias que surgem de sua matemática, de seus cálculos e especialmente de sua forte relação com a natureza e os ciclos.

¹³ Palestra “Retórica de la imagen: metáforas visuales, realizada na Faculdade Cásper Líbero em 21/8/2012.

A Astrologia, portanto, é uma forma complexa de compreender e explicar o mundo, que exige a mirada complexa proposta por Català. Mais que uma imagem complexa, um saber complexo, um mundo simbólico capaz de nos apresentar à nossa própria realidade, de nos conduzir a nós mesmos, de fazer com que possamos compreender nosso passado, viver melhor o presente e se preparar para o futuro.

Os ciclos astrológicos e, especialmente, um mapa astrológico, são um conto, um roteiro, uma história a ser interpretada, mas que acontecem independentemente de interpretação. Podem ser formas de contar o mundo e vida. Assim, a Astrologia pode ser uma forma de compreensão e narrativa da vida, com sua complexidade que cria pontes que a conectam a outros saberes.

CAPÍTULO 3

NARRATIVAS MIDIÁTICAS DA ASTROLOGIA

- *Vou ver Júpiter e me lembrar de você.*
- *Vou ver Saturno e me lembrar de você. Mesmo quando não estiverem mais juntos.*
- *Daqui a vinte anos voltarão a se encontrar.*
- *O tempo não existe.*
- *O tempo existe e devora.* – Caio Fernando Abreu¹⁴

3.1 Horóscopo

A principal narrativa astrológica presente na mídia é o horóscopo. Nome que já foi usado para denominar o próprio mapa astrológico, horóscopo é o que hoje compreende as previsões astrológicas para um determinado período – dia, semana, quinzena, mês ou ano. Em geral, contém uma parte genérica sobre o contexto astrológico daquele período, seguida de previsões específicas para cada um dos doze signos, muitas vezes gerais, em outras divididas por assuntos: amor, saúde, trabalho etc.

Ou seja, apesar de toda complexidade, a Astrologia é bastante conhecida pela sua narrativa mais resumida, o horóscopo, presente nos principais jornais, revistas, sites e portais. Porém, como ressalta Daniela Osvald Ramos, em sua dissertação de mestrado *Astrologia on-line: um estudo da mediação tecnológica*, defendida em 2002 na ECA-Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, “esse tipo de prática leva em conta apenas o signo solar (determinado pelo dia e mês do nascimento) para a produção de tendências” (2002, p. 24). Ela ressalta ainda o quanto a popularização da Astrologia na forma dos horóscopos é redutora.

De qualquer forma, o horóscopo é também uma narrativa, uma entre as muitas que a Astrologia oferece. Porém, é sua narrativa mais resumida. É, basicamente, a narrativa do Sol pelo zodíaco e sua relação com todo o sistema solar, já que ao escrever um horóscopo, o astrólogo considera os aspectos que o Sol, astrológicamente falando, está fazendo com os demais astros e planetas. Ou seja, conforme o Sol

¹⁴ *Morangos mofados*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 122.

transita pelo zodíaco, vai se relacionando com os outros astros, que percorrem o mesmo caminho. Nessa viagem que fazem pelo céu, vão narrando uma história, que pode ser contada com mais ou menos detalhes, individual ou coletivamente. Existem também as previsões astrológicas coletivas mais completas e complexas, dirigidas a determinados grupos de pessoas, países etc., mas que consideram ciclos mais complexos e suas relações, além dos índices de referência de cada um dos assuntos em questão, ao contrário dos horóscopos, que são extremamente genéricos.

Como aponta Claude Fischler, o horóscopo de imprensa é “coletivo, impessoal e quase meteorológico” (FISCHLER, 1972, p. 38). Para Fischler, o horóscopo indica “o tempo astrológico do dia seguinte no país em geral, uma espécie de clima astro-psico-físico” (FISCHLER, 1972, p. 38). O autor enfatiza, ainda, que essa indicação é feita de forma “generalizada, indiferenciada e impessoal”, bem como ressalta que o horóscopo não faz distinção entre indivíduos ou categorias de indivíduos, e que não é o horóscopo da pessoa que está sendo elaborado, mas sim de uma “porção de tempo”, o dia ou a semana seguinte, por exemplo. A divisão desse horóscopo em signos tenta individualizar o horóscopo (FISCHLER, 1972, p. 41), porém o mantém genérico.

Apesar disso, os horóscopos já têm sua tradição e há muito tempo acompanham a história humana e estão presentes nos meios de comunicação. Desde que surgiram os almanaques, há séculos, essas previsões curtas despertam o interesse das pessoas que, curiosas para saber o que o destino lhe reserva, leem assiduamente suas previsões astrológicas.

O fato é que, apesar de termos nos tornado “órfãos do cosmo e estrangeiros do cosmo”, como afirma Edgar Morin (2008), somos ainda filhos dele. Por isso, mesmo que se diga que “o fosso entre o humano e o cosmo permanece mais gigantesco e irredutível do que nunca”, paradoxalmente, porém, “a própria astrofísica, que revela às nossas mentes a singularidade do universo, nos revela, também, o laço indestrutível que religa o cosmo ao nosso ser” (MORIN, 2008, p. 14). Nossos átomos são constituídos por partículas que “nasceram durante os primeiros segundos de existência do universo”, e “os átomos a partir dos quais se formaram as moléculas e macromoléculas do nosso organismo foram forjados no núcleo de estrelas anteriores ao nosso Sol”. Por isso, “somos totalmente filhos do cosmo” (MORIN, 2008, p. 14).

Por ressonância, mesmo que de certa forma hoje estejamos mais afastados desse céu, ainda estamos essencialmente conectados com ele. Ou seja, podemos não olhar a esfera celeste constantemente, até porque as luzes e a poluição das grandes

idades já não nos permitem mais fazê-lo, mas continuamos filhos desse céu e, portanto, continuamos atraídos por suas narrativas, ainda que mais resumidas, como é o caso do horóscopo, por mais simplificado que seja, de certa forma nos reconecta com esse céu.

Importante ainda notar a “importância que as culturas tradicionais atribuíam aos motivos astrológicos e sua sobrevivência até os dias atuais”, e a “permanência do texto astrológico, que ocorre pela necessidade simbólica intrínseca do homem em trabalhar seu próprio caráter físico por meio do imaginário cultural” (CONTRERA, 2000, p. 28).

Esse céu presente no imaginário do homem está descrito no horóscopo, que traz um conselho ou orientação aplicada ao cotidiano.

Talvez por serem a forma mais fácil de acesso a uma narrativa astrológica, os horóscopos têm audiência, são lidos por boa parte da população. A maioria das pessoas, por exemplo, sabe seu signo solar, determinado pelo dia de seu nascimento e, ainda que eventualmente, consulta suas tendências para aquele período ao abrir o jornal. Nos Estados Unidos, há pesquisas indicando que um terço dos americanos “acreditam fortemente no horóscopo”.¹⁵ Considerando essa audiência, o horóscopo está sempre na mídia, levando a Astrologia ao grande público. Aliás, é basicamente por meio dos horóscopos que a Astrologia está presente em jornais, sites e revistas, além de no rádio e na televisão e é assim que é conhecida. Essa narrativa astrológica que, assim como o céu, vai contando uma história e trazendo uma novidade todos os dias, semanas e meses, gera um fator de continuidade que interessa à mídia, como uma novela que dia após dia tem algo novo para contar.

Apesar de existir há tantos anos, o horóscopo sofreu pouca alteração desde sua origem, como podemos ver ao comparar previsões feitas em junho de 1982 para a revista *Capricho* (Anexo 2) e em fevereiro de 2015 para a revista *Cláudia* (Anexo 3). É praticamente o mesmo formato até hoje, tanto em termos de estilo como de linguagem, além do *layout* que, em geral, é muito semelhante.

Revista *Capricho*, junho de 1982
TOURO (21/4 A 20/5)
Ela – Taurina, você está vivendo um dos melhores períodos do ano; por isso aproveite cada instante. Aliás, com a presença de

¹⁵ Guilherme Salviano, Palestra “Astrologia dos Horóscopos”, ministrada pelo astrólogo Guilherme Salviano em, 3/8/2014, no 15º Encontro Anual de Astrologia, realizado na GAIA-Escola de Astrologia.

Vênus no signo de Touro, você vai estar ainda mais sedutora neste mês, a ponto de poder conquistar aquele garotão que há tanto tempo você não consegue tirar da sua cabeça. Perspectivas de um dinheiro extra.

Ele – O mês também está ótimo para o homem de Touro. Na vida afetiva, ele terá momentos de muita ternura. Aproveite-os intensamente. No trabalho, finalmente os seus esforços vão ser recompensados.

Revista *Claudia*, fevereiro de 2015

TOURO (21/4 A 20/05)

Mercúrio, retrógrado em Aquário, signo que rege sua carreira, até dia 11, pode trazer indecisões. Mas haverá avanços quando o planeta assumir o curso direto. A Lua nova formará ângulo ideal com Netuno, alimentando sua reputação profissional. Pode ser até que receba uma oferta repentina com boa remuneração. Na Lua cheia do dia 3, alguma negociação ligada a imóveis terá um desfecho feliz. Júpiter, em conjunção com essa Lua e também com o auxílio Urano, trará sorte para sua casa. Até o dia 19, a vida social estará agitada, efeito de Marte no seu setor de gente, eventos e amizades. No amor, parece que os amigos estarão dispostos a armar um encontro para você no fim de semana dos dias 21 e 22, quando seu regente, Vênus, encontra-se com Marte. A química promete ser estimulante, mas não se deixe levar assim: o melhor é ir com calma e dar tempo para conhecer melhor o parceiro em potencial antes de se jogar.

Um exemplo de horóscopo dos anos 1930 é o escrito por Richard Harold Naylor (1889-1952) no *New York Post*, que continha textos como “nascidos em 27 de agosto... você vai encontrar vida romântica interessante”, ou “29 de agosto... dificuldades familiares são resolvidas”, ou “24 de setembro... sorte para os investimentos”.¹⁶

¹⁶ Idem.



Figura 3 – *Jornal New York Post*, 18/3/1936.

Comum nos meios de comunicação, a Astrologia ficou conhecida, especialmente nessa forma de horóscopo, que passou a ser seu grande divulgador. É fácil um leigo saber seu signo solar e já ter tido contato com essas pequenas previsões em um jornal ou revista, mesmo que as leia esporadicamente. Boa parte da população já fez isso alguma vez na vida.

Vale frisar que essa presença do horóscopo na mídia, que pode ser chamada “Astrologia de massa”, acontece entre 1930 e 1970, “produzida e difundida pelos media” e “fortemente influenciada pela cultura de massa” (FISCHLER, 1972, p. 67). Porém, o mesmo autor ressalta que “seria um erro concluir que a astrologia moderna se orienta unicamente para a massa” (FISCHLER, 1972, p. 67), pois, ao sair de seu *underground*, também se espalha por outras camadas.

Mas, se os horóscopos são os grandes divulgadores da Astrologia, já que estão cada vez mais presentes nas mídias, seja em jornais, revistas, sites ou televisão, inclusive em metrô e elevadores, são também os grandes “vilões” que geram

preconceito e a visão distorcida de que a Astrologia é apenas isso, algo genérico e sem sentido, que não considera cada indivíduo em particular, o que não é verdade, dando margem a diversas críticas já feitas, entre as quais as de Theodor Adorno e Roland Barthes. Muitas dessas críticas a toda Astrologia respeitam ao horóscopo, que é um pequeno recorte da Astrologia, mostrado por janelas construídas ou oferecidas pela mídia para mostrar uma pequena parte de um saber tão complexo. São frestas que mostram para o mundo uma parte muito pequena, reduzida, do que é a Astrologia.

Segundo Norval Baitello Jr., as diversas telas (cinema, televisão, computador etc.) “mostram o mundo sinteticamente, simplificam (porque recortam) o mundo dentro delas próprias” (2012, p. 52). No caso dos horóscopos, essa simplificação decorrente do recorte é evidente, já que reduz toda complexidade astrológica em doze partes iguais de duas ou três linhas cada uma, pretendendo, com isso, explicar o comportamento de toda uma sociedade. Com isso, estereotipam e generalizam o saber astrológico. Ou seja, se as “janelas têm uma função simplificadora” (BAITELLO Jr., 2012, p. 55), os horóscopos talvez sejam os responsáveis pela imagem distorcida do que é Astrologia, fazendo-a passar por algo fútil, superficial, simples demais.

Baitello Jr., ainda falando sobre as janelas, diz que essas “simplificam o mundo”, reduzindo “nosso esforço de seleção e escolha”, pois “oferecem-nos um ponto de vista previamente recortado” (2012, p. 55). No caso da Astrologia, isso é claro. Até pouco tempo, eram raros os livros ou artigos de qualidade e/ou profundos dedicados aos leigos, bem como uma pessoa só poderia ter contato com a complexidade astrológica na consulta pessoal com um astrólogo ou fazendo um curso sobre o assunto. A quantidade de livros sobre Astrologia publicados no Brasil, se comparados a outros países, ainda é relativamente menor. Além disso, nem todos os livros estrangeiros são traduzidos. As publicações são, em sua maioria, destinadas a quem já conhece o assunto e, portanto, contêm uma linguagem cifrada demais para quem não está familiarizado com o tema. Isso significa que há uma polarização em relação ao conhecimento astrológico: de um lado, os livros específicos sobre o assunto, voltados basicamente a quem já o conhece e, muitas vezes, apenas a quem pode ler em outros idiomas; de outro, o horóscopo, o recorte do recorte, a simplificação generalizadora que oferece estereótipos e reduz toda complexidade astrológica.

Mas os horóscopos também apresentam a Astrologia ao grande público e nisso reside seu mérito. Ao incluir o horóscopo nos principais meios de comunicação, a

mídia dá espaço para a Astrologia e faz com que a maior parte das pessoas saiba pelo menos seu signo solar. Mais do que isso, muita gente acompanha seu horóscopo diariamente, pautando-se em suas informações para tomar decisões em seu cotidiano. Neste sentido, o horóscopo mostra que a Astrologia existe. Mas, se, de acordo com Baitello Jr., as janelas “mais escondem do que mostram”, mostram apenas “o que querem mostrar” (2012, p. 55), no caso da Astrologia muita coisa se oculta atrás da parede cuja janela é apenas uma pequena fresta. É “aquela pequena fresta que os recortes ainda nos mostram” (BAITELLO Jr., 2012, p. 55). Ainda segundo Baitello Jr., “quanto mais elas tentam mostrar o mundo, mais elas mostram a si próprias e mais escondem o mundo, porque o simplificam, o reduzem, o resumem” (2012, p. 55). E, para ele, “ao reduzi-lo e resumi-lo simplificarmente, escondem-no em sua riqueza e diversidade, em sua amplitude e vastidão, nas suas profundezas e nos seus picos” (BAITELLO Jr., 2012, p. 55).

Quando um horóscopo resume o universo em poucas linhas, divididas em apenas doze partes, desconsidera praticamente todos os ciclos celestes e sua relação com os acontecimentos terrestres. Ignora o fato de que o céu contém diversos aspectos a serem interpretados por um astrólogo e que esse céu jamais se repete. Com isso, esconde do grande público leigo o fato de que cada um de nós tem um mapa astrológico personalizado, único e individual, do qual a descrição da personalidade e as previsões pessoais podem ser feitas. O horóscopo simplifica toda a Astrologia, transformando em algo genérico e mero entretenimento um saber que, no fundo, é muito complexo e, ao longo de vários séculos, foi considerado ciência. Ou seja, o horóscopo é a janela que ao mesmo tempo mostra e esconde a Astrologia. Mostra porque torna pública sua existência. Mostra porque por suas narrativas resumidas chama atenção das pessoas que querem saber mais sobre si mesmas e sobre seu futuro. Mostra por estar presente nos principais meios de comunicação. Mas esconde porque faz pensar que Astrologia é apenas horóscopo. Esconde porque não mostra o que é de fato a Astrologia, tampouco mostra sua complexidade.

3.2 Olhando para a Astrologia pela fresta: as janelas que recortam

Podemos olhar para qualquer coisa de ângulos diferentes e, dependendo do lugar de onde olhamos, podemos ver coisas distintas. Ou, pelo menos, de perspectivas diferentes.

Regina Machado faz a seguinte proposta:

Imaginemos... uma casa com muitas janelas: cada estudioso, debruçado sobre uma das janelas, vê a paisagem de um ângulo particular e o que ele descobre tem a ver com o lugar em que se posicionou para observá-la. (2004, p. 19).

A partir daí, Regina Machado conta que “o conhecimento que se pode produzir sobre um determinado assunto depende do ponto de vista de cada um”. Ou seja, depende do lugar de onde cada um olha para um determinado fenômeno e da janela de qual esse olhar parte, olhar que também depende da janela pela qual um determinado fenômeno é mostrado.

Theodor W. Adorno, um dos principais pensadores da chamada Escola de Frankfurt, fez críticas à Astrologia em seu estudo chamado *As estrelas descem à Terra*, uma análise da coluna de astrologia do *Los Angeles Times*, o que chamou de “um estudo sobre superstição secundária” (2007). Adorno analisou o horóscopo do jornal pelo período de três meses (de novembro de 1952 até fevereiro de 1953). Nesse estudo, ele considera as previsões astrológicas presentes no jornal uma espécie de “poder autoritário no sentido de induzir na massa um comportamento padronizado” (ADORNO, 2007, p. 15), e chama a astrologia de “pseudorracional” (ADORNO, 2007, p. 44), com um “sobrenaturalismo naturalista”, algo “irracional” (ADORNO, 2007, p. 45).

Em sua análise, Adorno tenta encaixar toda a Astrologia em uma cultura de massa, apontando os astrólogos como pessoas que tentam se diferenciar da “tribo das bolas de cristal”. Segundo ele, a astrologia é algo que “encoraja as pessoas a tomar decisões constantemente, independentemente do quão inconsequentes essas decisões possam ser” (2007, p. 49).

De fato, há uma astrologia de massa, mas que não compreende todo saber astrológico. Como bem aponta Philippe Defrance há “toda uma zona intermediária

entre a astrologia de massa e a astrologia erudita” (DEFRANCE, 1972, p. 85), já que são diversas suas narrativas e conteúdos, bem como suas formas de expressão.

Adorno também acusa a Astrologia de desejar “um nível de cientificidade pretensamente maior que as formas supostamente mais primitivas de sabedoria esotérica, sem, entretanto, entrar no cerne do argumento” (2007, p. 49). Segundo ele, “o problema da falta de uma interconexão transparente entre as observações astronômicas e as interferências sobre o destino dos indivíduos ou das nações não é abordado” (2007, p. 49).

Vale lembrar que os sistemas de referência empregados pela Astrologia, bem como seus pressupostos, incluem a Astronomia, mas não apenas essa. Seu funcionamento depende de referenciais astronômicos, matemáticos e simbólicos, entre muitos outros.

Adorno chama o público leitor da coluna de “pessoas ingênuas” (2007, p. 45) e mais adiante fala da “dependência” desses leitores (2007, p. 174), assim como aborda a diferença entre os leitores da coluna astrológica do *Los Angeles Times* e dos leitores das revistas especializadas. Com relação a estas últimas, ele diz que por serem

dirigidas para um núcleo de seguidores da astrologia, e não para o público em geral, contêm material astrológico mais ‘técnico’ e tentam impressionar os leitores tanto com um conhecimento ‘esotérico’ quanto com uma sofisticação ‘científica’. (2007, p. 48).

Ainda sobre as revistas especializadas, Adorno cita os termos técnicos utilizados nessas publicações, dizendo que a “astrologia não é tida como certa, mas tenta, com certa violência, defender seu ‘status’” (2007, p. 48).

Em sua conclusão, Adorno diz que a astrologia “pode ser facilmente aceita por pessoas supostamente céticas e desiludidas” (2007, p. 179), bem como fala da busca ansiosa dos astrólogos em apresentar a astrologia como ciência (2007, p. 180) e compara a astrologia a outras formas de comunicação da cultura de massa, como o cinema. Por fim, Adorno afirma que a astrologia “tem que ser vista como um pequeno modelo de... disposições paranoicas” (2007, p. 190) e que ela é “um sintoma de regressão da sociedade como um todo que permite algum discernimento a respeito da própria doença” (2007, p. 190). Para ele, ainda, a astrologia “denota uma recorrência do inconsciente, manejada segundo propósitos de um controle social que, afinal, é em si mesmo irracional” (2007, p. 191).

De fato, o horóscopo pode ser relacionado a uma astrologia de massa. Porém, não há como generalizar e colocar toda a astrologia como algo pertencente à cultura de massa, já que esse saber se manifesta de diferentes formas. Ou seja, não se pode tomar o recorte como o todo.

Outro olhar crítico dirigido à astrologia foi o de Roland Barthes. Em seu livro *Mitologias*, Barthes dedicou um pequeno texto ao assunto, acusando os astros de serem morais. Segundo ele, “a coragem, a paciência, o bom humor e o controle de si próprio são sempre convenientes perante as desilusões timidamente pressagiadas” (2012, p. 169). Para ele, “a astrologia é... uma escola da força de vontade” (2012, p. 169). Em sua crítica, acusa a astrologia por situar-se “entre todos os empreendimentos de semialienação (ou de semilibertação) que encarregam de objetivar o real, sem, no entanto, chegar a desmistificá-lo” (2012, p. 169). Ele conclui seu texto dizendo que “a astrologia é a Literatura do mundo pequeno-burguês” (2012, p. 169). Conforme o próprio Barthes anuncia em seu texto, a crítica foi feita com base na análise do horóscopo da revista *Elle*, na década de 1950.

Assim como Adorno, Barthes toma uma pequena parte como o todo astrológico e lança sua crítica a todo um saber, e não apenas a uma de suas formas de manifestação. Em ambos, notamos que a análise foi baseada apenas nos horóscopos e não na Astrologia em si. Analisaram e criticaram um recorte, uma fresta, uma pequena parte da astrologia, a mais mostrada pela mídia, mas a menor de todas. Apesar disso, ambos teceram considerações críticas à astrologia como um todo, generalizando a partir do recorte, como se o que as janelas mostraram fosse todo o conhecimento astrológico.

3.3 Diálogo e compreensão: a visão do todo

Paul Feyerabend respondeu uma declaração feita por 186 cientistas contra astrologia, apontando em seu livro *Por que non Platón?* o “analfabetismo dos argumentos e a maneira autoritária com que se manifestaram” (2009, p. 82). Segundo ele, os cientistas usaram frases que parecem argumentos, mas no fundo não sabem do que estão falando. Ele cita, inclusive, o caso de um dos 186 cientistas, um prêmio Nobel, que, ao ser chamado para um programa para falar sobre o assunto, recusou o convite, dizendo nunca ter estudado astrologia e, portanto, não conhecer seus detalhes.

Um dos argumentos rebatidos por Feyerabend foi justamente a acusação feita pelos cientistas sobre a distância entre as concepções astronômicas e astrológicas e seus respectivos princípios. Ele também contesta o argumento que diz ter nascido a astrologia da magia e vários outros, demonstrando o quanto os cientistas criticaram algo que, de fato, desconhecem. Feyerabend aponta que, pelo que pôde observar, não há entre os cientistas críticos da astrologia um etnólogo ou alguém que esteja acompanhando os resultados mais recentes dessa área.

O documento analisado e contestado por Feyerabend acusa os próprios astrólogos de, oferecerem o horóscopo como substituto de uma reflexão sincera e fundada e se ajustarem à tendência humana geral de seguir a lei do mínimo esforço (p. 89, tradução da autora).

Talvez o fato de o horóscopo ser tão difundido crie essa imagem de que a astrologia é só isso, já que é sua forma mais conhecida. Por fim, o próprio Feyerabend tece algumas críticas a alguns pontos da astrologia, mas mostra, em seu texto, o quanto os cientistas que a criticaram não tinham argumentos consistentes e falaram de algo que, no fundo, desconheciam.

Edgar Morin escreveu o livro *O retorno dos astrólogos* com outros autores, o qual fornece informações importantes sobre o nascimento e o desenvolvimento da astrologia ao longo da história e das diversas civilizações. Morin fala sobre o nascimento da astrologia nos povos antigos e suas influências no desenvolvimento da sociedade como é concebida até hoje. Uma das autoras, Lena Petrossian, comenta que os astros foram “os reguladores do tempo social e da vida, quer profana, quer religiosa” (1972, p. 16). Segundo Petrossian “o nascimento da astrologia andou ligado aos progressos na observação do movimento dos astros” (1972, p. 16). Para ele, “Astronomia e Astrologia, ciência e magia, são de fato indissociáveis” (1972, p. 16). Morin e demais autores citam a presença da astrologia em diversas civilizações e falam da parte da história dessa área do conhecimento tão antiga, também uma forma de compreensão do mundo. No livro, Morin e seus colegas abordam o divórcio entre Astrologia e Astronomia, entre ciência e religião. Tratam, ainda, da presença da astrologia nos meios religiosos e do nascimento da astrologia moderna, que teria acontecido com astrônomos-astrólogos como Kepler e Copérnico (1972, p. 22), assim como a proibição da prática astrológica, sua comparação às práticas de bruxaria e a proibição da publicação e difusão dos almanaques astrológicos (1972, p. 23).

Para Claude Fischler, um os autores do livro *O retorno dos astrólogos*, “foi a grande imprensa quem tirou a astrologia do ocultismo” (1972, p. 29), com o surgimento de uma “astrologia de massa”, com os horóscopos, que “alcançam a grande imprensa” (1972, p. 29).

O próprio Edgar Morin e demais autores do livro fazem críticas aos horóscopos que, segundo Fischler, “exageram e valorizam demasiadamente o estatuto social de seu público” (1972, p. 48). Para ele, os horóscopos dirigem-se “a um auditório largamente imaginário e deixam ao leitor o trabalho de se identificar com a imagem mítica implicitamente sugerida por previsões e conselhos” (1972, p. 48).

Para Fischler, o horóscopo “acomoda o mundo e o destino ao indivíduo” (1972, p. 50). Ele “manda ou recomenda ao seu leitor que se acomode ao mundo ou que se contente com ele” (1972, p. 50). O horóscopo “sugere, nos seus conselhos, os meios de evitar os azares da vida e as sacudidas do destino: incita à adaptação” (1972, p. 50). Também aponta para o fato de o horóscopo pregar, “a maleabilidade, a flexibilidade” (1972, p. 51).

Assim, Fischler descreve detalhadamente o “aparecimento” e o “desenvolvimento duma astrologia de massa: produzida e difundida pelos *media*” (1972, p. 67).

Ainda no livro *O retorno dos astrólogos*, Philippe Defrance apresenta uma outra Astrologia, erudita, que “constitui um saber fortemente articulado” (1972, p. 81). Segundo o autor, para os iniciados que sabem interpretar um mapa astrológico, “a astrologia é uma chave, uma ferramenta, um gráfico de interpretação, uma última referencia, numa palavra: uma cultura” (1972, p. 81). Ele aponta, ainda, que a astrologia “resiste às críticas religiosas, científicas e ideológicas” (1972, p. 167). Em sua visão, “ao contrário da vidência, a astrologia é um sistema fortemente estruturado que possui a sua simbólica própria” (1972, p. 168) e afirma que esse sistema “propõe uma representação do mundo que fundamenta e justifica a predição” (1972, p. 168). “Para a astrologia”, continua Defrance, “o microcosmo humano exprime analogicamente o macrocosmo cósmico” (1972, p. 168). Assim, “este postulado torna verosímil a interpretação das configurações astrais” (1972, p. 168). Ao longo de todo o capítulo “Lógica e coerência da Astrologia” (1972, p. 167), Defrance apresenta os pressupostos básicos do funcionamento astrológico. No último capítulo, a conclusão apresentada por Edgar Morin afirma que “a astrologia não é um folclore residual que a sociedade vá fazer desaparecer” (1972, p. 187). Morin relembra as bases

antropológicas da astrologia e de outros princípios e pressupostos e conclui que “hoje em dia esquecemo-nos de que o céu é um princípio fundamental de organização antropossocial” (1972, p. 189), ao explicar que uma das bases da astrologia implica a relação entre o “astro e o homem” (1972, p. 187).

Segundo Morin, “A astrologia moderna, em conclusão, não pode ser considerada uma moda superficial ou uma superstição de ignorância” (1972, p. 215).

Fica claro que autores como Paul Feyerabend e Morin olharam o todo astrológico, ou seja, a astrologia como um saber complexo, e não apenas para o horóscopo, sua fresta mais conhecida. Aliás, eles próprios criticam o horóscopo, mas diferenciando essa parte do todo, que entendem ser algo mais complexo. Ou seja, esses diferentes olhares para a astrologia levaram a diferentes percepções e reflexões, sendo claro que as principais críticas foram feitas ao horóscopo, essa forma recortada e resumida da astrologia, uma pequena fresta que reduz toda a complexidade na narrativa astrológica.

Mas essa fresta tem atrativos, especialmente para a mídia, que acaba por usar o horóscopo como um negócio. Fato é que se “pensarmos na vida como uma metáfora da narrativa, vemos no desenrolar do dia a dia do jornal um possível novo capítulo da nossa história” (RAMOS, 2002, p. 24). Nesse novo capítulo está o horóscopo, presente nos principais grandes jornais do país. Segundo Daniela Ramos, “o hábito de ‘passar os olhos’ no horóscopo é tradicional... embora a maioria da população declare não acreditar ‘nessas bobagens’” (2002, p.24). Isso seria explicado, de acordo com Daniela Ramos, pelo fato de o horóscopo ter um “gancho narrativo, a promessa de um desenrolar da nossa vida” (2002, p. 24) e, conforme Cristina Costa, citada por Daniela Ramos, “o gancho é um recurso narrativo valioso porque mobiliza forças profundas do ser ligadas à temporalidade, ao desejo e à angústia do homem diante da vida” (2002, p. 24)

Mas o gancho não é o único elemento identificado na leitura do horóscopo. Um deles, segundo Cristina Costa, é a “constância da leitura diária, que leva à ritualização do hábito, facilitado pelo caráter seriado do Horóscopo” (apud Daniela Ramos, 2002, p. 24). Assim,

por meio dos signos temos as unidades comuns que ligam as séries, e assim os jornais tecem, dia a dia, ano a ano, capítulos do movimento diário dos astros, que seguem seu caminho inevitável

pelas órbitas celestes, contando a história dos homens pela mediação dos astrólogos (RAMOS, 2002, p. 24).

Malena Contrera também ressalta essa “pontuação rítmica que pode ser identificada no rito (que reatualiza o mito)” (2000, p. 31) e, citando Mircea Eliade, lembra que o rito transforma caos em cosmos e que “por um ritual, é-lhe conferida uma ‘forma’ que o torna real” (2002, p. 32). Os textos astrológicos são capazes de criar esses ritos e são uma “forma de organização do espaço a partir do percurso cíclico do Sol” (CONTRERA, 2000, p. 32), o que acontece especialmente no caso do horóscopo, que leva em consideração essa narrativa do Sol pelo zodíaco, trazendo dia após dia um novo capítulo, criando assim um ritmo que leva ao ritual de acompanhar continuamente esse céu que oferece prognósticos e conselhos.

3.4 Jornadas astrológicas

Joseph Campbell, em seu livro *O herói de mil faces*, apresenta a ideia de monomito, um mito comum a todos nós, monomito que remete à jornada do herói vivida por todos os seres humanos. Para ele, a mesma história é contada de diferentes formas, já que o herói é sempre o mesmo, que assume diferentes faces.

Pensando no que o próprio Campbell definiu como a “função pedagógica do mito” (1990), que nos ensina “como viver uma vida humana sob qualquer circunstância” (1990), a jornada do herói nos ajuda a compreender cada etapa da nossa jornada, seja de nossa vida como um todo ou das pequenas e grandes jornadas pelas quais nos aventuramos durante nossa trajetória. Nesse sentido, a jornada do herói pode ser considerada “um modelo arquetípico que pode conter sentido e significado para pessoas reais e contemporâneas” (DEL PICCHIA e BALIEIRO, 2010, p. 22).

Como bem resumem Beatriz Del Picchia e Cristina Balieiro, estudiosas da obra de J. Campbell, “o modelo da jornada do herói é composto de um ponto de partida – que, de certa forma, é também o ponto de chegada – chamado *mundo cotidiano* e de três fases: *ruptura*, *iniciação* e *retorno*” (2010, p. 22). Cada uma dessas fases é composta por algumas etapas, sendo que, dependendo da jornada, algumas delas podem ou não ser vividas. Em outras palavras, todo herói vive as três fases, que podem ser compostas de mais ou menos etapas. As etapas da jornada do herói ou

aventura do herói, como Campbell chama, descritas em seu livro *O herói de mil faces* são a partida, a iniciação e o retorno, cada uma com suas subdivisões.

Para Del Picchia e Balieiro que, além de grandes estudiosas de Campbell também pesquisaram a relação da jornada do herói e a vida de pessoas reais, as etapas podem ser descritas como mundo cotidiano, ou seja, o ponto de partida e contexto de onde o herói parte e para onde retorna, a ruptura, a iniciação e o retorno, sendo cada uma delas subdividida em diversas fases. O retorno inclui o encontro da dádiva com a qual o herói retorna transformado para o mundo cotidiano.

Para as autoras, é importante lembrar, ainda, que “as etapas não acontecem de maneira linear como no mito” (2010, p. 22). Segundo observação delas, na vida das pessoas “algumas dessas etapas acontecem para todas, são inerentes ao caminho: o chamado à aventura, a travessia, a travessia do primeiro limiar, a bliss, o caminho de volta, o ressignificado e a dádiva ao mundo” (2010, p. 23). De acordo com suas observações, “as outras etapas podem ocorrer ou não: a recusa, a travessia de novos limiares, o mestre, o encontro com o mestre, o aprendizado e a situação limite” (2010, p. 23, grifos do autor).

Para Christopher Vogler (2006), que pesquisou a relação entre mídia e mito, a jornada do herói também está dividida em doze estágios: mundo comum, chamado à aventura, recusa do chamado, encontro com o mentor, travessia do primeiro limiar, testes, aliados e inimigos, aproximação da caverna oculta, provação, recompensa caminho de volta, ressurreição e retorno com o elixir.

Joseph Campbell, assim como C. G. Jung, pesquisaram os movimentos e as estruturas circulares, especialmente os círculos e as mandalas, que também têm um conteúdo mítico. Mandala é uma palavra em sânscrito que significa o círculo montado ou desenhado simbolicamente, que adquire um significado de ordem cósmica. Quando alguém faz uma mandala, está tentando coordenar seu círculo pessoal com o universal. Muitas cerimônias e rituais indígenas, por exemplo, acontecem em formas circulares.

A própria jornada ou aventura do herói pode ser descrita de forma circular, considerando que o herói parte do mundo comum para o qual retorna. O mito, aliás, rompe com o tempo linear histórico e inclui os ritos e rituais que, de forma circular, “asseguram a continuidade da vida” (ELIADE, 1969, p. 66).

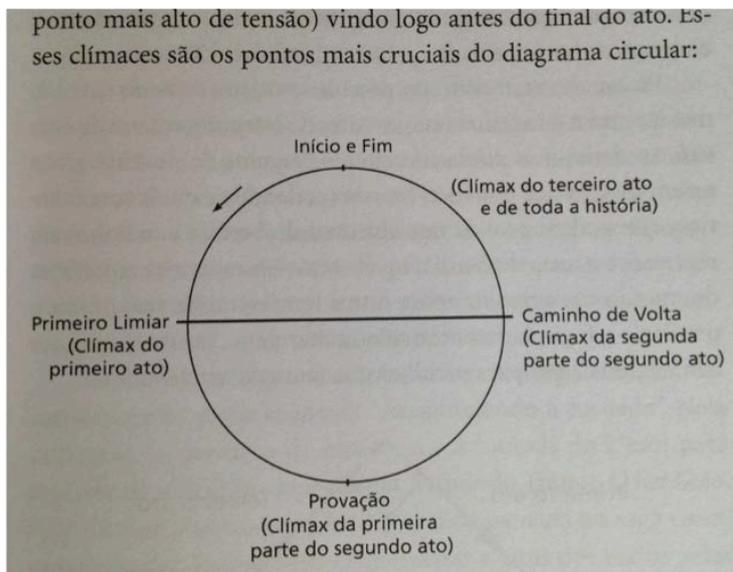


Figura 4 – Modelo de jornada do herói (VOGLER, 2006, p. 31).

Essa concepção cíclica ou circular de mundo está ligada aos movimentos celestes, especialmente aos ciclos do Sol e da Lua. Mircea Eliade nos lembra que as fases da Lua “desempenharam um papel importante na elaboração das concepções cíclicas” (1969, p. 101).

Vilém Flusser cita a “roda do Sol, o círculo do tempo” (2007, p. 69), que “coloca tudo e todas as coisas de volta no lugar que lhes é devido” (2007, p. 69). Flusser ainda ressalta que “os planetas descrevem órbitas circulares, epicíclicas ou elípticas” (2007, p. 69).

Nesse sentido, a base da astrologia está relacionada a esses movimentos circulares e à ideia de ciclos que sempre se repetem. Apesar dos ciclos astrológicos terem diversos referenciais, todos são circulares e cíclicos. Considerando o homem na Terra como observador, a astrologia considera o aparente movimento do Sol, da Lua e dos planetas ao nosso redor. Além disso, tendo como base o local geográfico no qual está o observador, formam-se as doze casas astrológicas, diretamente ligadas ao movimento diário da Terra em seu próprio eixo, que faz com que tenhamos o tempo dividido em dia e noite.

Dessa forma, a jornada do herói pode ser comparada aos diversos ciclos astrológicos existentes e suas narrativas. De acordo com Malena Contrera, que também pesquisou a presença do mito e da astrologia na mídia, a jornada do herói “em tudo é análoga ao Ciclo da Semente do Zodíaco (e ao mostrador das Casas

Astrológicas)... em um percurso que se constrói a partir da relação homem/céu” (2000, p. 34).

Como define Amanda Costa:

O círculo astrológico representa a unidade entre a diversidade de energias na totalidade do universo, sintetiza a relação indissociável entre o macrocosmo e o microcosmo. O zodíaco, etimologicamente “roda da vida”, configura o ciclo da vida, sendo cada signo uma etapa sucessiva do processo evolutivo através do tempo. Ali estão contextualizadas todas as fases da existência, não só do processo de crescimento do ser humano (no nível físico, mental, emocional, espiritual), dos animais e da natureza, mas também de toda a evolução cósmica, da Terra, dos ciclos históricos e da criação de qualquer objeto ou evento. (2011, p. 74).

Uma das principais jornadas astrológicas ocorre a partir da narrativa do Sol e dos demais astros pelo zodíaco, uma faixa aparente que circunda a Terra, por onde temos a impressão de assistir ao movimento do Sol, da Lua e de todos os planetas. Essa faixa é dividida em doze partes iguais, conhecidas como os doze signos.

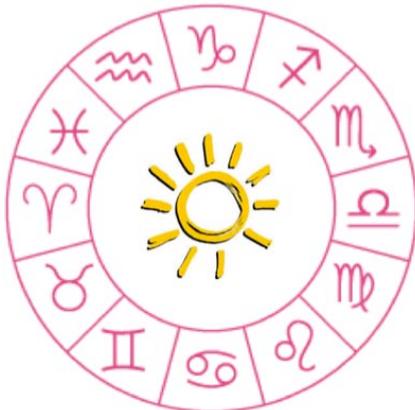


Figura 5 – Os signos do zodíaco.

Os doze signos, conforme já citado, estão intimamente ligados às quatro estações do ano, cada uma delas subdividida em três partes iguais, o início, o auge da estação e a transição para a próxima. Como já visto, para a astrologia, cada estação do ano tem início com um signo cardinal, tem seu ápice em um signo fixo e sua transição para a próxima em um signo mutável. Esse ciclo também tem relação com a agricultura e os ciclos de plantio. De acordo com Malena Contrera, esse percurso do Sol pelo zodíaco “tem suas origens em narrativas míticas de sociedades arcaicas

predominantemente agrícolas, que relacionam o percurso do Sol pelo fundo projetivo do céu ao ciclo da plantação, seus mitos e ritos” (2000, p. 34).

Outra jornada astrológica importante é a das doze casas astrológicas que, em um mapa astral, representam áreas e assuntos, mas também falam da nossa própria jornada e experiência de vida. Por exemplo, a primeira casa, que se inicia com o chamado ascendente, está relacionado ao nascimento do dono do mapa, inclusive apresentando as condições do parto. Narrando a vida de alguém a partir das casas astrológicas, podemos imaginar a jornada de toda uma vida, incluindo todas as fases e desafios.

Se a narrativa do Sol pelo zodíaco tem a ver com o movimento da Terra em torno do Sol, responsável pelas estações do ano, a narrativa pelas casas astrológicas tem a ver com o movimento da Terra em torno de si mesma, responsável pelo dia e pela noite. Astrologicamente, ambos os sistemas são usados concomitantemente, sendo que ambos, aparentemente, são movimentos opostos, já que o trânsito do Sol, da Lua e dos planetas pelo zodíaco ocorre no sentido anti-horário, enquanto o movimento do Sol, da Lua e dos planetas pelas casas ocorre no sentido horário.

Um aspecto levantado por Contrera em seu livro *O mito na mídia* é a relação entre a Saga do Herói Astrológico, abordando as casas astrológicas. Segundo a autora,

as casas astrológicas se propõem a representar um percurso típico do desenvolvimento do ego (herói), estabelecendo fronteiras para a definição de uma identidade, num percurso que conta uma história bastante arquetípica, presente sobretudo em sua própria estrutura narrativa. (2000, p. 87).

Ao tratar das doze casas, Contrera compara sua estrutura narrativa aos conceitos de monomito, apresentado por Joseph Campbell, às estruturas apresentadas por Vladimir Propp sobre os contos maravilhosos (2000, p. 87). Cada uma das doze casas está associada a um dos doze signos, tendo alguns significados análogos. Portanto, o “herói (ego) nascente encontra no Ascendente seu batismo de identidade” (CONTRERA, 2000, p. 96), lida com seus valores pessoais na casa 2, conhece seu ambiente próximo na casa 3 e, na casa 4, encontra suas raízes familiares e sua estrutura emocional. Um dos grandes desafios do herói é sair da casa 4, seu mundo comum e confortável, para desenvolver seu próprio ego e individualidade na casa 5. Na casa 6, o herói precisa aprender a lidar com os desafios do cotidiano, trabalhar e cuidar de si mesmo, para, então, poder se relacionar com os outros, na casa 7. Quando

o herói se relaciona, sendo a casa 7 a casa dos parceiros e também dos inimigos, aprende a lidar com os valores do outro e ganha intimidade com seus companheiros, assuntos estes da casa 8, que também representa as grandes perdas e os ganhos, as mortes e os processos de mudança. Na casa 9 o herói aprende a expandir suas fronteiras e ir além de seus horizontes. Cria sua filosofia de vida a partir de tudo que já viveu. Na casa 10 o herói tem o desafio de assumir seu papel social e desenvolver uma carreira, encontrando sua vocação e destino. Na casa 11 o herói encontra seu grupo e compartilha suas ideias. É a casa que fala dos grupos a que pertencemos e das comunidades das quais fazemos parte. Na casa 12 podemos dissolver nossa identidade individual e, nesse caso, encerramos o ciclo em uma “grande re-união do indivíduo com o Cosmos” (2000, p. 96).

Segundo Contrera, a partir deste momento, “o ciclo recomeça com um novo nascimento, o nascimento de um outro herói (ou o mesmo transformado?) ou de um novo dia após esse ciclo de 24 horas” (2000, p. 96).

Essa narrativa pelas doze casas também pode representar fases e idades específicas da vida ou, ainda, pode ser comparada mais objetivamente com a própria jornada do herói descrita por Joseph Campbell. Este ciclo astrológico também é descrito pelos horóscopos, apesar disso acontecer em sua forma mais simplificada. O horóscopo é baseado na trajetória celeste do Sol e da Lua, os grandes heróis do zodíaco e arquétipos tão antigos presentes no imaginário humano. Conforme transitam por determinado signo e fazem aspectos com outros planetas, o astrólogo, tradutor desse céu, oferece informações objetivas sobre o que isso pode refletir na vida das pessoas. Como o Sol, a Lua e os demais planetas não interrompem jamais seu movimento, sempre prometem novas mudanças adiante, que, pelo ritual criado pela leitura do horóscopo, é oferecido constantemente a seu público.

Vale ressaltar que o horóscopo considera o Sol e a Lua de formas diferentes. Tem o Sol como referência, já que se direciona aos doze signos, determinados pelo ciclo solar. Porém, em geral é feito com base nos movimentos lunares, mais rápidos que os do Sol e que se relacionam diretamente com as emoções humanas, assim como influencia todas as águas do nosso planeta. De certa forma, o horóscopo leva em consideração a relação da Lua daquele período com cada signo solar. Tanto que muitos dos horóscopos descrevem sensações ou percepções e oferecem conselhos sobre como lidar com determinadas situações ou tensões. O apelo, de certa forma, é emocional, mais uma referência à Lua, tão presente em nosso imaginário e

inconsciente. Ou seja, o horóscopo, em geral, assume um papel de conselheiro, muitas vezes com apelo emocional, sendo que muitas vezes os astrólogos citam a própria Lua ao escrever suas previsões. Na verdade, todos os planetas costumam ser mencionados, já que cada signo é regido por um ou dois deles, o que faz com que o astrólogo conte a seu leitor quando há alguma mudança que influencie seu signo. Especialmente no caso do horóscopo diário, a Lua desempenha papel fundamental, já que é ela o astro que se move mais rapidamente e, portanto, é responsável pelas mudanças principais no dia a dia, que não costumam ser tão relevantes, uma vez que outros astros influenciam mais profundamente, mas dão o tom de nossa rotina e dos pequenos acontecimentos e sentimentos que vivemos diariamente. Ou seja, o ciclo da Lua, assim como o do Sol, mais uma vez presente nas narrativas diárias de nossa vida.

E por aconselhar, orientar e, de certa forma, contar uma história sobre a vida do leitor, a leitura do horóscopo cria um hábito e, ao descrever a jornada astrológica, também aponta caminhos para lidar com os desafios encontrados pela frente. É uma referência à jornada do herói, ainda que simplificada, que indica a renovação diária da vida e a continuidade da nossa própria jornada.

Outrossim, ao acompanhar diariamente o horóscopo, cria-se um ritual que se confunde à nossa própria jornada humana, dos dias que se repetem, renovando diariamente nossas esperanças ao perceber que, apesar dos ciclos sempre se repetirem, esses sempre podem trazer mudanças.

Mesmo aqueles que dizem “não acreditar no horóscopo”, muitas vezes afirmam ser melhor “seguir aqueles conselhos”, apenas para “garantir”¹⁷. Isso também acontece porque, desde tempos antigos, os ciclos da Lua nos acompanham também como uma referência à ideia de vida e morte. E também por ser a Lua, astrológicamente, a referência do mundo emocional. Mas, o que mais merece destaque nesse sentido, é a repetição, não apenas pelo fato de os ciclos astrológicos serem, até certo ponto, repetidos, mas também a repetição criada pelo hábito, ou ritual de leitura diária sobre o seu futuro.

Essa prática de repetição é comum e, de acordo com Contrera, “evoca o procedimento mítico da constante referência à questão da Origem-Ponto de Partida, que é exatamente a mesma questão que toda a mítica astrológica parece ter como principal” (2000, p. 43). A autora tratou da leitura do jornal como um hábito matinal,

¹⁷ Entrevistas realizadas com leitores de horóscopo para pesquisa realizada em 2011, para a monografia de conclusão do curso de pós graduação *latu sensu* em jornalismo.

um ritual. Em seu livro *O mito na mídia*, abordou essa “dimensão verdadeiramente ritual que esse hábito adquire” (CONTRERA, 2000, p. 52). A partir daí, e definindo ritual como “um acontecimento que estabelece um ritmo sincronizado e que se instaura por meio de uma repetição que tem por função pontuar, estabelecer um ritmo, garantindo a eficácia dessa pontuação, usando procedimentos que nos remetem à dimensão arquetípica da cultura”, Contrera fala desse “sentido ritual, implícito na leitura matinal do jornal”, que “se dá por um processo de re-atualização do mundo que também reinventa esse mundo, atribuindo-lhe um caráter mítico” (2000, p. 52).

Até porque “o horóscopo diz mais o amanhã que o futuro e, com isso, mantem-se no *continuum* do presente” (FISCHLER, 1972, p. 51), o que reforça esse ritual, essa necessidade de acompanhar dia após dia uma novela da vida real.

Apesar de o horóscopo ter sido popularizado inicialmente pelas revistas, os jornais foram os responsáveis por torná-los diários, criando, assim, o ritual da leitura diária para saber seu signo e futuro. Por isso, ainda que outros horóscopos possam ser até mais completos, é o horóscopo diário que mantém “vivo” esse hábito.

Se o jornal pauta o nascimento do dia, “valendo-se de conteúdo arquetípicos tão arcaicos e fundantes como o do Sol” (CONTRERA, 2000, p. 60), o horóscopo pauta a continuidade da vida, trazendo para nossa vida cotidiana os ciclos celestes, especialmente do Sol e de Lua, que nunca cessam. É também o que Mircea Eliade chamou de Mito do Eterno Retorno. Sol e Lua e seus ciclos infinitos sempre foram uma alusão à roda da vida e dos mitos de morte e renascimento.

O Sol torna-se assim o protótipo do “morto que ressuscita a cada manhã”. Todo um conjunto de crenças em ligação com a iniciação e a soberania deriva dessa valorização do Sol em deus (herói) que, sem conhecer a morte (como a conhecia, por exemplo, a Lua), atravessa cada noite o império da morte e reaparece no dia seguinte, ele próprio eterno, eternamente igual a si mesmo (ELIADE apud CONTRERA, 2000, p. 61).

No caso do horóscopo, é para o Sol que ele se direciona, levando a certeza ao nativo de cada signo solar da continuidade da vida, da certeza de que todos os dias o Sol renasce e com ele as esperanças de uma vida que sempre se renova. Mas foi a Lua a primeira medida do tempo (DURAND, 2012, p. 285), bem como o ciclo da Lua o primeiro a se relacionar com a ideia de morte e renascimento.

A Antiguidade e a universalidade das crenças relativas à Lua provam-nos que, para um primitivo, a regeneração do tempo se processa continuamente, no intervalo que constitui o ano. A Lua é o primeiro morto e também o primeiro morto que ressuscita... As fases da Lua – aparecimento, crescimento, decréscimo, desaparecimento seguida de reaparição ao fim de três noites de trevas – desempenharam um papel importante na elaboração das concepções cíclicas. (ELIADE, 1969, p. 101).

Como já foi descrito, ao escrever um horóscopo, o astrólogo leva em consideração especialmente os movimentos lunares, que trazem essa constante renovação e repetição ritual, com seu movimento rápido e sempre previsível.

Esse ritual conhecido desde a Antiguidade pelos observadores do céu está intrinsecamente incorporado ao homem, que, ao ler um horóscopo, se conecta imediatamente com essa eterna repetição que ocorre constantemente em sua jornada heroica diária.

Assim, segundo Malena Contrera, esse “tempo ritual que se cria no texto da mídia é, de certa maneira, uma periodicidade criada para superar o pânico humano frente ao fim biológico, por meio de uma rítmica temporal que re-ordena por meio de marcos fronteiros dos ‘pequenos fins nossos de cada dia’” (2000, p. 60).

Segundo Mircea Eliade, “os mitos de vários povos aludem a uma época longínqua, em que os homens não conheciam nem a morte, nem o trabalho, nem o sofrimento, e tinham todos os recursos ao seu alcance” (1969, p. 105). De acordo com Eliade, “um pecado ritual interrompeu a comunicação entre o Céu e a Terra, e os Deuses retiraram-se para céus mais elevados. Desde então, os homens têm de trabalhar para comer e já não são mais imortais” (1969, p. 106). Assim, para o autor, “é mais provável que o desejo que o homem das sociedades tradicionais tem de recusar a ‘história’ e de se confirmar a uma imitação constante dos arquétipos revele a sua sede do real e o seu pavor de se ‘perder’ ao deixar-se invadir pela insignificância da existência profana” (1969, p. 106).

Gilbert Durand reforça que “os cânones mitológicos de todas as civilizações repousam na possibilidade de repetir o tempo” (2012, p. 283) e cita uma máxima do *Taittirîya Brâhmana* que diz: “Assim fizeram os deuses, assim fazem os homens”, ideia essa que também nos remete ao “assim na Terra como no Céu”, trazendo essa repetição celeste para a vida cotidiana.

O próprio calendário repete essa estrutura cíclica. Assim, no caso do horóscopo, cria-se um ritmo que traz a renovação diária com novas promessas e

possibilidades que indicam um futuro sempre possível, em uma constante referência à jornada do herói e ao mito do eterno retorno, conectando o homem constantemente com o céu que continua nos guiando, cujos ciclos estão permanentemente acontecendo, pois o Sol segue sua viagem anual pelo zodíaco, enquanto a Lua repete mensal e eternamente seus ciclos.

Portanto, se o “jornal matinal sinaliza a continuidade do mundo” (CONTRERA, 2000, p. 65), o horóscopo anuncia novas possibilidades diariamente, gerando esse rito, ou ritual, que, como uma referência ao mito, renova constantemente a vida, atraindo a leitura do público, inclusive de quem não gosta ou não conhece astrologia.

Além de ritual, o horóscopo é também entretenimento. Prova disso é que “está sempre localizado ao lado dos quadrinhos, das palavras cruzadas e da coluna social” (RAMOS, 2000, p. 25). Para Daniela Ramos, é “uma leitura rápida, de aproximadamente trinta segundos, que mais diverte do que revolta os que não simpatizam com o assunto” (2000, p. 25).

Os próprios astrólogos costumam ver os horóscopos como entretenimento e não como astrologia em si e os consideram uma forma de marketing, um jeito de estar presente na mídia e, com isso, ter seu nome popularizado, em busca de mais clientes. Por sinal, muitos astrólogos não gostam ou até se recusam a elaborar horóscopos, por entenderem que isso reduz completamente a astrologia. E, quem faz horóscopo, em geral, é apenas para divulgar seu trabalho e a própria astrologia, já que a leitura do horóscopo é justamente a porta de entrada para que muitas pessoas conheçam o saber astrológico, uma vez que a curiosidade por saber mais sobre seu signo pode levar muita gente a querer conhecer mais o assunto.

De fato, parece não haver grande comprometimento de quem escreve, os textos em geral são curtos, em linguagem bastante informal, parecem bem localizados em entretenimento, onde “os outros assuntos”, ou seja, tudo o que não é notícia nem ciência, está localizado. Por outro lado, muitos astrólogos, por mais seriedade que tenham, mesmo que usem técnicas para escrever seus horóscopos, em geral fazem isso como um entretenimento, sem a pretensão de transmitir um conteúdo astrológico profundo, sem intenção de compartilhar conhecimento ou explicar o que é a astrologia. Geralmente escrevem horóscopo como forma de divulgação de seu trabalho, já que isso atrai público e ter seu nome vinculado à mídia, em geral, para os leigos, é sinônimo de credibilidade e talento. E, como o horóscopo é a principal

demanda astrológica na mídia, muitos astrólogos optam por esse caminho como forma de ficar mais conhecidos e ter mais clientes. Ou seja, é também uma forma de marketing, normalmente, gratuita, o que não gera grande compromisso, até por saberem das críticas recebidas e do preconceito que gera. Muitos astrólogos, inclusive, entendem que horóscopo não é bem astrologia, ou uma parte tão pequena que é mesmo uma forma de entretenimento e marketing, e não uma forma de compartilhamento de informação ou conhecimento.

Mesmo assim, o horóscopo também é um caminho para que outros conteúdos sejam divulgados, já que muitos veículos permitem que o astrólogo publique textos mais profundos e complexos, desde que ofereça também o horóscopo que, no fundo, é o grande chamariz para o público.

No meu site www.titividal.com.br, por exemplo, as páginas de horóscopo (semanal, mensal e anual) são as mais acessadas. E isso é relatado por todos os astrólogos, cujo horóscopo é muito mais lido do que os textos maiores e mais complexos, com conteúdos astrológicos mais específicos.

3.5 Linguagem e conteúdo dos horóscopos

Nota-se que a linguagem dos horóscopos em geral é simples e objetiva. Em geral são conselhos genéricos em poucos caracteres. Nesse espaço, em geral, é apresentado um panorama astrológico do momento, ou seja, quais influências astrais daquele período e o que podemos ou devemos fazer diante daquilo.

Tal qual a previsão meteorológica, o horóscopo com suas previsões astrológicas traça um panorama sobre o clima astral daquele momento, fornecendo dicas e aconselhamentos para lidar com as adversidades e/ou para aproveitar melhor os aspectos e assuntos favoráveis. Mas tudo muito genérico e superficial.

Como já foi apresentado, o horóscopo leva em consideração apenas o signo solar e, portanto, divide o ser humano em apenas doze categorias, anunciando o prognóstico de forma que cada um precise se encaixar em seu grupo. No próprio panorama astrológico, o horóscopo reduz a complexidade das previsões astrológicas personalizadas que podem ser feitas com a elaboração de um mapa astral, capaz de prever e aconselhar com precisão por curtos ou longos períodos.

Os horóscopos anuais em geral levam em consideração aspectos mais importantes do momento. Até mesmo os mensais podem considerar ciclos maiores e

trânsitos planetários mais relevantes, capazes de influenciar mais profundamente a vida humana. Ainda assim, ao reduzir em doze únicas categorias toda a humanidade e toda complexidade da vida em poucos assuntos, o horóscopo é genérico. Já as previsões semanais e sobretudo as diárias, consideram aspectos muito mais simples, como o ciclo da Lua, por exemplo, que muda rapidamente.

Vale a pena observar distintos horóscopos para o mesmo signo, no mesmo dia, escritos por astrólogos diferentes:

Horóscopo diário – 12/2/2015 – UOL – www.uol.com.br

Astrólogo: Marcelo Dalla

Signo de Câncer

O período de limpeza, fechamento, conclusões e desintoxicação continua. Com a Lua em Escorpião pela manhã, emoções entram em pauta para que sejam liberadas. É importante lavar a alma, perdoar, livrar-se de culpas e pesos do passado. Já, na parte da tarde, a Lua ingressa no expansivo Sagitário e sorri para Mercúrio, indicando que a comunicação está facilitada.

Horóscopo diário – 12/02/2015 – Portal Terra – www.terra.com.br

Astrólogo: não informado

Signo de Câncer

A retomada do movimento direto de Mercúrio em Aquário vai movimentar suas finanças e negócios firmados com sócios e parceiros. Um acordo de negócio que envolve uma grande soma de dinheiro pode entrar em jogo nos próximos dias. O equilíbrio emocional é retomado.

Horóscopo diário – 12/2/2015 – jornal *Folha de S. Paulo*

Astróloga: Bárbara Abramo

Signo de Câncer

A Lua em Escorpião aponta o caminho da alegria, da fertilidade, do amor incondicional aos filhos e uma borbulhante criatividade. As razões ninguém sabe. É seu instinto de sobrevivência que orientará suas decisões nestes dias.

Horóscopo diário – 12/2/2015 – site Estrela Guia – www.estrelaguia.com.br

Astrólogo: não informado

Signo de Câncer

O momento é especial para retomar assuntos que façam você mais feliz no cotidiano, mas que estavam de lado em função de obrigações.

Podemos notar que cada astrólogo enfoca determinado aspecto ou assunto, já que são inúmeras as possibilidades e cada um define seu foco. O formato costuma ser muito parecido. A linguagem é simples, de fácil leitura. O texto é genérico, para que, de alguma maneira e em algum nível, faça sentido para o maior número de pessoas

possível. O tom é de aconselhamento. Todos dão o tom do dia para o signo e orientam sobre o que fazer de positivo naquele dia.

Como em geral é oferecido pouco espaço para o horóscopo, a previsão é genérica e aborda a vida como um todo. Muitas vezes, para cada signo o astrólogo fala sobre um assunto diferente, de acordo com o foco astrológico. Por exemplo, para áries aconselha aproveitar oportunidades profissionais, ao passo que para gêmeos sugere que viva mais intensamente sua vida afetiva e, para capricórnio, que converse com os amigos, de acordo com as configurações astrológicas de cada um deles.

Algumas revistas e sites oferecem um espaço um pouco maior, permitindo que o horóscopo se divida em áreas da vida da pessoa. As áreas mais abordadas costumam ser *amor, trabalho, saúde e dinheiro*. Nesses casos, o horóscopo em geral apresenta uma primeira parte geral falando do clima astrológico para aquela fase, seguida das previsões para cada uma dessas áreas. Um exemplo é o horóscopo para o ano de 2015 do *Anuário Holístico do Guia do Buscador*.¹⁸

Horóscopo anual – Anuário Holístico do Guia do Buscador

Libra:

Você em 2015:

2015 promete mais intensidade e mudanças significativas. Você está mais inspirado e deve confiar mais na sua intuição, inclusive para resolver as coisas do dia a dia. É um bom ano para incluir novas coisas em sua vida e rotina, especialmente coisas prazerosas e artísticas. Ano de vida social intensa e de muito movimento. Você pode se sentir mais aberto e otimista com relação a tudo. Deixe as coisas fluírem.

Amor e relacionamentos:

É um ano intenso na parte afetiva, que pode indicar um novo período em uma relação já existente ou um novo relacionamento que começa. Mas você também vai precisar de momentos de liberdade e autonomia e mesmo isso pode refletir positivamente em suas relações. Vida sexual também ganha muito mais intensidade e entrega. Vale a pena conversar sobre a relação, para que possam criar ainda mais intimidade.

Trabalho e dinheiro:

Você precisa usar mais sua intuição e inspiração nos assuntos de trabalho. É um ano de crescimento, mas isso também depende das suas atitudes. É importante ter autonomia e agir sem se preocupar tanto com o que os outros vão pensar. Você tende a fazer bons contatos e parcerias e se tiver que lidar com gente, o

¹⁸ O *Anuário Holístico do Guia do Buscador* 2015 foi publicado somente na *web*, disponibilizado para download em pdf.

ano promete bons frutos nesse sentido. Financeiramente pode haver oscilação, por isso organize-se!

Saúde:

Você pode somatizar mais, perdendo energia a toa se ficar preocupado ou agitado demais. Vale a pena meditar e encontrar tratamentos preventivos e alternativos que possam manter seu bem estar. O contato com a natureza, com animais de estimação e com a arte também são aliados interessantes para manutenção de uma vida saudável. Vida espiritual também pode ajudar. Maior risco de intoxicação e de alergias.

De qualquer forma, ainda que o horóscopo aborde áreas específicas para cada signo, continua com sua linguagem simples, em poucos caracteres e bastante genérico, para que possa abranger seu público, dialogando com diversas pessoas ao mesmo tempo.

CAPÍTULO 4 PRESENÇA DA ASTROLOGIA NA MÍDIA

*Para mim, é como se a Astrologia fosse um jogo mágico
que vira realidade na literatura. – Caio Fernando Abreu¹⁹*

Como já abordado nos capítulos anteriores, a Astrologia, especialmente na forma de horóscopos, está presente nas diversas mídias. Os principais jornais têm colunas de horóscopo, assim como os portais e muitas das revistas em circulação. Na televisão e no rádio também encontramos Astrologia, apesar disso acontecer em menor quantidade e de uma maneira diferente, conforme será analisado adiante.

Apesar das diferenças, a Astrologia presente nas diversas mídias é muito parecida. Ou seja, o conteúdo não se diferencia muito, o que muda é a plataforma. Isso é especialmente verdadeiro quando comparamos jornal, rádio, televisão e os portais na internet, que basicamente veiculam a Astrologia na forma de horóscopo, como uma linguagem muito parecida.

Por exemplo, o horóscopo para o signo de gêmeos para o dia 3/11/2014, no Portal Terra, escrito por Eunice Ferrari:

Seu regente Mercúrio continua pressionado por Urano, deixando você mais nervoso e ansioso e voltado para os divertimentos e as amizades. As oportunidades em projetos de trabalho continuam surgindo uma atrás da outra. Mundo emocional em ebulição.

O horóscopo para o mesmo signo, no mesmo dia, no Jornal *Folha de S. Paulo*, escrito por Bárbara Abramo:

Hoje é dia de reforçar seus canais de percepção, para não ficar somente no plano das ideias! Ajuste fino entre mente e sentimento é que permitirá a você se relacionar bem com todos. Atenção ainda a detalhes burocráticos. Cuidados com a saúde e esmero no trabalho!

Pode-se notar que, apesar de cada astrólogo focar um assunto ou conteúdo específico, os formatos são muito parecidos. Ou seja, a diferença existe porque os assuntos possíveis são diversos e cada astrólogo precisa escolher sobre o que falar em tão poucas linhas. Porém, o formato e a maneira como escrevem é muito semelhante. Se mais de um astrólogo decidir escrever sobre o mesmo assunto para aquele dia, por

¹⁹ Apud DIP (2009, p. 248).

exemplo, sobre amor, o enfoque será parecido, assim como o possível conselho a ser dado.

Nas revistas, apesar das publicações astrológicas serem predominantemente horóscopos, às vezes são produzidas matérias sobre outros assuntos astrológicos, mas raramente algo profundo. Já a internet, por sua própria natureza, apesar de repetir o que acontece nas demais mídias, especialmente nos principais portais, inclui outros conteúdos astrológicos em suas publicações. Nesse caso os próprios portais incluem pautas eventuais com conteúdos astrológicos e há, ainda, os sites específicos sobre o assunto, que permitem outras narrativas astrológicas, como veremos adiante.

Mas, de qualquer forma, apenas revista e internet permitem essa presença de uma Astrologia além dos horóscopos com mais frequência. Mesmo assim, nas revistas ou nos portais raramente encontramos algum texto astrológico mais técnico ou complexo. Muitas dessas pautas incluem coisas como “a cor de cada signo”, “como conquistar o homem de cada signo”, “qual signo combina com o outro” e outras coisas desse tipo. Apenas nas publicações especializadas encontramos conteúdos diversos, mais profundos e com menos cara de autoajuda.

Por não haver diferenças consideráveis entre essas diferentes mídias, escolhi apenas duas para uma análise mais profunda. Sobre as demais, apenas apresentarei alguns pontos. As mídias escolhidas foram a televisão e a internet.

A televisão foi escolhida por algumas razões, entre as quais o fato de ser uma das representantes das mídias mais tradicionais, que, em termos de publicações astrológicas, prioriza os horóscopos, e também pela minha experiência pessoal, participando semanalmente do programa *Mulheres*, na TV Gazeta desde o fim de 2013.

A internet foi escolhida pela possibilidade de representar uma mudança e expandir as possibilidades astrológicas em termos de narrativas e publicações. Além disso, também por conta da minha experiência pessoal, já que atuo há muitos anos escrevendo para sites, blogues e usando as redes sociais para a divulgação da Astrologia.²⁰

²⁰ Também colaboro com jornais e revistas, mas essencialmente na forma de horóscopos e com menos frequência e intensidade do que minha atuação em televisão e principalmente na internet. Com relação ao jornal, escrevo para *O Legado*, considerado um jornal esotérico, colaborando com artigos mensais e horóscopo. Para revistas, atualmente tenho uma coluna de

4.1 A Astrologia em jornais e revistas

Desde o início da publicação dos horóscopos a Astrologia está presente nos jornais, também os responsáveis por tornar diário o que já acontecia mensalmente nas revistas. Em outras palavras, os jornais também ajudaram a popularizar a Astrologia, fornecendo no dia a dia previsões astrológicas para os doze signos, criando uma rotina para que os leitores mantivessem seu interesse diário em saber o que os astros reservavam para cada dia.

Apenas para citar alguns exemplos, jornais como *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, entre tantos outros, publicam o horóscopo diário até hoje, sem grandes alterações, e sem mudanças relevantes desde que surgiram em termos de conteúdo. A grande diferença é o fato de que hoje em dia os jornais contam com astrólogos assinando as colunas astrológicas, o que nem sempre acontecia antes, quando muitas vezes jornalistas ou qualquer outra pessoa escrevia o texto do horóscopo. A coluna de horóscopo, em geral, tem uma breve introdução sobre o céu astrológico do dia, em poucos caracteres. A seguir, um texto curto, em poucas linhas, falando sobre as previsões astrológicas para cada um dos doze signos. Desde que começou, o formato do horóscopo sempre foi muito parecido com o que é até hoje. Especialmente nos jornais, conforme pode ser observado comparando-se um exemplar do jornal *Folha de S. Paulo de 1968* (Anexo 4) com um atual (Anexo 5).

Jornal *Folha de S. Paulo*

Horóscopo 13/6/1969

Carneiro

Amor: precisa prestar mais atenção naquilo que faz. O amor está morrendo.

Vida: Uma fase muito positiva para os negócios e a saúde.

Prestígio.

Fluxos: Envolvimento favorável a realização dos seus íntimos desejos.

Futuro: Todo o nativo do segundo decanato tem muitas oportunidades hoje.

Jornal *Folha de S. Paulo*

Horóscopo 12/01/2015

Bárbara Abramo

horóscopo na revista *Expressão*, mas eventualmente colaboro com pautas de outras revistas, como entrevistada ou colaboradora.

Áries

Semana começa um tantinho turbulenta no campo emocional e familiar. Ainda bem que tudo está ótimo no campo profissional! Negócios de grupo, ou com muitas pessoas envolvidas tem sucesso. Dinamismo, Vênus em Aquário reforça amizades desinteressadas.

Nos jornais, além dos horóscopos, pouca coisa diferente foi feita até hoje. Aliás, parece que atualmente é até raro encontrar uma matéria sobre o tema. No geral, as poucas matérias sobre o assunto costumam ser críticas a respeito, muitas vezes atacando o próprio horóscopo, nos termos já abordados neste trabalho. Além dos horóscopos, as demais críticas à Astrologia giram em torno de poucos assuntos, entre os quais a diferença entre signos e constelações e outras questões técnicas que em geral confundem Astrologia e Astronomia.

Porém, analisando o arquivo do jornal *Folha de S. Paulo*, desde os anos 1960 até 2011, podem ser encontrados diversos artigos sobre o tema Astrologia. Nota-se, pelos arquivos, que até o fim dos anos 1990 a Astrologia teve mais espaço e muitas matérias foram feitas a respeito. Isso inclui artigos de diversas naturezas e de distintos autores.

Podem ser encontrados artigos publicados em diferentes seções, cadernos e suplementos do jornal, entre os quais *Folhinha*, *Revista da Folha*, *Mais!*, *Cotidiano* e *Ilustrada*, entre outros. Também encontram-se textos assinados por diferentes autores, entre eles Renato Janine Ribeiro, Fernando Gabeira, Marcelo Gleiser, Peter Burke, entre eles alguns jornalistas, astrólogos, cientistas e outros. Ressalte-se que são textos de diversas naturezas e conteúdos, mas sempre acerca da Astrologia.

São artigos escritos por jornalistas, intelectuais, pesquisadores e astrólogos, entre outros. Além disso, muitos desses textos eram longos, ocupando uma ou mais páginas no jornal. Por exemplo, de Marcelo Gleiser foram publicados textos como *Profissão: astrólogo?*, de 28/7/2002 e *O debate sobre Astrologia e ciência*, de 22/9/2002, ambos para o caderno *Mais!*. No primeiro, ele discute um projeto de lei que visava regulamentar a profissão de astrólogo. Tal projeto, entre outras coisas, pretendia incluir o ensino de Astrologia nas universidades. Foi um longo artigo, no qual Gleiser criticou essa possibilidade, apresentando argumentos contrários. No segundo artigo, o tema é basicamente o mesmo, mas ele aprofunda a discussão sobre Astrologia ser ou não ciência.

De Renato Janine Ribeiro podem ser encontrados alguns artigos, entre os quais *Como a astrologia se tornou junguiana*, publicado em 17/11/1996 em *Mais! E Estatísticas da via Ápia*, publicado em 10/11/2001 no *Caderno Especial*. No primeiro artigo, por exemplo, Janine aborda a Astrologia e outras mânticas que ele define como “artes divinatórias” e as mudanças que sofreram no século passado. Foi um artigo bem longo, no qual Janine discorre acerca da mudança de tratamento que receberam ao longo do tempo, até que Carl Gustav Jung e sua teoria de sincronicidade ganharam mais espaço. No caso específico da Astrologia, Janine entende que teria se tornado psicologizada, ou o que teria se transformado no que ele chama de “astrologia junguiana”. Para Janine, a Astrologia é uma “mântica de elite”, que teve progresso nas últimas décadas e passou a se destacar ainda mais. No segundo artigo citado, Janine traça uma relação da Astrologia com a psicologia e a mitologia, discorrendo também sobre sua linguagem e tratando especialmente da Astrologia junguiana.

Vale a pena ressaltar que o *Caderno Mais!* foi considerado referência em termos de jornalismo cultural, e ficou em circulação durante dezoito anos. O *Caderno Mais!*, lançado em 1992, deixou de ser publicado em maio de 2010, dando espaço para a *Ilustríssima*, publicada até hoje.

Dentre os textos, podem ser encontradas críticas como as feitas no artigo *Astrologia não resiste à estatística* e *Alguns argumentos contra Astrologia e Astrologia não funciona nem com cachorro*, de Ricardo Bonalume Neto, publicadas, respectivamente, em 29/3/1998, 18/7/1999 e 20/8/2000, todas na *Revista da Folha*. Em seus artigos, Bonalume Neto lança perguntas e argumentos que contestam o funcionamento da Astrologia, criticando também quem acredita em mapa astral ou horóscopo de jornal.

Também podem ser encontrados textos assinados por astrólogos, como *Astros dão dicas de como você é*, escrito por Cláudia Hollander, publicado na *Folhinha* em 30/12/1994, que em poucas linhas e de forma simples apresenta a Astrologia para as crianças. *Sobre Astrologia*, de Vera Facciolo, publicado em 7/1/2001 em *Mais!*, na verdade uma série de artigos com esse nome, com respostas e perguntas como “por que ela desperta tanto interesse?” e “se a astrologia atual poderia ser comparada a uma técnica de autoajuda”. *Mais pluralidade e menos totalitarismo*, publicado em 17/2/2002 na *Revista da Folha* e assinado pelo astrólogo Maurício Bernis, no qual o astrólogo responde ao artigo *Mapa astral já é requisito para emprego*, de 3/2/2002 de Ricardo Bonalume Neto criticando a Astrologia. Bernis, nesse artigo, apresenta

argumentos válidos sobre o funcionamento da Astrologia. Além desses, vários outros artigos assinados por astrólogos foram publicados.

Há outros textos nos quais os astrólogos têm espaço para debater questões acerca de suas práticas profissionais, como é o caso da matéria *Especialistas criticam os serviços on-line*, publicada em 9/5/2001 na editoria de *Informática*, no qual astrólogos abordam os serviços de Astrologia na internet e também os programas de Astrologia usados para cálculo de mapas astrológicos. É o mesmo caso da matéria *Softs facilitam aprendizado*, publicada na mesma data, em 2001 no caderno *Informática*, apresentando programas brasileiros capazes de fazer os cálculos astrológicos e os benefícios para quem deseja aprender Astrologia. A matéria *Astrologia entra na era da informática*, publicada no jornal *Folha de S. Paulo* em 7/8/1990, trata do aumento do número de astrólogos que passaram a usar o computador para cálculo de mapa astral.

A matéria *Projeto de lei pretende profissionalizar a astrologia*, assinada por Tereza Novaes e publicada em 1/7/2002 em *Cotidiano*, por exemplo, dá espaço para questões sobre a regulamentação da profissão de astrólogo.

Outro exemplo do espaço dado à Astrologia nos jornais é a matéria *Congresso debate amor, drogas, psicanálise, segundo a Astrologia*, publicada no *Jornal do Brasil* em 22/11/1995, a respeito do 1º Congresso Internacional de Astrologia, ocorrida no fim de novembro daquele ano, no Hotel Glória, no Rio de Janeiro.

Verificando arquivos de jornais, entre os anos de 1969 e 2011, encontrei aproximadamente 130 artigos sobre o tema Astrologia, sendo a maior parte deles anterior ao ano 2000. Vale frisar que, em geral, são textos longos, o que indica que a Astrologia ocupou mais espaço nos jornais.

Ainda podem ser encontrados artigos sobre astrólogos e suas práticas profissionais, como é o caso de *Oscar Quiroga estreia seção na Ilustrada*, de 1/6/1998, que apresenta o astrólogo que então passaria a assinar a coluna de horóscopo do jornal, e *O cotidiano de uma astróloga*, escrito em 19/8/2001 por Caio Caramico Soares para o caderno *Mais!*, que analisa a prática profissional e características do trabalho de Bárbara Abramo, até hoje a astróloga responsável pela seção de horóscopo do jornal *Folha de S. Paulo*.

Artigos como *Sol influencia transação com suas casas*, de Erane Paladino, publicado na *Folha de S. Paulo* em 20/3/1988, abordam o uso prático da astrologia. É o caso também das matérias *Cada signo se destacaria em áreas específicas*, publicado

no *Jornal do Brasil* em 26/5/2002, que discorria sobre o fato de determinados signos terem aptidão para determinadas áreas profissionais. tema parecido com o apresentado no artigo *Seleção por horóscopo*, de 11/4/1990, também publicado no *Jornal do Brasil*, que falam de uma empresa italiana que escolhe seus funcionários por seus mapas astrais. Em 12/10/1991, na *Folha de S. Paulo*, também foi publicada uma matéria sobre o uso da Astrologia por investidores ingleses, para prever cotações.

Exemplos de matérias sobre Astrologia publicadas no *Jornal Folha de S. Paulo*

Título	Autor	Caderno	Data
Podem os astrólogos prever o futuro?	Elizabeth Sherry	Ilustrada	15/02/1969
Os astros revelam os seus segredos	-----	-----	01/06/1969
Que têm os astros a ver com nossos destinos?	Sophie Roline	-----	09/08/1969
Influencia dos astros sobre a vida e a morte	Geofrey Parkin (London Express)	-----	15/12/1969
A profissão de astrólogo	-----	-----	13/01/1972
Astros influem em nosso comportamento	-----	-----	03/02/1973
Apesar de tudo, o povo aceita a astrologia	Li Lian Loan	-----	23/11/1975
Era industrial tenta eliminar a astrologia	-----	-----	09/02/1979
Astrologia está em alta na Itália	-----	-----	19/01/1982
Mapas astrológicos são feitos no computador	-----	-----	12/10/1983
Astrologia, um fascínio em época de crise	Nancy Nyen	-----	28/09/1984
Astros indicam a relação com as contusões	Maria Goretti	-----	20/11/1985
Sol influencia transações nas casas	Erane Paladino	-----	20/03/1988
Físico dos EUA nega caráter científico da astrologia	-----	-----	22/06/1988
Empresas usam astrologia para definir marketing	El País	-----	11/04/1990
Softs de astrologia adotam recursos gráficos	-----	-----	02/01/1991
Investidores ingleses usam astrologia para prever cotações	-----	-----	12/10/1991
Ciência surgiu na Mesopotâmia	Redação	-----	03/06/1993
Astros dão dicas de como você é*	Cláudia Hollander	Folhinha	30/12/1994
Como a astrologia se tornou junguiana*	Renato Janine Ribeiro	Mais!	17/11/1996
Astrologia não resiste à estatística*	Ricardo Bonalume Neto	Revista da Folha	29/03/1998
Oscar Quiroga estreia seção na Ilustrada*	-----	-----	01/06/1998
Alguns argumentos contra Astrologia*	Ricardo Bonalume Neto	Revista da Folha	18/07/1999
Astrologia não funciona nem com cachorro*	Ricardo Bonalume Neto	Revista da Folha	0/08/2000

Sobre Astrologia*	Vera Facciolo	Mais!	07/01/2001
Especialistas criticam os serviços on-line*	-----	Informática	09/05/2001
Softs facilitam aprendizado*	-----	Informática	09/05/2001
O cotidiano de uma astróloga*	Caio Caramico Soares	Mais!	19/08/2001
Estatísticas da via Ápia*	Renato Janine Ribeiro	Caderno Especial	10/11/2001
Mapa astral já é requisito para emprego*	Ricardo Bonalume Neto	Revista da Folha	03/02/2002
Mais pluralidade e menos totalitarismo*	Maurício Bernis	Revista da Folha	17/02/2002
Projeto de lei pretende profissionalizar a astrologia*	Tereza Novaes	Cotiano	01/07/2002
Profissão: astrólogo?*	Marcelo Gleiser	Mais!	28/07/2002
O debate sobre Astrologia e ciência*	Marcelo Gleiser	Mais!	22/09/2002
Matérias sobre Astrologia publicadas em outros jornais			
Título	Autor	Jornal	Data
Uma briga nos céus: os astrólogos contra os astrônomos	-----	Jornal da Tarde	27/11/1976
Os astros: lições, com a ajuda do computador	-----	Jornal da Tarde	23/01/1985
Os astros regem a saúde	Conceição Gomes de Almeida	Jornal O Globo	28/12/1986
Nos astros, a linguagem da nova era	Elaine Bardanachivilli	Jornal O Globo	04/01/1987
Computação, a nova mania dos que estudam astrologia	Maria Tereza Pagliaro	Jornal Folha da Tarde	31/01/1987
Astrologia está cada vez mais forte no ocidente	Malcolm W.Browne	Jornal O Globo	16/05/1988
Sob o luz das estrelas		Jornal da Tarde	21/05/1988
Profissão: astrólogo		Jornal da Tarde	20/06/1988
Nos astros, a resposta às estrelas	Robert W. Stock (N.Y.Times)	Jornal da Tarde	27/10/1988
Astrologia entra na era da informática*	Carlos Seabra	Folha da Tarde	08/08/1990
Seleção por horóscopo*	Araújo Netto	Jornal do Brasil	11/04/1990
A ciência milenar dos astros	Lilain Fontes Moreira	Jornal do Brasil	05/05/1991
Congresso debate amor, drogas, psicanálise, segundo a Astrologia*	-----	Jornal do Brasil	22/11/1995
Está escrito nas estrelas? De que forma e até que ponto a astrologia tem ajudado profissionais e empresas	Fabiana Ribeiro	Jornal do Brasil	26/05/2002
Cada signo se destacaria em áreas específicas*	-----	Jornal do Brasil	26/05/2002
Diploma para ver estrelas	-----	Jornal do Brasil	08/09/2002
* Matérias analisadas individualmente no corpo do trabalho			
--- informações não localizadas			

Esses são apenas alguns exemplos (Anexo 6) entre as diversas matérias publicadas sobre o assunto, compreendidas no período entre 1969 e 2011, que mostram o espaço que a Astrologia sempre teve ou tentou ter na mídia. Ressalte-se que são pelo menos 130 matérias sobre o tema nesse período, apenas nos jornais pesquisados pela autora: *Folha de São Paulo*, *Folha da Tarde*, *O Globo*, *Jornal da Tarde* e *Jornal do Brasil*.

Mas, antes de estarem nos jornais, as colunas de horóscopo surgiram inicialmente nas revistas, conforme já apresentado no Capítulo 1, onde estão presentes até hoje. Muitas revistas têm seções com as previsões astrológicas para aquele determinado período, seja semanal ou mensal, por exemplo. Alguns exemplos são as revistas *Contigo!* (Anexo 7), *Nova*, *Marie Claire* e *Cláudia*.

Como nos casos dos horóscopos dos jornais, poucas mudanças podem ser encontradas desde que surgiram nas revistas. Prova disso é a comparação do horoscopo da edição no. 32 da revista *Ilusão* (Anexo 8), de abril de 1960 com o horoscopo da revista *Nova* (Anexo 9) de janeiro de 2015. Ambos os textos, com as ressalvas referentes à linguagem e à realidade de cada época, têm estilos e formatos bem parecidos. Nota-se que, além do estilo dos textos, o *layout* das colunas é bem semelhante.

HORÓSCOPO – revista *Ilusão* de abril de 1960

Por Mara Loa

Sagitário – 22/11 a 21/12

Seu mês está mais ou menos: nem tudo rosas, nem tudo espinhos. Profissionalmente, você precisará trabalhar com afinco para conseguir o que deseja. Sua vida no lar correrá placidamente. Saúde muito razoável e muita disposição para passeios e festas. Você está projetando uma viagem, que será adiada. Tome cuidado com pessoas idosas, que poderão provocar discussões desagradáveis: mas com calma e compreensão tudo se arranja! No terreno financeiro, tudo bem. Além disso, você ganhará um presente! No setor amoroso tudo vai às mil maravilhas, com afeto e interesse de parte a parte.

HORÓSCOPO – revista *Nova* de janeiro de 2015

Por Isabel Carvalho

Capricórnio (22/12 a 20/1)

Você continua na base do tudo ou nada! Mas pode demonstrar suas opiniões sem parecer radical nem arrogante. Vá com calma e pese prós e contras antes de tomar uma atitude. Boa fase para ganhar dinheiro e receber uma promoção. Mas não vá torrar tudo no shopping. Aquela bolsa pode esperar. Para investir, prefira os dias 2, 29 e 30.

Além dos horóscopos, pouca coisa sobre o assunto é publicada em revistas. E sempre sem regularidade. Por exemplo, são raras as revistas que têm uma coluna contendo algum tema astrológico publicado com frequência. Em geral, são matérias esporádicas, que entram na pauta da revista por uma ou outra razão, por exemplo, a correspondência entre aspectos astrológicos com algum acontecimento atual.

Apenas para citar um exemplo de matéria sobre Astrologia, a matéria “Netuno está em Peixes”, publicada na revista *Bons Fluidos*, da Editora Abril, em novembro de 2012, de autoria de Liège Copstein, jornalista e astróloga, que em quatro páginas apresentou o significado desse importante trânsito astrológico e sua influência para cada um dos doze signos.

Note-se que mesmo com a publicação dessas matérias, comparando-se com outros temas ainda é pequeno o espaço dado à Astrologia nas revistas. Além disso, em geral são matérias que giram em torno dos mesmos assuntos: aspectos astrológicos do momento e suas implicações no mundo ou o contrário, assuntos cotidianos e suas correlações astrológicas.

Outrossim, encontramos críticas à Astrologia, como no caso da matéria “Astrologia funciona (mas não como você imagina)”, da revista *Superinteressante*, da Editora Abril, publicada em agosto de 2014, discussões acerca do funcionamento astrológico e sua relação com Astronomia e ciência e temas mais populares, como os que vemos na internet: compatibilidade entre os signos, as cores para cada signo, informações astrológicas sobre personalidades e famosos, bem como suas previsões para aquele momento. Raramente vemos algo diferente desses temas nas revistas.

4.2 A Astrologia na televisão

Alguns programas de televisão já deram espaço para a Astrologia, mas, em geral, também na forma de horóscopo, ou com pautas que abordam a interpretação e/ou previsão de mapas astrológicos de celebridades, ou, ainda, análise de mapas de telespectadores. A maior parte do conteúdo astrológico na televisão é muito parecido.²¹ Por exemplo, alguns programas da tarde, especialmente voltados ao

²¹ A mesma coisa acontece no rádio, que não será abordado nesta dissertação.

público feminino, já tiveram algum quadro no qual um astrólogo convidado fala sobre o céu do dia ou da semana. Além disso, em alguns desses programas o astrólogo também respondia dúvidas de telespectadores que ligavam para saber seu futuro pela Astrologia. Outro tema bastante abordado na televisão são os mapas astrológicos de celebridades e o que os astros reservam para o futuro deles. Alguns dos astrólogos participantes desses programas também leem tarô, por exemplo, como uma forma de atrair ainda mais a atenção do público, o que, porém, acaba por confundir ainda mais a imagem da Astrologia.

Mas há algumas poucas exceções. A astróloga paulista Célia Gozzi,²² por exemplo, já conduziu o programa “Falando de Astrologia”, que foi ao ar na TV Alphaville e no Canal de São Paulo. Em ambos os canais, o programa era produzido e conduzido pela própria astróloga, que entrevistava outros profissionais da área, em um bate-papo sobre algum tema astrológico. O programa tinha meia hora de duração, sendo que na TV Alphaville começou em 1995 e durou aproximadamente sete anos, e no Canal de São Paulo foi exibido de 2000 a 2004 e de 2005 a 2007. O objetivo de Célia Gozzi era divulgar uma Astrologia séria. Ela nunca teve retorno financeiro nem proporcionou isso a seus convidados. Porém, constatou que a divulgação tinha retorno e que os astrólogos que iam a seu programa eram procurados para consultas, por exemplo. Célia Gozzi também é colunista de revistas, mas entende que escrever horóscopo não dá qualquer retorno em termos de atendimento.

O astrólogo do site “Personare” Alexey Dodsworth Magnavita²³ também teve espaço para falar sobre Astrologia na televisão, nos anos 1990. Um deles foi no TV Revista na Band de Salvador, no qual tinha uma coluna diária, com duração de 5 minutos para falar sobre qualquer assunto astrológico que desejasse. A única exigência do canal era que uma vez por semana fosse sorteado um telespectador para ter seu mapa astrológico analisado no programa. Segundo Alexey, era assombrosa a quantidade de cartas recebidas, e era esse o dia de maior audiência do programa. Neste dia, tinha 10 minutos para fazer a análise do mapa, o que ele considera muito tempo para televisão. O programa durou dois anos e ele abordava temas como “o que é o ascendente”, “vênus”, “marte” etc. Uma vez por semana levava um convidado e fazia entrevista com outro astrólogo. Para Alexey Dodsworth, a grande audiência do programa era devido à possibilidade de ter seu mapa interpretado. Além disso, gerava

²² Entrevistei a astróloga Célia Gozzi em São Paulo em 25/3/2014.

²³ Entrevistei o astrólogo Alexey Dodsworth Magnavita em São Paulo em 21/11/2014.

audiência traçar perfis astrológicos de figuras públicas. O astrólogo não teve qualquer retorno financeiro para conduzir o programa.

Alexey Dodsworth, que teve a Astrologia como tema central de sua dissertação de mestrado,²⁴ conduziu um quadro de Astrologia em outro programa, na extinta TV Manchete. O programa “Alquimia” era conduzido por Aline Medeiros e tinha diversos quadros, entre os quais um de música *new age*, um de culinária vegana e o de Astrologia. Alexey tinha 3 minutos e também podia falar sobre qualquer assunto astrológico que desejasse.

Recentemente foi ao ar um programa exclusivamente sobre Astrologia, o “No Astral”, apresentado pela astróloga Cláudia Lisboa de 2012 e 2013 na GNT. Com 15 minutos de duração, o programa foi semanal e teve quatro temporadas com treze programas em cada uma delas. Vale ressaltar que GNT é um canal da televisão a cabo. Na primeira temporada, Cláudia Lisboa apresentou temas variados na Astrologia, sempre incluindo em cada programa as previsões astrológicas da semana, ou seja, horóscopo, em um espaço especialmente destinado para isso. O tema da segunda temporada foi amor e relacionamentos na Astrologia. A apresentadora entrevistava casais, falava de seus mapas e explicava a relação deles segundo a Astrologia. Já a terceira temporada abordou vocação, trabalho e carreira. E a última, incluiu o que Cláudia chama de “pílulas astrológicas”,²⁵ ou “miniaulas” de Astrologia, com temas variados. Vale ressaltar que as quatro temporadas incluíram as previsões astrológicas para a semana, ou seja, horóscopo.

Alguns exemplos de temas tratados por Cláudia Lisboa no Programa “No Astral” foram as influências astrológicas nas crises vividas em determinadas idades, como trinta, quarenta, cinquenta e sessenta anos, e outros temas astrológicos mais específicos, como as influências de Urano em Áries e de Netuno em Peixes no momento planetário.

O programa terminou por decisão da GNT que, segundo Claudia Lisboa, mudou seu perfil naquele ano, retirando da programação também outros programas, como o “Alternativa Saúde”, exibido há muito tempo, priorizando, a partir deste momento assuntos ligados à casa e à culinária, por exemplo. Claudia Lisboa entende

²⁴ Do céu aos genes: transições epistêmicas, anomalias cosmológicas e suas inquietações éticas: uma interlocução foucaultiana, orientado por Renato Janine Ribeiro na Universidade de São Paulo (defendida em setembro de 2013).

²⁵ Entrevistei a astróloga Cláudia Lisboa em São Paulo em 15/10/2014.

que o programa foi uma experiência de sucesso, já que tinha boa audiência, considerando que foi apresentado em um canal a cabo. Mas comparou a audiência, por exemplo, a uma vez que participou do programa “Mais Você”, exibido na Rede Globo, apresentado por Ana Maria Braga, em que a audiência foi muito maior, assim como o retorno que teve depois do programa. Cláudia Lisboa acha que se a Astrologia vai para um programa que tem audiência é superassistida, porque as pessoas amam Astrologia, no entanto dificilmente um canal de televisão aceita financiar um programa de Astrologia e por isso é tão difícil, já que um bom programa também depende de patrocínio. Além disso, entende que o lugar da Astrologia na mídia, especialmente na televisão aberta, é mesmo na forma de horóscopo, por isso um programa mais profundo, como o que apresentou, apenas tem espaço na televisão a cabo, e por um determinado período.

Outro ponto importante considerado por Cláudia Lisboa é o fato de a Astrologia ser tão individualizada, o que dificulta levá-la para uma mídia de grande circulação. Tanto que considerou muito difícil, em termos de conteúdo, fazer dois anos do programa “No Astral” e acredita ainda que, se o canal tivesse optado por continuar com mais temporadas do programa, isso não aconteceria por muito tempo, já que os temas genéricos que a Astrologia oferece, no fundo, são poucos, pois o que é comum a todos os indivíduos são os signos e o aprofundamento disso não pode ser feito indo muito além de conteúdos como falar sobre signos e amor, signos e trabalho, signos e crianças, signos e saúde, entre poucos outros assuntos. Sobre os demais conceitos é possível explicar, por exemplo, o que é ascendente, mas já é uma informação que nem todos têm sobre si mesmos, pois exige cálculos personalizados, e por isso não é um assunto que possa ser mais aprofundado numa mídia tão coletiva. O mesmo vale para a explicação sobre cada um dos planetas nos signos e os aspectos astrológicos em geral que apenas quem tem o conhecimento astrológico ou já fez um mapa astral pode saber, pois são informações que dependem de cálculo e cuja interpretação depende do conhecimento sobre o assunto. Ou seja, a Astrologia mesma não se oferece para uma mídia coletiva, pois é muito individualizada. E, para Cláudia Lisboa, falar sobre a Astrologia coletiva, política e econômica, por exemplo, é algo que não pode ser feito sempre. Por isso, ela mesma tem dificuldade de se fazer presente na mídia de forma mais profunda, por sua própria natureza.

Alexey Dodsworth concorda com essa questão da individualização da Astrologia e da dificuldade de levá-la de forma muito aprofundada para a televisão,

por exemplo. Ele acredita que, na verdade, dava aula de Astrologia na televisão e que não havia tantos assuntos a serem tratados. Segundo ele, o que funcionava bem eram os ciclos. Por exemplo, falava a cada dia sobre um dos signos.

Para Célia Gozzi, não é fácil transmitir conhecimento de fato, seja em revistas, jornais ou televisão, especialmente quando se trata do horóscopo que, segundo ela, tem linguagem vaga, que não diz quase nada, mas de que as pessoas têm necessidade.

Ou seja, para os três entrevistados, não são tantos os assuntos que permitem tanta profundidade na mídia, além do fato de o próprio público esperar algo mais simples, mais acessível e de fácil compreensão, o que gira basicamente em torno dos signos (pois em geral as pessoas sabem qual é o seu) e temas cotidianos, como amor, saúde e trabalho, entre outros.

Podemos entender que apesar de a Astrologia contemporânea responder a solicitações variadas, também “resume os problemas do mundo às preocupações primordiais do homem” (FISCHLER, 1972, p. 111). Para Claude Fischler, a Astrologia “põe em evidência no tríptico horoscópico trabalho-amor-saúde, as preocupações comuns a toda gente, patrão e funcionário” (FISCHLER, 1972, p. 111), tornando a Astrologia algo coletivo que atende a todas classes sociais, generalizando esse saber. E é apenas essa forma de Astrologia, genérica, que atende a todos, que pode ser difundida numa mídia de grande alcance como a televisão.

Sua forma mais individualizada, que depende do cálculo do mapa do indivíduo, bem como interpretações mais precisas por parte de um profissional, não encontra forma de expressão na mídia, apenas nas pesquisas direcionadas aos próprios astrólogos e à sua prática nos consultórios e escolas de Astrologia.

Segundo Cláudia Lisboa, o fato de a Astrologia ter sido banalizada deve-se à chegada do horóscopo de jornal, cujo tipo de abordagem não permite profundidade. Cláudia Lisboa vê também essa dificuldade não apenas na televisão, mas também em outras mídias e em cursos e palestras que ministra para público leigo, mas acredita que a maior dificuldade está mesmo em oferecer conteúdos mais profundos e personalizados para uma mídia tão aberta, superficial, abrangente e coletiva como a televisão. Tanto que apesar de afirmar ter outros projetos e propostas em andamento, voltados para a televisão, tem dúvidas se esse é mesmo o caminho para divulgar e disseminar a Astrologia.

Assim como eu, Cláudia Lisboa pensa que o caminho para a divulgação da Astrologia é apresentar o conteúdo astrológico para o público leigo e, para isso,

precisamos encontrar outros recursos, como relacionar Astrologia com outras áreas e assuntos. Claudia Lisboa cita como exemplo a arte. De qualquer forma, Claudia Lisboa acha que o melhor caminho, hoje, é a internet, por exemplo, ter um canal no YouTube, o que permite de fato a divulgação em massa da Astrologia. Mas Claudia Lisboa ainda quer fazer televisão e está pensando em adaptar outros projetos para esse formato. Por exemplo, deu um curso de História da Astrologia na Casa do Saber, e quer oferecê-lo em episódios para a televisão. Outra ideia é um programa de entrevistas, no qual possa conversar com outras pessoas sobre Astrologia.

De qualquer forma, é entendimento de Cláudia Lisboa que não há assunto a ser aprofundado para que um programa semanal sobre Astrologia possa durar muito tempo. Por isso, o formato teria de ser em episódios, com temas específicos a serem desenvolvidos por um determinado período. Um exemplo citado por ela é a relação entre os signos e os sete pecados capitais, pesquisa que desenvolveu e pretende oferecer como conteúdo em seu próximo projeto para a televisão.

Outro ponto que merece ser frisado é o fato de as divulgações falada e escrita de Astrologia serem bem diferentes. Apesar de quando falada individualizar o conhecimento e levar diretamente a cada telespectador, por exemplo, tende a transformar o astrólogo em um oráculo, fazendo com que o conteúdo, por mais profundo que seja, se transforme em algo genérico. É o caso do horóscopo feito na televisão. Por isso, também, as diversas mídias se complementam, porque a escrita pode aprofundar o que é dito na televisão, por exemplo.

Além de tudo isso, na opinião de Cláudia Lisboa essa resistência toda e o preconceito que existe com relação à Astrologia, inclusive na mídia, tem a ver com sua epistemologia e história, em especial por conta da ruptura que houve no século XVII. Claudia lembra que antes disso já havia uma separação entre o astrólogo-matemático, visto como um astrólogo mais sério, e o astrólogo-mágico. Quando houve essa separação, conforme citamos nesta dissertação, a Astrologia perdeu seu lugar como ciência e só é retomada de forma um pouco mais séria com Carl Gustav Jung, no século passado, como será analisado adiante. Assim, Cláudia Lisboa acredita que a Astrologia perde espaço porque entra naquilo “que não é ciência” e acaba sendo rotulada como “esoterismo”. Assim, diz tentar colaborar, seja em qual mídia for, com produtos que tenham o máximo de qualidade possível para quebrar esse estigma da Astrologia, demonstrando que de fato é um saber sério e complexo.

Apesar de o horóscopo ser superficial, como já amplamente discutido neste trabalho, Claudia Lisboa, que há quatro anos também assina a coluna de Astrologia (horóscopo) do jornal *O Globo*, acredita que o horóscopo não deixa de ser uma boa forma de divulgar signos, seja no jornal, na internet ou na televisão. Isso porque o leitor pode ficar curioso sobre seu signo ou algum planeta citado no texto, o que faz com que vá pesquisar e saber mais a respeito. Lisboa também tem trabalhado na construção de personagens para peças de teatro, a partir dos possíveis mapas astrológicos e signos dos atores. Agora pensa em levar a Astrologia para todas as mídias ao mesmo tempo, da forma como é possível em cada uma delas. Mas considera algo difícil, desafiador, voltado a quem, de fato, quer divulgar a Astrologia.

Programa com quadro de Astrologia constante por muitos anos é o “Mulheres”, que existe há aproximadamente trinta anos na TV Gazeta. Há pelo menos quinze anos, semanalmente um astrólogo convidado apresenta as previsões astrológicas da semana, abordando cada um dos doze signos.

Desde dezembro de 2013, sou a astróloga do programa e semanalmente, em uma conversa com a apresentadora Cátia Fonseca, abordo as previsões astrológicas da semana. O formato é o mesmo dos horóscopos. Primeiro conversamos rapidamente sobre as previsões gerais para aquela semana. Em seguida a apresentadora pergunta “Como está o céu da semana?” para cada um dos doze signos. Eventualmente questiona áreas específicas, como amor, trabalho e saúde para cada um dos signos.

O programa é diário e apresentado ao vivo, de segunda a sexta-feira, das 14h às 18h. Minha participação acontece sempre às segundas-feiras, sendo que a cada semana há variações no horário em que entro no ar, porque o diretor decide na hora, de acordo com a audiência do programa. Em geral, o horóscopo é apresentado na segunda metade do programa, em geral mais próximo do fim do programa, para, de acordo com a produção, segurar a audiência.

O tempo dessa participação semanal no programa varia de 15 a 30 minutos, já tendo chegado a 40, mas sempre com intervalos para os merchandisings, que variam de um a três ou até mais, dependendo da semana. Esse é considerado um bom tempo no ar e não há atualmente outro programa que proporcione esse espaço para a Astrologia. Porém, apesar de todo o tempo disponível, a pauta limita-se ao horóscopo, ou seja, às previsões superficiais e genéricas da semana para cada signo. Raramente abordamos outro tema, como movimentos retrógrados dos planetas, o ascendente,

como funciona um mapa, etc., sempre de forma rápida e superficial, já que o objetivo é mesmo falar sobre as previsões astrológicas da semana.

Em 15/9/2014 entrevistei o diretor do programa, Rodrigo Riccó, e a apresentadora Cátia Fonseca, que está à frente do programa há treze anos. Foi um bate-papo informal, no qual conversamos sobre o próprio programa e a presença da Astrologia nele. Nem os entrevistados, nem a produção souberam informar precisamente desde quando o “Mulheres” conta com um quadro astrológico fixo, porém afirmaram ser muito antigo e existir há pelo menos quinze anos de forma ininterrupta. A apresentadora Cátia Fonseca acredita que talvez exista desde o início do programa, há mais de trinta anos e contou que vários astrólogos já participaram desse quadro, apresentando diferentes vertentes sobre o assunto. Sobre o IBOPE,²⁶ o programa chega, em média, a 2 pontos aproximadamente, sendo a audiência média para o horóscopo em média de 1,2 ponto e a 1,5, o que ambos consideram bom para a emissora e o horário (o programa é apresentado na TV Gazeta das 14 às 18h). Vale ressaltar que o programa é ao vivo e transmitido também via internet. Além disso, os vídeos posteriormente são disponibilizados no YouTube e podem ser assistidos em outros dias e horários.

Quando perguntei “Por que ter Astrologia no programa?”, a apresentadora Cátia Fonseca disse que acredita que as pessoas são fascinadas pelo assunto e por mais que digam que não acreditam, sempre querem saber a respeito. Ela acha que as pessoas querem saber as características do signo para tentar se conhecer um pouco mais. Também diz já ter feito mapa astral e o quanto isso a ajudou a compreender alguns de seus comportamentos e pontos de sua personalidade. Por isso, entende que por mais que para algumas pessoas a Astrologia possa ser “adivinhação”, outras gostam por ser uma forma de tentar se entender, ou seja, vê a Astrologia como uma forma de autoconhecimento, já que também ajuda a compreender não apenas como somos, mas como os outros nos veem e o que podemos fazer para mudar algumas características. Por isso, para ela, é um assunto interessante e está no programa há tanto tempo.

Já o diretor do programa, Rodrigo Riccó, diz que como o “Mulheres” é uma revista eletrônica, tem de ter horóscopo. Para ele, assim como ao abrir o jornal ou a revista nos deparamos com os signos, um programa de televisão em formato de

²⁶ Cada ponto do IBOPE para a Grande São Paulo equivale a 67 mil domicílios ou 198 mil expectadores.

revista eletrônica também precisa ter um horóscopo, e também concorda com a apresentadora ao dizer que as pessoas gostam e querem ver isso. Ou seja, é também uma demanda do público.

Cátia Fonseca contou que apesar de o programa ter passado por modificações, sempre foi uma revista eletrônica e, como tal, sempre teve alguns quadros como culinária e horóscopo, sendo que o público espera que isso sempre permaneça. Para ela, tem de ter sempre o horóscopo porque as pessoas gostam. Para o diretor, precisa ter, desde que funcione e, segundo ele, nesse programa sempre funcionou, apesar da diversidade de astrólogos que já participaram do quadro.

Sobre o público que assiste ao programa, disseram não ser exclusivamente feminino e que atinge as classes A, B e C. A respeito da possibilidade de oferecerem um conteúdo astrológico, além do horóscopo, ambos afirmaram que já houve essa tentativa. Já tentaram explicar o que é um mapa astrológico, compatibilidade entre signos e outras pautas diferentes. Para eles, foi uma experiência bem interessante, mas não funcionou em termos de audiência. Segundo eles, o público quer o superficial e, no caso da Astrologia, basta saber como será a semana, se as previsões astrológicas estão boas ou ruins. Eles também acham que isso teria de ser algo esporádico para não cansar o público e para deixar um “gostinho de quero mais”. Ou seja, no caso da Astrologia, apenas o horóscopo cabe como conteúdo na pauta semanal.

Assim, parece que é mesmo o horóscopo o conteúdo astrológico que mais se encaixa na cultura de massa e, por isso, compatível com a televisão. Talvez seja essa a Astrologia de massa, conforme definiu Edgar Morin (1971, p. 209), para quem a Astrologia, apesar de encontrar resistência na “alta cultura”, encontra-se nesse meio, sob a forma de “Astrologia culta”, talvez referindo-se aos demais conteúdos e narrativas astrológicas. Na opinião de Morin, “foi na cultura de massa que ela se difundiu larga e rapidamente a partir dos anos 90” (1971, p. 210). Segundo Morin, “a cultura de massa, até por volta de 1960-1965, “espalhou o mito e a promessa da felicidade individual” (1971, p. 210), rejeitando assim o fracasso, a infelicidade etc. Com isso, “ao desenvolver a Astrologia de massa, a cultura de massa inoculou-lhe a euforização” (1971, p. 210) uma vez que o horóscopo diário arreda “qualquer eventualidade catastrófica assim como qualquer problema insolúvel” (1971, p. 210). Além disso, ignora “a calamidade e a morte” e alimenta continuamente, “se não a grande esperança, pelo menos as pequenas esperanças” (1971, p. 210).

Minha experiência pessoal participando do Programa “Mulheres”, na TV Gazeta, tem sido bem interessante. É possível notar, com a participação semanal, a fidelização do público que acompanha semanalmente o horóscopo e as previsões da semana. Cada participação gera grande número de mensagens dos telespectadores, recebidas por e-mail e *inbox* no Facebook. Boa parte delas de pessoas interessadas em saber mais sobre o assunto, seja pedindo referências para leitura, como indicação de artigos e/ou livros e cursos, seja querendo agendar uma consulta. O número de mensagens varia de semana para semana, indo de cem a seiscentos aproximadamente, ou eventualmente até mais. Pude perceber, na prática, o quanto as pessoas acompanham semanalmente e esperam o horóscopo para tomar suas decisões ao longo da semana. O número de telespectadores que envia solicitação de amizade via Facebook após o programa é alto, tanto que em alguns meses o meu perfil atingiu o número máximo de “amigos” permitidos pela rede social, o que me levou a criar uma fanpage, que até o presente momento tem pouco mais de 8 mil “curtidas”, que aumentam semanalmente depois da participação no programa.

Também é impressionante quando o assunto é televisão é o quanto a participação semanal, portanto frequente, em um programa, gera telespectadores assíduos e que passam a valorizar mais seu trabalho pelo simples fato de você aparecer na televisão. De alguma forma, parece que a Astrologia televisiva ganha mais credibilidade pelo simples fato de estar neste veículo, por mais simples que seja o conteúdo ali abordado. Explicando melhor, até mesmo pessoas de nosso convívio passam a respeitar mais o trabalho do astrólogo pelo simples fato de ele participar de um programa de televisão, como se essa espécie de fama fosse sinônimo de um trabalho de qualidade, ainda que na televisão o astrólogo expresse apenas a menor parte, ou melhor, a parte mais simplificada de seu trabalho.

Mesmo que o tema abordado seja simplesmente o horóscopo, essa pequena fatia do que é Astrologia, ao apresentar um conteúdo de qualidade e passar seriedade e profundidade, ainda que para falar de algo simples e superficial as pessoas passam a perceber que há algo além disso e, assim, passam a se interessar pelo assunto, desejando conhecer mais profundamente o que é de fato Astrologia. Por isso, muita gente entra em contato querendo informações sobre o que é um mapa astral, o que mais pode ser explorado sobre o assunto, como usá-la de forma prática etc.

Pelo amplo alcance que tem a televisão, especialmente um canal aberto, parece ser esse um bom meio de divulgação da Astrologia, ainda que pelo horóscopo, já que

podemos pelo menos plantar uma semente, mostrar que há algo mais sobre o assunto, que ainda que não possa ser explorado e aprofundado na televisão, pode ser pesquisado em outros meios, como a internet.

Por exemplo, o astrólogo lança na televisão uma ideia, sabendo que o público pode, em seguida, escrever ou acessar seu site em busca de mais informações e, com isso, descobrir um pouco mais sobre aquele assunto.

4.3 A Astrologia na internet

A Astrologia surgiu na internet com os primeiros portais no Brasil. Desde o início foram publicados horóscopos diários, semanais e mensais, com as tendências astrológicas para os doze signos. Além disso, incluíam uma descrição de cada signo e sua personalidade. Os grandes sites apostaram na Astrologia voltada ao amor, falando da compatibilidade e dos desafios entre os signos. Isso se mantém até hoje, mas deixou de ser só isso desde o surgimento dos primeiros sites pessoais de astrólogos.

O primeiro portal a incluir Astrologia em seu conteúdo foi o *Universo On-line* – www.uol.com.br, que entrou na rede em 1996 e tinha uma seção dedicada à Astrologia chamada “Atração Astral”, na qual enfocava combinações amorosas entre os signos, com autoria da astróloga Cláudia Hollander (RAMOS, 2002, p. 26). Em 1997 entra no ar o portal *Terra* – www.terra.com.br, antigo *Zaz*, com a seção “Almas Gêmeas”, que tinha horóscopo e a combinação de signos em busca de um par ideal (RAMOS, 2002, p.27). Segundo Daniela Ramos (2002, p. 27), o *Universo On-line* e o *Terra* aumentaram o espaço dedicado à Astrologia em 2001, incluindo outros conteúdos astrológicos daí em diante.

De início, a internet foi apenas uma nova plataforma para a expressão da Astrologia. Horóscopo já era algo bem conhecido e presente em jornais e revistas e os portais apenas repetiram o mesmo formato de algo que já existia. Por isso, inicialmente os portais apresentavam apenas o que já era conhecido nos outros meios de comunicação, ou seja, basicamente horóscopo, previsões para celebridades e combinação entre signos. Isso muda quando surgem os sites pessoais, entre os quais os dos astrólogos. Com seu próprio espaço, foi possível escrever de forma mais abrangente e completa sobre Astrologia. Cada astrólogo começou a expor seu ponto de vista e divulgar seu trabalho, o que permitiu que a Astrologia fosse expressa de uma nova maneira, mais leve e informal, e não limitada aos horóscopos. Ou seja, os

sites pessoais permitiram aos astrólogos compartilhar outros assuntos ligados à Astrologia, fornecendo mais conteúdo e mais aprofundado. Conforme a internet foi se tornando mais acessível a todos, um maior número de pessoas passou a ter acesso a todo esse conteúdo, o que pode ser verificado pesquisando a palavra Astrologia nos sites de busca.

Com um espaço seu, os astrólogos passaram a escrever sobre o que é Astrologia e o funcionamento de um atendimento astrológico, por exemplo, o que permitiu que as pessoas compreendessem um pouco melhor sua amplitude. Inclusive o número de atendimentos pelos astrólogos aumentou depois de sua popularização pela internet, o que significa maior demanda de trabalho.

Cada vez mais astrólogos passaram a colaborar com sites e portais e a criar seus próprios blogues e sites, o que lhes deu mais espaço para falar de seu trabalho e produzir conteúdo astrológico de diversas naturezas, o que permitiu um crescimento em termos de comunicação de Astrologia, com sua crescente popularização. Hoje em dia, raros são os astrólogos que não têm um site ou blogue, estando a maioria na internet e menos nas redes sociais.

Por outro lado, a internet popularizou negativamente a Astrologia, já que permitiu que qualquer pessoa fizesse seu site e divulgasse seu trabalho, muitas das quais sem formação astrológica também começou a escrever a respeito.

De qualquer forma, aos poucos a Astrologia ganhou espaço na rede, desde os grandes portais até os sites pessoais dos astrólogos, passando pelos grandes sites especializados em Astrologia, como o “Personare” – www.personare.com.br e o “Estrela Guia” – www.estrelaguia.com.br, que publicam horóscopos, artigos sobre Astrologia e vendem mapas on-line. Esses dois são sites mais populares, voltados ao público leigo, e não contêm apenas Astrologia em seu repertório, mas oferecem, entre outras coisas, jogos de tarô, venda de mapas astrais e artigos disponíveis para leitura no próprio site. Ambos têm um viés mais comercial e contam com departamentos de marketing, apesar de o conteúdo astrológico ser escrito por profissionais da área. Há também sites especializados em Astrologia destinados a astrólogos e estudantes do tema, como a “Revista Eletrônica Constelar” – www.constelar.com.br, que publica artigos astrológicos de qualidade, incluindo pesquisas sobre o tema.

Em 2011, fiz uma pesquisa tentando compreender melhor esse universo astrológico na internet, na qual, além de analisar o que estava acontecendo na época, também entrevistei astrólogos e leitores de Astrologia. Quando questionados sobre o

que teria mudado para a Astrologia com as redes sociais, muitos astrólogos responderam que essencialmente nada havia mudado, já que a internet servia apenas como uma nova plataforma para divulgar seu trabalho. Em contrapartida, muitos concordaram que a internet permitiu que as pessoas tivessem acesso a conteúdos que até então não estavam disponíveis ou eram de mais difícil acesso. Outros ganhos apontados pelos astrólogos foram a possibilidade de atendimentos *on-line*, já que a internet os conectou com pessoas de outras cidades e países, além da possibilidade de criação de redes de trabalho, já que muitos astrólogos puderam se conhecer e reunir virtualmente. Além disso, o público também pôde se aproximar dos astrólogos, esclarecer suas dúvidas e saber mais sobre o conteúdo e a prática profissional.

Para muitos entrevistados, a internet permitiu que a imagem de que Astrologia se limita a horóscopos se desfizesse, já que muitos artigos passaram a ser publicados, o que melhorou a quantidade e a qualidade das informações sobre o tema. Além disso, a internet teria despertado a curiosidade de pessoas que até então não se interessavam pelo tema, que passaram a ler e a gostar do assunto.

Mas isso tudo ganhou ainda mais força com o advento das redes sociais, que trouxeram mudanças na forma de usar a internet e também nas relações pessoais. A comunicação ganhou velocidade e agilidade e a quantidade de informação cresceu muito. Todos começaram a produzir conteúdo e com isso muita informação passou a ser disponibilizada. Além disso, a disseminação de todo esse conteúdo ganhou mais velocidade e o que já vinha acontecendo com o surgimento dos sites e blogs foi acelerado e ampliado pelas redes sociais.

De acordo com os entrevistados, a relação deles com a Astrologia mudou muito com a internet, especialmente após as redes sociais, que permitiram maior abertura para o assunto e a percepção de que pode ser algo aplicado diretamente em sua vida. As redes sociais permitiram uma relação mais direta entre astrólogos e seus leitores, o que tornou o assunto mais próximo de sua vida e a linguagem mais simples e ao mesmo tempo objetiva e profunda faz com que as pessoas se sintam mais a vontade com a Astrologia e possam aplicá-la diretamente em sua vida. Assim, o conteúdo astrológico nas redes sociais pode ser considerado uma transição entre os horóscopos mais genéricos dos jornais e um mapa astrológico completo, individual e personalizado. Ou seja, as redes sociais fazem a ponte entre esses extremos.

E isso começou desde que as redes sociais passaram a fazer parte dos brasileiros, já que desde o já extinto Orkut que grupos foram criados para falar sobre

Astrologia e esclarecer dúvidas de quem se interessava pelo assunto. Os astrólogos também passaram a trocar mais experiência e a divulgar mais o funcionamento da própria Astrologia e suas aplicações práticas. Com o surgimento do Twitter e do Facebook isso foi bastante intensificado e ganhou um novo formato. Em primeiro lugar, os astrólogos passaram a usá-las para fazer seu *networking* e divulgar seu trabalho e com isso as redes sociais passaram a funcionar como uma espécie de cartão de visitas e como forma de marcar presença na vida das pessoas, sejam seus clientes ou público potencial. Assim, as redes sociais passaram a ser um ótimo veículo para o marketing pessoal. Depois veio o compartilhamento entre colegas, que passaram a trocar informações entre si e com isso se desenvolver cada vez mais. E também passaram a compartilhar todo esse conhecimento com o público que cada vez mais tem acesso a conteúdos astrológicos, seja a respeito da relação entre os acontecimentos cotidianos e os aspectos astrológicos, seja pela leitura de informações mais profundas sobre o assunto.

Além disso, quando fiz a pesquisa, muitos entrevistados leitores confirmaram que acompanhar diariamente essa espécie de horóscopo em tempo real, feito com mais profundidade nas redes sociais, permite traçar um paralelo entre os trânsitos astrológicos e os acontecimentos cotidianos. Ademais, permite compreender as possibilidades astrológicas e a aplicação prática da Astrologia em nossa vida.

Portanto, cada vez mais os astrólogos estão usando as redes sociais para compartilhar conhecimento com o público, por meio de postagens com conteúdo astrológico diário. De certa forma, uma nova maneira de escrever horóscopo e divulgar a Astrologia.

Provavelmente as narrativas astrológicas encontraram ressonância nas redes sociais, que permitem nitidamente esse *continuum*, essa repetição diária que apresenta a cada dia um novo conteúdo, criando um hábito e gerando um rito, com a vontade/necessidade de acompanhar cada capítulo dessa e de outra(s) narrativa(s).

Na época da pesquisa, boa parte dos astrólogos entrevistados disse entender que as redes sociais permitiram maior disseminação do conteúdo astrológico e a divulgação de seus próprios trabalhos e que as redes sociais ajudaram a popularizar a Astrologia, permitindo ao público interessado estar mais perto dos astrólogos e acompanharem seus conteúdos.

De qualquer forma, houve um aumento no fluxo diário de informações astrológicas, já que cada vez mais astrólogos aderem às redes e atuam por este canal.

Desde que a pesquisa foi feita, em 2011, até hoje, 2014, esse número cresceu bastante e hoje raros astrólogos não estão nas redes sociais. Além disso, muitas novas redes e grupos de trabalho foram criados e o volume de informação astrológica cresce diariamente.

Com esse fluxo constante e o aumento da atuação dos astrólogos na internet, uma nova forma de se falar sobre Astrologia foi e continua sendo criada, post após post, dia após dia.

4.4 Convergência de mídias: caminhos possíveis para as narrativas astrológicas nos meios de comunicação

Quando analisamos os diversos veículos e as narrativas astrológicas na mídia, é possível perceber que a Astrologia sempre buscou espaço para se divulgar. De um jeito ou de outro, sempre buscou se inserir nas diversas mídias, adaptando suas narrativas a cada uma delas. Além disso, podemos notar que a mídia sempre abriu esse desejado espaço, porém com limitações. Mais do que abrir espaço, a mídia sempre se interessou por veicular a Astrologia, já que é também um atrativo, um chamariz que gera audiência.

A Astrologia é interessante para a mídia, uma vez que suas narrativas são capazes de criar um ritmo e um ritual que atrai o público. É um tema que desperta o interesse especialmente pela continuidade que sempre apresenta, já que narra também a própria vida humana. É também um tema que remete à mitologia e ao imaginário, capaz de despertar o interesse por nos (re)conectar com esse passado no qual homem e cosmos eram conectados.

Na mídia impressa, mais tradicional, a narrativa astrológica é a mais resumida até hoje. Pouca coisa mudou desde que os horóscopos passaram a fazer parte do conteúdo de jornais e revistas. Talvez isso tenha a ver com a própria natureza dessas mídias, cujas mudanças até hoje não foram tão significativas. Por exemplo, os conteúdos das revistas femininas, em que o horóscopo sempre esteve mais presente, permanece o mesmo: culinária, relacionamento, horóscopo etc.

Sobre o conteúdo das revistas femininas, é comum encontrar:

Poesias, receitas de bolo, reportagens, consultório sentimental, artigos de psicologia, entrevistas, testes, horóscopo, contos,

fofocas, maquilagem, plantas de arquitetura, moldes, saúde, educação infantil, tudo parece caber dentro da imprensa feminina. Sua área de abrangência parece infinita: embora frequentemente ligados ao âmbito doméstico, seus assuntos podem ir da dor de dente no filho de sete anos à discussão da política de controle da natalidade, passando pelos inevitáveis modelos de roupa e pelas receitas que promovem delícias. (BUIIONI, 1990, p. 8).

No rádio e na televisão isso acontece da mesma maneira. Não há grandes inovações e a preferência é sempre por um conteúdo mais popular, apelativo, de fácil compreensão. Por exemplo, muita gente ouve rádio e/ou assiste televisão enquanto faz outras coisas e como em geral a busca é por entretenimento, não adianta incluir conteúdos muito densos e profundos. Pelo contrário, o simples e superficial faz mais sentido e alcança maior número de pessoas e também diferentes classes sociais.

Onde a Astrologia ganha um formato um pouco diferente é na internet, que, apesar de mantê-la limitada basicamente ao horóscopo, combinação entre signos e previsões astrológicas para celebridades em boa parte dos portais, aos poucos vem dando mais espaço para outros conteúdos e narrativas. Mas isso também tem a ver com as próprias narrativas desse universo on-line, que permite maior diversidade, incluindo o superficial e o profundo, o genérico e o especializado.

É o caso dos sites pessoais dos astrólogos e as redes sociais, conforme já abordado. Hoje em dia também encontramos horóscopo nas mídias DOOH – Digital Out of Home, nos elevadores e no metrô. Essas mídias têm conteúdos que permitem assimilação fácil, tudo muito simples e superficial. Por exemplo, oferecem manchetes com as principais notícias do dia, cotação dos principais mercados financeiros, previsão do tempo, horóscopo e publicidade. Ou seja, a Astrologia encontrou mais um espaço, que encaixa sua narrativa mais resumida que é o horóscopo, que também pôde se inserir em mais esse canal, que une entretenimento com informações úteis e rápidas para serem lidas por quem está passando, seja durante sua viagem de metrô a caminho do trabalho, ou mesmo no elevador, antes de chegar ao trabalho ou na hora do almoço.

Sobre a presença da Astrologia em cada uma das mídias, acredito que as próprias narrativas astrológicas possam ter relação com as diferentes narrativas da mídia, por suas próprias naturezas. Acho que cada uma dessas mídias pode ter relação com determinados signos astrológicos, e seus respectivos eixos, por seus próprios significados. Explicando melhor, cada signo, astrológicamente, tem diversos

significados e assuntos a ele conectados, o que permite fazer uma interpretação, por analogia, com qualquer outro assunto. As próprias mídias são astrologicamente regidas por determinados signos ou pares deles. Por exemplo, rádio e televisão podem ter relação direta com o eixo gêmeos-sagitário, signos de comunicação de massa, representando uma mídia com conteúdos muitas vezes superficiais, mas capazes de atingir um grande número de pessoas.

As revistas e os jornais podem ser representados pelo eixo câncer-capricórnio, que falam das tradições, dos rituais, da periodicidade e dos ciclos que sempre se repetem. Portanto, comportam conteúdos mais tradicionais, com mudanças mais lentas, priorizando o já conhecido e aceito por seu público.

Já a internet tem uma relação direta com o eixo leão-aquário, que permite a atuação direta do profissional em diversos formatos, e que une ao mesmo tempo um lado mais tradicional e outro mais moderno, inovador, capaz de levar a informação adiante de outras maneiras. Além disso, permite a criação de nichos e também uma comunicação em massa. Incluir também a comunicação de um para todos e de todos para um, de forma mais autoral ou coletiva.

A partir daí, é possível, portanto, traçar um paralelo das narrativas astrológicas com cada uma das mídias, o que poderia proporcionar uma compreensão ainda mais profunda sobre o porquê cada uma dessas relações acontece. Mas isso pode ser objeto de uma pesquisa mais profunda em outro momento, já que não será possível aprofundar esse tema neste momento.

Sobre a internet, pode-se dizer que também permite a presença de experiências inovadoras, como foi o caso do Astroconet – o primeiro congresso de Astrologia online, em outubro de 2014. As palestras foram previamente gravadas e veiculadas em dias e horários predeterminados, de maneira gratuita. Em um segundo momento, foi vendido um pacote, para quem quisesse ter acesso a todas as palestras e em outros horários.

Participaram desse evento, como palestrantes, trinta astrólogos de renome, com o fim de disseminar uma Astrologia de qualidade, de forma prática e didática. Segundo Kátia Bueno,²⁷ idealizadora e uma das organizadoras do Astroconet, a iniciativa partiu da ideia de que as novas tecnologias, aliadas às inovadoras estratégias de marketing digital, permitem o alcance de um número muito maior de pessoas, já

²⁷ Em entrevista concedida a mim por e-mail, respondida em 4/11/2014.

que muitas moram longe dos grandes centros ou em outros países. Por isso, o ambiente on-line permite levar esse conhecimento de qualidade até as pessoas, o que Kátia Bueno considera um avanço.

Camila Colaneri, organizadora do Astroconet com Kátia Bueno, acreditou que esse evento seria uma chance de divulgar a Astrologia de forma positiva em uma mídia de grande alcance, num formato ainda inédito nessa área. Para ela, foi a oportunidade de divulgar material de qualidade, dando oportunidade de propiciar conhecimento astrológico com mais elementos que não apenas os popularmente conhecidos.

Para Kátia Bueno, os principais ganhos do Astroconet foram o fortalecimento de uma imagem mais séria da Astrologia, já que os profissionais compartilharam conhecimentos e informações relevantes, permitindo demonstrar o nível de profundidade a que se é possível chegar com a Astrologia, além da seriedade desses estudos e sua aplicação prática. Além disso, ela acredita que o evento possibilitou a disseminação em larga escala do conhecimento astrológico, bem como maior união dos astrólogos, que promoveram debates pacíficos, enriquecedores e colaborativos em torno dos temas compartilhados.

Na opinião de Camila Colaneri, a Astrologia ganhou em vários aspectos com esse evento, seja pelo “agito” no meio astrológico, uma movimentação que há algum tempo não acontecia, seja pela mobilização dos astrólogos e escolas de Astrologia para divulgar e compartilhar o evento em suas mídias sociais. O evento contou, inclusive, com apoio e patrocínio de diversos astrólogos e escolas de Astrologia, interessados em divulgar essa Astrologia de qualidade. Para Colaneri, foi uma nova forma de divulgação, que conseguiu abranger grande número de pessoas.²⁸ Já para os astrólogos foi um ótimo momento para divulgarem seus trabalhos, mostrando com qualidade o que fazem em seu consultório e, com isso, tornando-se mais conhecidos.²⁹

²⁸ A palestra com maior audiência teve setecentas pessoas *on-line* ao mesmo tempo na sala de transmissão. A menor audiência foi de 240. O evento teve 3.750 inscritos gratuitos no total, sendo em torno de 70% mulheres entre trinta e cinquenta anos. A maior parte dos inscritos são estudantes de Astrologia e astrólogos, sendo a minoria leiga no assunto. Foram vendidos em torno de oitenta pacotes, que permitiam assistir a todas as palestras.

²⁹ Além disso, o formato do evento permitiu ganhos financeiros para os astrólogos participantes, que se afiliaram ao pacote de venda das palestras, recebendo comissão, além de terem tido retorno em termos de consultas depois de as palestras terem sido veiculadas. Fora isso, os astrólogos puderam trocar mais informações entre si, compartilhar experiências e conhecimentos, tendo o grupo permanecido até o momento (novembro de 2014), intensificando algo que já acontecia de forma bastante ampla nas redes sociais.

Na avaliação de Kátia Bueno, foi um ótimo caminho para divulgar a Astrologia, o que se comprovou pela quantidade de e-mails de agradecimento recebidos e por todo movimento gerado na comunidade astrológica.

Camila Colaneri também acredita que foi um excelente caminho para divulgar a Astrologia, pois o evento teve divulgação paga (e que o investimento financeiro foi alto) como espontânea, dos próprios participantes e de outros interessados. Além disso, houve bom retorno de quem assistiu, agradecendo a possibilidade de entrar em contato com a Astrologia e conhecer seus diversos ramos. Além da repercussão no Brasil, o evento teve audiência em Portugal e nos Estados Unidos.

Vale ressaltar que, durante o evento, preparou-se um segundo congresso on-line de Astrologia, o Cinastro (I Congresso Internacional de Astrologia On-Line) organizado numa parceria entre Brasil e Portugal, que foi ao ar em novembro de 2014. Pela repercussão vista nas redes sociais, parece ter tido impacto semelhante ao do Astroconet. Ao que tudo indica, portanto, que essa tem potencial de ser uma nova maneira de divulgação, expressão e comunicação da Astrologia, que aparentemente ganhou uma nova narrativa nesses congressos on-line.

Assim, ao analisar a presença da Astrologia nessas diversas mídias, nota-se, portanto, que pouca diferença existe entre seus conteúdos. Porém, cada uma das mídias parece desempenhar um papel importante de acordo com sua própria natureza.

Comparando televisão e internet, ambas são, provavelmente, as de maior alcance e, portanto, as que permitem maior disseminação do conteúdo astrológico. Porém, pela própria natureza de cada uma, isso acontece de forma distinta.

Sobre o conteúdo astrológico semelhante nas diversas mídias e, dentro delas, nos diversos canais, parece ser algo inerente à própria natureza midiática. Veja-se a colocação de Pierre Bourdieu sobre a televisão: “comparem as capas dos semanários franceses com quinze dias de intervalo: são mais ou menos as mesmas manchetes” (1996, p. 31), ou “nos jornais televisivos ou radiofônicos das emissoras de grande difusão, no melhor dos casos, ou no pior, só a ordem das informações muda” (1996, p. 31).

No caso da televisão, soma-se a questão da audiência, medida em tempo real, que, segundo Bourdieu (1996, p. 38), exerce também pressão e urgência. O autor também propõe que “a televisão não é muito propícia à expressão do pensamento” (1996, p. 39). Para ele, há um contraponto entre urgência e pensamento e, apoiando-se no pensamento de Platão, afirma que, “na urgência, não se pode pensar” e que,

portanto, “há um elo entre o pensamento e o tempo”, o que, no caso da televisão, se traduz num problema que “é a questão das relações entre o pensamento e a velocidade” (1996, p. 39).

Por conta dessa urgência e da velocidade impostas pela televisão, os “pensadores” acabam por apresentar “ideias feitas” que, para Bourdieu, são “ideias aceitas por todo mundo, banais, convencionais, comuns” (1996, p. 40). E, por serem ideias que, “quando as aceitamos, já estão aceitas” (1996, p. 40), não há problema de recepção. Ou seja, “o problema está resolvido”, a “comunicação é instantânea” e, com isso, os “lugares-comuns” desempenham “um papel enorme na conversação cotidiana” (BOURDIEU, 1996, p. 40). Ou seja, “por sua banalidade, são comuns ao emissor e ao receptor”. E isso é o contrário do pensamento que, por definição, é subversivo: “deve começar por demonstrar as “ideias feitas” e deve em seguida demonstrar” (BOURDIEU, 1996, p. 41).

Assim, na visão de Bourdieu, a televisão propõe “alimento cultural pré-digerido, pré-pensado” (1996, p. 41) e se deixa de procurar “quem teria realmente alguma coisa a dizer” (1996, p. 41), em geral “desconhecidos”, privilegiando-se os “*habitués* da mídia” (1996, p. 41).

No caso da Astrologia, o “alimento cultural pré-digerido, pré-pensado” a que se refere Bourdieu é, sem dúvida, o horóscopo, informação clara, objetiva, superficial, que dispensa qualquer tipo de pensamento ou interpretação e é, também, o que há de mais conhecido em termos de Astrologia no mundo. O horóscopo oferece audiência, o que interessa aos programas de televisão e, ainda, cria um público fiel que assiste com frequência, de forma ritualística, para acompanhar o desenvolvimento dessas informações astrais oferecidas de forma simples, dispensando qualquer tipo de pensamento ou interpretação mais profundos.

Mas, para Arlindo Machado, é um equívoco dizer que na televisão só existe banalidade. Para ele, é um erro considerar que as coisas sejam diferentes dentro e fora da televisão. Em sua opinião, “o fenômeno da banalização é resultado de uma apropriação industrial da cultura e pode ser hoje estendido a toda e qualquer forma de produção intelectual do homem” (2000, p. 9). Para exemplificar, Machado aponta as livrarias atuais, especializadas “em *best-sellers* e *digestivos*” (2000, p. 9), que agradam um “público de massa, que lota seus carrinhos de compra com uma subliteratura de consolo e manuais de autoajuda” (2000, p. 9). Ele aponta, ainda, os

blockbusters de Hollywood, tudo para mostrar que a televisão não é a única a generalizar a cultura.

De certa forma, no caso da Astrologia, o horóscopo é esse “digestivo”, a “autoajuda” que o público de massa precisa para saber se será ou não um bom dia e seguir um conselho dado sem grandes consequências. E isso vale para o horóscopo presente na televisão ou em qualquer outra mídia, como o jornal ou a revista.

O horóscopo permite, também, a serialidade, como se fossem episódios diferentes da “vida real”, aproveitando-se da “aura” exercida pela Astrologia, que reconecta constantemente o indivíduo com o cosmo, algo muito presente no imaginário coletivo.

E, como já explorado neste trabalho, a Astrologia, especialmente na forma de horóscopo, cria essa serialidade, mediante o ritual que se forma, gerando o hábito de acompanhar dia após dia, semana após semana, cada capítulo dessa história. Ou seja, se o céu não para, renovando seus ciclos constantemente, seu reflexo na vida humana é claro: o leitor ou telespectador quer acompanhar esses ciclos, na esperança de se preparar melhor todos os dias para sua própria jornada. Assim, em busca de “diagnósticos” e/ou conselhos sobre sua vida, cria o ritual, um rito e/ou hábito de acompanhar o horóscopo, assim como acompanha uma novela ou seriado. Ou seja, a narrativa horoscópica se insere perfeitamente nesse contexto, por ser uma comunicação totalmente seriada, capaz de criar um público fiel interessado em acompanhar seu desenvolvimento.

Arlindo Machado apresenta explicações sobre a adoção, pela televisão, da serialização como “principal forma de estruturação de seus produtos audiovisuais” (2000, p. 85). Entre outros fatos, Machado considera que a televisão, mais do que outros meios, “funciona segundo um modelo industrial e adota como estratégia produtiva as mesmas prerrogativas da produção em série que já vigoram em outras esferas industriais, sobretudo na indústria automobilística” (2000, p. 86). Isso se deve à “necessidade de alimentar com material audiovisual uma programação ininterrupta” (2000, p. 86), o que “teria exigido da televisão a adoção de modelos de produção em larga escala, onde a serialização e a repetição infinita do mesmo protótipo constituem a regra” (2000, p. 86). Assim, ao contrário de outros meios, “o programa de televisão é concebido como um sintagma padrão, que repete o seu modelo básico ao longo de um certo tempo, com variações maiores ou menores” (2000, p. 86). Na televisão, há um fluxo ininterrupto, transmitido diariamente, sendo boa parte ao vivo, o que não

permite edição posterior e, por isso, exige velocidade e racionalização da produção (2000, p. 86).

Segundo Arlindo Machado, a relação entre televisão e produção seriada também tem a ver com o fato de que em geral a recepção de televisão acontece em “espaços domésticos iluminados, em que o ambiente circundante concorre diretamente com o lugar simbólico da tela pequena, desviando a atenção do espectador e solicitando-o com muita frequência” (2000, p. 87). Ressalte-se que, apesar do fato da tela não ser mais pequena, a forma de assistir televisão não mudou muito e as interrupções permanecem. Ademais, não raro pessoas assistem televisão enquanto estão conectadas em seus *tablets* e *smartphones*. Isso muitas vezes distrai e dispersa o espectador. Por isso, o conteúdo não pode ser de todo linear e progressivo, pois, se for baseado nesse efeito contínuo, o telespectador pode perder o fio da meada.

Além disso, em muitos programas de televisão a imagem não é tão importante, pois basta que o telespectador possa escutar seu conteúdo, como se fosse rádio. Esse é o caso, por exemplo, de programas femininos, como o “Mulheres”, em que, pelo menos em décadas passadas, mulheres escutavam o programa enquanto cuidavam de seus afazeres domésticos.

Note-se que a Astrologia está presente em poucos programas de televisão e, quando isso acontece, em geral são programas diurnos, preferencialmente voltados ao público feminino. São basicamente revistas eletrônicas que contêm quadros de culinária, dicas domésticas e música, entre outros assuntos. O horóscopo entra como um quadro que gera a continuidade, pois permite que o público acompanhe o “desenvolvimento astral” ao longo do tempo, gerando fidelização desse público.

Mas, especialmente no caso da televisão, como já abordado antes, é realmente raro alguma pauta astrológica que vá muito além do horóscopo. Por isso também muitos astrólogos são reticentes a participarem de programas de televisão, por acharem que não vale a pena por conta da superficialidade com a qual o tema é abordado.

Além disso, muitas pautas são sobre assuntos muito apelativos e sem sentido, ou superficiais demais, o que faz com que muitos astrólogos prefiram não se expor falando sobre esses assuntos.

Entretanto, a televisão permite uma visibilidade sem comparação e, de certa forma, transforma quem está ali em celebridade, ou seja, faz com que ganhe destaque,

ainda que pequeno, dependendo do canal e do programa, o que permite que, em outros meios, você passe a ser também mais conhecido e “ouvido”.³⁰

Pude notar isso com a participação no “Programa Mulheres”, já relatada, a partir da qual o número de mensagens recebidas por e-mail se multiplicou consideravelmente, seja para pedido de informações que geraram consultas, seja mensagens contendo dúvidas, vontade de se aprofundar no conteúdo astrológico, por meio de livros ou textos publicados em internet, entre outras. O acesso a meu site também aumenta, bem como meu perfil no Facebook e a fanpage, cujo número de “curtidas” aumenta consideravelmente a cada semana depois do programa.

Além disso, por mais que o conteúdo astrológico veiculado na televisão seja superficial e apenas uma pequena parte do que é Astrologia, parece que a televisão dá mais visibilidade. O fato de um profissional de qualquer área aparecer na televisão parece exercer um fascínio pois faz com que pareça “sério” e com isso ganhe um “status”. No caso da Astrologia, é comum que alguém que sofria preconceito por ser astrólogo, ao aparecer em algum programa de televisão falando sobre o assunto passe a ser mais respeitado por seus conhecidos.

Na internet, como já dissemos, parte do conteúdo astrológico é muito semelhante ao das outras mídias. Ou seja, os principais portais têm horóscopo, assim como boa parte dos sites especializados em Astrologia, incluindo os sites pessoais dos astrólogos. Mas o grande diferencial é o fato de a internet permitir a publicação de outros conteúdos, mais profundos e complexos.

Isso acontece especialmente porque “a internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global” (CASTELLS, 2003, p. 8). Ou seja, a internet permite a comunicação direta entre o astrólogo e seu público, sem intermediários, o que faz com que cada astrólogo, assim como acontece com profissionais de outras áreas, possam escrever e publicar o que desejam, ampliando suas possibilidades. E, pelo menos em potencial, conseguem compartilhar esse conteúdo com grande número de pessoas.

Se o mundo da mídia está ao mesmo tempo se tornando global e individualizado (CASTELLS, 2003, p. 157), a Astrologia acaba se beneficiando disso,

³⁰ Por exemplo, a pessoa passa a conhecer o astrólogo e acessar constantemente seu site, agendar uma consulta etc. Além disso, por ele se tornar mais conhecido, acaba sendo convidado com mais frequência para participar de outros programas de televisão e para colaborar, dar entrevistas para sites, revistas e jornais.

já que consegue simultaneamente se globalizar, ou seja, se divulgar para o mundo de forma mais ampla, em novos formatos e com conteúdos de naturezas diversas, e se individualizar, pois encontra seus nichos, seu público e pode ser divulgada de forma mais personalizada, individualizada e profunda. De certo modo, parece que as pretensões atuais da Astrologia casam-se com as finalidades da internet, permitindo uma divulgação em ampla escala e a disseminação de suas diversas narrativas.

Se a televisão é ainda o modo predominante de comunicação, caracterizado como um meio de comunicação de massa (CASTELLS, 1999, p. 416), e por isso permite que a Astrologia, assim como qualquer outro tema, seja levado ao grande público, a internet transformou o mundo da mídia e da comunicação, sendo um “meio de comunicação interativo universal” (CASTELLS, 1999, p. 417), que permite o diálogo direto astrólogo-astrólogo, astrólogo-público, público-astrólogo.

É nesse sentido, também, que parece ser a convergência de mídias o caminho para divulgação de qualquer conteúdo na atualidade, o que inclui a Astrologia e suas narrativas. Com as mudanças tecnológicas e midiáticas dos últimos tempos, passou a existir maior participação ativa dos consumidores (JENKINS, 2009, p. 29). Vale ressaltar que por convergência entende-se “uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (JENKINS, 2009, p. 30).

Nesse sentido, “a expressão *cultura participativa* contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação” (JENKINS, 2009, p. 30). Ou seja, não se fala mais em produtores e consumidores de mídia como papéis distintos, mas sim em participantes que interagem. Por isso, de acordo com Henry Jenkins, “a convergência não ocorre por meio de aparelhos” (2009, p. 30), mas sim “dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros” (2009, p. 30). Para Jenkins, cada um constrói sua própria mitologia pessoal, a partir de fragmentos de informações extraídas da mídia e, como há mais informação hoje do que pode ser consumido, incentivam-se as conversas sobre as mídias e seus conteúdos.

Isso acaba sendo positivo para assuntos até então não muito difundidos, como é o caso da Astrologia, que passa a ser consumido de formas diversas nas diferentes formas de mídia e expressão.

Essa multiplicidade midiática e especialmente a internet e as redes sociais permitiram um retorno da Astrologia em termos de comunicação expandida e esse

passou a ser um assunto cada vez mais presente em todas as mídias, em diversos formatos, que continuam sendo criados.

A internet e, como compreende Dimas Künsch, principalmente

as redes sociais alavancam esperanças de participação que uma antiga *ágora* grega evoca, ela também expressão, não puramente racional, de sentidos que, neste mundo em que ‘tudo é misturado’ (Guimarães Rosa), constituem a alma dinamizadora de atitudes, comportamentos e práticas conformadoras do cotidiano social e político. (2009, p. 40)

Assim, esses meios, de certa forma encantados, também permitem o retorno do mágico, do lúdico, do mitológico e do celeste, conforme será visto a seguir. Isso porque as redes sociais também têm uma espécie de aura mágica, a sensação de infinito e a possibilidade de incontáveis conexões, por isso sendo conhecida também como galáxia. Talvez por ressonância, as redes sociais sejam o local mais apropriado para que a Astrologia seja compreendida em toda a sua complexidade e para que possamos (re)lembrar que o universo, finito ou não, possa “ser fonte de inspiração para que nós, os filhos do céu, realizemos infinitas conversas” (CASSÉ, 2008, p. 126). Afinal, “o universo é verbo”, e nós “permanecemos no mundo, por mais longe que a viagem nos conduza para dentro e para fora dele” (CASSÉ, 2008, p. 126).

CAPÍTULO 5

ASTROLOGIA COMO FORMA DE NARRAR E COMPREENDER A VIDA HUMANA

“(...) estendeu para o céu a ponta do indicador de unha comprida. Indicou primeiro Marte, o planeta vermelho, de onde vinham o poder e a força, depois traçou uma linha de exatos noventa graus ligando Marte a outro planeta rosa, embaçado, cheio de nuvens. Netuno acreditou ouvir quando baixou os olhos para o menino, de onde vem a inspiração, os loucos e os sonhos. – Caio Fernando Abreu.

5.1 Desencantamento do mundo celeste

Como vimos, talvez as próprias narrativas da Astrologia e sua complexidade definam sua presença na mídia e a forma como isso acontece. Mas, provavelmente, há mais complexidade e outros fatores que impedem que a Astrologia se expresse na mídia com todo o seu potencial. Para compreender essa questão, talvez seja preciso voltar no tempo, rumo a períodos onde tudo era muito mais encantado.

Isso porque há muito tempo vivemos um mundo encantado, onde homens e deuses conviviam muito bem. Mito e realidade não eram coisas tão diferentes assim e o homem estava mais integrado à natureza e ao cosmos. Conforme apresentado no Capítulo 2, as narrativas míticas faziam parte essencial da vida das pessoas, que cultuavam seus deuses, entre eles o Sol e a Lua. Os ciclos da natureza e o cosmo eram guias da vida na Terra e os homens estavam integrados com esse céu, com o qual se relacionavam.

O céu e os deuses guiavam a vida na Terra e por meio de rituais o homem se conectava com esse cosmos. Éramos todos filhos do céu (MORIN, 2008) e vivíamos num mundo criado e conduzido por deuses, que em muitas culturas eram representados por astros e estrelas.

Mais do que isso, o “se homem deduziu do cosmos regras e os esquemas de organização social, também, em contrapartida, povoou a abobada celeste de deuses à sua imagem, prestando um culto privilegiado às divindades luminares, o Sol e a Lua” (PETROSSIAN, 1972, p. 15-6). Portanto, “os astros divinizados foram os reguladores do tempo social e da vida, quer profana, quer religiosa” (PETROSSIAN, 1972, p. 15-6).

Mas a “aventura moderna produziu uma ruptura radical na relação antropocosmo” (MORIN, 2008, p. 11). Para Morin, a “revolução promovida por

Copérnico e por Galileu não destronou a Terra da centralidade cósmica simplesmente” (MORIN, 2008, p. 11). Para ele, essa revolução “decidiu considerar a Lua, o Sol e as estrelas como entidades materiais” (MORIN, 2008, p. 11). Com isso, o desenvolvimento da astrofísica “desencantou” totalmente os astros. Assim, o “Sol deixou de ser um deus e transformou-se num motor de explosão nuclear; a Lua não é mais uma deusa, e sim um deserto desolado, crivado de crateras sem vida” (MORIN, 2008, p. 11). Diante disso, o “céu esvaziou-se de todos os seus mitos” e, assim, “uma distância infinita de milhões de anos-luz entre nós e as estrelas dilatou-se” (MORIN, 2008, p. 11).

Os Deuses deixaram de ser o Sol, a Lua e outros que habitavam o Céu ou a natureza e a partir daí muita coisa mudou. O homem ficou mais racional e as estrelas e o mundo celeste passaram a ser estudados e pensados pelo olhar da ciência e, com isso, deixaram de ser algo sagrado.

No século XVII, houve uma “retirada da alma do mundo e o estabelecimento de um mundo de ‘fatos objetivos inanimados’, frutos de uma visão de mundo da ciência” (CONTRERA, 2010, p. 28). Descartes levou a “teoria matemática da realidade a um extremo de onde continua a dominar a ciência ocidental” (CONTRERA, 2010, p. 28). A partir daí, todos “os vegetais e animais se tornaram máquinas inertes, assim como os corpos humanos” (SHELDRAKE, 1995, p. 50).

A filosofia mecanicista introduzida por Descartes iria se transformar na essência da futura visão mecanicista do mundo (SHELDRAKE, 1995, p. 50). Desse ponto de vista, o mundo não passava “de uma grande máquina desprovida de liberdade e de espontaneidade” (SHELDRAKE, 1995, p. 50). Neste mundo, “tudo se movia de maneira mecânica, de acordo com os princípios matemáticos eternos do espaço extenso e com as leis matemáticas eternas do movimento” (SHELDRAKE, 1995, p. 50).

A filosofia mecanicista da natureza, de Descartes, implicava uma rejeição consciente da antiga ortodoxia escolástica, ainda ensinada nas universidades na época de Descartes. Nesta tradição aristotélica, o mundo era vivo; a natureza era animada e continha em si o seu princípio vital e desígnios conscientes – todos os seres vivos possuíam uma alma. Mas a filosofia de Descartes privou a natureza de almas e de desígnios. (SHELDRAKE, 1995, p. 51).

A partir desse momento e por essa visão de mundo, tudo na natureza passou a ser pensado funcionando de maneira totalmente mecânica (SHELDRAKE, 1995, p. 52).

Ressalte-se que a Astrologia era um saber que incluía (e inclui até hoje) ciência, religião, medicina, matemática e filosofia, entre outros. Era considerada uma grande ciência e, ao mesmo tempo, era prestigiada e usada pela Igreja. Assim, tinha ao mesmo tempo as bênçãos religiosas e o prestígio científico. Justamente por isso, quando ciência e religião se separam, a Astrologia é abandonada por ambas ao mesmo tempo. Assim, especialmente a partir do século XVII, quando os deuses deixam de habitar o céu e a natureza deixa de ter alma, a Astrologia perde seu *status*.

No “início do século XX, a concepção einsteiniana fez com que o cosmo desaparecesse como unidade singular em benefício do espaço-tempo, única e verdadeira realidade do mundo físico” (MORIN, 2008, p. 12) e, com isso, “o universo fixou-se para sempre na imobilidade” (MORIN, 2008, p. 12).

Assim,

Agora que mal acabamos de sair do universo de Ptolomeu (pois permanecemos geocêntricos: manhã – Sol nasce – e tarde – Sol se põe), que o universo de Copérnico se encontra hiperprovincianizado, isso porque o Sol, soberano do mundo, não passa de um minúsculo astro suburbano de uma galáxia também periférica, que devemos abandonar até mesmo a ideia de ser o centro do mundo, eis-nos catapultados para dentro de um universo em dispersão (MORIN, 2008, p. 13).

Dessa forma, conclui Morin, “em crescente diáspora, o universo caminha para a dissipação” (2008, p. 13). Mais do que isso, “poderíamos, então, persistir na ideia de que o fosso entre o humano e o cosmo permanece mais gigantesco e irredutível do que nunca” (MORIN, 2008, p. 14).

Cosmos e mitos aparentemente caíram no esquecimento nesse crescente desencantamento do mundo, que se tornou racional e mecanicista, nos afastando cada vez mais de nossas origens cósmicas, o que também nos afastou da leitura do espírito e das questões verdadeiramente essenciais e existenciais.

A partir do século XX, portanto, essa visão mecanicista do mundo, como pontuou Max Weber em 1912, já estava fortemente configurada e se desenvolveu muito, especialmente no fim do século (CONTRERA, 2010, p. 26) e início do XXI, “quando a dinâmica sociedade industrial/capitalismo teve e tem como seu aliado e viabilizador todo um aparato mediático eletrônico” (CONTRERA, 2010, p. 26).

O homem moderno passou a raciocinar mais, sentir menos. Passou a ser mais objetivo e racional. Quando esse encantamento se perdeu, perdeu-se também a capacidade de olhar para o que vai além da razão e, pior ainda, a capacidade humana de integrar razão e emoção, objetividade e subjetividade.

Há uma grande dificuldade de “pensar juntos, e em contínuo processo de trocas, o racional e o não racional”, o que faz se perder “em visões de caráter reducionista e mecanicista” (KÜNSCH, 2009, p. 36). Isso gera uma incapacidade de “aproximar-se da vida em suas múltiplas facetas e dos temas que realmente contam, em sua multiperspectividade, em seus incontáveis e às vezes imponderáveis ângulos, em sua complexidade” (KÜNSCH, 2009, p. 36). Com isso, e com a necessidade de dar respostas a tudo, o pensamento moderno torna-se simplificado, “de pontos-finais” (KÜNSCH, 2009, p. 36).

Para Dimas Künsch, “vive-se da ideia e esperança de que nada há no universo que não possa ser abarcado, dissecado, rigorosamente medido e explicado pela ciência” (2009, p. 36) e, enquanto isso, o pensamento mítico é simplesmente descartado, como algo irrelevante, já que não pode ser mensurado nem enquadrado nas medidas que o método propõe.

Os mitos vão na contramão desse sistema racional que exige explicações para tudo. Eles “não explicam nem dão respostas”, “pelo menos não no nível racional”. “Eles se nutrem do sentimento de poderem administrar narrativamente um convívio possível com interrogações que, desde sempre, tanto incomodaram a humanidade: a felicidade e a dor, a vida e a morte, a origem e o fim de todas as coisas, o amor e ódio, a guerra e a paz...” (KÜNSCH, 2009, p. 39). Ou seja, o pensamento mítico se contrapõe ao pensamento racional e positivista, que também é realista e cria dualismos, que nos levam a viver entre “o certo ou errado”, o “bom ou o ruim” e assim por diante, causando separatividade e desintegração. Conduz-nos a um mundo desencantado, onde não há nada sem explicação.

Esse pensamento moderno faz acreditar que não existe nada no universo que não possa ser medido ou explicado pela ciência (KÜNSCH, 2009, p. 39), o que faz com que todo resto seja descartado, como algo irrelevante, por não ser mensurado ou racionalmente explicado. Em outras palavras, hoje existe a ciência e “o resto” e esse “resto” é algo sem sentido, que não merece atenção, estudo e consideração.

O mito faz parte desse “resto”, sendo que a própria palavra “mito” é comumente usada, especialmente pela mídia, para designar o que “é mentira”. Porém,

mito é outro tipo de verdade, a verdade das coisas profundas, dos significados da vida, algo que permite a compreensão dos grandes mistérios, dos ciclos (como a vida e a morte) e das principais angústias da vida humana.

Ou seja, “mito não é ilusão. Mito não é inutilidade. Mito é pensamento que resulta em práticas” (KÜNSCH, 2009, p. 39). “A palavra ‘mito’”, portanto, “não se entende... como sinônimo de ilusão e mentira” (KÜNSCH, 2009, p. 39), “mito é expressão do trânsito humano com símbolos não racionais que, tanto quanto outras narrativas, expressam as buscas humanas por compreensão da realidade, do universo, da vida” (KÜNSCH, 2009, p. 39).

A Astrologia, assim como o mito, entra nesse “resto”, onde está boa parte do que não é considerado ciência.

Nesse sentido, está também a Astrologia que, com o desencantamento do mundo e a aparente perda de sentido dos mitos, inclusive celestes, perdeu muito espaço.

A Astrologia perdeu também um lugar predeterminado no mundo, pois deixou de estar conectada à ciência e à religião ao mesmo tempo e não apenas caiu no esquecimento, como passou a ser perseguida, vítima do preconceito de um saber talvez mal compreendido. Passou a ser relacionada com misticismo, vidência e outras coisas que não fazem parte de sua natureza.

Apesar de cair nesse lugar obscuro, a Astrologia foi perpetuada pelas sociedades secretas que se desenvolveram no século XVIII, como maçonaria e rosa-cruz. Ainda assim, de oficial a Astrologia passa a ser profana, além de se tornar clandestina e iniciática (PETROSSIAN, 1972, p. 23). Até o século XIX a Astrologia “integra-se num ocultismo generalizado” (PETROSSIAN, 1972, p. 25).

Talvez essa seja a principal explicação para essa dificuldade que até hoje a Astrologia tem de ocupar um lugar de mais respeito no mundo, inclusive na mídia. Como já amplamente discutido neste trabalho, a Astrologia raramente tem espaço na forma de artigos complexos e profundos. Em geral aparece na mídia sob a forma de horóscopo ou outros assuntos supérfluos e sempre posicionada em entretenimento ou nas colunas femininas dos grandes portais. Ou seja, conforme já abordado, a grande imprensa talvez tenha sido a responsável por tirar a Astrologia do ocultismo e “desse *underground* para onde a haviam relegado a ciência, a razão e a religião” (FISCHLER, 1972, p. 29).

Dessa forma, após se separar da ciência, talvez somente inserida em uma cultura de massa a Astrologia tenha conseguido sobreviver e se fazer presente na mídia durante esse tempo todo. Vale frisar o pensamento de Edgar Morin de que o “saber científico desfez em bocados as mitologias que uniam o homem ao mundo e abriram um vazio, sem sequer serem capazes de propor uma inteligibilidade geral” (1971, p. 211). Isso, questiona Morin, poderia ser um princípio de crise ou mal-estar da civilização?

Assim, a Astrologia, confinada até então ao consultório ou à banca de feira, dilata consideravelmente o campo de sua audiência depois da sua irrupção nos *media*. Enquanto o ramo da feira entra em decadência a consulta de gabinete tira proveito do cavalo de Troia dos *mass-media*: infiltra-se em todas as classes, penetra em todos os meios. (FISCHLER, 1972, p. 30).

Dessa maneira, a Astrologia de massa na forma de horóscopo continuou presente, talvez tentando preencher esse vazio que se instalou. Por isso, ainda que renegada como ciência, a Astrologia tenta se posicionar na mídia como pode e sendo tratada como entretenimento talvez por falta de outro lugar para estar.

Vale frisar que no começo, “o horóscopo de *mass-media*” foi acompanhado e escudado “por artigos de fundo consagrados não só à Astrologia, mas também ao conjunto do ‘supranormal’ e do ocultismo” (FISCHLER, 1972, p. 32).

Como o horóscopo “revigora o real com substância mitológica” (FISCHLER, 1972, p. 47), “anuncia a realização dum sonho, a satisfação dum ideal místico”, criando uma espécie de “realidade virtual” (FISCHLER, 1972, p. 49), essa forma de expressão da Astrologia vai encontrando seu espaço na mídia, especialmente inserida na cultura de massa.

E como afirma Paul Feyerabend (2009, p. 93), não existe nenhum método científico ou procedimento único ou conjunto de regras que garantam que a ciência e o pensamento científico possam explicar tudo de forma totalmente confiável. E é também, entre tantos outros motivos, que os mitos fazem falta.

5.2 Narrativas míticas contemporâneas

Com a falta dos mitos e seu estudo, o homem acaba se afastando das questões mais profundas e essenciais e, como sua natureza complexa não pode ser de todo explicada pela ciência, surgem as angústias modernas, os medos profundos e a dificuldade de compreensão da vida e da realidade.

A razão passou a ser nosso maior atributo e, com isso, o espírito ficou esquecido. Para Campbell

Um de nossos problemas, hoje em dia, é que não estamos familiarizados com a literatura do espírito. Estamos interessados nas notícias do dia a dia e nos problemas do momento. Antigamente, o campus de uma universidade era uma espécie de área hermeticamente fechada, onde as notícias do dia não se chocavam com a atenção que você dedicava à vida interior, nem com a magnífica herança humana que recebemos de nossa grande tradição – Platão, Confúcio, o Buda, Goethe e outros, que falam dos valores eternos, que têm a ver com o centro de nossas vidas. Quando um dia você ficar velho e, tendo as necessidades imediatas todas atendidas, então se voltar para a vida interior, aí bem, se você não souber onde está ou o que é esse centro, você vai sofrer. (1992, p. 3).

É aí que entram os mitos. De certa forma, eles servem para nos contar a nossa própria história. Para Campbell, “quando a história está em sua mente, você percebe sua relevância para aquilo que esteja acontecendo em sua vida” (1992, p. 4). Para ele, “isso dá perspectiva ao que lhe está acontecendo” (1992, p. 4).

Por isso, uma vida sem mito, pode ser uma vida vazia. Não há como viver sem o mito. Também não há vida sem o imaginário (KÜNSCH, 2009, p. 39). Quer queira o homem racional ou não, os símbolos, os mitos e o imaginário fazem parte de sua vida.

Os mitos não servem para explicar as coisas de forma objetiva e racional e, portanto, não fornecem respostas claras. Entretanto, ajudam a fazer as perguntas certas diante da vida e a tentar respondê-las de outra maneira que não a racional. Eles ajudam a conviver com as perguntas mais profundas que a vida nos faz, sobre temas como dor, alegria, medo, vida e morte, entre tantas outras.

A própria jornada do herói, ou monomito, como foi definida por Joseph Campbell, “é mais do que apenas a descrição de padrões ocultos de mitologia” (VOGLER, 2006, p. 38), é também “um guia útil para a vida” (VOGLER, 2006, p.

38). E sem esse guia, a vida pode ficar mais complicada, mais difícil de compreender seu sentido e significado. Por isso, a inexistência dos mitos pode fazer a vida perder o sentido, o contexto, e tornar mais difícil a nossa jornada nessa existência.

Tanto é que Christopher Vogler, depois de citar o seguinte texto de Willa Cather: “existem apenas duas ou três histórias humanas, e elas vão se repetindo sem parar, teimosas, como se nunca tivessem acontecido antes” (2006, p. 47), propõe que o livro *O herói de mil faces*, no qual Joseph Campbell apresenta a ideia de monomito, talvez seja um dos livros mais influentes do século XX.

Justamente por sua importância, as ideias de Campbell estão presentes nas principais narrativas, são usadas por escritores e aparecem com força na mídia, em livros, filmes etc. Isso inclui cineastas como George Lucas e George Miller (VOGLER, 2006, p. 47).

Assim, apesar de vivermos em um mundo onde aparentemente não há lugar para o mito, ele pode ser encontrado intensamente nas narrativas, na mídia, nas entrelinhas e na vida de todos nós.

C. Vogler (2006, p. 48) lembra que a grande descoberta de J. Campbell foi perceber que os antigos padrões de mito e a jornada do herói estão presentes em todas as narrativas, já que é um modelo universal, presente em todas as culturas e em todas as épocas.

Além de serem sempre os mesmos personagens se repetindo nos diversos mitos, são histórias que refletem os modelos de funcionamento da mente humana, sendo verdadeiros mapas da psique. E isso acontece porque esses mitos tratam de questões universais e simples, capazes de nos fazer pensar sobre “quem somos”, “de onde viemos” e “para onde vamos depois da morte”, entre tantas outras. Ou seja, as ideias mitológicas, incluindo o monomito, podem ser aplicadas à análise de quase todos os problemas humanos (VOGLER, 2006, p. 49).

Para Mircea Eliade, “se tentarmos compreender o significado autêntico de um mito ou de um símbolo arcaico, somos forçados a concluir que esse significado revela a tomada de consciência de uma determinada situação no Cosmos” (1969, p. 17).

E como tudo que o homem vive é “uma repetição ininterrupta de gestos inaugurados por outros” (ELIADE, 1969, p. 49), conhecer o mito auxilia na compreensão da vida humana.

Mito também é aquilo que conecta todos os seres humanos e as diversas sociedades. Como bem expressa Rupert Sheldrake, “apesar de sua grande diversidade,

todas as sociedades humanas têm determinadas características fundamentais em comum” (1995, p. 330). Segundo Sheldrake, todas as sociedades “têm mitos e rituais que estão, de certo modo, relacionados com a origem do grupo social e da sua continuação”. Ou seja, mitos também remetem o homem à história de seu próprio grupo social, mas também suas origens e a tudo o que todos os homens e sociedades têm em comum.

“Mitos são histórias das origens” (SHELDRAKE, 1995, p. 350). Mitos estão relacionados aos deuses, aos heróis e explicam por que as coisas são do jeito que são, e é por isso que explicam que o que acontece agora sempre se refere a algo que já aconteceu antes. Assim, o mito nos remete “à primeira vez que aconteceu, no tempo mítico das origens” (SHELDRAKE, 1995, p. 350).

Sheldrake (1995, p. 351) enfatiza essa estranheza que podemos ter a respeito dessa “fidelidade ao passado”, já que isso é bem diferente da nossa maneira moderna de pensar. Hoje em dia, enxergamos o passado como um processo histórico linear, progressivo, ao contrário do que acontecia antes, nas sociedades tradicionais, onde prevalecia a atitude mítica.

A mitologia pode ser definida de inúmeras maneiras, como de fato foi e continua sendo em nosso mundo moderno. Mas, quando pensamos não a respeito do que é, mas sim de como funciona e como serviu à humanidade no passado, e pode servir hoje, ela se mostra “tão sensível quanto a própria vida às obsessões e exigências do indivíduo, da raça e da época” (CAMPBELL, 2013, p. 368).

O mitólogo Joseph Campbell (2013, p. 368) ensina que o homem é sempre uma fração da imagem total do homem, pois em cada período da vida está limitado a uma determinada condição e etapa (criança, jovem, adulto, ancião), além de ser especializado em determinado ofício etc. Como o homem não pode ser tudo, a totalidade está no corpo da sociedade e é também a isso que os mitos, ritos e rituais remetem, especialmente hoje, quando as coisas não parecem assim tão claras.

Mais do que isso, além de ser o homem apenas parte da sociedade, a própria sociedade, da mesma forma que a tribo ou a cidade, são “apenas uma fase do poderoso organismo do cosmo” (CAMPBELL, 2013, p. 369). O mito nos lembra que, de um jeito ou de outro, “cada pessoa traz dentro de si mesma o todo” (CAMPBELL, 2013, p. 370).

Apesar do mito continuar vivo, se encontra, ainda, “longe da concepção contemporânea”, já que, de acordo com Joseph Campbell,

o ideal democrático do indivíduo autodeterminado, a invenção da máquina movida por um motor e o desenvolvimento do método científico de pesquisa transformaram a tal ponto a vida humana, que o universo intemporal de símbolos, há muito herdado, entrou em colapso. (2013, p. 372).

Para Campbell, estamos vivendo o “ciclo do herói da época moderna” (2013, p. 371), o conto que foi contado de mil maneiras. A tradição foi abalada e os deuses não têm mais lugar. Se, em tempos antigos, o sentido estava no grupo, hoje o sentido da humanidade é exatamente o oposto, já que está centrado no indivíduo. Porém, segundo Campbell, esse sentido, hoje, é totalmente inconsciente, já que “não se sabe o alvo para o qual se caminha” e “não se sabe o que move as pessoas” (2013, p. 372). Para Campbell, “todas as linhas de comunicação entre as zonas consciente e inconsciente da psique humana foram cortadas e fomos divididos em dois” (2013, p. 373). Com isso,

A tarefa do herói, a ser empreendida hoje, não é a mesma do século de Galileu. Onde então havia trevas, hoje há luz; mas é igualmente verdadeiro que, onde havia luz, hoje há trevas. A moderna tarefa do herói deve configurar-se como uma busca destinada a trazer outra vez à luz a Atlântida perdida da alma coordenada. (CAMPBELL, 2013, p. 373).

Mas, para que se faça esse resgate não devemos descartar tudo que foi alcançado pela revolução moderna (CAMPBELL, 2013, p. 374). Temos, sim, que nos abrir para os diversos símbolos, não apenas os antigos, mas também os modernos, resgatando o que o mito nos ensina, unindo esse caminho ao que a modernidade nos criou.

É importante perceber que, como diziam os Vedas, “a verdade é uma só, mas sábios falam dela sob muitos nomes” (CAMPBELL, 2013, p. 374), e que “uma canção é entoada por todas as diversas vozes do coral humano” (CAMPBELL, 2013, p. 374). Ou seja, “o caminho para nos tornarmos humanos consiste em aprender a reconhecer os contornos de Deus das prodigiosas modulações da face do homem” (CAMPBELL, 2013, p. 374).

A desconexão entre homem e o cosmo também está relacionada ao fato de esses mistérios e mitos terem perdido força e ao fato de esses símbolos não interessarem mais à psique moderna.

A noção de uma lei cósmica, a que toda a existência serve e à qual o próprio homem deve curvar-se, passou desde então pelos estágios místicos preliminares representados na antiga astrologia, e hoje é simplesmente aceita, em termos mecânicos, como fato consumado. A descida das ciências ocidentais do céu para a terra (da Astronomia do século XVII à biologia do XIX), bem como sua concentração, nos dias de hoje, por fim, no homem (na Antropologia e na Psicologia do século XX), marcam o caminho de uma prodigiosa transferência do ponto focal do milagre humano. Não o mundo animal, o mundo vegetal, nem o milagre das esferas; o mistério crucial é, em nossos dias, o próprio homem (CAMPBELL, 2013, p. 375).

Mas, retomando novamente o pensamento de Edgar Morin, jamais deixamos de ser filhos do céu e quando retomamos essa relação com o cosmo, ainda que de forma superficial, relembramos nossas origens e resgatamos o mistério original.

Por isso, o indivíduo moderno, que é também o herói moderno, deve ter a coragem de atender ao chamado em busca dessa presença divina, “com a qual todo o nosso destino deve ser sintonizado” (CAMPBELL, 2013, p. 376). Até porque deixamos de cultuar os antigos deuses para adorar outros novos, sejam eles a internet, os políticos, os artistas de cinema ou outras figuras, especialmente as que estão presentes na mídia, que não deixa de ser um desses deuses.

Joseph L. Henderson conta que “a história antiga do homem está sendo redescoberta de maneira significativa por meio dos mitos e das imagens simbólicas que lhes sobreviveram” (2008, p. 136). E essa é uma importante função do mito hoje. Para Henderson, há fortes conexões entre os símbolos presentes nessas histórias antigas e o nosso presente.

E se o mundo moderno no qual vivemos hoje separa ciência e mito, Joseph Campbell não vê qualquer conflito entre esses dois caminhos. Para ele “não há conflito” (1992, p. 140), já que a ciência também abre caminho na direção das dimensões do mistério e, nesse sentido, se aproxima da esfera da qual fala o mito.

É importante ressaltar, ainda, que a “ciência não cortou, de jeito nenhum, a sua conexão com o pensamento mágico”. Para o historiador David Berlinski, ela “simplesmente submeteu o pensamento ao controle de poderosas restrições intelectuais” (2005, p. 250). E, segundo Berlinski, se “a astrologia é uma forma de magia..., então a mecânica de Newton também o é” (2005, p. 250).

Além disso, apesar de aparentemente esquecidos ou adormecidos, os mitos continuam fortemente presentes, seja em nosso imaginário, seja na mídia, tanto de

forma clara, objetiva e consciente, como de forma indireta, oculta, subjetiva e inconsciente.

5.3 Narrativas astrológicas e pensamento humano

Nesse caminho que percorremos até aqui, pudemos perceber a presença e a importância das narrativas míticas, entre as quais as celestes, incluindo as astrológicas ao longo da história e das diversas culturas e civilizações. A Astrologia pode ser, assim, considerada um saber, uma das inúmeras formas de compreender e de narrar a vida humana. Por isso, além de presente na vida do homem, se faz presente também na mídia, a grande narradora da vida hoje.

Está claro, portanto, a existência de um profundo diálogo entre “os conteúdos comunicativos da Mídia e alguns motivos míticos arcaicos nela presentes; incluindo os motivos astrológicos” (CONTRERA: 2000, p. 26).

Malena Contrera, citando também Edgar Morin, lembra que “o Mito e a Astrologia são um dos mais antigos tipos de formalização da cultura” (2000, p. 27). Malena Contrera recorda, ainda, a “importância que as culturas tradicionais atribuíam aos motivos astrológicos, e sua sobrevivência e validade até os dias atuais” (2000, p. 28). Para ela, é natural supor que “nenhuma espécie de conhecimento sobreviveria por milênios se seus códigos de representação não fossem adequados aos conteúdos que pretendem representar” (2000, p. 28) e isso “evidencia a expressibilidade do texto astrológico” (2000, p. 28).

Por isso, ainda segundo Malena Contrera, se dá a “permanência do texto astrológico, que ocorre pela necessidade simbólica intrínseca do homem em trabalhar seu próprio caráter crístico por meio do imaginário cultural” (2000, p. 28). Malena Contrera afirma também que

a linguagem astrológica tem apresentado um forte poder de sobrevivência exatamente por sua capacidade de representar questões antropológicas arquetípicas, atualizando essas questões num movimento verdadeiramente reorganizacional de seus símbolos. (2000, p. 29).

Para Malena Contrera, está clara “a importância dos mitos astrológicos e de seu papel desde as culturas arcaicas” (2000, p. 30).

A Astrologia tem validade também, porque por mais que tenha sido amplamente associada à indústria do misticismo, “a origem da prática astrológica no mundo antigo é estudada por cientistas que procuram entender o nascimento da ciência pelos princípios de observação sistemática e empírica que a Astrologia traz em suas raízes” (RAMOS, 2000, p. 4).

Para Daniela Osvald Ramos (2000, p. 4), a Astrologia surge na cultura humana pela necessidade do homem em identificar uma ordem em um mundo que parecia feito de caos, além da necessidade de responder aos maiores mistérios da existência, que são o nascimento e a morte. Daniela Ramos cita o quanto o movimento cíclico dos astros indicam a possibilidade de ordenação da vida e, por isso, atribuem sensação de sentido para o homem. Ela relembra, ainda, que, nas sociedades arcaicas, o sentido da existência era justamente vivenciado pelas cosmogonias, ou seja, pelos “modelos míticos compartilhados pelas comunidades que visavam à explicação de criação do mundo” (2000, p. 5). Já na sociedade contemporânea, buscamos constantemente esse sentido da existência.

Para que o mundo seja compreendido hoje, as pessoas precisam de meios e intermediários para que a comunicação ocorra. Por exemplo, a figura do padre, do psicanalista, do astrólogo. Atualmente, a mídia passa a ser também intermediária entre Astrologia e indivíduo (RAMOS, 2000, p.48).

Além disso, se “culturas são sistemas que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos” (LARAIA, 2013, p. 59), isso inclui diversos fatores, entre os quais as “crenças e práticas religiosas” (LARAIA, 2013, p. 59) e também os mitos, o que inclui a mitologia celeste, oferecendo à Astrologia um espaço na cultura e uma validade como forma de compreender e narrar a vida humana. Cultura também pode ser considerada como “sistemas simbólicos” (LARAIA, 2013, p. 61), o que confere validade de texto cultural à Astrologia.

5.4 Narrativas celestes e mundo (re)encantado

Os mitos continuam existindo justamente porque nos reconectam com nossa essência, porque contam nossa história, relembram nossas origens e apontam o caminho certo a seguir. Eles nos mostram como lidar com as crises e os desafios que enfrentamos ao longo de nossa jornada humana, tanto em nível individual quanto coletivo.

Principalmente os mitos celestes nos religam com o Céu, que por muito tempo foi sagrado, recuperando esse nosso lugar de “filhos do céu”. Até porque a própria astrofísica revela “o laço indestrutível que religa o cosmo ao nosso ser” (MORIN, 2008, p. 14), já que “as partículas que constituem os átomos do nosso organismo nasceram durante os primeiros segundos de existência do universo (MORIN, 2008, p. 14)” e que “os átomos a partir dos quais se formaram as moléculas e macromoléculas do nosso organismo foram forjados no núcleo de estrelas anteriores ao nosso Sol” (MORIN, 2008, p. 14) e, assim, “os primeiros seres vivos sobre a Terra são inteiramente constituídos por essas partículas, átomos e moléculas” (MORIN, 2008, p. 14). Por isso Morin afirma que somos “filhos do cosmo”. Ou seja, a “Terra e o Céu compartilham a mesma identidade física” (2008, p. 14).

Quando temos algum contato com o céu, mesmo que seja lendo um horóscopo, estamos, de algum modo, em contato com aqueles que eram os deuses dos nossos antepassados, e com o que é, no fundo, nossa origem. Talvez por isso, apesar de todo o preconceito que sofre e apesar de ser relegada à sessão de entretenimento ou às publicações esotéricas, sempre com textos curtos, superficiais, em geral trabalhos feitos sem qualquer remuneração pela mídia, a Astrologia esteja sempre presente, à sua maneira, marcando presença mesmo que em poucos caracteres ou mostrando apenas a ponta do seu iceberg.

Principalmente pela forte presença do horóscopo, a Astrologia aparece na mídia com uma linguagem pobre, rasa, o que vai contra a profundidade e riqueza do pensamento astrológico que, assim como as narrativas mitológicas, é rico, complexo, profundo. Tal pobreza de linguagem limita a riqueza das narrativas, não apenas astrológicas, mas mitológicas em geral. Apesar disso, pelo simples fato de estar na mídia, recupera, ainda que de forma simplificada, esse pensamento encantado, mágico, mítico, tão necessário nos dias atuais, em que o ser humano nunca “teve tanta

necessidade de transitar compreensivelmente pelo mundo ‘além das aparências’” (MACHADO, 2004, p. 24).

Para Machado, o homem está cansado “do ilusório apelo da ‘realidade’” (2004, p. 24) e por isso “se pergunta hoje como significar sua relação com um mundo de padrões e regras e tarefas” (2004, p. 24) que indicam coisas objetivas, em um caminho no qual não existem “placas que desafiam a curiosidade, encorajam a paixão ou apontam para o sentido de percorrer, seja qual for a trilha escolhida” (2004, p. 24).

Por isso, nesse momento, parece bem-vindo tudo que esteja no sentido de reconectar o homem a um pensamento mágico, encantado, algo que mostre o que está além dessa “vida real”, em geral ilusória, mas que vivemos como se fosse o melhor. Tudo que mostre ao homem o verdadeiro e real sentido da vida, aquilo que Joseph Campbell, Carl Gustav Jung, Rupert Sheldrake e tantos outros estudiosos mostraram ser o mais valioso na vida de um ser humano: o inconsciente, os sentimentos, as fases da vida, o sentido mais profundo de tudo que somos e vivemos. Aquilo que, no fundo, só pode ser mostrado pelo mito, pelas histórias, pela Astrologia, pela arte, ou por qualquer outro caminho que nos abra para o que vai além das notícias do dia a dia, do racional, do mecânico, do que o dinheiro pode comprar.

Regina Machado diz que a arte permite o “trânsito compreensível pelos significados fundamentais da vida humana” (2004, p. 25). E a Astrologia, especialmente por nos reconectar com o cosmos, tal como a arte, também permite esse trânsito, essa ponte entre o homem e os significados mais profundos de sua existência. Machado compara a imaginação presente nos contos à possibilidade de integrar o homem com a experiência da vida humana. Para ela, o conto resgata no homem “o sentimento de gota no oceano, de parte do todo” (2004, p. 26). E isso é, de fato, muito semelhante ao que o contato com o cosmos, com o Céu, com o universo nos provoca e revela.

As narrativas celestes remontam a tempos antigos e, mesmo que em sua forma mais resumida – o horóscopo –, nos fazem perceber o quanto estamos ligados de alguma forma aos outros e ao todo, tal qual essa gota no oceano de que fala Regina Machado.

Assim, quando alguém lê um horóscopo que diz que a Lua ou determinado planeta está indicando algum caminho, inconscientemente pode se comparar a nossos ancestrais que se guiavam constantemente pelo Céu.

Mas, voltando à questão do desencantamento do mundo, é fato que o mundo perdeu seu encanto e que esse desencantamento do mundo está presente em nossa sociedade e a maioria das informações disseminadas pela mídia é prova disso. A prioridade são as notícias do dia a dia, as informações, a ciência e a forma racional e mecanicista de ver as coisas.

Para Malena Contrera “narratividade, resgate do contexto, re-significação, afetividade, relações interpessoais” (...) “são relativos à área de comunicação que, no entanto, os têm subestimado, presa do encantamento pelo tema da informação” (2010, p. 133). Segundo Contrera, talvez ir além disso seja tarefa para o próximo século.

Esse desencantamento que gerou superficialidade e banalização na mídia, porém, pode abrir brechas para que pensamentos mais encantados estejam presentes e ocupem espaço, ainda que pequeno, na comunicação. Talvez, nem todo mundo tenha se desencantado e, ainda que de forma sutil, oculta e homeopática, o pensamento encantado continue permeando a vida humana à sua maneira, ocupando um lugar ainda que pequeno em nossa vida, inclusive na mídia.

Conforme Levi Strauss “as operações mágicas repousam sobre a restauração de uma unidade, não perdida (pois nada jamais é perdido), mas inconsciente, ou menos completamente consciente do que essas próprias operações” (STRAUSS, 2003, p. 41). Levi-Strauss (STRAUSS, 2003, p. 43) afirma que o homem nunca deixou de se esforçar para compreender o mundo.

Assim, se a necessidade de compreensão do mundo continua presente, assim como o universo simbólico, mitos e cosmos continuam fazendo parte da nossa vida, ainda que de forma sutil ou inconsciente.

No caso da Astrologia, ler ou ouvir previsões, ainda que genéricas, como é o caso do horóscopo, retoma a ideia de ciclos, lembrando a máxima do *Taittīya Brâhmana* “assim fizeram os deuses, assim fazem os homens” (DURAND, 2012, p. 283). Essa máxima, que para Gilbert Durand “poderia servir de epígrafe a qualquer intenção ritual ou litúrgica de repetição” (2012, p. 283), serve também ao pensamento mítico, que é descontinuado, porém cíclico, tal qual demonstra efetivamente a Astrologia, que trabalha com esses ciclos e suas repetições, lembrando os deuses antigos, sempre indicadores de caminhos a serem seguidos pelo homem.

Se o próprio calendário segue ciclos celestes, que sempre se repetem, renovando o tempo (JUDGE, 2004; DURAND, 2012, p. 285), o horóscopo retrata dia após dia o caminho aparente desses astros que seguem pelo zodíaco, um dos

mostradores de tempo, traçando um paralelo, por intermédio do astrólogo, com o que acontece (ou poderia acontecer) aqui na Terra.

A astróloga e pesquisadora Elizabeth Teissier também propõe a necessidade do homem contemporâneo em voltar a uma “visão mais ampla dos fenômenos da existência” (1992, p. 26), e cita Einstein ao dizer que “hoje começa o diálogo mais grave que a humanidade conheceu, o diálogo entre o espírito científico e o *significado da vida*” (1992, p. 26). Isso, sem dúvida, também abre portas para que Mito e Astrologia ganhem espaço na mídia e na vida das pessoas, como uma das formas de resgate dessa ponte há tempos rompida, que permite a compreensão daquilo que nem sempre é explicado por essa visão racional, capitalista e mecanicista de mundo.

Para Elizabeth Tessier, inclusive, a partir do século XX as “certezas científicas do século XIX” (1992, p. 28) passam a ser questionadas, e lembra que “a astrologia ocupa-se do homem” (1992, p. 28) e, assim como a biologia, é um saber voltado à vida que, apesar de ter sido colocado em xeque com essa ciência mecanicista, continua vivo. Aliás, como lembra a autora, “a Astrologia não teria sobrevivido ao longo de milênios, apesar das perseguições, se fosse tão frágil...” (1992, p. 32). A estudiosa considera que “a biologia e a astrologia caminham no mesmo sentido” (1992, p. 28) dos meios de comunicação, que permitem que as pessoas saibam o que acontece no mundo e possam perceber que estamos “num caldo de cultura e que, sem solidariedade, não sobrevivemos” (1992, p. 28). Ou seja, fazem perceber que, no fundo, somos parte de um todo e estamos todos interligados de alguma maneira. Em sua opinião, a Astrologia é, também, o “conhece-te a ti mesmo de Sócrates” (1992, p. 227). E conclui seu livro *Estrelas e moléculas* com o seguinte parágrafo:

Um astrônomo, Haldane, escreveu: “Nós somos a poeira das estrelas...”. E o astrofísico Hubert Reeves confirmou-me este facto interessante: somos fabricados a partir dos mesmos elementos de base. O universo, o Grande Todo, é portanto uma simbiose misteriosa e total! Já é altura de tomarmos consciência disso. A harmonia do mundo – em nós e fora de nós – depende disso. Sim, somos poeira das estrelas que, sem que o saibamos, talvez cintilem nas nossas moléculas... (TESSIER, 1992, p. 256-7).

E, se somos poeira das estrelas, somos mesmo filhos do céu, como afirmam categoricamente Edgar Morin (2008) e Richard Wilhelm (2012). E é isso que o contato, seja qual for, com a Astrologia, nos lembra. Talvez por isso ela cause

também fascínio e curiosidade nas pessoas que, mesmo dizendo “não acreditar”, “não gostar” ou “não conhecer a fundo”, sabem pelo menos seu signo solar e consultam ou já consultaram ao menos uma vez seu horóscopo no jornal.

Por isso, como afirma Rupert Sheldrake, precisamos “recuperar um sentimento de vida do Céu, para que, quando olharmos para as estrelas, quando realmente olharmos para o céu, conscientizemo-nos dessa divina presenças e das inteligências e da vida nele contidas” (2008, p. 24). Isso faz parte da visão encantada de mundo que devemos retomar. Afinal,

cosmo e homem, no fundo, obedecem às mesmas leis; o homem é um cosmo em miniatura, não estando separado do macrocosmo por barreiras intransponíveis. São regidos pelas mesmas leis e há uma passagem ligando uma situação à outra. Psique e cosmo comportam-se como mundo interior e mundo ambiente. Portanto, o homem participa por sua natureza de todo acontecimento cósmico e está entretido a ele, interna e externamente (WHILHELM, 2012, p. 93).

A Astrologia, afinal, é uma narrativa da vida e já que “narrativa está aí, como a vida” (BARTHES, 2011, p. 19), esse saber contínua sempre presente. Até porque a modernidade com suas crises, segundo Morin, favorece o desenvolvimento da Astrologia desde o início do século passado, especialmente porque nesta crise da modernidade, “se insere o seu aspecto até então submerso que é o mais arcaico e o mais fundamental: a antro-po-cosmologia que liga a pessoa atomizada a um cosmo vivo” (1971, p. 214), papel esse que a Astrologia cumpre muito bem, já que, para Morin, a Astrologia desempenha esse papel integrador.

Portanto, a Astrologia é um dos (muitos) caminhos possíveis para que a vida seja narrada de forma encantada, para que esse encantamento do mundo seja resgatado e trazido à consciência.

E se a Astrologia é uma boa maneira de compreender e narrar a vida humana, permitindo uma forma mais encantada de fazê-lo, no sentido de nos reconectar com o Céu e com tudo aquilo em que acreditavam e viviam nossos antepassados, a mídia é o melhor caminho para que isso possa acontecer.

Conforme Dimas Künsch, “não existe mais o mundo sem mídia, e, também, sem mídia o mundo não existe mais”.³¹ É ela, portanto, a mídia, a grande narradora da

³¹ Aula em 27/02/2013 na Faculdade Cásper Líbero.

vida atual. Por isso, para atingir o homem, qualquer narrativa, hoje, precisa se fazer presente na mídia. Para Dimas Künsch, a mídia é, em nossos dias, a grande construtora de sentidos sobre a vida.

Além disso, se antigamente nossos ancestrais se reuniam para conversar sobre o céu e seus ciclos, encontros esses que fortaleciam a certeza de que Céu e Terra, macrocosmos e microcosmos eram reflexo um do outro, com o tempo esse diálogo se perdeu e só vem sendo recuperado graças a mídia, que trouxe a Astrologia de volta à pauta social, fazendo com que as pessoas pudessem conversar sobre o assunto. Até porque, mesmo após o retorno da Astrologia em termos de estudo, o público leigo sempre dependeu da presença de um astrólogo para ter algum contato e se aprofundar com o tema, algo nem sempre acessível. Com esse conhecimento colocado à disposição, ficou mais fácil entrar em contato novamente com os ritos celestes.

E se isso acontece de forma geral quando falamos em mídia, ocorre de forma muito mais profunda quando pensamos na internet e, em especial, nas redes sociais, que permitiram que o céu se tornasse novamente centro de rodas de conversa, retomando o diálogo que os antigos tinham com o cosmos e lembrando do que disse Edgar Morin, que “habitamos nesse universo que é também uma história de quem somos” (2008, p. 37). O autor ainda compreende que “o céu-cosmo é ressonância de questões imemoriais” (2008, p. 37).

Aquele mundo encantado, cheio de alma e de deuses que habitavam o céu, pode ser recuperado graças à internet, que não deixa de ser uma galáxia, refletindo também em seu formato esse cosmos sobre o qual estamos conversando.

Conforme abordado, a aura mágica da internet e as tantas conexões possíveis com as redes sociais de certa forma trazem de volta as rodas de conversa, os encontros que os antigos tinham para conversar sobre o céu.

A relação direta entre astrólogos e seus leitores, permitida pelas redes sociais, tornou o assunto mais próximo de suas vidas e a linguagem mais simples, e ao mesmo tempo objetiva e profunda, faz com que as pessoas sintam-se mais à vontade com o tema. Até porque as redes sociais permitem uma participação tal qual a *ágora* grega permitia (KÜNSCH, 2009b). Em outras palavras, as redes sociais criam experiências como rodas de conversa que permitem a troca constante e o crescimento de cada um dos envolvidos nesses diálogos de naturezas tão diversas e profundas.

De fato, as redes sociais parecem ter um certo encantamento que favorece a presença de outros conhecimentos e permitem o diálogo entre as pessoas e diversas

áreas do saber. A internet propicia que mesmo o que não é considerado ciência seja tratado com a mesma seriedade, com o mesmo valor. Proporciona uma visão compreensiva da vida e dos diversos saberes, permitindo relativizar o conhecimento e dar espaço também ao conhecimento comum, que inclui a mitologia e as narrativas ancestrais e cotidianas, como propõe Michel Maffesoli (2007).

Mas essa forma encantada de narrar a vida pela Astrologia não precisa ser exclusiva da internet, já que isso pode se refletir nas demais mídias. Aos poucos, graças ao aumento de informação e do maior interesse do público, não apenas com relação à Astrologia, mas a diversos outros assuntos até pouco tempo menos explorados na mídia, abre-se espaço para que sejam abordados na televisão, nos jornais, no rádio e nas revistas.

O importante, de fato, é saber que, se a Astrologia recupera um certo encantamento no mundo, a mídia torna isso ainda mais possível, pois transmite essa forma de compreensão da vida humana para o mundo. Assim, a forma como a Astrologia muitas vezes se expressa na mídia pode gerar preconceitos com relação à sua imagem, já que privilegia suas narrativas mais resumidas e superficiais. Apesar disso, a relação entre Astrologia e mídia pode ser um encontro bem sucedido, pois se por um lado a Astrologia oferece conteúdo capaz de atrair audiência, por outro pode oferecer à Astrologia um canal para que a linguagem do cosmos agregue novamente ao homem, reconciliando o ser humano com o céu, conforme viviam nossos antepassados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender a relação entre Astrologia e mídia foi preciso fazer um percurso histórico, tanto do saber astrológico quanto de sua relação com os meios de comunicação. Além disso, para compreender melhor essa relação, foi necessário investigar mais profundamente os mitos celestes, desde suas influências na formação das antigas sociedades até o fato de povoarem o imaginário do homem até hoje, bem como observar o que há na mídia em termos de Astrologia e suas narrativas. Por isso, além de traçar o percurso histórico de sua presença nos meios de comunicação, foi necessário fazer uma análise dessas narrativas.

Dentre as narrativas astrológicas, nos aprofundamos mais no horóscopo, o qual, por estar presente em todas as mídias, parece ser a principal forma de comunicação da Astrologia, pela qual muita gente a conhece e a crítica.

De qualquer forma, apesar de ser uma narrativa resumida, que simplifica e reduz todo um saber, o horóscopo tem uma forte relação com a mídia por sua capacidade de criar repetição. Ou seja, todo dia há um novo conteúdo no mesmo formato, numa espécie de continuidade capaz de recriar, ainda que no imaginário e no inconsciente coletivo, os ciclos celestes que estão sempre se repetindo. Consequentemente, gera-se o hábito de sua leitura diária, em uma dimensão ritual que favorece sua presença na mídia.

Além disso, o horóscopo é uma narrativa que se combinou perfeitamente à cultura de massa e, portanto, através dessa Astrologia de massa perpetua a presença desse saber. Ou seja, seu conteúdo é capaz de atrair audiência e fisgar seu público por promover o hábito de sua leitura, seja como uma espécie de entretenimento, seja por uma capacidade, ainda que leve e inconsciente, de (re)conectar o homem com o céu, recuperando algo vivido por nossos antepassados, que organizaram suas sociedades e se guiavam de acordo com o cosmos e os ciclos celestes.

Foi possível notar que a própria Astrologia, por sua natureza ao mesmo tempo complexa e individualizada, não permite uma comunicação muito profunda de seu conteúdo nos meios de comunicação. Isso porque a individualização da Astrologia dificulta levar seus conteúdos para a mídia de grande circulação. Afinal, não são tantos os assuntos passíveis de apresentação mais detalhada na grande mídia, uma vez que, para serem aplicados ao indivíduo, são necessários estudos, cálculos, etc. Em outras palavras, são poucos os assuntos genéricos que a Astrologia oferece, já que

apenas os signos e outros poucos pontos são comuns a todos os indivíduos. Assim, o que pode ser abordado na mídia, além dos horóscopos, são algumas variações sobre o mesmo tema, uma vez que, para que o público pudesse aproveitar qualquer outra informação, precisaria conhecer seu mapa astrológico, o que só seria possível com estudo ou contato pessoal com um astrólogo. Entretanto, isso ainda é apenas uma hipótese levantada, especialmente depois das entrevistas com astrólogos que têm experiência na mídia. Talvez haja outros caminhos possíveis de ser descobertos e trabalhados para que a Astrologia possa se comunicar com seu público de outra maneira, com maior diversidade de temas e níveis de profundidade.

De qualquer forma, é por isso também que é pelo horóscopo que a Astrologia está tão inserida na cultura de massa e tão presente na mídia, pois cria uma narrativa ao mesmo tempo genérica e personalizada, capaz de despertar a curiosidade do público e promover os rituais de leitura já mencionados.

Mas, apesar da superficialidade do horóscopo, que é apenas uma pequena mostra, uma fresta, que permite enxergar só um fragmento de todo um saber, pode-se notar que essa narrativa astrológica também é a fresta que mostra que existe algo a mais além daquela janela, convidando seu público em potencial a conhecer um pouco mais sua essência e profundidade.

É justamente pela sua capacidade de criar hábito que o horóscopo cabe tão bem nos meios de comunicação, ao mesmo tempo que ajuda a mídia, colaborando com a fidelização do público que dia após dia acompanha as mensagens e conselhos do céu, numa busca por sentido na vida que faz com que a Astrologia possa ser uma forma de compreender e narrar a vida humana, trazendo sentido, significado e encanto à vida e ao mundo.

Outrossim, foi possível perceber que a Astrologia tem se beneficiado cada vez mais das mudanças da própria mídia, que simultaneamente tem se tornado global e individualizada, pois, ao mesmo tempo, pode ser levada a um maior número de pessoas e encontrar seus nichos, seu público específico, para o qual possa se divulgar de forma mais personalizada, individualizada e profunda, o que é possível especialmente graças à internet, que permite tanto uma divulgação em larga escala quanto a disseminação de suas diversas narrativas em diversos formatos.

De qualquer maneira, é difícil tecer considerações finais sobre este assunto. Considerar, aliás, que significa estar com os astros, nos remete à necessidade intrínseca, ainda que inconsciente, que temos de nos alinhar com o universo cósmico.

Parece que este estudo é apenas o início de outras pesquisas futuras, seja sobre as diversas narrativas astrológicas, suas naturezas e relações específicas com cada meio de comunicação, seja com a investigação de novos caminhos que permitam uma divulgação muito mais profunda da Astrologia em toda a sua complexidade, com todas as suas narrativas e conteúdos.

Mas, uma suposição possível talvez seja que, de alguma maneira, o homem continua se aconselhando com os astros, lembrando seus antepassados, numa relação que, na verdade, nunca deixou de existir. Afinal, como bem definiu Edgar Morin (2008), sempre fomos e continuamos sendo filhos do Céu. E a Astrologia na mídia talvez possa ser um excelente veículo para colocar o homem em diálogo com esse cosmos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. *Triângulo das águas*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- _____. *Ovelhas Negras*. Porto Alegre, 1995.
- _____. *O dia em que Júpiter encontrou Saturno (Nova história colorida)*. In: _____. *Morangos mofados*. Rio de Janeiro: Agir: 2006.
- ADORNO, Theodor W. *As estrelas descem à Terra: a coluna da Astrologia do Los Angeles Times – um estudo sobre superstição secundária*. São Paulo: Unesp, 2007.
- ARROYO, Stephen. *Normas práticas para a interpretação do mapa astral*. 6ª ed. São Paulo: Pensamento, 2011.
- _____. *Astrologia, psicologia e os quatro elementos*. 13ª ed. São Paulo: Pensamento. 2005.
- BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- _____. *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- _____. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.
- BAITELLO JR., Norval. *O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens*. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- _____. & BARRETO, José Roberto. *A comunicação e os ritos do calendário: entrevista com Harry Pross*. São Paulo: *Revista de Cultura Brasileira e Alemã*, n. 7, jun. 1992.
- BAPTISTA, Antonio José & FONSECA, Paulo Delfino da. *Almanak da Província de São Paulo*. São Paulo: IMESP, edição fac-similar, 1985.
- BARBAUT, André. *O universo astrológico dos quatro elementos*. Rio de Janeiro: Espaço do Céu, 2004.
- _____. *Tratado prático de Astrologia*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix.

- _____. *Astrología mundial*. Barcelona: Vision Libros, 1981.
- BARROS, Rui Sá Silva. *O espelho partido: Astrologia & Psicopatologia – a possibilidade de diagnóstico e prevenção*. São Paulo: Ágora, 1989.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2012.
- _____. *Crítica e verdade*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____. In: _____. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1980.
- BERANGER, Celisa. *A evolução através das progressões*. Rio de Janeiro: Espaço do Céu, 2001.
- _____.; SARMENTO, Lúcia Xavier; REIS, Marcus; GOULART, Marilda; et al.. *O timeu de Platão e a Astrologia: estudos e comentários*. Rio de Janeiro: Espaço do Céu, 2004.
- BERLINSKI, David. *Segredos do céu: Astrologia e a arte da previsão*. São Paulo: Globo, 2005.
- BERNIS, Maurício. Astrologia empresarial. *Caderno Brasileiro de Astrologia*, n. 11. São Paulo: Gaia Brasilis, 2007.
- BITTENCOURT, Getulio. *À luz do céu profundo: Astrologia e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Era, 1998.
- BOBRICK, Benson. *Escrito en el cielo: una historia de la astrología*. Buenos Aires: El Ateneo, 2007.
- BORDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BRADY, Bernadette. *Star and Planet Combinations*. England: The Wessex Astrologer, 2008.
- BUITONI, Dulcíli Helena Schoeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1990.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *Os primeiros almanaques de São Paulo*. Convênio IMESP/DAESP, 1983.
- CAMPBELL, Joseph (entrevista com Bill Moyers). *O poder do mito*. São Paulo: Associação Palas Atenas, 1992.
- _____. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2013.
- CAMPION, Nicholas. *A history of western Astrology*. V. I. The Ancient World. London: Continuum, 2008.
- CAPT, E. Raymond. *La gloria de las estrellas: el zodíaco y su mensaje*. Buenos Aires: Lidium, 1985.

CARDOSO, Paulo. *Mar Portuguez e a simbólica da Torre de Belém*. Lisboa: Estampa, 1991.

_____. *Fernando Pessoa: Cartas Astrológicas* – como a Astrologia foi determinante na vida e na obra de um dos maiores escritores portugueses. Lisboa: Bertrand, 2011.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTRO, Ana Cristina Vidal. *Astrologia nas redes sociais: uma nova forma de compartilhar o céu*. Monografia de conclusão de curso na pós-graduação Lato Sensu em Jornalismo. Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2011.

CASTRO, Maria Eugênia de. *O livro dos signos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

_____. *Astrologia e as dimensões do Ser*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

_____. *Astrologia: Uma novidade de 6.000 anos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

CATALÀ, Josep M. *La imagen compleja: la fenomenología de las imágenes en la era de la cultura visual*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona; Servei de Publicacions, 2005.

CATALÀ DOMENECH, Josep M. *La imagen interfaz: representación audiovisual y conocimiento em la era de la complejidad*. Bolbao: Universidad del País Vasco, 2010.

CERES, Silvia. *Fernando Pessoa: Poesía, Heterónimos y Astrologia*. Buenos Aires: Abulafia Ediciones Digitales, 2007.

CONNOR, James A.. *A bruxa de Kepler: a descoberta da ordem cósmica por um astrônomo em meio a guerras religiosas, intrigas políticas e o julgamento por heresia de sua mãe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

CONTRERA, Malena Segura. *O mito na mídia*. São Paulo: Annablume, 2000.

_____. *Mediosfera: meios, imaginário e desencantamento do mundo*. São Paulo: Annablume, 2010.

COSTA, Amanda Lacerda. *360 Graus: uma literatura de epifanias – o inventário astrológico de Caio Fernando Abreu*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras. Programa de Pós Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

_____. *360 Graus: Inventário astrológico de Caio Fernando Abreu*. Porto Alegre: Libretos, 2011.

- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.
- DEFRANCE, Phillippe. *A Astrologia Erudita*. In: MORIN, Edgar; et ali. *O retorno dos astrólogos*. Lisboa: Moraes, 1972, p. 81-94.
- _____. *Lógica e coerência da Astrologia*. In: MORIN, Edgar; et ali. *O retorno dos astrólogos*. Lisboa: Moraes, 1972, p. 167-186.
- DEL PICCHIA, Beatriz; BALIEIRO, Cristina. *O feminino e o sagrado: mulheres na jornada do herói*. São Paulo: Ágora, 2010.
- DE SALVO, Salvatore; DE SALVO, Mara. *A energia cósmica e você*. São Paulo: Biblioteca 24horas, 2009.
- DIP, Paula. *Para sempre teu, Caio F.:* cartas, conversas, memórias de Caio Fernando Abreu. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. Lisboa: Edições 70, 1969.
- _____. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ELIADE, Mircea & COULIANO, Ioan P. *Dicionário das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FENTON, Sasha. *Astrology for living*. London: Collins & Brown, 1999.
- FERREIRA, Beatriz Martins Mendes. *Nicholas Culpeper: a conciliação da astrologia e medicina*. Caderno Brasileiro de Astrologia número 13. São Paulo: Gaia Brasilis, 2007.
- FEYERABEND, Paul. El caso de la astrología. In: *Por qué no Platón?* Madrid: Tecnos, 2009.
- FISHLER, CLAUDE. *A Astrologia de massa*. In: MORIN, Edgar; et ali. *O retorno dos astrólogos*. Lisboa: Moraes, 1972, p. 29-66.
- _____. *Astrologia e Sociedade*. In: MORIN, Edgar; et ali. *O retorno dos astrólogos*. Lisboa: Moraes, 1972, p. 111-136.
- FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado*. Por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FRUTIGER, Adrian. *Sinais & Símbolos: desenho, projeto e significado*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GLEISER, Marcelo; BETTO, Frei. *Conversa sobre a fé e a ciência com Waldemar Falcão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- GREENE, Liz. *Os astros e o amor*. São Paulo: Cultrix, 2002.

- HENDERSON, Joseph L. *Os mitos antigos e o homem moderno*. In: JUNG, Carl Gustav; et alli. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 133-205.
- HOPCKE, Robert H. *Sincronicidade ou por que nada é por acaso*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2001.
- HUTIN, Serge. *História da astrologia*. Lisboa: Edições 70, 1970.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.
- JUDGE, Michael. *The Dance of Time: The origins of the calendar*. New York: Arcade Publishing, 2004.
- JUNG, Carl. G. **Sincronicidade**. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012a.
- _____. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- _____. *Memórias, sonhos e reflexões*. São Paulo: Saraiva, 2012b.
- _____. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes, 2012c.
- _____. *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- KÜNSCH, Dimas A. *Mais interrogações e vírgulas, menos pontos finais: pensamento compreensivo e comunicação*. *Líbero* 12, n. 24, dez 2009a.
- _____. Teoria compreensiva da comunicação. In: _____. & BARROS, Laan Mendes de. *Comunicação: saber, arte ou ciência*. São Paulo: Plêiade, 2008.
- _____. Os deuses voltam à cena: ciberespaço, razão e delírio. In: Vários autores. *Esfera pública, redes e jornalismo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009b.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Introdução à obra de Marcel Mauss*. p 11-46. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- LEWIS, James R. *Enciclopédia de astrologia*. São Paulo: Makron Books, 1998.
- LÚLIO, Raimundo. *Astrologia medieval*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2011.
- LUNDSTED, Betty. *Compreensão astrológica da personalidade*. 2ª ed. São Paulo: Ágora, 1989.
- LUNÉ, Antônio José Batista de. *Almanak da Província de São Paulo para 1873*. São Paulo: IMESP, 1985 (edição fac-similar).
- MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

- _____. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004.
- MALINA, Jakub. *The Prague Horologe*. Prague: Eminent, 2005.
- MANILIUS, Marcus. *Os astrólogos ou a ciência sagrada do céu*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.
- MANN, A. T. *A astrologia e a arte de curar*. São Paulo: Pensamento, 1989.
- MARSHALL, Peter. *A astrologia no mundo*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2004.
- MASCHEVILLE, Emma Costet de. *Luz e sombra: elementos básicos de astrologia*. Brasília: Teosófica, 1997.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MORIN, Edgar; CASSÉ, Michel. *Filhos do céu: entre vazio, luz e matéria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MORIN, Edgar; DEFRANCE, Philippe; FISCHLER, Claude; PETROSSIAN, Lena. *O retorno dos astrólogos*. Lisboa: Moraes, 1972.
- _____. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- MORIN, Jean-Baptiste. *Observaciones Astrologicas: Comentario sobre el Centilóquio de Ptolomeo*. Barcelona: Humanitas, 1982.
- MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Kepler: a descoberta das leis do movimento planetário*. São Paulo: Odysseus, 2003.
- PARKER, Julia Y Derek. *Guía Completa de Astrología*. China: Grijalbo, 2007.
- PETROSSIAN, Lena. *Do nascimento ao renascimento da Astrologia*. In: MORIN, Edgar; et alii. *O retorno dos astrólogos*. Lisboa: Moraes, 1972, p. 15-27.
- PIJARRO, Jerônimo. FERRARI, Patricio (eds.). *Fernando Pessoa: eu sou uma antologia: 136 autores fictícios*. Lisboa: Tinta-da-China, 2013.
- PLATÃO. *Timeu e Crítias ou a Atlântida*. Hemus, 2002.
- PROPP, Vladimir Iakovlevitch. *Morfologia do conto*. In: SCHNAIDERMAN, Boris Solomonóvitch (Org.). *Morfologia do conto maravilhoso*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
- PTOLEMY. *Tetrabiblos*. London: Harvard University Press.
- QUEIROZ, Gregório Pereira de. *Interpretação astrológica: aforismos baseados em Morin de Villefranche*. *Caderno Brasileiro de Astrologia*, n. 03. São Paulo: Gaia Brasilis, 2005.

- _____. As qualidades primitivas na interpretação da carta astrológica. In: BENEDETTI, Valdenir (Org.). *Segredos & Estilos: a arte da interpretação do horóscopo*. São Paulo: 2008.
- QUIGLEY, Joan. “*O que Joan disse?*” Revelações da astróloga de Nancy e Ronald Reagan. São Paulo: Siciliano, 1990.
- QUIROGA, Oscar. *Astrologia real: o que seu signo quer dizer a você*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- RAMOS, Daniela Osvald. *Astrologia on-line: um estudo da mediação tecnológica*. Dissertação de Mestrado. ECA/USP, 2002.
- RYGL, Tomás. *Praga*. ATP, 2007.
- RUDHYAR, Dane. *A prática da astrologia como técnica de compreensão humana*. São Paulo: Pensamento, 1991.
- _____. “*As casas astrológicas*” o espectro da experiência individual. São Paulo: Pensamento, 1999.
- SALES, Roxane Mangueira. *Astrologia no cuidado de mulheres deprimidas do bom jardim*. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Saúde Coletiva. Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2012.
- SASPORTAS, Howard. *As doze casas*. São Paulo: Pensamento, 2003.
- SEYMOUR, Percy. *Astrologia e evidência científica*. Rio de Janeiro: Nova Era, 1988.
- SHELDRAKE, Rupert; FOX, Matthew. *A física dos anjos: uma visão científica e filosófica dos seres celestiais*. São Paulo: Aleph, 2008.
- SHELDRAKE, Rupert. *A ressonância mórfica & a presença do passado: os hábitos da natureza*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- SICUTERI, Roberto. *Astrologia e mito: símbolos e mitos do zodíaco na psicologia profunda*. São Paulo: Pensamento, 1994.
- STUCKRAD, Kocku von. *História da astrologia: Da Antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Globo, 2007.
- SUSTER, Gerald. *John Dee*. São Paulo: Madras, 2007.
- SUZUKI, Marilha Maneschy. *Astrologia no Brasil: os caminhos da história no céu austral*. Rio de Janeiro: Interciencia, 2007.
- TEISSIER, Elizabeth. *O significado da astrologia*. Portugal: Bertrand, 1979.
- _____. & LABORIT, Henri. *Estrelas e moléculas*. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

_____. A situação epistemológica da astrologia através da ambivalência da fascinação/rejeição na sociedade pós-moderna. Tese de Doutorado. Sorbonne, 2001. Orientada por Michel Maffesoli.

TOWNLEY, John. *Ciclos astrológicos e períodos de crise*. 2ª ed. São Paulo: Pensamento, 1998.

VELOSO, José de Barros. *Tycho Brahe: um astrônomo fabuloso no reino da Dinamarca*. Lisboa: By The Book, 2003.

VIDAL, Titi. Amor e Astrologia: em busca de relacionamentos melhores. *Caderno Brasileiro de Astrologia*, n. 19. São Paulo: Gaia Brasilis, 2010.

VILLEFRANCHE, J. B. Morin. *Minha vida perante os astros*. Rio de Janeiro: Espaço do Céu, 2002.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

WEISS, Adolfo. *Astrologia racional*. Buenos Aires: Kier, 1987.

WILHELM, Richard. JUNG, Carl Gustav. *O segredo da flor de ouro: um livro de vida chinês*. Petrópolis: Vozes, 2012.

WILHELM, Richard. *I Ching: o livro das mutações*. São Paulo: Pensamento, 2006.

ZENITH, Richard & VIEIRA, Joaquim. *Fotobiografia de Fernando Pessoa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Almanaque do Pensamento 2012. São Paulo: Pensamento, 2012.

Meditações sobre os 22 arcanos maiores do Tarô, Por um autor que quis manter-se no anonimato. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2005.

Praga: coração da Europa. Florença: Bonechi, 2009.

Matérias de jornais

Ribeiro, Renato Janine. Como a astrologia se tornou junguiana. São Paulo: Jornal A Folha de São Paulo, publicado em 17/11/1996.

_____. Estatísticas da via Ápia. São Paulo: Jornal A Folha de São Paulo. Caderno Especial. Publicado em 10/11/2001.

Entrevista

JANINE, Renato. Café filosófico. “Agir com Astrologia”. Exibido na TV Cultura em 2003.

DVD

CAMPBELL, Joseph. O Poder do Mito. Estados Unidos, 1988.

FINI, Carlos. A fase oculta do zodíaco. Curitiba.

_____. O trivium da complexidade: a relação Homem-Cosmos sob a ótica da Complexidade. Curitiba.

ANEXO 1

Janeiro 1984

HORÓSCOPO

CAPRICHOS

N.º 5800 - Alameda, Boa Vista, Jipirama, Macapá, Manaus, Porto Velho, Rio Branco, Santarém, Vila Rica - Via aérea: Cr\$ 400 - 0127

EDICION
ANUAL Cr\$ 350

2 histórias sensacionais:

A grande mentira

A decepção

EXTRA!

Emagreça com o fantástico regime da Lua

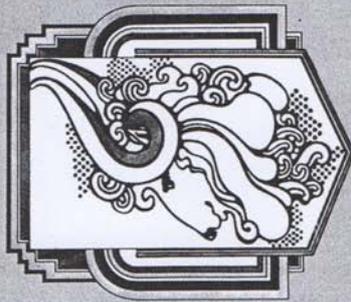
As novidades que traz o horóscopo de janeiro

A euforia leonina de Irene Ravache



**EXCLUSIVO:
UM LINDO
CALENDÁRIO LUNAR
PARA
1984**

O SIGNO DE CAPRICÓRNI



Para entender um ser que nasceu sob o signo de Capricórnio, você precisa possuir um grande sentido de observação e, sobretudo, muita paciência, para descobrir as mil e uma coisas que formam a complicada personalidade capricorniana.

Fazendo jus ao seu símbolo — a cabra —, pode-se imaginar o nativo (ou nativa, é claro) de Capricórnio pisando o solo com cautela e raciocínio, antes de dar um pulo. Por isso, raramente cai e, se isto acontecer, ele se levanta imediatamente e procura saber o motivo daquela queda para não repetir o erro.

Capricórnio é um signo que constrói seu futuro de uma maneira sólida, definitiva. Não se afo-

ba, pois acha que antes de agir é preciso pensar para ter certeza do que se deve fazer para alcançar os próprios objetivos.

Geralmente, Capricórnio não é muito expansivo. Quer dizer que não deixa facilmente seus sentimentos a descoberto. Ele, às vezes, se envergonha de deixar entender que, no fundo, é um sentimental. Ele ama a família profundamente e é capaz de grandes lutas e sacrifícios para oferecer-lhe uma vida confortável: é assim que ele exprime o seu afeto.

No amor, é a mesma coisa. Quer seja homem quer seja mulher, Capricórnio não tem o dom da comunicação verbal e é com fatos positivos que ele oferece tudo que há de bom e bonito no seu coração. Quando ama, ele é fiel mas, como o convívio pode se tornar às vezes monótono pela sua falta de comunicação, ele corre o risco de perder seu amor. Por isso, é aconselhável que se torne mais brincalhão, mais sociável.

Embora não pareça, Capricórnio necessita de calor humano. Por dentro, ele se derrete por um gesto atencioso, mas tem dificuldade em demonstrar sua felicidade.

Por outro lado, se um dia você precisar de amparo, não será difícil encontrá-lo junto de um capricorniano que faz questão de esconder tantas belas qualidades.

HORÓSCOPO

SUPLEMENTO ESPECIAL **CAPRICHO**

JANEIRO 84

Sumário

SEÇÕES	
Um milhão de amigos	4
Conheça o seu ascendente	10
Por onde andam os astros	11
PERFIL	
Irene Ravache	54
CONTOS	
A decepção	58
A grande mentira	64
TESTE	
O que você acha da Lua?	70
ESPECIAL	
Calendário Lunar	41
INÉDITO	
A Lua faz você emagrecer	74

PREVISÕES DOS SIGNOS

Áries	14
Touro	17
Gêmeos	20
Câncer	23
Leão	26
Virgem	29
Libra	32
Escorpião	35
Sagitário	38
Capricórnio	45
Aquário	48
Peixes	51

Foto de capa: Isabel Capricho/Novo

Horóscopo Capricórnio

Um pouco de tudo...

Entre os muitos cartões de Natal e ano-novo, que recebi, um deles chamou mais minha atenção pelas palavras que trazia. Eis o que diz Miriam Parentini, a moça que o mandou: "Reconheço que o mundo está passando por uma fase difícil e que a luta pela sobrevivência é dura. Eu procuro ser útil ajudando o próximo na medida de minhas possibilidades, que são poucas. Mas, mesmo assim, dou um jeito. Quanto a mim, pessoalmente, apesar de tudo, não quero desesperrar-me e, quando chega o primeiro dia de um novo ano, eu me concentro e assim tenho a sensação de estar renascendo para ter o tempo de fazer o que não fiz antes e corrigir as falhas daquilo que não deu certo. A esperança me ajuda a viver e até a achar a vida bonita e interessante..."

Pois é, a Miriam, com poucas palavras, me deu uma lição de vida. Vou procurar imitá-la. E você, querida amiga leitora, que tal experimentar? Acho que vale a pena.

Um abraço e feliz ano-novo.

Michelle Gaggio Frank

O sorriso é como um idioma universal: em toda parte, em qualquer lugar, todo mundo o compreende.

ÁRIES

21/3 a 20/4



Controle um pouco suas palavras, Áries!

O ponto mais fácil de identificar alguém de Áries é pela sua franqueza e sinceridade. Em geral, você não faz segredo do que pensa e isto tem lhe causado muitos problemas. Que tal controlar um pouco mais as suas palavras?

Amor



Nada melhor do que começar o ano-novo já sabendo que quem pertence ao primeiro signo do zodíaco terá

a sorte de desfrutar de um período bastante favorável para as coisas do coração, graças ao perfeito entrosamento que existirá entre Marte, astro regente de Áries, e Vênus, o planeta do amor, no decorrer deste primeiro mês de 1984. Mesmo assim, não pense que tudo será cor-de-rosa. Nada disso. Será indispensável que você controle um pouco a sua natural impetuosidade, para não provocar conflitos com a pessoa que ama. Portanto, procure não trazer à tona velhos assuntos do passado, para não correr o risco de mexer com os brios do ser amado, entende? Na medida do possível, não deixe que seus problemas materiais ou seu mau humor interfiram na vida afetiva. Agindo assim, tudo correrá bem por cento em ordem no âmbito da vida a dois e você não terá do que se queixar.

Saúde



No que diz respeito à saúde, as previsões astrológicas não estão nem um pouco animadoras para os lados de quem é de

Áries. Infelizmente, o Sol parece que estará fazendo oposição a Marte no decorrer da atual fase, de modo que é bem provável que o seu organismo fique um tanto debilitado, com propensão a contrair doenças inflamatórias com muito mais facilidade, entende? Portanto, previna-se

desde já, evitando gastar energias sem necessidade. Lembre-se de que você acaba de atravessar um período bastante agitado e que ainda não deu tempo para repor suas forças. O ideal seria você programar suas férias o mais depressa possível, pois essa seria a melhor forma de dar um merecido descanso ao seu corpo. Mas, se não for possível, trate ao menos de aproveitar os fins de semana para se relaxar. No mais, fique atenta ao lidar com facas e tesouras, para evitar acidentes, tá?

Dinheiro



No setor financeiro, parece que as coisas vão estar meio paradas para a nativa de Áries no começo deste novo ano. Pelo visto, Mercúrio anda um tanto contrariado com o seu modo de defender os seus interesses pessoais e vai criar uma série de embaraços aos seus propósitos durante esta fase. Nessas circunstâncias, parece que não haverá

muita coisa a fazer, a menos que você queira nadar contra a correnteza, teimando em contrariar os designios astrais. Nesse caso, fique sabendo que você correrá sérios riscos de ter prejuízos com negócios malfeitos. Além disso, alguém poderá falar com a palavra, deixando você numa situação muito embaraçosa. Quanto ao setor profissional, não há, por enquanto, nenhum indício de mudança. Mas algumas intromissões negativas poderão dificultar seu relacionamento com chefes e superiores. Fique alerta e procure controlar seu orgulho, viu?

Áries

A influência do seu ascendente no mês de janeiro

ÁRIES - Ano novo, vida nova! Por tanto, amiga ariana, muito otimismo e cabeça erguida, tá?
TOURO - Momentos de lirismo no amor e encontro com amigos distantes. Aproveite a maré.
GÊMEOS - O seu ascendente em Gêmeos, sempre muito dinâmico, poderá levá-la a se exceder. Cuidado!
CÂNCER - Não se preocupe por uma coisinha à-toa. Você precisa ser mais objetiva. Tudo azul, viu?
LEÃO - Uma sobrecarga de trabalho neste período será um tanto negativa para sua saúde. Não abuse.
VIRGEM - A influência de Virgem torna você um tanto exigente. Que tal ser mais compreensiva, hein?
LIBRA - Como ascendente, o signo de Libra, oposto a Áries, tende a ser positivo. Isto é bom.
ESCORPIÃO - Marte e Plutão poderão influenciar você de forma perigosa. Procure andar com calma, ariana!
SAGITÁRIO - Bom humor e otimismo iluminam sua vida nesta fase. Aproveite, amiga de Áries. Vale a pena!
CAPRICÓRNIO - Deixe de lado a teimosia. Só assim você evitará atritos com as pessoas que quer bem.
AQUÁRIO - Graças à boa influência de Aquário, você alcançará sucesso em todas as suas iniciativas.
PEIXES - Financeiramente, este período será compensador. Você poderá pagar alguma dívida, entende?

16

Horoscopo Capricórnio

TOURO

21/4 a 20/5



Bela voz é um forte trunfo de Touro

Normalmente, quem nasce em Touro tem o dom de possuir uma bela voz, que torna mais fácil a carreira para o canto. Se você se sente atraída pela atividade artística e tem vocação para a música, não demore a seguir sua intuição, tá?

17

Horoscopo Capricórnio

PREVISÕES PARA O DIA-A-DIA

1. Entre confiante neste ano, que promete muito para você!
2. Não se descontrola.
3. Saúde regular.
4. Boas notícias de longe.
5. Sensação de remorso.
6. Não remexa em assuntos do passado. Viva o presente!
7. Riscos de acidentes dentro de casa. Olho vivo!
8. Domingo calmo.
9. Pensamentos positivos.
10. Amor bem embalado.
11. Mantenha-se calma.
12. Confusão momentânea.
13. Programas noturnos.
14. Passeios ao ar livre.
15. Harmonia no lar.
16. Negócios em baixa.
17. Escreva uma carta.
18. Tristeza passageira.
19. Gastos inesperados.
20. Um dia com muito trabalho pela frente.
21. Poupe suas energias.
22. Aproveite o domingo para passear com a família.
23. De volta à rotina.
24. Cuide da aparência.
25. Nada de mudanças.
26. Aja com bom senso.
27. Prejulgos materiais.
28. Amor em alto astral.
29. Durma até mais tarde.
30. Imaginação solta.
31. Comece a organizar melhor a sua vida!

ANEXO 2

JUNHO 1982

Cr\$ 180

CAPRICHIO

SUCESSO!



SUCESSO NA MODA

Como ir a festas de jeans

As minis deste inverno

Aprenda a organizar seu guarda-roupa

SUCESSO NO VISUAL

Veja como se transformar numa perfeita manequim

Os homens têm medo do sexo: saiba como ajudá-los

JUNHO

CAPRICHÔ

ANO XXX - n.º 562

1982



A moça da capa é Fátima penteada por Marco e maquiada por Marcelo. A foto é de TRIPOLI.

SEXO E SAÚDE

Respire fundo... e comece a viver melhor	45
10 falsos conceitos sobre o seu corpo	111
O que apavora os homens no sexo	135

VIDA PRÁTICA

Agarre seu homem pelo estômago	130
Boa Idéia	143

MODA

O seu guarda-roupa de inverno	52
O jeans vai à festa	68
Os pontos altos da moda	114
Vitrine: Os metálicos	118
Mini é moda	122



BELEZA

Aqui está a prova: toda mulher é bonita	46
Mostre aos seus cabelos quem é que manda neles	60
Tire um dia para ficar bonita	104



ATUALIDADES

Etc. e tal	27
------------	----

ARTIGOS

Nós e eles na Copa do Mundo	133
Como se sair bem numa conversa	156

FOTONOVELA

Amar outra vez	71
----------------	----

EM TODAS AS EDIÇÕES

Moda: o certo e o errado	6
Moda: problemas e soluções	10
Beleza em destaque: Máscaras para o seu tipo de pele	12
Beleza: pergunte ao especialista	16
Transforme-se: Pronto, em minutos, para um compromisso de última hora	18
Guia de amor e sexo	22
Amor e sexo em questão	24
Sempre em forma: 5 exercícios para usar as minis	163
Horóscopo	164
Guia de etiqueta: Como comprar um perfume para ele	167
Alto astral: Aprenda a fazer o seu bionímico	169
Papo com ele: O que é uma mulher chata	170

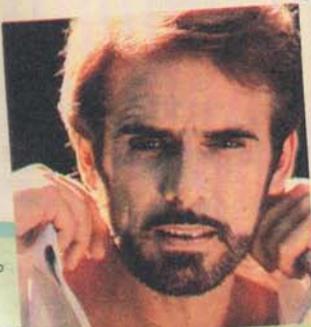
CARTA DA REDAÇÃO

Quando a gente se reúne, aqui na redação, para discutir as idéias das matérias da sua revista, tudo o que nós queremos é realmente participar da sua vida. Participar orientando, ajudando, dando idéias, sugerindo soluções para os seus problemas. Nessas reuniões, em que toda a redação está presente, só falta a figura principal: você, para quem é dirigido todo o nosso trabalho. Por isso, nós lhe fazemos este convite: participe das nossas reuniões. Como? Escrevendo para CAPRICHÔ, dando idéias, criticando, falando da sua vida e seus problemas. Escreva!

A Redação

ENTREVISTA

Marcelo Pichi e Elizabeth Savalla: "Nosso amor se renova a cada dia"	148
Francisco Cuoco: O astro volta a brilhar	152



NOSSO ENDEREÇO

Para escrever para qualquer seção de CAPRICHÔ, coloque no envelope o nome da seção e mande sua carta para: Rua Engenheiro Geraldo Flaúsino Gomes, 61, São Paulo (04575), SP; ou para a Caixa Postal 2372, São Paulo.

COPO

Românticas declarações de amor é o presente que os astros reservam aos nativos de Áries, Touro, Virgem, Libra, Sagitário e Escorpião, no mês dos namorados. Para a aniversariante de Gêmeos, o grande prêmio do mês: tudo vai dar certo para ela.



CÂNCER

21/6 a 21/7

Ela - Nem sempre as coisas acontecem da maneira que a gente planejou, não é mesmo canceriana? Mas com um pouco de jeito, você vai superar tranquilamente todos os obstáculos. Alô, este é um bom momento para você descobrir quem são os seus verdadeiros amigos. Aproveite também este mês para tomar decisões no setor profissional. **Exitô!**
Ele - Embora o período não seja dos mais favoráveis, o seu canceriano conseguirá resolver satisfatoriamente todos os problemas, principalmente depois do dia 14. Só que ele precisa de um descanso.



LEÃO

22/7 a 22/8

Ela - Controle-se um pouco, leonina! Esta sua tendência de dominar as pessoas poderá levá-la a desentendimentos com seu companheiro e seus amigos, afinal de contas, ninguém gosta de se sentir sufocado. No trabalho, você terá toda a proteção de Saturno. Modere nos doces e frituras, pois seu fígado estará exigindo alguns cuidados.
Ele - Depois do dia 20, tudo vai melhorar para o leonino. No trabalho, ele poderá contar com a ajuda de superiores para atingir seus objetivos. Apenas no amor, ele precisa ser mais compreensivo. **Alerte-o.**



VIRGEM

23/8 a 22/9

Ela - Prepare-se, virginiana, pois durante o mês de junho você vai receber todas as declarações de amor que o seu parceiro deixou de fazer este ano. No trabalho, muitos elogios e até propostas de novo emprego. Aproveite também o período favorável para se exercitar um pouco. Que tal iniciar aquela ginástica que você tanto planejava?
Ele - Se o virginiano não controlar as suas crises de mau humor, vai acabar ficando sozinho. Por isso, se o seu homem for de Virgem, convide-o para uma viagem. Isso vai ajudá-lo a recupera as energias.



CAPRICÓRNIO

22/12 a 20/1

Ela - Saia dessa fossa, garota! Esta sua mania de guardar rancor das pessoas só lhe prejudica. Que tal dar um pouco mais de atenção àquela pessoa que tem mostrado tanto interesse em você? Vênus facilitará tudo para que um novo amor conquiste o seu coração solitário. Já no campo profissional, tudo indica que você terá muito sucesso.
Ele - Profissionalmente, o capricorniano está num período excelente, com perspectivas, inclusive, de uma promoção, a partir do dia 13. Saúde perfeita, por enquanto. Mas não convém abusar muito.



AQUÁRIO

21/1 a 19/2

Ela - Você, de tanto se preocupar com as outras pessoas, acaba se esquecendo de si própria. Equilibre isso! Aproveite que Marte e Mercúrio estão acentuando ainda mais o seu espírito inovador e a sua inteligência para pôr em prática todos os projetos, inclusive no campo afetivo. Muita paz no trabalho. Quanto à saúde, não se preocupe: está perfeita.
Ele - O período está excelente para o aquariano, por isso ele não deve ter medo de seguir seus palpites. O mês está bom também para ele programar uma viagem. Com você, melhor ainda. Saúde perfeita.



PEIXES

20/2 a 20/3

Ela - Esta desconfiança da pessoa amada só vai piorar ainda mais o relacionamento de vocês dois. Abra o jogo, pois, às vezes, tudo pode ser apenas fruto da sua imaginação. No trabalho, novas oportunidades a caminho. Agora, pisciana, deixe de lado esta sua preguiça e se exercite um pouco mais. Você vai se sentir bem melhor.
Ele - Se o seu parceiro é do signo de Peixes, aconselhe-o a seguir seus próprios planos, pois o período está excelente para ele. Com a saúde, tudo em ordem. Mas seria bom que ele se exercitasse mais.

HORÓSCO



ÁRIES

21/3 a 20/4

Ela - Com ajuda de Mercúrio tudo vai ficar mais fácil para você, neste período. Inclusive, se ainda não encontrou a pessoa amada, chegou o momento. Depois do dia 17, um amor inesperado vai fazer seu coração vibrar novamente. No trabalho, fique atenta ao lidar com documentos e papéis importantes. Saúde perfeita.

Ele - Se o seu homem é de Áries, aconselhe-o a refletir bem antes de tomar alguma decisão importante. Na vida afetiva, tudo caminha bem. O seu amor vai lhe dar grandes alegrias, neste mês.



TOURO

21/4 a 20/5

Ela - Taurina, você está vivendo um dos melhores períodos do ano; por isso aproveite cada instante. Aliás, com a presença de Vênus no signo de Touro, você vai estar ainda mais sedutora neste mês, a ponto de poder conquistar aquele garotão que há tanto tempo você não consegue tirar da sua cabeça. Perspectivas de um dinheiro extra.

Ele - O mês também está ótimo para o homem de Touro. Na vida afetiva, ele terá momentos de muita ternura. Aproveite-os intensamente. No trabalho, finalmente os seus esforços vão ser recompensados.



GÊMEOS

21/5 a 20/6

Ela - Finalmente, o sol vai brilhar também para você, geminiana. Portanto, enfrente todas as situações com otimismo e coragem, que você sairá vitoriosa. Se você ainda está sozinha, não tenha medo de se declarar ao homem dos seus sonhos. Este é o momento ideal para você tomar atitudes mais ousadas, como esta. Vamos, coragem!

Ele - Para o homem de Gêmeos, as coisas também vão melhorar bastante. Com um pouco de persistência, ele conseguirá concretizar todos os seus projetos profissionais. No amor, muita paz.



LIBRA

23/9 a 22/10

Ela - Libriana, chegou a hora de você decidir sobre aquela proposta de um compromisso mais sério com a pessoa amada. Não tenha medo de aceitá-la, pois Saturno está a seu lado para protegê-la. Mas se você ainda está sozinha, sua sensualidade e descontração vão atrair pessoas interessantíssimas. No trabalho, período neutro.

Ele - Se o seu parceiro é um libriano, sorria: ele vai ter muita paz no amor, neste período. No trabalho, ele não deve tentar abraçar o mundo de uma só vez. Quanto à saúde, pequenos problemas respiratórios.



ESCORPIÃO

23/10 a 21/11

Ela - Neste período, você continuará recebendo bons fluxos de Júpiter, o que vai realçar ainda mais o seu charme enigmático. No amor, um desentendimento poderá lhe magoar um pouco, mas isso será passageiro. Amplie o contato com a sua família, pois você está um pouco afastada dela. No trabalho, perspectivas de um dinheiro extra.

Ele - Se o seu homem é de Escorpião, saiba que ele vai precisar da sua ajuda neste mês. É que ele está se isolando tanto, que vai acabar pondo em risco até a relação de vocês, tal o seu negativismo no momento.



SAGITÁRIO

22/11 a 21/12

Ela - Até que enfim esta sua solidão vai ter fim, sagitariana! É que a Lua está prometendo um novo amor. Mas se você já achou a sua cara metade, aguarde momentos de muita paixão ao lado dela. Apenas a sua saúde está exigindo mais atenção. Evite, por exemplo, tomar muito café, pois seu estômago está mais sensível este mês.

Ele - Neste período, o sagitariano deve manter sigilo absoluto dos seus projetos profissionais. Na vida afetiva, os astros prometem muita ternura e calma. Possibilidades de reencontro com velhos amigos.

ANEXO 3

CLAUDIA

PROTEÇÃO TOTAL
VACINA TAMBÉM É COISA DE ADULTO. SAIBA QUAIS SÃO AS INDICADAS PELOS MÉDICOS

54
cortes de cabelo

Para quem quer fios curtos, médios ou longos (todos lindíssimos!)

OS VENTOS QUE SOPRAM DO NORDESTE
A MODA DESCOLADA DOS ESTILISTAS DA REGIÃO

AS TÁTICAS ANTI-STRESS DAS CEARENSES

VAI COM TUDO!
O clássico preto em looks fresquinhos

PARCERIA IDEAL
Os segredos para achar o sócio certo na hora de empreender

EU USO ÓCULOS!
COMO FAZER A MAQUIAGEM QUE DESTACA SEUS OLHOS

Aposte no amor

Expert diz que os dias de hoje são perfeitos para a vida a dois e mostra como melhorar ainda mais as relações

Gisele Bündchen
Lições da top para ser feliz na carreira e em família

VOCÊ PRONTA PARA O
sucesso



AJUSTE O FOCO, DÊ MAIS VALOR ÀS CONQUISTAS E EXPERIMENTE O PODER DO OTIMISMO

INSPIRAÇÃO

- 22 **Este mês eu quero**
- 30 **Gente** A lutadora de sumô Luciana Watanabe ensina às crianças os valores do seu esporte
- 32 **Gente** Ivo Herzog entra na luta pelos direitos das mulheres
- 34 **Gente** Como a ilustradora Rosana Urbes criou a premiada heroína idosa Guida
- 36 **Carreira**
- 38 **Conversa com Danuza**
- 40 **Coisas da alma**

MODA

- 46 **Básicos de CLAUDIA**
Jeans boyfriend, t-shirt estampada e alpargata
- 52 **Vitrine** Mochilas práticas para o dia a dia
- 53 **Vida nova para...**
Ankle boot
- 54 **Desafio da leitora**
- 55 **Com que roupa eu vou?**
Meu aniversário
- 56 **Do mundo** A nova onda étnica mistura diferentes influências

BELEZA E SAÚDE

- 84 **Balcão de beleza**
- 86 **Lição de beleza**
Clareamento de pelos do corpo e do cabelo

- 88 **Você precisa de quê?**
Escolha a atividade física ideal de acordo com seu objetivo

- 90 **Vitamina D**
Estudos indicam que ela pode ajudar a emagrecer

- 92 **Mãos à obra**
As cores de esmalte mais quentes do momento

COMPORTAMENTO E GENTE

- 114 **O bom moço**
O apresentador Tadeu Schmidt revela-se um romântico

- 124 **O paraíso é aqui**
Seis praias para curtir o verão em qualquer companhia

- 134 **Quem sabe sabe!**
Os destaques do Carnaval deste ano

- 138 **"Nunca deixei os desafios impostos pela deficiência limitarem meus voos"** A história de Nathália Blagevitch

CASA&FAMÍLIA

- 146 **Cor & Forma**
Como colocar elementos geométricos e cores de efeito na decoração

- 152 **Dois por um**
Um debate a respeito da guarda compartilhada

- 156 **Nossos filhos**

- 158 **Dilema de mãe**

- 159 **O que eu faço?**

COMIDA&BEBIDA

- 162 **Haja versatilidade!**
Versões doces e salgadas de grissini

- 164 **Refresque-se!**
Sobremesas deliciosas à base de sorvete

- 166 **Para que talher?**
Em "O chef é você", petiscos incríveis de uma leitora do Paraná

- 168 **Quase crepe**
Massa levinha e dois recheios muito nutritivos

- 170 **Verão vibrante**
Um almoço ao ar livre com menu peruano e decoração alegre e cheia de estilo

SEMPRE EM CLAUDIA

- 17 **Eu e você**

- 18 **Sua opinião**

- 19 **CLAUDIA digital**

- 179 **Onde encontrar**

- 180 **Horóscopo**



As cores vibrantes estão no make e por toda a parte nesta temporada

Horóscopo

SUSAN MILLER
astrologyzone.com



Áries

21/3 a 20/4

Logo no começo do mês, a Lua cheia acende sua casa do amor verdadeiro. Espere surpresas felizes e repletas de afeto – efeito também da influência benéfica de Urano. Se está solteira, é o momento para encontrar alguém. As comprometidas verão crescer os sentimentos pelo parceiro. Mercúrio, retrógrado até dia 11, pode propiciar um encontro com um amigo que não vê há anos. A partir da Lua nova, no dia 18, a vida social ficará intensa. Saturno sugere que, se tomar uma decisão importante nos dez dias seguintes à data, o resultado irá acompanhá-la por muito tempo. Mas não tenha medo de errar nas escolhas, pois antes, na primeira quinzena, você contará com a ajuda do seu regente, Marte, em Peixes, guiando pensamentos e orientando definições sobre o que é preciso mudar. Tudo ficará mais vibrante com a entrada de Marte no seu signo, no dia 19. Ele fornecerá confiança extra. Em conjunto com Vênus, o planeta também a deixará especialmente sedutora.



Touro

21/4 a 20/5

Mercúrio, retrógrado em Aquário, signo que rege sua carreira, até dia 11, pode trazer indecisões. Mas haverá avanços quando o planeta assumir o curso direto. A Lua nova formará ângulo ideal com Netuno, alimentando sua reputação profissional. Pode ser até que receba uma oferta repentina com boa remuneração. Na Lua cheia do dia 3, alguma negociação ligada a imóveis terá um desfecho feliz. Júpiter, em conjunção com essa Lua e também com o auxílio Urano, trará sorte para sua casa. Até o dia 19, a vida social estará agitada, efeito de Marte no seu setor de gente, eventos e amizades. No amor, parece que os amigos estarão dispostos a armar um encontro para você no fim de semana dos dias 21 e 22, quando seu regente, Vênus, encontra-se com Marte. A química promete ser estimulante, mas não se deixe levar assim: o melhor é ir com calma e dar tempo para conhecer melhor o parceiro em potencial antes de se jogar.



Gêmeos

21/5 a 20/6

A diversão ficará por conta de Marte e Vênus em Áries, seu setor das amizades, nos dias 21 e 22. A conjunção também pode gerar efeitos positivos nas relações amorosas e você deverá impressionar a pessoa por quem anda interessada. A chegada de um novo amor à sua vida estará mais próxima do que pensa. Se for comprometida, terá mais tempo para dedicar ao par. Com a Lua cheia do dia 3, ficará claro como todos valorizam seu talento especial com as palavras. Júpiter estará em órbita próxima, acenando com alegria e lucro, ambos alcançados de modo repentino – tendência favorecida pelas vibrações de Urano. Possivelmente, um cargo será oferecido a você até o eclipse solar que ocorre em 20 de março. Se é autônoma e se empenhou no último ano, seus esforços serão notados a partir de agora. Esteja pronta para ganhar novos clientes. Com Mercúrio retrógrado até dia 11, planos de viagem podem sofrer atrasos e negociações correm o risco de empacar.



Câncer

21/6 a 21/7

O romance viverá dias gloriosos nas três primeiras semanas do mês. Uma viagem com seu amor, mesmo que curta, será uma boa ideia. O parceiro pode estar se sentindo em segundo plano, mas, com Vênus e Marte em Peixes, uma enxurrada de sentimentos intensos e deliciosos renovará a relação. Ótimas notícias ligadas a dinheiro chegam com a Lua cheia, no dia 3. Júpiter estará em conjunção com o astro, indicando recompensa generosa, enquanto Urano, conectado à casa do prestígio, sugere que tudo será inesperado. Saturno garantirá uma forte noção de segurança, permitindo que crie boa base para alçar voos maiores. No dia 19, Marte entrará no setor de fama e conquistas, providenciando novidades. Ainda por cima, Vênus passará para sua casa da carreira no dia 20, tornando-a a queridinha dos chefes. Se houver um eventual atraso para cumprir algum objetivo, será somente por culpa da posição de Saturno ao alcance de Netuno.



Leão

22/7 a 22/8

No trabalho, você pode se envolver em um projeto que exigirá contato com outras cidades, e haverá necessidade de muita comunicação por telefone e e-mail para que o prazo e o orçamento sejam respeitados. O mês se revela propício para estudar: se anda interessada em algum curso, aproveite para agir. Até o eclipse solar de 20 de março, carreira e educação devem se encaixar com perfeição. Já a Lua cheia do dia 3 trará a realização de um sonho dentro de um relacionamento. Talvez você fique noiva, marque casamento ou se case. Ou, então, apenas resolva dividir o mesmo teto. De qualquer forma, será um dos momentos mais felizes de 2015. Urano criará a chance de viajar para um destino distante. A Lua nova, no dia 18, trará mais atenção do parceiro. De sua parte, analise como ajustar os ponteiros no novo estágio da relação. Nas finanças conjuntas, o acordo será fácil. Saturno, compatível com o Sol e a Lua, garante a formação de bases sólidas para o futuro.



Virgem

23/8 a 22/9

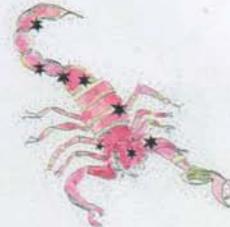
O relacionamento exigirá muito da sua atenção. Mas quem se encontra em um romance estabelecido tende a alcançar a felicidade e ganhar tempo para planejar momentos a dois. Por outro lado, será hora de arranjar soluções para o que não funciona mais na relação. Netuno poderá inspirar ou confundir: tenha certeza de entender todas as minúcias antes de fechar qualquer acordo neste mês. Quando Vênus e Marte formarem uma conjunção nos dias 21 e 22, a sorte estará ao seu lado. Vale até apostar na loteria. Perto da Lua cheia do dia 3, uma mulher influente fará de tudo para ajudar. Se precisar de apoio para lançar uma ideia, o início do mês será o período ideal para pedir isso. Negociações confidenciais devem chegar perto de uma conclusão passada a primeira semana do mês. Seu regente, Mercúrio, ficará retrógrado em Aquário até dia 11, o que a fará se sentir frustrada com a lentidão dos processos. No fundo, porém, os atrasos serão benéficos – e a vida deve se normalizar logo.



Libra

23/9 a 22/10

No começo do mês, os amigos fazem o papel de anjos, auxiliando sempre que precisar. Júpiter, o planeta da boa sorte, forma uma conjunção com a Lua cheia no dia 3, tornando-a a melhor do ano para você, repleta de luxos. As solteiras chamarão a atenção de um possível futuro parceiro em uma festa ou mesmo no trabalho – essa chama se acenderá logo antes da Lua nova do dia 18. Outra possibilidade é se interessar novamente por alguém do passado graças a Mercúrio retrógrado até o dia 11 na sua casa do amor verdadeiro. Se já estiver começando uma relação e sentir que tem andado rápido demais, terá a chance de desacelerar para conhecer melhor o outro. Relacionamentos estabelecidos cheios de altos e baixos assumirão um ritmo mais tranquilo. Planeje algo romântico para o fim de semana dos dias 21 e 22, quando Vênus se junta a Marte. A vida no escritório ficará agitada na segunda quinzena. Surgirão tarefas que só poderão ser resolvidas com criatividade.



Escorpião

23/10 a 21/11

Com Marte agitando sua casa do amor verdadeiro, as perspectivas românticas não poderiam ser melhores. Tal tendência começou em meados de janeiro e continuará com tudo neste mês. Mais: graças à órbita próxima entre Vênus e Marte, planetas considerados amantes cósmicos, seus desejos nessa área, sejam quais forem, têm altas chances de se tornar realidade. A Lua cheia do dia 3 traz notícias fantásticas para a carreira – Urano aponta para uma oferta de trabalho que virá de surpresa. O cargo será de prestígio e trará uma segurança financeira que até parecerá milagrosa. Para as autônomas, as mesmas vibrações devem atrair um cliente importante. Há a possibilidade de mudança de cidade para quem aceitar um novo posto. Caso isso realmente ocorra, o ângulo de Urano sugere que será fácil encontrar moradia. A fase também é boa para reformar ou redecorar a casa atual. Com Mercúrio retrógrado até o dia 11, só espere passar a data para fechar contratos.

Horóscopo



Sagitário

22/11 a 21/12

Este mês parecerá feito sob medida para você. Espere aspectos positivos e muita atividade. Há chances de estender seu campo de ação quanto quiser. A Lua cheia do dia 3 trata de oficializar uma questão relacionada a viagem, estudos ou à área legal que andava pouco definida até então. Saturno permitirá que estabeleça uma base segura para seus planos de longo prazo, enquanto Urano fará com que seu cérebro pareça ter sido iluminado por uma lâmpada de 100 mil watts. Você será capaz de superar qualquer concorrência e apresentará ideias originais que abrirão novos caminhos. Com esse pano de fundo, pode pintar uma vontade de limpar, consertar ou redecorar a casa, colocando a vida em ordem. Com a influência de Marte, talvez até se mude. Se isso não ocorrer, pense em dar uma festa. A melhor data é o fim de semana dos dias 21 e 22. Esses serão dias de ouro para as solteiras, que precisam circular e se divertir. O magnetismo da sagitariana estará simplesmente irresistível.



Capricórnio

22/12 a 20/1

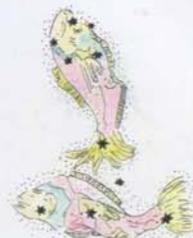
Boas notícias financeiras durante todo o mês, começando pela Lua cheia do dia 3. O astro trará um bônus-surpresa para suas economias, o que merece ser comemorado. A quantia deve ser generosa graças à proximidade de Júpiter, planeta da boa sorte. Se estiver negociando benefícios no emprego na primeira semana, talvez consiga mais do que o esperado. Depois, perto da Lua nova, no dia 18, seus ganhos devem aumentar se arranjar meios de provar seu talento. Saturno, seu guardião e estabilizador, dará o apoio de que precisa, criando solo firme para novas experiências. É possível que viaje em busca de ar fresco, sol e exercício. Além disso, Vênus e Marte irão sugerir uma jornada romântica. O melhor fim de semana para o amor será o dos dias 21 e 22, quando os planetas, tidos como amantes, entram em conjunção, o que é um aspecto raro. As fagulhas produzidas pelos dois invadirão sua casa, propiciando um momento ideal para festa e romance.



Aquário

21/1 a 19/2

A Lua nova do dia 18 e Vênus irão gerar mais renda. Boa notícia para quem anda gastando mais do que deveria. Mesmo com uma conta mais encorpada, o ângulo difícil de Saturno com Netuno sugere que é preciso ser realista nas finanças. Não permita que os outros tomem decisões por você. As solteiras contarão com a Lua cheia do dia 3 para mudar o status do relacionamento – um pedido de noivado, de casamento ou uma proposta para morar junto estão em vias de acontecer. Se já é comprometida, chame o parceiro para discutir novos objetivos a dois. A mesma energia de sintonia total pode ser direcionada para uma sociedade de trabalho. No fim do mês, surgirá a chance de sair da cidade – pegue o par pela mão e vá. Mercúrio estará retrógrado em Aquário até o dia 11, e o indicado é manter negociações em segredo e em banho-maria: invista pra valer em seus planos depois da data. E oficialize-os no dia 26, quando Urano, seu regente, e Júpiter estarão em bom ângulo com a Lua.



Peixes

20/2 a 20/3

Saturno, o planeta das tarefas cumpridas, está no alto do seu mapa e traz novas responsabilidades na carreira. Talvez você execute um projeto importante e receba um belo pagamento. Aprender é um processo exaustivo, mas isso a entusiasmará e a colocará no foco. Resultado: terá espaço para o crescimento profissional. Tudo acontece por causa da Lua cheia do dia 3, em conjunção com Júpiter. É bom momento também para cuidar da saúde e da forma física. Se precisa perder peso, comece a se alimentar melhor agora e terá sucesso. Marte em Peixes até o dia 19 dará energia e vontade. A Lua nova do dia 18 entrará em sintonia com seu regente, Netuno, tornando a fase ideal para trabalhar firme. Fique de olho em notícias sobre a entrada de dinheiro perto do encontro de Vênus e Marte nos dias 21 e 22. No campo amoroso, esses planetas aumentarão seu carisma. Será hora de circular! Se já é casada, aproveite para fazer uma viagem a dois.

ANEXO 4

FOLHA DE S. PAULO

Av. ALEX Um jornal a serviço do Brasil São Paulo, sexta-feira, 13 de junho de 1968 Nº 14.037

EUA MANTÊM PROPOSTAS DE PAZ NO VIETNÃ

Os Estados Unidos mantiveram suas propostas para acabar com a guerra no Vietnã, em meio ao governo Nixon, apesar da oposição dos "guerrilheiros revolucionários" do Vietnã do Sul pela ex-Frente de Libertação Nacional.

As propostas americanas tiveram sua nova agenda de "negociação direta e concreta" iniciada e retomada com 20 mil homens de tropas e equipamentos deslocados no afluente equatorial do novo governo, que já foi reconhecido por sete países da América Latina.

O pedestre um cidadão de 2.ª classe?

As autoridades de trânsito, ao considerarem o pedestre como "cidadão de segunda classe", de fato o são. O "cidadão de 2.ª classe" é aquele que não tem direito de preferência no trânsito, que não tem direito de preferência no trânsito, que não tem direito de preferência no trânsito.



40 MILHÕES DE DOLARES PARA AJUDAR O CAFÉ

O ministro Delfino Neto assinou entendimentos ontem, em Roma, com representantes da "Banca Nazionale del Lavoro" para a obtenção de crédito de US\$ 40 milhões para as quotas Italianas cafeeiras.

O crédito, do qual o Instituto Brasileiro de Café participará, segundo o ministro de Fazenda, destina-se ao cumprimento de programas de erradicação de cafeeiros improdutivo e supérfluo.

Além disso, concederá o ministro de Fazenda crédito ainda mais de US\$ 10 milhões para a abertura de uma linha de crédito para pequenas e médias empresas, para aquisição de equipamentos italianos.

Também assinou o ministro Delfino Neto financiamento para compra de equipamentos hidráulicos de obras do porto de Paranaguá e construção de pontões de cais para embarques, visando especialmente ao embarque de café e, finalmente, a abertura de crédito para as exportações brasileiras destinadas ao mercado europeu.



Xadrez: Spassky é quase o novo campeão mundial

O desafiante Boris Spassky derrotou ontem, em Moscou, o campeão mundial, o soviético Tigran Petrosian, de um resultado de 3 a 1 a partir do sétimo de 10 partidas previstas para o torneio de Moscou. Spassky venceu a partida decisiva por 3 a 1.

Agrava-se a falta d'agua no centro de SP

Apesar das manobras de DAE de que se ocupou o setor de abastecimento que, desde o início, não tem sido suficiente para atender a demanda de São Paulo, a falta de água no centro da cidade se agravou, atingindo o ponto crítico. A situação é agravada por 100 apartamentos de mais na área e a falta de manutenção das redes de água, o que tem de evitar a reabastecimento.

Pedagogia na via Outra poderá aumentar

As autoridades educacionais, ao considerarem a pedagogia na via pública como "atividade de segunda classe", de fato o são. O "cidadão de 2.ª classe" é aquele que não tem direito de preferência no trânsito, que não tem direito de preferência no trânsito, que não tem direito de preferência no trânsito.

Maluf prorroga aulas do primário até 16 de julho

O governador Paulo Maluf anunciou, ontem, durante o discurso de posse, que as aulas do primário serão prorrogadas até 16 de julho de 1968, em virtude da situação econômica do país.



Dia de Sol
Neste período ainda é bom aproveitar o sol, pois em breve o verão estará em seu auge. Não se esqueça de usar protetor solar.

FI Depois de 4 anos, em junho de 1972, um gigantesco foguete Saturn-5, projetado por Robert Goddard, será lançado para o espaço. É o projeto Viking, que visa estabelecer um ser humano no planeta Marte em 1975. Mas os planos de Pioneer-Venus já foram adiados e os de Mars-2 também. No dia 21 de julho deste ano o Mars-2 estará em órbita em sua atmosfera e 15 dias depois o Mars-3 aterrará na superfície.



Assuntos Diversos	
ENTREVISTA	1
POLÍTICA	2
NACIONAL	3
INTERNACIONAL	4
ESPORTES	5
ESPECIAIS	6
OPINIÃO	7
CRÔNICA	8
INFORMAÇÕES GERAIS	9

HOROSCOPO

Emile Sutra

SIGNOS AMOR VIDA FLUXOS FUTURO

CARNEIRO

21 DE MARÇO
21 DE ABRIL

Precisa preferir uma atenção novata que não. O amor está morrendo.

Uma fase muito boa para os negócios e a saúde. Prestígio.

Envolvimento favorável e realização dos seus íntimos desejos.

Tudo o que se faz pode dar-se em condições ótimas para hoje.

TOURO

21 DE ABRIL
21 DE MAIO

Terminou. Não por isso deve ficar bravo. Ainda é muito novata.

Precisa ser mais paciente e não queira fazer tudo correndo. Calma.

Estão muito favoráveis todas as manifestações de espiritualidade.

Alguns obstáculos não são para a vitória da Cruz. Vencerá.

GEMEOS

21 DE MAIO
21 DE JUNHO

Ganha mais experiência. Tenha as aventuras que puder. Muito bom.

Não perca seu tempo ouvindo pessoas que só querem atrapalhá-lo(a).

Todas as ligações com amadores estão facilmente estado de espírito.

Os planos para o futuro são muito interessantes. Enfrente.

CANCER

21 DE JUNHO
21 DE JULHO

O seu caráter foi essencial para que esse romance sobrevivesse.

A profissão continua na rotina. Dificuldades são passageiras.

Corte o mais rápido possível todas as influências em seu espírito.

As vezes prefere a humildade para conseguir a felicidade.

LEAO

21 DE JULHO
21 DE AGOSTO

Seja sensato(a) com o seu amado. Não esqueça por coisas bobas.

Tudo o que começa está muito firme. Sem qualquer problema a resolver.

O malvado absorve todos os seus esforços favoráveis neste período.

Esteja atento(a) com os detalhes. Podem ocorrer imprevistos.

VIRGEM

21 DE AGOSTO
21 DE SETEMBRO

Não volte atrás agora. Já que tudo terminou não deve retomar relações.

Precisa economizar para poder realizar todos os seus negócios.

Aproveite esta fase positiva que está favorecendo seu signo.

Os grandes projetos não são a seu favor. Insista no seu trabalho.

BALANÇA

21 DE SETEMBRO
21 DE OUTUBRO

Chegou a hora de você tomar uma decisão quanto a este namoro.

Os assuntos da vida profissional você não está dando muita atenção.

Quebre esse angustia resistindo aquilo que você mais odeia.

Amanhã poderá ser um pequeno tempo, mas nada de importância.

ESCORPIAO

21 DE OUTUBRO
21 DE NOVEMBRO

Você dois nasceram um para o outro. Por que arrumar briguinhas?

Os problemas de saúde podem aparecer profundamente. Cuidado.

Seja otimista quanto aos rumos da sua vida. Prometem bastante.

Esteja preparado para bons acontecimentos muito importantes.

SAGITARIO

21 DE NOVEMBRO
21 DE DEZEMBRO

Melhores das virgins. Esse amor caiu na manufatura. Destaque-se dele.

Todos os seus inimigos poderão ser seus poucos liquidados. Não tema.

Estado de espírito energético, boa capacidade para enfrentar o perigo.

Podem passar a mau momento. Não continue firme nos seus projetos.

CAPRICORNIO

21 DE DEZEMBRO
21 DE JANEIRO

Os erros que você cometeu serão vindos para sair de seus olhos.

Continue dedicando-se às suas atividades profissionais. Trabalho.

Há grande melhoria de espírito. Mais receptivo e conciliável.

Este ano de vida deve ser muito frutífero e no ano seguinte.

AQUARIO

21 DE JANEIRO
21 DE FEVEREIRO

Acredite nas suas ideias. Não deixe as ideias morrerem por não serem ouvidas.

Faça o espírito da vida de seu espírito e não mais nada.

As decisões não são feitas por impulso. Não se deixe levar.

Amanhã terá um tempo de calma e de paz. Não se deixe levar.

PEIXES

21 DE FEVEREIRO
21 DE MARÇO

Esteja atento(a) com os detalhes. Podem ocorrer imprevistos.

Precisa ser mais paciente e não queira fazer tudo correndo. Calma.

Envolvimento favorável e realização dos seus íntimos desejos.

Tudo o que se faz pode dar-se em condições ótimas para hoje.

ANEXO 5

PRECISO ESCREVER o grande romance do século 21. Mas estou casado e minha vida é uma deficiência. Bebemos vinho todo noite e não vende todo mês. Não consigo escrever o grande romance do século 21 com essa vida mansa. É preciso um pouco de instabilidade para se escrever o grande romance do século 21.

Estou separado e morando num motel da Lapa. Diffícil escrever o grande romance do século 21 no som de um bloco de maracatu que se confunde com o show da Anitta na Fundação Progresso enquanto na sua janela um mendigo canta o hino do Flamengo.

O colchão tem sanguesugas do tamanho de um polegar e eu devo respeito às baratas porque elas chegam aqui antes de mim. Duas vezes a noite, alguém levou o laptop. Diffícil escrever o grande romance do século 21 no bloco de notas do celular. É preciso um pouco de conforto para se escrever o grande romance do século 21.

Estou num flat no Leblon. A condi-

cionado aqui, não há banda larga e internet de mil fios. Datas, filigranas e diacritografias completas num piscar de olhos. Alguém é só o que eu faço. Diffícil escrever o grande romance do século 21 com uma conexão boa dessas. É preciso de um pouco de isolamento. Já entendi o que falta: leitura. Para escrever o grande romance do século 21, é preciso, no mínimo, ter lido o grande romance do século 20.

Estou há um ano tentando ler o grande romance do século 20 e não passei de página 25. O livro é difícil de ler — se eu não consigo ler o grande romance do século 20 como é que eu quero escrever o grande romance do sé-

Ninguém escreve o grande romance do século 21 com essa vida mansa. É preciso um pouco de instabilidade

culo 21? Talvez o grande romance do século 21 precise ser um livro difícil, muito mais difícil que o do século 20.

Talvez os grandes romances do século sejam iguais às fases de videogame: cada século tem que ter um grande romance mais difícil que o do século anterior. Tenho que voltar atrás nos séculos.

Muito bom esse grande romance do século 19. Ficou ainda mais difícil es-

crever alguma coisa depois de ler um negócio tão bom. Agora estragou tudo. Eu não tinha é que ter lido nada. O que eu preciso agora é desler o que eu li e só viver, que isso já basta: o grande romance do século 21 é uma coisa que acontece naturalmente.

Não aconteceu. Foi uma vida e não basta. Morreu o século 21 e eu não escrevi sequer um romance, quanto mais o grande romance do século 21. Mas vi uma vida longa e mora na praia. Não sei se vivi o grande romance do século 21, mas certo um pouco de videogame. Na praia, esse côco, essa água de coco... Não sei, não, mas acho que essa é a grande água de coco do século 21.



O grande romance do século 21

GREGÓRIO DUVIVIER

ASTROLOGIA

BARBARA ABRAMO

Mentário e Vibra agitam cena artística e trazem novidades. **LUA MINGUANTE EM LIBRA.** 13/1.

ÁRIES (21 mar a 20 abr) Carreira começa um tanto turbulenta no campo emocional e familiar. Ainda tem que lidar com o não no campo profissional. Negativo, em geral, mas muita energia emocional. Um sacanagem. Dinâmico. Virei em Aquário ou Virgem a começar o mês.

TOURO (21 mar a 20 abr) Você acabou uma das melhores fases do ano para lidar com a vida social, apesar de ter que lidar com um show de competência em todas as áreas e passar seu tempo para a vida emocional. O sentimento, satisfação e magnificância estão elevados e admiráveis.

GÊMEOS (21 mar a 20 abr) Sabe de movimento em casa depois de um tempo, que começa a ser variado, animado e cheio de desafios. Incentivos para a criatividade. Certo que o mundo da vida tem de mudar, mas não se interessa agora. Invista em amor, família e projetos em geral.

CÂNCER (21 mar a 20 abr) Mito e sonho no campo da vida social. Não é só de amor que se vive. Uma vida, por isso a família. O seu relacionamento sempre tem uma vida social, emocional. Para ter mais tempo, se não não dá a que tempo, e de repente.

LEÃO (21 mar a 20 abr) Com dois melhores dias do mês para as relações sociais, não se dá para se esquecer a família. Sua abertura e prazer com o mundo social, mas não se esqueça. Virei em Aquário ou Virgem a começar o mês.

VIRGEM (21 mar a 20 abr) Apesar de ser bastante sério, com foco na vida profissional, não se dá para se esquecer a família. Sua abertura e prazer com o mundo social, mas não se esqueça. Virei em Aquário ou Virgem a começar o mês.

LIBRA (21 mar a 20 abr) Uma fase de muito movimento, mas não se dá para se esquecer a família. Sua abertura e prazer com o mundo social, mas não se esqueça. Virei em Aquário ou Virgem a começar o mês.

ESCORPIÃO (21 mar a 20 abr) Você está em uma das melhores fases do mês para lidar com a vida social, não se dá para se esquecer a família. Sua abertura e prazer com o mundo social, mas não se esqueça. Virei em Aquário ou Virgem a começar o mês.

SAGITÁRIO (21 mar a 20 abr) Uma fase de muito movimento, mas não se dá para se esquecer a família. Sua abertura e prazer com o mundo social, mas não se esqueça. Virei em Aquário ou Virgem a começar o mês.

CAPRICÓRNI (21 mar a 20 abr) Uma fase de muito movimento, mas não se dá para se esquecer a família. Sua abertura e prazer com o mundo social, mas não se esqueça. Virei em Aquário ou Virgem a começar o mês.

AQUÁRIO (21 mar a 20 abr) Uma fase de muito movimento, mas não se dá para se esquecer a família. Sua abertura e prazer com o mundo social, mas não se esqueça. Virei em Aquário ou Virgem a começar o mês.

PEIXES (21 mar a 20 abr) Uma fase de muito movimento, mas não se dá para se esquecer a família. Sua abertura e prazer com o mundo social, mas não se esqueça. Virei em Aquário ou Virgem a começar o mês.

QUADRINHAS

AQUI NA ESQUINA LULI PEIXINA



DOS DESENHOS DELA LUIZA PANTUNÇO



BUENA ORDA CYNTHIA B.



AMELY PRYSCILLA VIEIRA



CHROSLAND CHROQUINHA



SUDOKU

A RECREATIVA www.recreativa.com.br/facil

FÁCIL

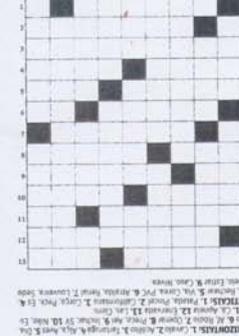
	7	6	8					
3			9	6	7	2		
6			8					
	4				5	1		
6	9				2	8		
1	8			7				
	1			8				
7	5	9	2		4			
				5	3	1		

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com regras simples e aprendidas pelas crianças. É muito fácil de jogar e muito divertido. O objetivo é completar o tabuleiro com números de 1 a 9, de modo que cada linha, coluna e sub-tabuleiro contenha todos os números de 1 a 9. O desafio torna-se mais difícil à medida que o jogo avança.

CRUZADAS

HORIZONTAIS
 1. Indicação em o profeta de Caelius, o imperador romano 2. Corrente, estudante do sacramento nas funções religiosas 3. Animal protegido por uma coroa e haste, de movimento lento 4. Hábitat de um indivíduo ou grupo de indivíduos 5. Animal vertebrado alado, de corpo coberto por penas 6. Um tipo de música clássica 7. O corpo humano 8. Um tipo de jogo de cartas 9. Um tipo de jogo de cartas 10. Um tipo de jogo de cartas 11. Um tipo de jogo de cartas 12. Um tipo de jogo de cartas 13. Um tipo de jogo de cartas

VERTICAIS
 1. Cerveja 2. Um tipo de jogo de cartas 3. Um tipo de jogo de cartas 4. Um tipo de jogo de cartas 5. Um tipo de jogo de cartas 6. Um tipo de jogo de cartas 7. Um tipo de jogo de cartas 8. Um tipo de jogo de cartas 9. Um tipo de jogo de cartas 10. Um tipo de jogo de cartas 11. Um tipo de jogo de cartas 12. Um tipo de jogo de cartas 13. Um tipo de jogo de cartas



ANEXO 6

PASTA: *astrologia*

TÍTULO:

05/05/1991 *Junho de 1991*

A ciência milenar dos astros

Desde a Antiguidade, a astrologia é fundamental para a compreensão da singularidade humana

Lilian Fontes Moreira



Não é possível negar a inserção da astrologia no comportamento social dos habitantes dos grandes centros urbanos.

Embora ainda haja por parte de alguns desconfianças a respeito de sua credibilidade, constata-se cada vez mais a penetração deste conhecimento, principalmente na camada social de nível cultural alto.

Existem aqueles que arriscam a hipótese de que a atual busca de "práticas místicas e esotéricas" seria uma necessidade de se encontrar segurança em meio às incertezas e confusões contemporâneas, visão equivocada e extremamente simplista.

A atitude mais sensata, no entanto, seria a reflexão quanto à permanência da astrologia, conhecimento milenar da humanidade, na concepção do mundo moderno. Surgida, provavelmente, na Mesopotâmia, se expandindo a partir do século II a.C. pelo mundo greco-romano, quando então era considerada como estudo fundamental nos centros de ensino, a astrologia sofreu sua difamação com o "espírito científico" que nasce na Grécia clássica com Sócrates e Platão. Nesta época, em que o mundo é posto a serviço da razão, da consciência, passando a ser feita a distinção entre ciência e arte, é que a astronomia e a astrologia, até então interligadas, se separam: a astronomia, por se basear em cálculos numéricos, é elevada a ciência; e a astrologia, cuja sabedoria, baseada não só nos cálculos, mas também na percepção e observação das relações entre os fenômenos celestes e os fenômenos terrestres, é relegada a arte divinatória.

O modelo de ciência, emergente no séc. XVII, e que difere do platonismo em diversos aspectos, mas que coincidirá com Platão ao elevar a razão à posição de plenitude, entenderá o homem como o ser que pensa, proclamando o culto exclusivo da consciência.

Lilian Fontes Moreira é arquiteta e astróloga

Este modo de pensar prevalecerá na filosofia ocidental e, de certo modo, permanece ainda dominante, não dando crédito à astrologia, já que esta pensa o homem integrado à natureza, utilizando-se de um sistema de símbolos para compreender sua relação com o cosmo. O pensamento cartesiano nega a relação como simbólico, não compreendendo que o símbolo é uma parte integrante do entendimento humano, um instrumento necessário para a comunicação e o exercício da reflexão.

Com os advenços das teorias de Freud surge uma prática preocupada em falar do homem como ser singular, visando acolher o discurso individual, até então vivido nos confessionários religiosos. Surge, então, no séc. XX, um movimento de valorização de autoconhecimento enquanto instrumento de equilíbrio pessoal. Do ponto de vista do simbolismo, a obra de Freud teve uma importância fundamental dentro da cultura moderna por ter abarcado mitos e contos de fadas na observação do comportamento humano.

A Astrologia reaparece, justamente por apresentar uma linguagem capaz de compreender o indivíduo em sua singularidade. Por meio de combinações entre as posições celestes em relação ao movimento da Terra, observa-se o ritmo de cada indivíduo, suas potencialidades e limitações. É preciso, antes de tudo, saber que a Astrologia de que aqui se fala, em nada se compatibiliza com os horóscopos feitos em jornais e revistas, que se baseiam apenas na posição do Sol no dia do nascimento de uma pessoa, não levando em consideração a posição dos outros planetas e da Lua em relação ao lugar do nascimento. O mapa astral nada mais é do que a marca que retrata o encontro do indivíduo com o Universo, um diagnóstico de suas características inatas.

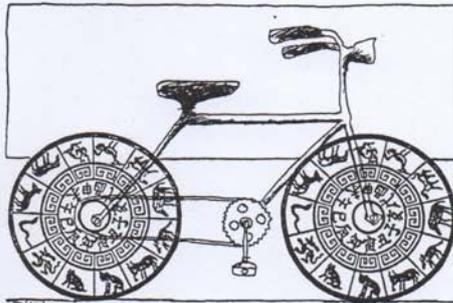
Sabemos que a Psicologia é um conhecimento que percebe a influência da família e da sociedade na formação da personalidade do indivíduo e, embora alguns teóricos permaneçam adotando a idéia de que o indivíduo nasce como uma folha *onde se vai imprimindo* suas experiências, hoje em dia já se aceita que cada criança nasce com suas peculiaridades, tendo um esquema de desenvolvimento único. A Astrologia, justamente, preenche esta lacuna: o mapa celeste desenhado no exato momento de nascimento, nos mostrará como esse indivíduo poderá sentir suas experiências, e quais seriam as indicações de suas impressões. Os dados necessários para a elaboração dos cálculos de um horóscopo são o dia, a hora e a longitude e latitude do lugar do nascimento, dados que justamente falaria da época e da cultura do local onde este indivíduo nasceu.

A Astrologia é um conhecimento que se baseia fundamentalmente na relação dos acontecimentos terrestres com o cosmo, usando esta palavra em sua verdadeira conceitualização: cosmo vem do grego Kosmos, que significa a coleção organizada de todas as coisas.

Existe entre os físicos

uma resistência em atribuir créditos à Astrologia. Afinal, com tantas novas descobertas a respeito do Universo, como um conhecimento que se baseia em conceitos de povos antigos continua sendo aplicado? Somente os astrólogos que trabalham efetivamente, aplicando a Astrologia a serviço do indivíduo, podem falar de sua permanência ao constatarem a profunda correlação entre os cálculos do horóscopo e a vida do indivíduo. Este ceticismo entre os físicos parece-me calcado na visão fatalista aplicada por certos astrólogos, contaminados pela visão determinista da Física newtoniana.

Ora, quem trabalha hoje com a astrologia sabe que ela está mais próxima da visão quântica do mundo do que a física clássica. Por meio de combinações de astros no momento de um nascimento consegue-se estipular apenas probabilidades, previsões estatísticas



que deixam ao indivíduo a escolha de como se dirigirá dentro do acontecimento. A interpretação da linguagem simbólica da astrologia dependerá do grau de entendimento do consultante; daí se observar uma maior compreensão nas camadas sociais com nível de informação mais elevado.

Assim como o Universo, a astrologia está em expansão. Dentro de seu sistema organizado, sua simbologia se abre para acatar a evolução do pensamento humano. E à medida que se expande, a astrologia vai se estruturando cada vez mais.

Os astrólogos contemporâneos não se utilizam de conceitos como bom ou ruim, certo ou errado. Por mais que se observe conflitos no tema astral de uma pessoa, sabe-se que essa desordem faz parte de uma ordem maior, cabendo a ela própria compreender o seu caos individual dentro da organização coletiva.

Como se vê, a astrologia é um conhecimento que se relaciona com os valores modernos (onde o simbolismo persiste em vários domínios) e com os valores científicos. Provavelmente, essa busca atual a que me refiro no início do artigo se dá pelo fato de que a vida urbana tende a deslocar o indivíduo à impessoalidade, a padronizá-lo. Acontece que cada ser é singular, na sua anatomia, na sua fisiologia, no seu temperamento, e a necessidade de conhecer o tema astral individualizado é simplesmente uma forma de valorizar cada um na sua unicidade.

Analisando a relação entre as posições celestes e o movimento da Terra, a Astrologia observa o ritmo de cada indivíduo, suas potencialidades e suas limitações

28/12/1986
o 5660

Os astros regem a saúde

CONCEIÇÃO GOMES DE ALMEIDA

Com a proximidade da Era de Aquário — o signo que nos torna mais conscientes da nossa união com o Cosmos —, a astrologia e a medicina voltam a se encontrar após séculos de separação. O planeta Urano — regente de Aquário —, que simboliza de passar por Saturno, favorece o interesse das pessoas pelo cosmos e o comportamento humano. Esse enfoque, cada vez mais adotado por médicos, homeopatas, analistas e educadores, está contribuindo para o surgimento de uma nova profissão: o terapeuta astrológico, que usa o mapa astral como auxílio para determinar os órgãos mais propensos a desequilíbrio vital — a doença de cada paciente.

O uso da carta astral na medicina é abundantemente possível. O terapeuta pode obter de cada uma, avaliando seu comportamento individual em relação à coletividade, sua maneira de pensar e de assimilar o mundo. Cada signo estabelece uma correlação entre uma determinada região do corpo, que tende a ficar vulnerável ao Sol, quando este, o ascendente, ou outro astro, atua sobre ela. Os nativos de Gémeos, por exemplo, são suscetíveis aos resfriados; os de Touro têm problemas com a garganta.



Dois figuras: o Sol e o Lua, regentes do signo de Leo e Câncer

Os meses favoráveis

Segundo Maria Eugênia de Castro, Presidente da Sociedade Brasileira de Astrologia do Rio de Janeiro, se trata de analisar o mapa astral — a hora e local exatos do nascimento de um ser humano — e estabelecer a posição certa e o significado de cada um dos signos e casas específicas, e os aspectos que se estabelecem entre eles.

— O signo solar (aquele em que o Sol está no momento do nascimento) o signo ascendente (o que acontece no momento neste mesmo momento), a sexta casa (a da saúde) e as avaliações imprac-

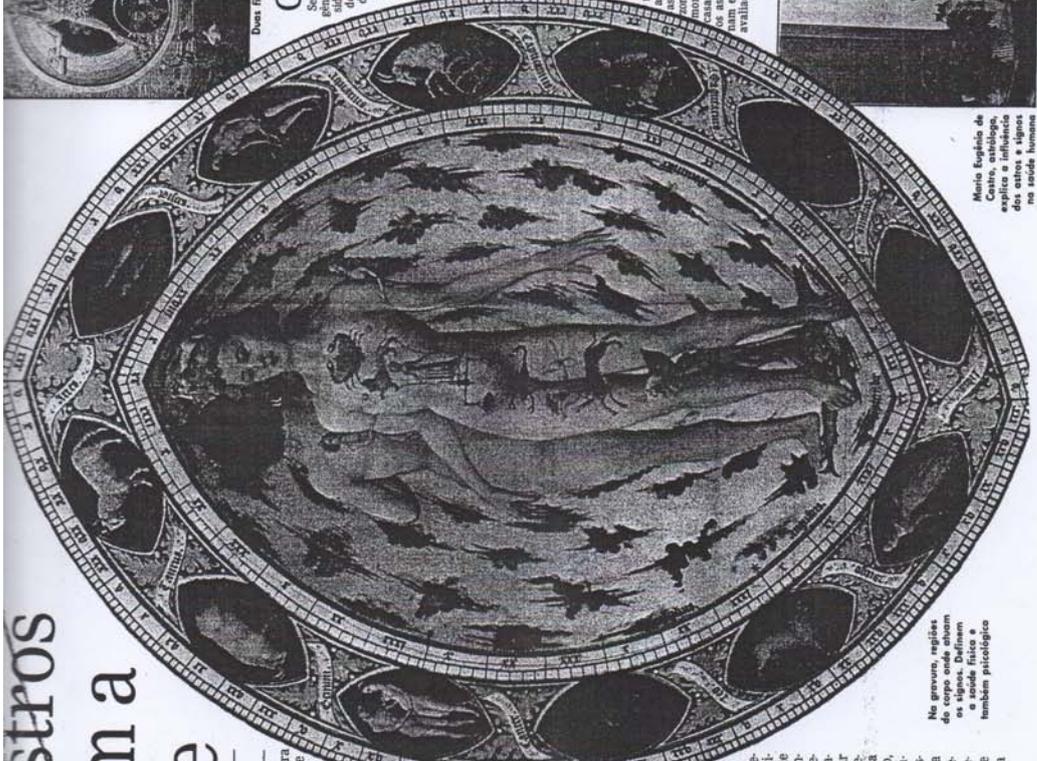
divéis para a compreensão da situação física e psicológica dos nativos sobre a pessoa. No mês do aniversário de cada estado todo o trabalho se tratar, aproveitando as energias positivas desses momentos astrológicos em alguns países, houve em consideração a influência do mapa astral, pois ficou provado que há uma ligação entre o tempo, as estações do ano e o aparecimento de certas doenças.

A astrologa Therezinha Goncalves, estudou o mapa astral de crianças, juntamente com o dos pais, irmãos e outros parentes. Para ela, esse estudo é importante para a melhor entrosamento das pessoas de uma família — a partir daí, há maior possibilidade de as pessoas se compreenderem e se ajudarem mutuamente.

— O signo solar (aquele em que o Sol está no momento do nascimento) o signo ascendente (o que acontece no momento neste mesmo momento), a sexta casa (a da saúde) e as avaliações imprac-



A medicina e o uso do astral. Como é? Pág. 2

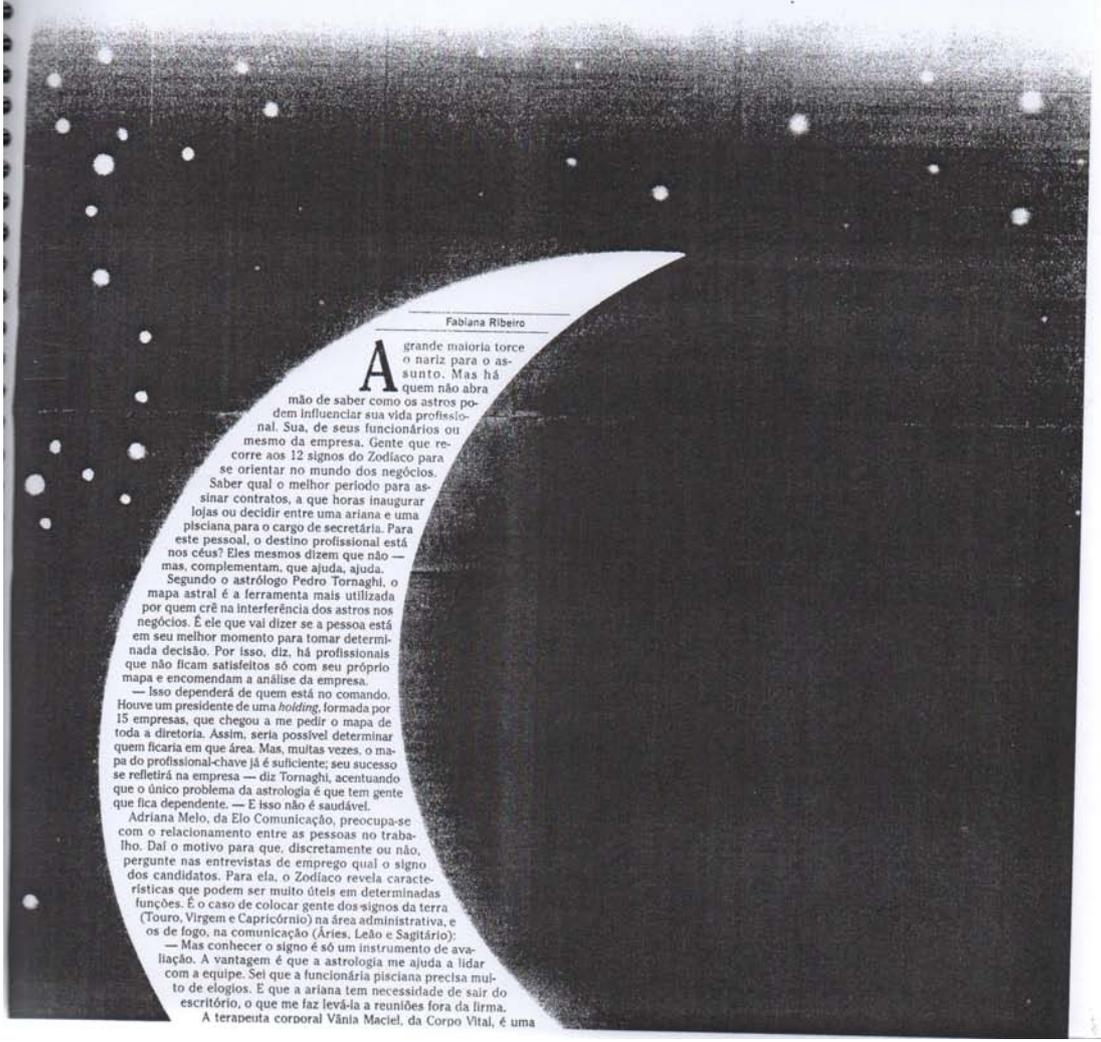


Mapa Espéculo de astro, medicina, explica o significado dos astros e signos na saúde humana

No gravure, regentes do corpo onde atuam os planetas em a saúde física também psicológico

Está escrito nas estrelas?

De que forma, e até que ponto, a astrologia tem ajudado profissionais e empresas



Fabiana Ribeiro

A grande maioria torce o nariz para o assunto. Mas há quem não abra mão de saber como os astros podem influenciar sua vida profissional. Sua, de seus funcionários ou mesmo da empresa. Gente que recorre aos 12 signos do Zodíaco para se orientar no mundo dos negócios.

Saber qual o melhor período para assinar contratos, a que horas inaugurar lojas ou decidir entre uma ariana e uma pisciana para o cargo de secretária. Para este pessoal, o destino profissional está nos céus? Eles mesmos dizem que não — mas, complementam, que ajuda, ajuda.

Segundo o astrólogo Pedro Tornaghi, o mapa astral é a ferramenta mais utilizada por quem crê na interferência dos astros nos negócios. É ele que vai dizer se a pessoa está em seu melhor momento para tomar determinada decisão. Por isso, diz, há profissionais que não ficam satisfeitos só com seu próprio mapa e encomendam a análise da empresa.

— Isso dependerá de quem está no comando. Houve um presidente de uma *holding*, formada por 15 empresas, que chegou a me pedir o mapa de toda a diretoria. Assim, seria possível determinar quem ficaria em que área. Mas, muitas vezes, o mapa do profissional-chave já é suficiente; seu sucesso se refletirá na empresa — diz Tornaghi, acentuando que o único problema da astrologia é que tem gente que fica dependente. — E isso não é saudável.

Adriana Melo, da Elo Comunicação, preocupa-se com o relacionamento entre as pessoas no trabalho. Daí o motivo para que, discretamente ou não, pergunte nas entrevistas de emprego qual o signo dos candidatos. Para ela, o Zodíaco revela características que podem ser muito úteis em determinadas funções. É o caso de colocar gente dos signos da terra (Touro, Virgem e Capricórnio) na área administrativa, e os de fogo, na comunicação (Áries, Leão e Sagitário).

— Mas conhecer o signo é só um instrumento de avaliação. A vantagem é que a astrologia me ajuda a lidar com a equipe. Sei que a funcionária pisciana precisa muito de elogios. E que a ariana tem necessidade de sair do escritório, o que me faz levá-la a reuniões fora da firma.

A terapeuta corporal Vânia Maciel, da Corpo Vital, é uma

SP

PASTA:

Astrologia

3 JUN 83 Qui

FOLHA DE S. PAULO

Ciência surgiu na Mesopotâmia

Da Redação

Uma das mais antigas maneiras de tentar adivinhar o futuro, a astrologia tem suas primeiras referências no 3º milênio a.C., na Mesopotâmia, e posteriormente na Babilônia e na Assíria, onde era usada para a interpretação das vontades dos deuses. Em seguida, espalhou-se também pela Grécia (4º século a.C.) e pelo Império Romano (antes da era cristã).

A astrologia é uma prática que consiste em interpretar a influência dos planetas e estrelas no decorrer de acontecimentos específicos ou na vida de pessoas, grupos e até países. A interpretação é feita a partir da posição destes astros em um dado momento (nascimento, fundação, descoberta etc). O termo evoluiu da união das palavras gregas "ástron" (constelação) ou "astér" (astro, estrela), "lógos" (palavra, dissertação) e "némo" (observo, administro) e já era citado por filósofos como Platão, Aristóteles, Xenofonte e Epicuro.

MOD. BOSP-11

Empresas usam astrologia para definir marketing

Do "El País"

Os melhores vendedores são aqueles que pertencem ao signo de câncer, áries e sagitário. A partir desses dados, um publicitário espanhol decidiu aplicar as técnicas do zodiaco ao marketing. No El País, o texto explica que algumas empresas de sucesso selecionam pessoas pelo signo do zodiaco.

"Quando se observa que as pessoas que compram uma determinada marca de carro são de quatro signos determinados, é porque a alguma coisa acontece", explica o especialista. Ele entende essa observação à luz de compras tão pessoais como de colônias, perfumes e roupas.

Segundo essas premissas, aqueles que nasceram em dezembro são extrovertidos; aqueles que nascem no mês de maio são, ao contrário, introvertidos e os que fazem negócios em abril são mais propensos à angústia.

A Publipost, uma agência de publicidade postal, que em 1989 faturou 850 milhões de pesetas e na qual trabalham cerca de 100 pessoas, está desenvolvendo um projeto em que se utilizará a técnica da astrologia para otimizar os recursos dos filiais de posse da empresa.

"Há 27 anos trabalhamos na Espanha e sabemos muitas coisas sobre as pessoas", afirma Jose Maria Cabrera, conselheiro da Publipost. Afirmado pelos métodos da astrologia, foi levado a explorar as possibilidades comerciais da astrologia. Um exemplo prático dessa aplicação é o seguinte: se aquilo que se vende tem a função de organi-

Personalidade de estudada

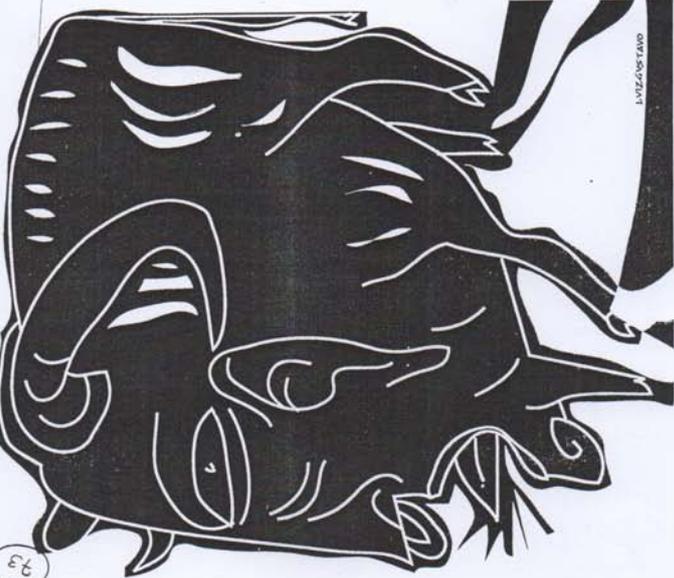
Do "El País"

Como identificar os sete tipos de pessoas difíceis de encontrar em uma empresa? O ditador, o falso, o reservado, o sabido, o indolente, o crítico e o negativo. Como modificar o comportamento provocado pela falta de comunicação? O chefe e seu subalterno. Essas são algumas das perguntas que em outros tempos seriam soltas em forma drástica, são atualmente estudadas para que se chegue a resultados positivos.

Isso significa que houve uma importante mudança no conceito das relações internas de uma empresa. Segundo os especialistas, também é positivo e necessário que as empresas recompensem mais os atos corretos e castigassem menos os equivocados.

O objetivo de todo este processo é melhorar as relações internas das empresas de defesa que favoreçam as relações de trabalho. O instrutor de um seminário organizado pelo Seminar Center Europe explica que, uma vez definidas as tipologias, é preciso identificar os tipos, não as pessoas que mais se ajustam, são as pessoas.

Outro especialista, Peter Heney, baseia sua exposição na resposta do enfoque conduzido pela pergunta "o que motiva as pessoas?" a situação que se baseia no modelo de comportamento causador do proble-



Astros influem em nosso comportamento

O estudo das estrelas e planetas em relação ao nosso comportamento foi detestado durante muito tempo pelos cientistas e astrólogos. Agora, cientistas e médicos estão se interessando novamente nos astros, particularmente a nossa saúde.

Já há muito tempo se aceita a influência dos astros sobre o destino humano. Há uma relação direta entre o ciclo menstrual da mulher e o ciclo solar de 28 dias. Para os cientistas, a influência dos astros sobre a vida humana é muito maior do que se imagina. Há evidências de que a influência dos astros pode ser aproveitada para melhorar a saúde humana, estudando a influência dos astros sobre o comportamento humano.

O Sol tem sido também, objeto de ampla pesquisa. É perceptível a influência do Sol sobre o comportamento humano. Os astrólogos franceses que tem sido bastante conhecidos, há muito tempo afirmam que o ciclo de 28 dias do ciclo solar e o ciclo de 28 dias do ciclo menstrual confirmaram a teoria do ciclo solar.

Em pesquisas na Suécia, provou-se que há um aumento de suicídios durante o período de maior intensidade das atividades solares.

Outros fatores estão sendo considerados, mas alguns são considerados muito importantes em função da atividade solar. Há evidências de que a atividade solar influencia o comportamento humano. Há evidências de que a atividade solar influencia o comportamento humano.

Equipes de psiquiatras da Universidade de New York relataram um comportamento em relação ao Sol, entre pacientes sob tratamento em um hospital psiquiátrico americano. Os resultados de um estudo de crimes se interessou em estudar o comportamento humano em relação à atividade solar.

Memo entre pessoas muito, ele acredita, pode ser influenciado pela atividade solar. Durante o período de maior atividade solar, há um aumento de crimes e de suicídios.

AS PESQUISAS Na Alemanha uma equipe de médicos, trabalhando em colaboração com o Instituto de Astrologia de Berlim, está estudando o comportamento humano em relação à atividade solar.



Estudar as reações humanas em relação à posição ou mutação dos astros e planetas vem sendo feito há muito tempo. Tendo como base as pesquisas de todos os séculos, agora a astrologia vem sendo seriamente discutida entre os físicos, químicos e especialistas em comportamento humano. A influência astrofísica no comportamento humano é um assunto que vem sendo estudado há muito tempo.

Verificaram que a taxa de mortalidade aumenta uma vez a cada 28 dias, coincidindo com o ciclo solar de 28 dias. Alguns pesquisadores afirmam que a influência dos astros sobre o comportamento humano é muito maior do que se imagina.

Alguns pesquisadores afirmam que a influência dos astros sobre o comportamento humano é muito maior do que se imagina. Há evidências de que a influência dos astros pode ser aproveitada para melhorar a saúde humana, estudando a influência dos astros sobre o comportamento humano.

O Sol tem sido também, objeto de ampla pesquisa. É perceptível a influência do Sol sobre o comportamento humano. Os astrólogos franceses que tem sido bastante conhecidos, há muito tempo afirmam que o ciclo de 28 dias do ciclo solar e o ciclo de 28 dias do ciclo menstrual confirmaram a teoria do ciclo solar.

Em pesquisas na Suécia, provou-se que há um aumento de suicídios durante o período de maior intensidade das atividades solares.

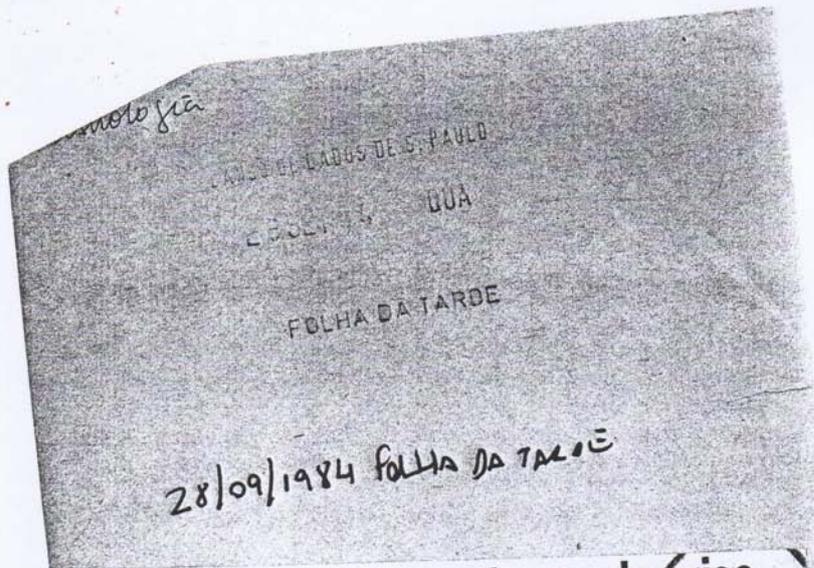
Outros fatores estão sendo considerados, mas alguns são considerados muito importantes em função da atividade solar. Há evidências de que a atividade solar influencia o comportamento humano. Há evidências de que a atividade solar influencia o comportamento humano.

Equipes de psiquiatras da Universidade de New York relataram um comportamento em relação ao Sol, entre pacientes sob tratamento em um hospital psiquiátrico americano. Os resultados de um estudo de crimes se interessou em estudar o comportamento humano em relação à atividade solar.

Memo entre pessoas muito, ele acredita, pode ser influenciado pela atividade solar. Durante o período de maior atividade solar, há um aumento de crimes e de suicídios.

AS PESQUISAS Na Alemanha uma equipe de médicos, trabalhando em colaboração com o Instituto de Astrologia de Berlim, está estudando o comportamento humano em relação à atividade solar.

que a astrologia como ciência, está sendo examinada. É possível que a atividade solar influencia o comportamento humano.



Astrologia, um fascínio em época de crise

Nancy Nuyen

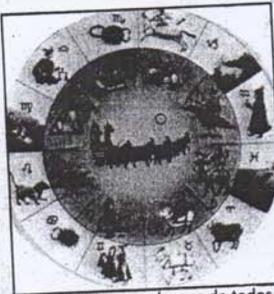
Desde os tempos de Omar Cardoso, quando seu "Bom dia mesmo" era transmitido para mais de 90 emissoras de todo o País, a astrologia exerce fascínio sobre o brasileiro, especialmente em época de crise. E ela já consta do Código Brasileiro de Ocupações, do Ministério do Trabalho, como profissão científica.

Antônio Facciolo Neto, diretor do Instituto Brasileiro de Astrologia, fundado em 1968, e da Associação Brasileira de Astrologia (ABA) conta que até aquele ano havia muita "picaretagem". Segundo ele, as pessoas eram despreparadas e faziam previsões astrológicas: "Isto provocava uma imagem ridicularizada da ciência que é a astrologia. Decidimos então fazer uma escola que ensinasse astrologia séria e, para moralizar a situação, criamos em seguida a Associação".

Para Antônio Facciolo, a procura dos cursos "sempre parte de uma elite espiritual e intelectual que, como os grandes homens da humanidade, se interessa pelo assunto". Segundo ele, a liberdade democrática do mundo permitiu que o povo visse a astrologia séria, a astrologia estudada por Kepler, Carl Jung, Herman Hesse e por Copernico, Isaac Newton e Galileu que, além de astrólogos eram astrónomos.

MERCADO E PREVISÕES

Antônio Facciolo entende que um astrólogo sério "não fica rico, mas sempre terá trabalho" e, também, que "quem faz um trabalho sério sobrevive". Mas para se tornar um bom astrólogo, o



A Astrologia ao alcance de todos

caminho é difícil. Segundo Facciolo, em início de ano, 100 alunos se inscrevem nos cursos, mas quando chega a hora de estudar a parte mais séria da astrologia — "que não é fácil" — muitos vão embora.

O curso para formação de astrólogo dura um ano e meio. Mas se você pensa que terminado esse período já pode começar a trabalhar está enganado. Pelo menos para Antônio Facciolo, "é preciso muita experiência e habilidade para transmitir o material astrológico".

"As empresas estão usando bastante o astrólogo e no Brasil isso é novo". Qual o horóscopo da astrologia? O diretor do Instituto prevê um bom futuro: "A tendência é a era de Aquário. A astrologia é parte integrante da área cultural de Aquário (estamos no fim de Peixes).

"Diminuição ou maior controle da natalidade, depressão no ambiente artístico e morte de importantes personalida-

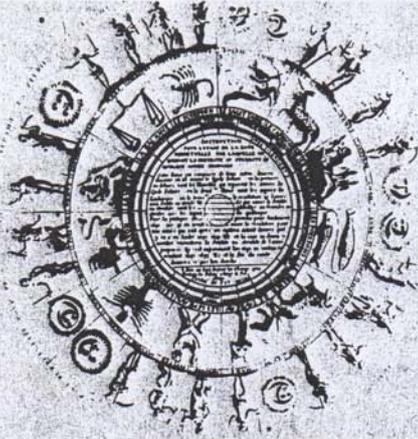
des artísticas entre outubro e novembro próximos", informa o boletim da ABA no item de previsões gerais para o Brasil. O mesmo boletim prevê que a partir dos últimos meses deste ano e por mais três anos, poderemos esperar a restauração econômica e financeira, com a retomada do progresso e do crescimento. "O próximo período presidencial encontrará bons aspectos da Lua e de Júpiter na progressão da Independência do Brasil, propiciando uma gestão feliz e com muita popularidade. Com certeza, uma nova constituição e plenitude democrática e legal".

INTERESSE GERAL

O Instituto Paulista de Astrologia fica na rua Xavier de Toledo, centro da cidade. A entidade ocupa algumas salas do 3º andar de um velho prédio. Nem todos sabem que além do instituto, existe a Associação Brasileira de Astrologia. Mas é grande o número de pessoas que se interessa pelo assunto. E quem entra na sede do instituto esperando encontrar ali um clima místico certamente vai se decepcionar: a decoração é simples e não inspira uma atmosfera esotérica ou cósmica. Mesas, papéis, livros e computadores compõem o cenário que não tem nada de transcendental.

Universitários, donas de casa. Impossível traçar um perfil generalizando as pessoas que vão ao Instituto Paulista de Astrologia para se matricular nos cursos ali existentes. Alguns querem ser astrólogos, outros buscam conhecimentos para orientar a família e os amigos e uma grande parte quer entender a Astrologia para utilizá-la em outras áreas, como na administração de empresas ou na psicologia.

FOLHA DE S. PAULO 23/11/1945



Apesar de tudo, o povo aceita a astrologia

LI LIAN LOAN
'Europa Press'

A astrologia, vista até pelos cientistas e intelectuais como mera superstição com pretensões científicas, ganha apesar disso cada dia maior número de adeptos. A prova é que não existe jornal ou revista que não publique horóscopos. Mais recentemente, também as emissoras de rádio e televisão incluíram em sua programação o horóscopo do dia, da semana ou do mês.

Hoje, porém, os próprios homens de ciência começam a se interessar pela astrologia. Certos estudos, principalmente baseados em comparações estatísticas, parecem demonstrar que a astrologia, afinal, não é tão desprovida de fundamento como se pensava.

A LUZ DA ESTATÍSTICA

Conhecida e praticada por civilizações tão antigas quanto as dos egípcios, caldeus, sumérios, babilônios, assírios, gregos e romanos, a astrologia caiu, posteriormente, em certo esquecimento. Mas em fins do século passado e começo deste, reacendeu-se o interesse por essa antiga disciplina.

Um dos primeiros estudos modernos, visando investigar as possibilidades matemáticas de certos astroológicos, foi feito por um matemático genovês especializado em estatística, o dr. Krafft, que se converteu num dos astrólogos oficiais de Hitler.

No começo de suas pesquisas, Krafft pretendia demonstrar o absurdo das pretensões da astrologia, através da comparação estatística. Estabeleceu tábuas comparativas de horóscopos de homens nascidos na Alemanha e na França, na mesma época. O período escolhido para estudo era o compreendido entre as duas ou três últimas décadas do século passado. Assim, Krafft pensava mostrar que homens nascidos na mesma época, e muitas vezes sob o mesmo signo, haviam tido destinos muito diversos.

Mas, para surpresa sua, Krafft (segundo afirma) começou a constatar que grande número dos horóscopos cotejados anunciavam mortes violentas para o período compreendido entre 1910 e 1920, ou seja, exatamente a época em que se verificou a Primeira Guerra Mundial.

Esses trabalhos, interrompidos pela Segunda Guerra, foram redescobertos há alguns anos, por um cientista francês chamado Michel Gauquelin, que resolveu estudar os horóscopos de homens famosos, cotejando-os em bases estatísticas. Novamente, Gauquelin, como Krafft, diz ter-se surpreendido com as coincidências



O general De Gaulle, típico guerreiro moderno, não fugiu à regra astroológica: os egípcios já sabiam que os signos de Leão e Escorpião fornecem os mais aptos e valentes guerreiros.

dos horóscopos e dos destinos de homens que às vezes nem se haviam conhecido, ou de outros que tinham vivido em lugares muito diversos.

HORÓSCOPOS E VOCAÇÕES

Gauquelin sustenta, por exemplo, que as pessoas nascidas entre o momento da culminação do planeta Marte (diz-se que um astro "culmina" quando, no curso de sua trajetória, passa a seu ponto mais alto por sobre o horizonte) e o da passagem deste pelo centro do céu, eram muito frequentemente personalidades que se haviam destacado no campo dos esportes, ciências e armas.

Em contra partida, os nascidos no momento da culminação do planeta Júpiter tinham, em sensível maioria, um destino artístico, e muitos deles se haviam destacado como atores.

Ocorria ainda que os nascidos durante a culminação de Saturno eram geralmente homens e mulheres ligados à religião, à filosofia ou à medicina.

Finalmente, os homens nascidos durante a culminação da Lua quase sempre se sentiam atraídos pelas letras ou pela política. Entre esses encontrava-se um significativo número de escritores, jornalistas e estadistas.

DISPOSIÇÃO DE GUERREIROS

Dois sociólogos ingleses, Cooper e Smither, publicaram há dois anos um trabalho sobre o estudo comparado das datas de nascimento de inúmeras personalidades. Estudando os horóscopos de 16 mil oficiais britânicos em serviço começo do século, Cooper e Smither afirmam ter constatado que a maioria desses oficiais haviam nascido sob os signos de Leão e Escorpião, ou seja, entre agosto e novembro. Segundo eles, no Exito antigo, os oficiais dos exércitos do nesse período do ano. Isso, levando-se em conta que os egípcios eram muito afetos às disciplinas do tipo da astrologia, parece demonstrar que já tinham descoberto que, astrologicamente, Leão e Escorpião fornecem os melhores guerreiros.

A profissão de astrologo

São Paulo não forma somente médicos, advogados, engenheiros, administradores e outros profissionais largamente requisitados pelo mercado de trabalho. Há, na Capital, vários cursos que dão aos interessados, conhecimentos sólidos sobre outras profissões menos concorridas, mas nem por isso desconhecidas, embora não se trate de um estado de nível superior. Uma delas é a de astrólogo.

A cidade já possui, depois de quase três anos de funcionamento do Instituto Paulista de Astrologia, 12 astrólogos formados e mais uns 60 prestes a concluir o curso. São pessoas que afirmam conhecer realmente astrologia, conceituando-a de uma maneira bem diferente daquela comumente aceita pelo grande público (ou, talvez, imposta ao grande público).

A idade desses formandos é, em média, 35 anos. Todos tem outras colocações, e bem poucos estão exercendo esta profissão atualmente. A maioria desses estudiosos de astrologia são mesmo pessoas que já possuem uma posição estável na vida, graças a seus diplomas de economistas ou professores, segundo afirma o diretor do Instituto, Antonio Facciolo Neto, de 33 anos de idade, formado pelo Centro Astrológico de Buenos Aires.

BOÑS EMPREGOS. A astrologia pode ser, desde já, uma profissão rendosa, pois

cada vez aumenta mais o interesse das pessoas pelos horóscopos, embora boa parte do público procure desmentir ou disfarçar isso, principalmente entre as camadas consideradas como as mais bem preparadas culturalmente.

Mas antes de partir para a profissão, os astrólogos formados no Instituto Paulista — querem moralizá-la. Isso porque — segundo o diretor da escola — dos astrólogos que estão no mercado, somente um ou dois sabem realmente o que é astrologia e realizam suas previsões dentro de critérios rígidos, baseados em manuais de pesquisas e observações honestas, e não de uma maneira desordenada e empírica, como faz a maioria.

Para alcançar este primeiro objetivo — só depois disso é que os astrólogos formados acreditam ter condições de trabalho — eles fundaram, com alguns astrólogos no exercício de sua profissão, sua entidade de classe, a Associação Paulista de Astrologia.

Uma das primeiras medidas levadas a efeito pela APA foi a divulgação de um "Código de Ética do Astrólogo", que desmistifica e esclarece alguns aspectos da profissão. Outra medida foi convidar alguns dos astrólogos conhecidos na praça, mas totalmente despreparados, segundo a Associação, para o exercício da profissão, para participarem de cursos de iniciação à astrologia, no Instituto Paulista. Até agora, nenhum deles se apresentou.

MORALIZAR. "A Associação não deseja tirar o mercado de trabalho de ninguém. Ela quer apenas moralizar a profissão de astrólogo e para isso necessita contar com o apoio daqueles que, formados ou não em astrologia, já estejam trabalhando no setor. Aos que não têm conhecimentos profundos sobre a matéria, nós daremos cursos especiais. Todos serão preparados convenientemente, se igualando aos formados pelo Instituto. Depois que isso for conseguido, será mais fácil trabalhar com astrologia no Brasil", diz Antonio Facciolo Neto, que é também o diretor técnico da Associação Paulista de Astrologia.

Segundo ele, só em último caso a Associação pedirá a uma entidade estrangeira, com autoridade mundial em astrologia, que submeta a exame os astrólogos em atividade no Brasil.

— A Associação tem poderes para isso e se fosse feito o exame, bem poucos passariam: existem muitos enganadores por aí. Pois nós não queremos brigar com ninguém e só faremos a exigência em último recurso — explica.

TAXAS. O curso dado pelo Instituto Paulista de Astrologia pode ser feito por correspondência ou através de aulas semanais. A duração varia de 18 a 24 meses; a taxa é de Cr\$ 50,00 mensais, atualmente, além da inscrição. O curso, conforme frisa Antonio Facciolo, é de astrologia científica. Ele explica.

"A astrologia científica é uma ciência alicerçada em dados de astronomia pura, com coordenadas celestes e terrestres matematicamente calculadas. A interpretação segue uma tradição de milhões de anos, comprovada por estatísticas comparativas rigorosas e avaliadas em todo o mundo".

O curso decanato aos

ensinamentos básicos sobre astronomia, que recebe no curso, o formando em astrologia poderá fazer suas interpretações dos fatos, desde que se baseie para isso, também, nas estatísticas mundiais, trazidas pelos livros tradicionais.

Um dos pontos do Código de Ética do Astrólogo, formulado pela Associação, recomenda que os astrólogos façam de preferência horóscopos individuais, pois cada pessoa possui características natais (como hora e local de nascimento) próprias, muito embora sejam reunidas a outras num signo do Zodiaco.

Em caso de horóscopos coletivos, o verdadeiro astrólogo, segundo a Associação, só formulará previsões, no máximo, de pessoas nascidas dentro de um decanato é nunca no espaço de 30 dias, como ocorre na maioria dos horóscopos. Nestes o público não deve confiar, segundo Antonio Facciolo Neto, pois não têm qualquer base científica e estão errados pela própria condição de elaboração, isto é, divididos apenas nos doze signos do Zodiaco, sem as divisões intermediárias por decanato.

15 DEZ 1969
ARQUIVO

2.A-FEIRA, 15 DE NOVEMBRO DE 1969



A cratera Fra Mauro foi o local escolhido para a terceira descida de uma nave tripulada no satélite da Terra.

Influência dos astros sobre a vida e a morte

Geoffrey Parkin

Copyright FOLHA — London Express

Dois eminentes cientistas italianos, ambos professores na Universidade de Florença, estão aguardando ansiosamente uma análise dos dados obtidos com a espaçonave americana Apolo 12, esperando que corrobore mais de 54.000 provas que fizeram nos últimos anos e forneçam novas informações a respeito da influência do Sol e da Lua sobre a vida — e a morte — dos seres humanos.

Dois dos problemas que os cientistas se consideram capazes de ajudar a resolver são: Por que em todo o mundo as mortes súbitas ocorrem com frequências de manhã cedo? E por que, como descobriram médicos russos com os quais eles estão colaborando, há certos períodos em que o sol fica "bravo" e que são desfavoráveis para operações cirúrgicas delicadas?

Encarregado da pesquisa em Florença está o professor Giorgio Piccardi, diretor do Centro de Estudo de Fenômenos Flutuantes.

Uma relação

Durante anos, ele verificou a atividade do espaço exterior diariamente, a intervalos regulares, realizando o que chama de "provas químicas", com a assistência do observatório astronômico de Lenigrado.

Recentemente declarou em uma conferência de especialistas — entre os quais o professor Vladimir Negovsky, diretor do centro de reanimação humana de Moscou — que foi descoberta uma relação entre suas provas e a intensidade da coroa solar.

O professor Negovsky declarou posteriormente: "Sabemos que mortes súbitas ocorrem com maior frequência no outono e inverno, particularmente de manhã cedo. Não sei porque, nem qualquer outra pessoa sabe. Penso, porém, que as provas do professor Piccardi são extremamente interessantes e merecem estudo sério."

Momentos desfavoráveis

O professor Piccardi declarou-me: "Observadores astronômicos russos na estância sanitária de Solchi, no mar Negro, fornecem regularmente boletins para orientação de médicos nas clínicas de saúde da área."

"O sistema So-W-La, como é chamado, originou-se na Alemanha e foi adotado por um russo, professor Nicola Schultz. Sua denominação é derivada de palavras alemãs que significam "sol", "ondas" e "flutuações do tempo".

"Eu consideraria desfavoráveis para cirurgia os momentos em que o sol está em violenta erupção, com explosões solares provocando reações secundárias na terra."

"Se os russos em Solchi acham conveniente avisar seus médicos quando existem essas condições, talvez nossos médicos também devam dar-lhes atenção."

Os astros revelam os seus segredos

1. JUN 1963
ARQUIVO

Folha de S. Paul

Astrologia

Até se que orientaram suas vidas, de algumas influências da vida futura de horoscópo.

No Brasil, há 34 mil astrólogos, que se dividem em dois grupos: os astrólogos tradicionais e os astrólogos modernos.

O futuro é um livro aberto. Pode o homem, realmente, prever o futuro? Para a Astrologia, a resposta é afirmativa.

Um astrólogo, ao elaborar um horoscópo, nem sempre tem todos os dados de que necessita para fazer uma previsão.

tores recorrem ao conhecimento de outras ciências: Matemática, Física, Química, Biologia, Psicologia, etc.

A descoberta de Plutão, em 1930, trouxe novas informações para a interpretação dos horoscópos.

Para quem quer saber mais sobre o assunto, o astrólogo recomenda a leitura de alguns livros.

Como se prevê o futuro

O astrólogo não faz apenas horoscópo.

pos (prever o futuro). Se até estas coisas bem de desvendar o passado. Assim como indica os prováveis acontecimentos futuros, os períodos difíceis e os melhores momentos para que se passe a sua vida.

Os signos da vida

O primeiro instrumento de um astrólogo é a representação gráfica de um signo da vida, o chamado horoscópo.

Os símbolos que representam as constelações são atravessadas continuamente por astros (Sol, Lua, Júpiter, Vênus, Mercúrio, Marte, Saturno, Netuno, Urano, Plutão).

las difíceis de acordo com o local e a hora. Não se dá a mesma importância ao Brasil e na África, Poitou, os astrólogos brasileiros acham que o tipo de previsão que se pode fazer é muito mais limitado no exterior — muitos deles até sentando, que agências telegráficas — é quase nulo.

O ano de Mercúrio

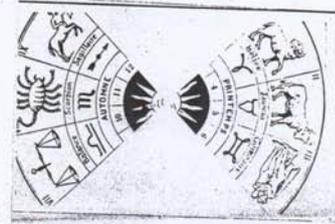
Cada ano corresponde a um astro regente. As pessoas nascidas em 1963 são regidas por Mercúrio.

Entram ainda na análise astrológica os astros corretores. O signo em que nasceu uma pessoa corresponde a um astro regente.

As datas que marcam um limite entre um signo e outro são um divisor de águas. Assim, a partir de uma determinada data em nos últimos dias de um signo e os primeiros dias de um outro.

ASTROLOGIA S. PAULO
15 FEV 1969
ARQUIVO

EL
FOLHA ILUSTRADA
FOLHA DE S. PAULO - ANO XLVIII
SABADO, 15/2/69 N.º 14.489



PODEM OS ASTROLOGOS PREVER O FUTURO?

ELIZABETH SHERRY
Copyright-CA-FOLHA

LONDRES, Inverno — A maioria das pessoas acredita que o futuro é imprevisível. Mas a Sociedade dos Astrologos Britânicos afirma que o futuro é previsível e que os astrologos podem prever o futuro com uma precisão que é surpreendente.

Muitas pessoas acreditam que o futuro é imprevisível e que os astrologos não podem prever o futuro. Mas a Sociedade dos Astrologos Britânicos afirma que o futuro é previsível e que os astrologos podem prever o futuro com uma precisão que é surpreendente.

Muitas pessoas acreditam que o futuro é imprevisível e que os astrologos não podem prever o futuro. Mas a Sociedade dos Astrologos Britânicos afirma que o futuro é previsível e que os astrologos podem prever o futuro com uma precisão que é surpreendente.

Historico

O conceito da astrologia remonta a milhares de anos. Os antigos egípcios, babilônios e gregos acreditavam que os planetas exerciam influência sobre a vida humana e que os astrologos podiam prever o futuro com base nas posições dos planetas no céu.

Ciencia

"A astrologia", declara, "é um estudo científico que combina a matemática com a astronomia. Os astrologos usam cálculos matemáticos para determinar as posições dos planetas no céu e prever o futuro com base nessas posições."

Previdido

Um homem consultado por um astrologo disse: "Eu não sei o futuro, mas sei o que vai acontecer."

Tendencia geral

Mas não é apenas no mundo do cinema que a astrologia tem ganhado popularidade. Muitos empresários e políticos também consultam astrologos para tomar decisões importantes.

Astrologo para negocios

Um dos mais famosos astrologos do mundo é John Naylor. Diretor de uma grande empresa, ele consultava um astrologo para tomar decisões importantes.

haveriam já estudado as estrelas e a influência que exercem sobre a vida humana. Mas a Sociedade dos Astrologos Britânicos afirma que o futuro é previsível e que os astrologos podem prever o futuro com uma precisão que é surpreendente.

Quando James Stewart veio ao Brasil em Hollywood, ele consultou um astrologo para tomar decisões importantes. O astrologo disse: "Você vai ter um sucesso muito grande aqui."

Muitas pessoas acreditam que o futuro é imprevisível e que os astrologos não podem prever o futuro. Mas a Sociedade dos Astrologos Britânicos afirma que o futuro é previsível e que os astrologos podem prever o futuro com uma precisão que é surpreendente.

Um homem consultado por um astrologo disse: "Eu não sei o futuro, mas sei o que vai acontecer."

Mas não é apenas no mundo do cinema que a astrologia tem ganhado popularidade. Muitos empresários e políticos também consultam astrologos para tomar decisões importantes.

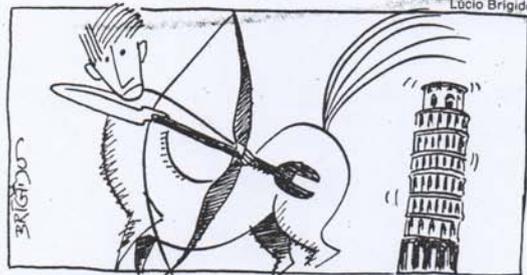
Uma astrologa inglesa, assim como do mundo dos negócios, afirma que os negócios de que 200 grandes empresas de negócios como a Anglo-Siam, a Anglo-Indiana e a Anglo-Persian Oil Company, foram compradas por muito tempo antes que isso acontecesse.

astrologia

11/04/1990

ITALIA

JORNAL DO BRASIL



Seleção por Horóscopo

**Empresa italiana
escolhe empregados
pelo mapa astral**

Araújo Netto
Correspondente

ROMA — Uma das mais importantes empresas de informática de Milão, a Zenith, que faz parte da multinacional Honeywell-Bull, está convencida de que as pessoas nascidas sob o signo de Sagitário, com ascendência em Aquário, são os melhores trabalhadores. Para dirigentes e administradores dessa indústria, na hora de escolher os candidatos, mais importante do que o teste psicológico e o controle dos bons antecedentes passou a ser um exame meticuloso dos seus horóscopos feito por um astrólogo sério.

Prova da importância que a empresa atribui à astrologia foi dada nos últimos dias pelos anúncios classificados publicados para recrutar gente nova com conhecimentos de inglês, prática de computador e bom signo zodiacal; de preferência Sagitário com ascendente em Aquário. Sobre tudo porque os candidatos aptos serão destinados a funções importantes nos setores de venda, manutenção, produção, sistema de informações, contabilidade e recuperação de créditos.

A preferência pelos nascidos em Sagitário também foi explicada pelo anúncio: "Os nascidos nesse signo dispõem de características que nós procuramos: dinamismo, confiabilidade, lealdade, espírito de iniciativa e originalidade". Viviana Palaci, assistente do diretor-geral da Zenith, explicou em entrevista ao jornal *La Stampa*, de Turim, as razões que le-

varam a empresa a adotar um critério de seleção de pessoal considerado pouco ortodoxo.

"A astrologia é coisa séria, especialmente quando estuda a personalidade das pessoas. Numa empresa do setor terciário avançado, como a nossa, a contribuição da criatividade serve muito," afirmou a senhora Palaci.

Outro depoimento esclarecedor foi dado pelo psicólogo da mesma empresa, Roberto Provana, que participou da idealização e redação dos inovadores anúncios da Zenith. Diz Provana: "Não nego que o recurso ao horóscopo tenha muito de ironia, contenha uma referência brincalhona às técnicas pouco científicas adotadas dentro da empresa. Outra verdade que não podemos negar é que fizemos pesquisas sérias no campo astrológico, antes de fazer aquele pedido sobre os signos que os candidatos devem acrescentar em seus currículos."

A experiência da Zenith não é pioneira. Há bastante tempo, atua em Milão a *Segno Più* (Signo Mais), especializada em "seleção astral" — novo tipo de assessoria que vários empresários começam a considerar essencial para completar e enriquecer a informação sobre as personalidades e aptidões de seus colaboradores mais importantes.

"Ao preço de 250 mil liras italianas, cerca de US\$ 200, fornecemos em apenas três dias o mais completo perfil do caráter e das tendências de um candidato a emprego. Tudo isso trabalhando unicamente sobre informações da data, hora, local de nascimento de uma pessoa" revelou Charlotte Aboaf, diretora da empresa especializada, que pretende também manter uma leal concorrência com os psicólogos consultados e contratados pelas grandes empresas para orientar na seleção de pessoal.

Cada signo se destacaria em áreas específicas

O mercado não dá mais espaço a alguns signos em detrimento de outros, avisam astrólogos. Mas, lembram eles, há áreas em que um leonino, por exemplo, se destaca mais do que um capricorniano. E vice-versa.

— Tudo depende do contexto. O geminiano se destaca na comunicação. Mas não digo o mesmo de um aquariano na Bolsa de Valores — explica o astrólogo Pedro Tornaghi.

E os signos surpreendem, diz Adriana Melo. Ela contratou uma geminiana, mesmo desconfiando de que a relação com seu signo (Leão) poderia trazer problemas:

— Foi uma surpresa. Se pudesse, contrataria outros.

Shmuel Lemle, professor do Centro de Cabala do Rio, lembra que existem signos mais positivos para os negócios:

— O período de Áries é um dos melhores para abrir uma empresa. O mesmo não acontece nos meses que regem os signos de Capricórnio, Câncer, Leão e Touro. ■

Sol influencia transações com sua casa

ERANE PALADINO
Especial para a Folha

A astrologia moderna tem elaborado pesquisas no sentido de expandir o uso e a utilização do mapa astral também na vida prática. É possível saber, por exemplo, o dia e a hora propícia para assinar um contrato, tanto de aluguel como de compra de uma casa, iniciar um negócio etc.

A posição dos planetas em relação aos signos e às casas zodiacais poderão apontar quais as tendências harmônicas e desarmonicas para o assunto.

A posição do sol também é muito importante. Ele representa a fonte de energia necessária para a realização do projeto. Seu lugar no mapa indica uma área marcante e criativa, que, se for bem utilizada, poderá trazer resultados construtivos.

O mapa astral se divide em 12 partes, denominadas de casas zodiacais. Cada casa corresponde a uma área da vida, onde as coisas estarão acontecendo. A posição do sol nas casas zodiacais é determinada pela hora do dia e está relacionada com o movimento de rotação da Terra.

A tabela acima ensina a identificar a localização do sol. Você poderá utilizar a para dar uma festa, comprar uma casa ou tratar de qualquer assunto importante.

Posição do sol

* Casa 1: está associada à auto-expressão e à aparência. Favorece as atividades que envolvem contato com o público. Quando o sol estiver nesta casa, festas e inaugurações serão bem-sucedidas.

ERANE PALADINO

POSIÇÃO DO SOL NAS CASAS ZODIACAIS

Horários zodiacais	Casa	Horários zodiacais	Casa
0h às 8h	2	18h às 20h	7
8h às 10h	12	20h às 22h	6
10h às 12h	11	22h à meia-noite	5
12h às 14h	10	meia-noite às 2h	4
14h às 16h	9	2h às 4h	3
16h às 18h	8	4h às 6h	2

* Casa 2: está associada às posses e à vida material. Propicia os investimentos sólidos e estáveis. Um bom momento para fazer qualquer transação comercial com bens imóveis. Traz também conforto e segurança material.

* Casa 3: está associada ao comércio e à comunicação. Aproveite para tratar da compra e venda de uma casa. As trocas comerciais também são favoráveis.

* Casa 4: uma boa fase para decidir a compra da casa em que se vai morar, partir para as reformas e fazer transações que beneficiem a família.

* Casa 5: está relacionada à criatividade e às prazeres. Você pode dedicar aos negócios associados às artes, ao esporte e ao lazer. Os envolvimento afetivos também se desenvolvem positivamente.

* Casa 6: está relacionada ao trabalho e à saúde. Por isso, estarão favorecidos os negócios ligados à prestação de serviços, como hospitais ou entidades assistenciais.

* Casa 7: está relacionada às associações e ao contato com o

Lua mobiliza o que está planejado

Sabe-se que a lua recebe a luz solar. Se a lua indicará de que forma será mobilizada a execução do que está planejado. Seu lugar no mapa indica a área onde estão os interesses e o nível de receptividade a eles.

As fases da lua exercem notável influência sobre as motivações e os processos emocionais. A observação dessas fases também colaboram para que os resultados sejam mais bem conseguidos. Na lua crescente ou cheia, por exemplo, as assinaturas de contratos, as inaugurações e as definições se realizam mais facilmente.

Cada fase estimula aspectos diferentes relacionados com a vida e com a natureza.

* Lua nova: período de recolhimento e introspecção, onde as questões práticas tendem a ficar indefinidas. Favorece a meditação e o autocombate.

* Lua crescente: a percepção dos próprios sentimentos se torna mais cristalina. Favorece a definição de metas e objetivos de vida.

* Lua cheia: período de energia e vitalidade que propicia o progresso e o desenvolvimento dos projetos de vida. As coisas caminham com mais facilidade.

* Lua minguante: estimula a sensibilidade, mas pode dificultar os resultados práticos. Favorece a reflexão e a avaliação do que foi realizado anteriormente. (EP)

prestígio e ascensão profissional. É a melhor posição para tratar de negociações, pois a liderança está favorecida. Haverá reconhecimento.

* Casa 11: a fase é indicada para fazer ou cessar mantendo contato com os colegas sociais. Portanto, as atividades individuais devem ser momentaneamente esquecidas.

* Casa 12: está associada ao inconsciente e ao mundo subjetivo. Dificulta a percepção objetiva e, portanto, é desfavorável aos negócios. O momento é propício para se dedicar aos estudos místicos e à espiritualidade.

ERANE PALADINO 20, astrologia e psicologia

PASTA: ANTOLOGIA - Ubirajara, Aracaju
TÍTULO:

20 MAR 88 DDM

FOLHA DE S. PAULO

Asícolosia

01/01/1990 Folha de Taubaté

Astrologia entra na era da informática

É cada vez maior o número de astrólogos que utiliza computadores para fazer previsões e projetar mapas astrais

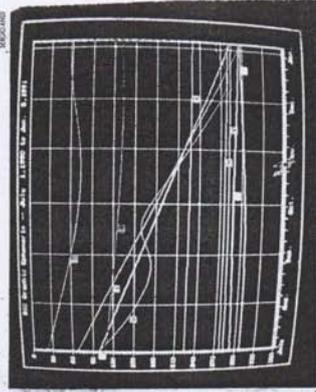
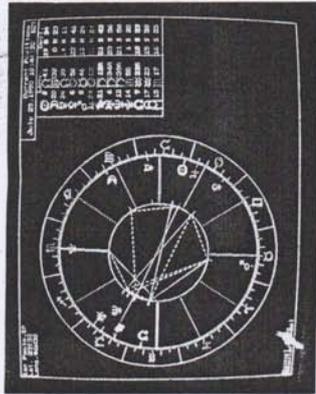
Carlos Seabra
Especial para a F1

Nascida na Mesopotâmia há cerca de 30 mil anos, a astrologia usa hoje os recursos mais avançados da informática. O desenvolvimento do computador pode espantá-la, mas parece que veio para ficar.

"Gastava horas e horas fazendo cálculos, sempre com a tensão de imaginar que algum erro poderia ocorrer", conta Constantino Riemma, que há sete anos se dedica sistematicamente ao estudo da astrologia. Fruto de sua descoberta, a informática chegou ao Brasil em 1987, quando Riemma demitiu-se, em 1987, de um emprego na área de treinamento profissional no qual estava há 23 anos, para se dedicar integral-

mente ao estudo de um mapa astral que ele gastava agora cerca de 3 minutos, "o que me permite usar o tempo da consulta para aprofundar a interpretação", afirma Riemma. "Hoje, os cálculos são feitos pelo computador, o que evita erros e economiza tempo. Além disso, os programas são mais complexos e completos, são rapidamente produzidos, ainda sem Apple 2, com os programas "Star Trek", "Matrix" e "AGS", que ele traz para Portugal, "tendo aprendido informática na Suíça", afirma Riemma. "Atualmente, Riemma pretende o lançamento de um curso de treinamento da linha IBM-PC. Seu telefone é 618-8428.

Confirmando a evolução tecnológica da astrologia, José Antonio Padua, diretor de operações de um curso intitulado "Informática para Astrologia", no Ins-



Um mapa astral e um gráfico com a posição dos planetas e constelações feitos por intermédio de programas específicos do Apple 2 e PC

como é o caso da Regulus (telefone Delphos, Aberto a astrólogos de duração total, de 1º de outubro a 15 de dezembro, às terças-feiras, das 20h30 às 23h40. As matrículas devem ser feitas no Instituto Delphos, telefone 521-8242.

Todos para PC, os principais softwares utilizados por Rodrigues são o "Blue Star" (para cálculos astrológicos e mapa de alta resolução), o "Compact Data" (para pesquisas estatísticas completas), o "Venus", o "Programa Nacional de Astrologia Eletiva", que escolhe o melhor momento para iniciar alguma atividade, empresarial, política ou outra. Além desses, Rodrigues também utiliza outros programas, cada um com determinadas características, que levam a horas de trabalho. Seu telefone é 259-8015.

Além dos programas ameri- canos, há programas brasileiros que também foram desenvolvidos para o computador. Um deles é o "Mapa Astral" do Instituto Delphos, que permite a elaboração de mapas astrais para o Apple 2 e o "Blue Star", que ele refere para mapas impressos. Esses softwares são, respectivamente, da AGS e da Matrix, e podem fazer cálculos de 2300 a.C. até o presente. O preço do "Mapa Astral" é de R\$ 290,00, e o da "Matrix" é de R\$ 290,00. De autoria de Zochi Representações - Caixa Postal 1793, CEP 20001, Rio de Janeiro, RJ, o "Mapa Astral" é vendido por R\$ 100,00 em BBN e "Blue Star" por R\$ 100,00 em BBN e "Blue Star" por R\$ 100,00 em BBN. De autoria de Zochi Representações - Caixa Postal 1793, CEP 20001, Rio de Janeiro, RJ, o "Mapa Astral" é vendido por R\$ 100,00 em BBN e "Blue Star" por R\$ 100,00 em BBN. De autoria de Zochi Representações - Caixa Postal 1793, CEP 20001, Rio de Janeiro, RJ, o "Mapa Astral" é vendido por R\$ 100,00 em BBN e "Blue Star" por R\$ 100,00 em BBN.

Seus softwares principais são o "Nova" que emite relatórios no computador para astrólogos que não estão informatizados, o "Blue Star", que ele refere para mapas impressos. Esses softwares são, respectivamente, da AGS e da Matrix, e podem fazer cálculos de 2300 a.C. até o presente. O preço do "Mapa Astral" é de R\$ 290,00, e o da "Matrix" é de R\$ 290,00. De autoria de Zochi Representações - Caixa Postal 1793, CEP 20001, Rio de Janeiro, RJ, o "Mapa Astral" é vendido por R\$ 100,00 em BBN e "Blue Star" por R\$ 100,00 em BBN.

Para quem possui um Apple, também existem algumas opções, embora com menos recursos. A Commodore Informática trabalha com o "Pegasus 2", pelo correio (rua Marechal Deodoro, 1842, sala 7, São Bernardo do Campo, SP, telefone 498-6281). José Maldonado, da Commodore, informa que também trabalha com o "Pegasus 2" (programa de astrologia cartâmica) e "Carta Natal Interpretada". Também pode fornecer despesa de demonstração para Apple ou PC, além de emul-

adores de outros softwares para PC: "Vega", "Cyber" (programa de astrologia cartâmica) e "Carta Natal Interpretada". Também pode fornecer despesa de demonstração para Apple ou PC, além de emul-

adores de outros softwares para PC: "Vega", "Cyber" (programa de astrologia cartâmica) e "Carta Natal Interpretada". Também pode fornecer despesa de demonstração para Apple ou PC, além de emul-

adores de outros softwares para PC: "Vega", "Cyber" (programa de astrologia cartâmica) e "Carta Natal Interpretada". Também pode fornecer despesa de demonstração para Apple ou PC, além de emul-

adores de outros softwares para PC: "Vega", "Cyber" (programa de astrologia cartâmica) e "Carta Natal Interpretada". Também pode fornecer despesa de demonstração para Apple ou PC, além de emul-

adores de outros softwares para PC: "Vega", "Cyber" (programa de astrologia cartâmica) e "Carta Natal Interpretada". Também pode fornecer despesa de demonstração para Apple ou PC, além de emul-

Um mapa astral e um gráfico com a posição dos planetas e constelações feitos por intermédio de programas específicos do Apple 2 e PC

Seus softwares principais são o "Nova" que emite relatórios no computador para astrólogos que não estão informatizados, o "Blue Star", que ele refere para mapas impressos. Esses softwares são, respectivamente, da AGS e da Matrix, e podem fazer cálculos de 2300 a.C. até o presente. O preço do "Mapa Astral" é de R\$ 290,00, e o da "Matrix" é de R\$ 290,00. De autoria de Zochi Representações - Caixa Postal 1793, CEP 20001, Rio de Janeiro, RJ, o "Mapa Astral" é vendido por R\$ 100,00 em BBN e "Blue Star" por R\$ 100,00 em BBN.

Para quem possui um Apple, também existem algumas opções, embora com menos recursos. A Commodore Informática trabalha com o "Pegasus 2", pelo correio (rua Marechal Deodoro, 1842, sala 7, São Bernardo do Campo, SP, telefone 498-6281). José Maldonado, da Commodore, informa que também trabalha com o "Pegasus 2" (programa de astrologia cartâmica) e "Carta Natal Interpretada". Também pode fornecer despesa de demonstração para Apple ou PC, além de emul-

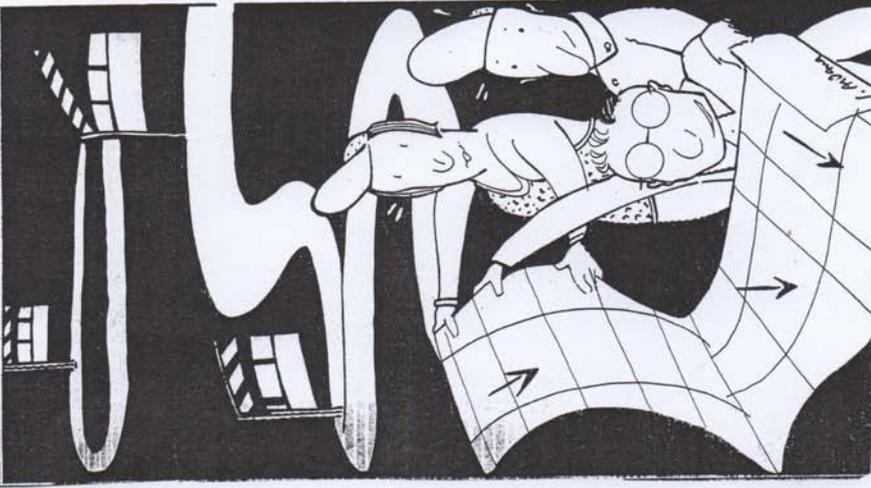
adores de outros softwares para PC: "Vega", "Cyber" (programa de astrologia cartâmica) e "Carta Natal Interpretada". Também pode fornecer despesa de demonstração para Apple ou PC, além de emul-

adores de outros softwares para PC: "Vega", "Cyber" (programa de astrologia cartâmica) e "Carta Natal Interpretada". Também pode fornecer despesa de demonstração para Apple ou PC, além de emul-

adores de outros softwares para PC: "Vega", "Cyber" (programa de astrologia cartâmica) e "Carta Natal Interpretada". Também pode fornecer despesa de demonstração para Apple ou PC, além de emul-

adores de outros softwares para PC: "Vega", "Cyber" (programa de astrologia cartâmica) e "Carta Natal Interpretada". Também pode fornecer despesa de demonstração para Apple ou PC, além de emul-

leira os clientes da Igreja Espiritualista. Avançada aprendem a desenvolver seus poderes ou vivem felizes e mensagens ou a fazer filmes. Ela também afirma que meditação e descontração e geram sucesso. Ela ajudou Diane Ladd, Laura Dern, Brian Strassberg, Shelley Winters, Ann Sothern e Glenn Ford, entre outros, de ferro na África, Chor foi uma delas.



OS ASTROS, AO ALCANCE DE QUALQUER UM.

Você quer ver seu ator favorito trabalhando na última filmagem? Até pouco tempo atrás, isso era quase impossível. Mas hoje existe o *Hollywood on Location*, de seus ordens...

Surpreender artistas do cinema ou de televisão com suas filmagens não são interiores era tarefa fácil até alguns anos atrás, a menos que se tivesse muita sorte. Isso, até hoje, é possível graças ao *Hollywood on Location*, companhia que tem escritórios em Los Angeles e ligadas diretas com o mundo cinematográfico na Califórnia. Desde o sábado e domingo —, ela fornece um pacote de informações ao preço de 29 dólares que mostra o mundo por trás das câmeras e contém os nomes dos filmes que estão sendo rodados em locação naquele dia, os locais das filmagens, o horário e as cenas previstas.

A firma fornece ainda um mapa de Los Angeles com as filmagens e as cenas detalhadas das áreas em que o filme será rodado. Os números contidos nas ampliações são os telefones para obter mais informações. Uma introdução de sete páginas dá conselhos simples sobre como usar os mapas, como organizar a caça ao astro, o que esperar e como obter o melhor preço.

Por exemplo: a companhia não garante que um artista de cinema ou de programa de televisão aparecerá em sua locação naquele dia. O que garante são boas chances. Mas se você quiser assistir a filmagem de interesse, basta ligar para o *Hollywood on Location*, havia 33 filmagens a escolher. Entre os programas de televisão, há *Gunsmoke*, *Quind Simon*, *Beverly Hills Cop* e *Dallas*.

A dificuldade começa no traçado do roteiro. O *Hollywood on Location* fornece o seguinte para evitar que se passe a maior parte do dia de um extremo ao outro de Los Angeles. O resto fica por conta da sorte — ou da sorte. Se tudo dá certo, sempre há muito que ver: a mixódria de fios e de equipamentos de televisão, o equipamento de filmagem, os assistentes de direção, e, naturalmente,

foi o papel de um detetive detido. Mas Patrick é seu sócio Terence Stamp é um "recém-chegado" de outro mundo.

Vários quartéis da Western Avenue há filmagem da sequência noturna de abertura do filme. Foi um negócio em grande escala. A cena: um trecho da área dos restaurantes de Los Angeles.

Tropical Fish, por exemplo, e até o cinema proibido para os fãs. Há também o episódio chamado *Bopha's Millon*. Lá estava *Back Youth Center*, onde a equipe rodava algumas cenas de interiores. Dois homens de aparência suspeita desceram do carro, de um lado, e foram para o outro lado. Os amarelos, saíram e fugiram. No rádio de polícia, miss Kramer informou sobre a chegada e se permitiu a ser seguida da dupla.

Isso foi o de menos. O melhor mesmo foi estar a apenas alguns passos do astro, tão perto que se viu o rosto dele tão perto para ver e ouvir o que se passou naquela cena.

Por exemplo: ver a atriz espanhola Kramer, por exemplo, ver o primeiro para que a equipe de filmagem pudesse se instalar. Ou ouvir a senhora Kramer — depois dos créditos — a dizer que o carro não estava de fato que o assento do carro fora puxado de muito para frente a fim de fornecer uma melhor angulação para os cameramen. "Poi-nel da Fama" exibindo dezenas de fotos de clientes sorridentes ao lado de astros e estrelas de cinema. *Excess de Disney*, *Charles Bronson* e *Dudley Moore*. Os artistas no filme de fama mostram-se sempre impaciente para ver o filme.

afalante, uma voz grita: "O fundo". A multidão a distância começa a falar com excitação e a apontar. Rodamos ao redor de Chan está de pé. Quando eles demonstram pouco cuidado com o estêvão de seu pôster e um fotógrafo corre para o carro destruído. Homens e mulheres em uniformes de polícia juntam-se como se fossem um só corpo, agarrando alguns dos recém-chegados.

Estávamos no local ouvindo os gritos e as sirenes. Cada uma delas fina, e não podiam ser vistas.

É fácil conseguir exemplares grátis de material distribuído pela companhia. Basta enviar um envelope já selado, e com nome e endereço no verso para: *Hollywood on Location*, 1964 Wilshire Boulevard, Beverly Hills, Califórnia, 90211. Telefone: 213/699-9125.

Robert W. Stock, do N.Y. Times

ANEXO 7



R\$ 10,00
22 Janeiro 2015
Edição n° 2053

www.contigo.com.br

contigo!

FIRME E FORTE

BRUNA MARQUEZINE É APRESENTADA À FAMÍLIA DE MARLON TEIXEIRA

SAIA JUSTA ÉPICA

ANGELINA JOLIE E JENNIFER ANISTON NA MESMA FESTA

FÍSICA E CIÊNCIA

DO QUE GOSTA CAIO CASTRO

GAROTA ESPERTA

ZEZÉ POLESSA E AS VANTAGENS DA IDADE

A MULHERADA SE ESBALDA NO SAMBA E NO FUNK

BRUNET, LUMA, MONIQUE: MUSAS DE OUTROS CARNAVAIS

BEIJINHO NO OMBRO

Confissões de Gisele

A übermodel revela os truques que usa para manter a beleza. E como dribla o frio americano e a saudade do Brasil





Observe mais e não complique

Previsões para a semana de 22 a 28/1/2015

A solução para um grave problema, algumas vezes, está mais perto do que imaginamos. Porém, a natureza humana é mais propensa a acreditar que tudo requer um alto grau de sacrifício. É nesse momento que deixamos de lado as opções simples e buscamos o complicado. Isso dificulta o processo natural dos acontecimentos e até mesmo elimina as possibilidades que estavam a nosso favor. O segredo está no poder de observação e na simplicidade. Não complique as coisas. Nem sempre o difícil é o que possui maior valor. Opte por situações que oferecem prazer e dignidade. A vida caminhará de forma mais suave.



ÁRIES

De 21/3 a 20/4

☐ Cada vez que uma situação nova aparece, é comum escolher o caminho mais prático e rápido para uma possível resolução. Porém, nem sempre as opções estão disponíveis no momento que se deseja. Nos próximos dias, identifique o potencial ao redor e utilize-o da melhor forma, mesmo que para isso tenha de aguardar um pouco mais pelos resultados. Não tenha pressa. Paciência.



TOURO

De 21/4 a 20/5

☐ O mais importante neste período é saber com clareza aonde quer chegar na área profissional ou em algumas questões emocionais. Você funciona melhor quando existe firmeza de propósitos, mas não exagere. Uma sua alta capacidade de realização com os momentos que necessitam de mais sensibilidade e abstração. Nem tudo é compreendido por quem vive a nosso redor de forma racional.



GÊMEOS

De 21/5 a 20/6

☐ Fase de muita criatividade. Para que possa tirar o máximo proveito deste momento, enxergue as possibilidades por uma ótica diferente: ouse mudar. Esta será a chave para encontrar novos caminhos rumo ao sucesso e principalmente ao prazer. Seu espírito pede novidade e transformação. Este é o período ideal para experimentar novas propostas de vida. Siga com determinação.



CÂNCER

De 21/6 a 21/7

☐ Está aparecendo pessoas interessantes em seu caminho e é importante prestar atenção para não perder as boas oportunidades profissionais e emocionais. Liberte o coração do passado e renove-se. O momento pede reavaliação de propostas de vida. Quanto mais existir resistência, maior será o tempo gasto com a busca de explicações. Lembre-se que você percebe melhor as coisas com o coração.



LEÃO

De 22/7 a 22/8

☐ O importante é saber com quem você pode realmente contar. É claro que, se teve participação e deu atenção às pessoas próximas, maiores são as chances de receber em troca o apoio que necessita nesta fase. Por outro lado, se não existir empenho de sua parte, fica difícil um retorno concreto. Ainda há tempo suficiente para mudança no modo de agir. Opte pelo companheirismo.



VIRGEM

De 23/8 a 22/9

☐ A vida fica mais fácil quando descobrimos os mecanismos que permitem uma existência suave, minimizando crises e chateações cotidianas. Para que isso ocorra com mais frequência, é preciso deixar de lado a necessidade de tantas explicações. Nem tudo possui uma razão clara para existir. Algumas coisas simplesmente acontecem. Aceite de bom coração as oportunidades.



LIBRA

De 23/9 a 22/10

☐ Cuidado com a indecisão. Está num período favorável para rever conceitos e ter mais ousadia, principalmente quando o assunto for a área emocional. Vão surgir várias oportunidades nas próximas semanas e é importante manter uma postura otimista. Você saberá a hora certa de agir, pode ter certeza disso. Sua sensibilidade está num bom nível. Remo sempre a favor da maré.



ESCORPIÃO

De 23/10 a 21/11

☐ O desafio desta fase será manter a serenidade. Procure soluções simples e diretas para os problemas e evite ao máximo os conflitos desnecessários. Exponha opiniões e desejos com clareza, seja na área profissional ou nos relacionamentos. Sua sensibilidade atinge um nível muito sutil e é preciso agir com equilíbrio. Atividades ao ar livre são bem-vindas. Cuide-se.



SAGITÁRIO

De 22/11 a 21/12

☐ Evite o desperdício de energia emocional. Gerar ansiedade desnecessária provoca desequilíbrio e aflição. Vá até o ponto em que a razão e as emoções possam ser controladas. Não ultrapasse os limites de segurança. É importante reservar tempo para viagens, lazer e atividades esportivas. Não sofra por antecipação. Tudo tem o tempo certo e nada acontece na véspera. Confie.



CAPRICÓRNIO

De 22/12 a 20/1

☐ Boa fase para as atividades comerciais. Os investimentos de curto prazo trazem um retorno financeiro rápido. Várias soluções vão aparecer nos próximos dias, aproveite as oportunidades no momento certo. No amor, o diálogo e a compreensão são fundamentais para o equilíbrio do relacionamento. Deixe tudo muito claro e ofereça opções para a manutenção da harmonia.



AQUÁRIO

De 21/1 a 19/2

☐ O relacionamento emocional ocupa uma grande parte de seus pensamentos. Sua natureza é altamente racional e essa situação pode trazer mudanças e reavaliações. Não tenha receio de abrir o coração às novas experiências. Permita que sentimentos de carinho possam encontrar espaços em seu dia a dia. Afaste-se de conflitos desnecessários, focos ou baixo astral.



PEIXES

De 20/2 a 20/3

☐ Quanto mais existir o desejo de mudança, maior será a velocidade de suas conquistas. Isso significa dizer que atitudes positivas abrem um importante caminho para a realização pessoal. Acredite que é capaz de vencer qualquer tipo de obstáculo, não importando o tempo que isso leve. Esperança é a palavra-chave desta fase. Nutra bons pensamentos e afaste-se de dívidas.

O zodíaco no celular

O seu signo na palma da mão

Receba em seu celular as previsões da Contigo! para seu signo. Todo dia, duas mensagens com o que os astros dizem sobre o amor e sua vida em geral! Envie uma mensagem SMS para 80530 com seu signo e assinie.

Disponível na Claro, TIM, e Nextel por R\$ 0,31, na Vivo por R\$ 0,39 e na Oi por R\$ 0,43. Em todas as operadoras acrescenta-se a esses valores os tributos por mensagem recebida.



Para mais informações, acesse: www.meismob.com.br

ANEXO 8

ilusão

REVISTA DA MULHER ROMÂNTICA

SUPLEMENTO
DE MODA!

1965 - N.º 32
R.25

*Guilhermina
Boulos
Avalens*



Fotonovela completa:
**AMOR SOB
AS CINZAS**

Ilusão

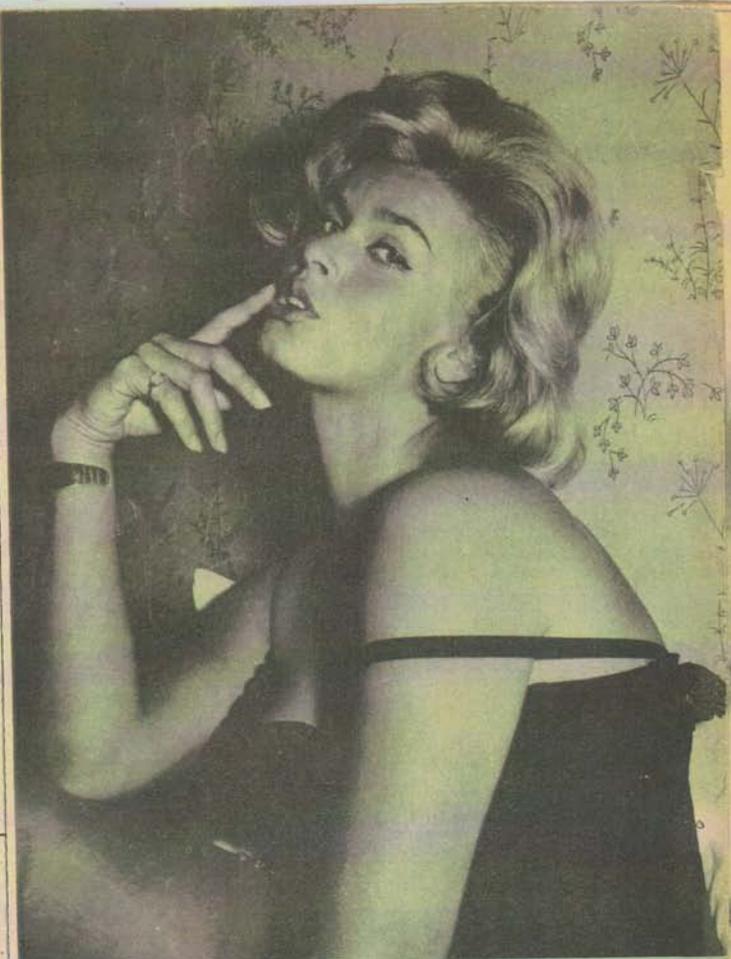
Tiragem desta edição: 325.000 exemplares.
A Editora e o Distribuidor de nossas revistas atendem os pedidos de averiguação física e administrativa da tiragem.

ANO III DEZEMBRO, 1960 N.º 32

SUMÁRIO

ROMANHOVELA COMPLETA	
Amor sob as cinzas	12
SERVIÇOS ESPECIAIS	
Suplemento de Moda	35
Maia de violão	70
CONTO	
Aquela noite de Natal	4
CINEMA	
Uma loira do barulho	3
Notícias das estrelas	11
Molta Gary	17
Astros esquecidos	54
MÚSICA POPULAR	
.....	82
MODA	
Estrélas na passarela	6
Três conselhos sobre moda	62
ORÓSCOPO	
Prognóstico do mês	68
Capricórnio	69
PSICOLOGIA	
Tem certeza de não cometer nenhuma "gaffe"	8
CORRESPONDÊNCIA	
Segredos e ilusões	72
COZINHA	
.....	33
VARIADAES	
Cosias de que se fala	51
Madrepérola	52

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA
— Diretor responsável: Gordiano O. G. Rossi — Diretor da redação: Luís Carta — Chefe da redação: Micheline Gaggio — PUBLICIDADE — Diretor: Roberto Civita — Representante em São Paulo: Hamilton Paçullo — Representante no Rio de Janeiro: Italo Gargiullo — Chefe do Escritório do Rio: André Raccach — PROPAGANDA: Cláudio de Souza — CIRCULAÇÃO: Maury Demange — PRODUÇÃO: Arno L. Langer — ILUSÃO, a revista da mulher romântica, é publicada pela EDITORA ABRIL LTDA., Rua João Adolfo, 118 — Tel.: 37-9111 — Caixa Postal 2.372 — São Paulo — Redação, Publicidade, Correspondência: Rua João Adolfo, 118 — Tel.: 37-9111 — Sucursal no Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502 — 18.º andar — Tel.: 32-3575 — Distribuição para todo o Brasil com exclusividade: Fernando Chinaglia Distrib. S. A. — Número avulso: Cr\$ 25,00 — Assinatura anual: Cr\$ 300,00 — Todos os direitos reservados — Imprensa S. A. I. B. S. A. Impressora Brasileira — São Paulo.



Uma loira do barulho

Esta jovem e linda estrelinha pretende ser nada menos do que a rival das famosas B. B., Marilyn Monroe, Jayne Mansfield, etc., etc.

Trata-se de Senta Berger, uma vienense de 19 anos, decidida a vencer e ser uma grande estrela.

As agências já estão repletas das fotos da nova artista. Entre tôdas as que nos propuseram escolhemos esta: pela ingenuidade, evidentemente!

HORÓSCOPO



Carneiro — 21/3 a 20/4

Os primeiros quinze dias do mês não estarão grande coisa, pois seus nervos estão em péssimo estado! E' preciso controlar-se, manter a calma, repousar e criar um clima mental de tranqüilidade e paz. Conseguindo isso, as dificuldades cessarão. Não discuta com pessoas idosas: procure compreendê-las e afaste os assuntos desagradáveis. Tudo melhora consideravelmente na segunda quinzena. Boa perspectiva em todos os setores: finanças em ascensão, e provável recebimento de uma importância extra. Saúde melhor, animação, contentamento. O barco do amor navega em águas claras.



Touro — 21/4 a 20/5

Você terá dias muito ativos no princípio do mês e levará a bom termo diversos assuntos estacionados. Haverá reconciliação entre amigos e os desentendimentos cessarão. Ligeiras dificuldades na vida profissional, mas com calma e boa vontade tudo será resolvido satisfatoriamente. Não queira impor sua vontade aos outros: conserve sua opinião, se lhe parecer justa, mas acate com boa vontade as idéias alheias. Chegarão boas notícias de amigos ausentes e participação de noivado ou casamento. Em amor, tudo continua na mesma, estacionado. Sem dúvida, não haverá pedido de casamento...

Câncer — 22/6 a 21/7



Um bom mês está à sua espera, minha amiga! Você terá muito sucesso em sua carreira, se trabalhar com afinco para conseguir seus objetivos. Tudo quanto fizer nestes trinta dias dará certo, mas evite negócios imobiliários: é o único ponto desfavorável. Numa festa, você receberá uma declaração de amor, de um rapaz impetuoso e apaixonado. Pense duas vezes antes de trocar de amôres, pois tudo indica que essa paixão será coisa passageira. Alegrias no lar e bom entendimento com parentes, que a ajudarão a conseguir um importante objetivo. Suas finanças marcham regularmente.



Leão — 22/7 a 22/8

Um bom mês para você, leonina, com muita saúde, disposição e alegria. Porém, tenha cuidado com amizades mal escolhidas. Há um velho ditado que diz: "Diz-me com quem andas e te direi quem és." Portanto... Sua vida estará movimentada, com festas e reuniões. O trabalho também anda apertado, mas com boa vontade você dará conta de tudo, não é? Em matéria de dinheiro, tudo mais ou menos: não sobra, mas chega folgadoamente. Há uma pequena viagem em projeto, que se realizará com muita satisfação. Sua vida sentimental vai bem e poderá haver uma alegre surpresa.



Balança — 23/9 a 22/10

Mês neutro, que poderá ser muito proveitoso no futuro, pois todos os casos iniciados agora marcharão lentamente mas acabarão bem. Tome cuidado com as mudanças de tempo e golpes de ar, pois do contrário será presenteadas com um belo resfriado! Aborrecimentos com intriguinhas, que logo depois serão esclarecidas. Você irá a uma festa ou reunião, onde um rapaz terá oportunidade de dar-lhe notícias muito agradáveis e que, até certo ponto, influirão em seus pensamentos. Você ganhará um presente, que também pode ser uma quantia em dinheiro. Seu romance de amor continua ótimo.



Escorpião — 23/10 a 21/11

Este mês está bom. Alegria no lar e proteção de parentes ou amigos íntimos, graças aos quais você poderá realizar seus ideais. Grandes projetos de futuro: ponha suas idéias em execução, pois só terá a lucrar com isso. Mas não esmoreça diante das pequenas dificuldades que aparecerem: é lutando que se vence! Quanto a dinheiro, haverá lucros inesperados e talvez você receba uma velha dívida já considerada perdida. Tudo bem em amor, com muita esperança e planos cor-de-rosa para o futuro: Cupido está muito bem intencionado a seu respeito. Profissionalmente tudo vai bem.

Capricórnio — 22/12 a 19/1



Você terá um mês bastante agradável, perturbado apenas por leves desavenças de ordem doméstica. Muita saúde, disposição, euforia. Para festas principalmente, sua disposição não deixa nada a desejar. Novos admiradores ficarão presos aos seus encantos, o que determinará, como não podia deixar de ser, ligeiras cenas de ciúmes. Não obstante isso, seu romance de amor continua firme, com muitas alegrias, prometendo terminar em água benta e marcha nupcial. O lado financeiro apresenta-se bastante razoável, mas cuidado: não gaste mais do que tem! Em negócios tome bastante cautela.

Aquário — 20/1 a 18/2



Seu mês está muito razoável, prometendo dias muito agradáveis. Evite entretanto, briguinhas em família. Com boa vontade e espírito de tolerância, será fácil evitá-las. Suas finanças estão excelentes e tendem a melhorar mais ainda. No trabalho ou na escola, seu sucesso é garantido e haverá promoção na certa. Muita sorte em rifas ou sorteios de qualquer espécie, durante todo este mês. Também fará bons negócios se comprar roupas e objetos de uso pessoal. Quanto a amor, haverá um ligeiro recuo, causado por intriguinhas e maledicências, havendo depois uma agradável reconciliação.

CAPRICÓRNIO



Gêmeos — 21/5 a 21/6

Este mês você estará muito animada e sentindo grande tendência para fazer compras e reformas: cuidado, não gaste demais! Por falar em gastos, tome conta de seu dinheiro: não o empreste, pois correria o risco de perdê-lo. Nos estudos ou no trabalho haverá boas novas. Talvez uma promoção... Em jogos, você terá sorte: poderá ganhar um prêmio em rifa ou loteria, ou um presente de valor. Fará uma interessante viagem, mas evite aviões durante este mês. No setor amoroso tudo azul e muitas geminianas subirão ao altar durante este mês. Uma alegre surpresa a espera: aguarde.

Virgem — 23/8 a 22/9



Seu mês pode não estar cem por cento, mas está bastante tolerável, principalmente na última semana. Saúde boa, com uma dorzinha de cabeça para atrapalhar. Em matéria de dinheiro, qualquer negócio iniciado agora marchará lentamente, mas terá bons resultados no futuro. Pequenas desavenças no trabalho ou na escola, mas tudo acabará bem. O essencial é não perder a calma. Briguinhas por causa de ciúmes, sem maiores conseqüências. Numa festa ou reunião, você conquistará novos admiradores e ficará muito indecisa, sem saber por quem decidir-se. Pense bem, minha amiga...



Sagitário — 22/11 a 21/12

Seu mês está mais ou menos: nem tudo rosas, nem tudo espinhos. Profissionalmente, você precisará trabalhar com afinco para conseguir o que deseja. Sua vida no lar correrá plácidamente. Saúde muito razoável e muita disposição para passeios e festas. Você está projetando uma viagem, que será adiada. Tome cuidado com pessoas idosas, que poderão provocar discussões desagradáveis: mas com calma e compreensão tudo se arranja! No terreno financeiro, tudo bem. Além disso, você ganhará um presente! No setor amoroso tudo vai às mil maravilhas, com afeto e interesse de parte a parte.

Peixes — 19/2 a 20/3



Você tem pela frente um mês agradável e terá ocasião de fazer novas amizades muito proveitosas. Progressos em família e planos de mudança. Haverá também projetos de viagem para breve. Saúde boa, mas não exija milagres de seus nervos: é preciso repousar um pouco! Boas notícias chegarão pelo correio, e talvez, um presente também. No terreno amoroso está tudo azul. Entretanto, acautele-se, porque há gente interessada no rompimento. É possível que você trave relações com a família "dêle": procure causar boa impressão. No seu trabalho, é possível que haja ligeiros aborrecimentos.

22 de dezembro a 19 de janeiro

Símbolo — O bode
Elementos favoráveis:
Astro — Saturno
Dia da semana — Sábado
Pedras — Ágata, turquesa, ônix, safira esmeralda
Cores — Marrom, preto, cinza e tons apagados
Números — 6 e 9
Perfumes — Lavanda, jasmim, rosa e violeta
Flôres — Rosa, jasmim e violeta
Metal — Chumbo



SEU CARÁTER

Você é inteligente, gosta de trabalhar e tem senso de responsabilidade. A paciência é uma de suas grandes qualidades, assim como a discrição. Costuma guardar segredo sobre suas idéias e sentimentos e, seguidamente, deixa-se abater por uma tristeza sem motivo, que é preciso afastar com energia. Você é impulsiva e às vezes se arrepende disso...

SEU TRABALHO

O setor que lhe dará maior sucesso, é algo relacionado com arte, história antiga, arqueologia. Negociar com antiguidades, coisa tão em moda atualmente, seria o ideal para você. Seu mérito próprio e seu esforço pessoal a tornarão uma vitoriosa. É claro que haverá obstáculos. Mas seu valor será reconhecido.

SEU CORAÇÃO

Você é dada à filantropia e auxilia de boa vontade aos que precisam de ajuda. Embora às vezes possa parecer seca e brusca, você ama o seu próximo. Seu casamento se realizará entre os 18 e 25 anos, a não ser que fique solteirona, o que não é muito raro entre as moças deste signo. Prefira um marido nascido entre 22 de junho a 21 de julho.

DECANATOS

Se seu nascimento tiver ocorrido entre 22 e 31 de dezembro, influenciada por Júpiter, você terá facilidade para levar seus projetos adiante e terá êxito. Mas aprenda a vencer o medo e a hesitação!

Se você nasceu entre 1.º e 10 de janeiro, sob a influência de Marte, será teimosa, cabeçuda e gostará de coisas difíceis e irrealizáveis, não se interessando pelo que estiver ao seu alcance.

Entretanto, se você nasceu entre 11 e 19 de janeiro, influenciada pelo Sol, terá um caráter reto, muito entusiasmo e força de vontade. Modere seu sentimentalismo, que é um pouco exagerado.

SEU FUTURO

Seu futuro é muito promissor. Antes dos 21 anos, encontrará dificuldades, que se aplainarão com o correr do tempo. Aos 30 anos, tudo indica que sua situação será muito boa. Graças aos seus méritos, você saberá impor-se à admiração dos outros. Entretanto, domine um pouco sua vaidade, que, até certo ponto, poderá prejudicá-la.

OS PRÓXIMOS DOZE MESES

1961 será um bom ano para as capricornianas. Na profissão ou nos estudos, elas terão bastante êxito, desde que se esforcem um pouco. A saúde estará excelente, com muita animação e entusiasmo. Haverá uma agradável viagem, e talvez, duas até! No setor financeiro, se não está brilhante, está bom, nada deixando a desejar. No plano sentimental, tudo estará um tanto confuso no princípio do ano, mas o horizonte se tornará mais claro a partir de maio. Alguns noivados e numerosos casamentos marcados para o fim do ano. O setor das amizades apresenta-se razoável, mas será preciso escolher melhor, para evitar aborrecimentos. Não confie demais: sempre é bo mestar alerta!

ANEXO 9

COSMO: A REVISTA FEMININA MAIS VENDIDA NO MUNDO

NOVA



O que digitar na sua próxima mensagem de texto pra ele

Débora Nascimento

"Não tenho mais paciência pra lenga-lenga. Estou gostando dessa nova atitude"

Barriga sequinha

Doze hábitos que parecem ajudar, mas detonam o seu #ProjetoVerão


SEXO
LACRADO

TESTAMOS OS MELHORES SEX TOYS PARA USAR SOZINHA OU A DOIS

CINQUENTA TONS DE CINZA UM CASAL PASSA A NOITE NO "QUARTO VERMELHO DA DOR" - E CONTA TUDO!

POSIÇÕES AO AR LIVRE IDEIAS PARA RISCAR ESSE DESEJO DA SUA LISTA. CHECK!

CHEFE NOVO? CORTE DE CUSTOS? HOME OFFICE?

Dá, sim, para encarar as mudanças na empresa e crescer

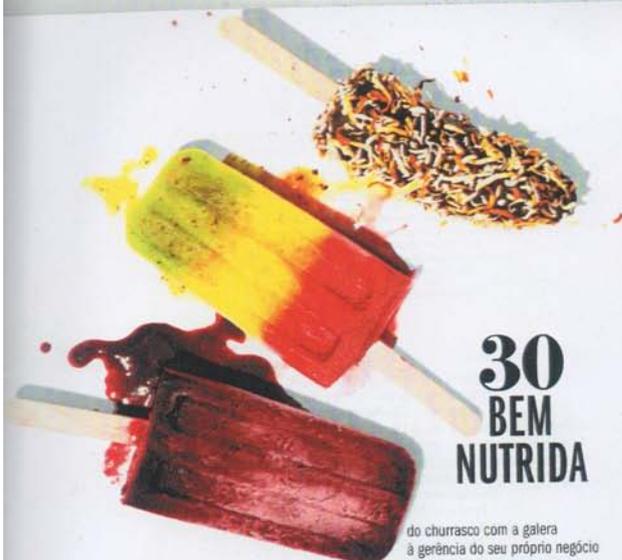
SÍNDROME DA MULHERZINHA

COMO NÃO CAIR NA PRINCIPAL ARMADILHA DE QUEM VAI MORAR JUNTO

nova.com.br



EDICÃO 496 ANO 43 N° 1 JANEIRO 2023



30 BEM NUTRIDA

do churrasco com a galera à gerência do seu próprio negócio

- 33 CONSULTA ÍNTIMA: CAROLINA AMBROGINI**
- 34 BELEZA SOB A MEÇA** O ardor e a irritação depois de passar alguns cosméticos já viraram praxe, mas os causadores dessa sensação podem não ser tão óbvios assim
- 36 PÔ MÁGICO** Quer um produto que agüente do trabalho à happy hour, que dê ondas com textura, volume ao cabelo e até fixação ao topete? Seja bem-vinda ao mundo da pomada em pó
- 82 FRESH 24 HORAS** Makes e cabelos rápidos e práticos para você não perder nem uma hora da estação mais esperada do ano

CELEBS

- 10 #MULHERDENOVA - DÉBORA NASCIMENTO**
- 12 CELEBS** Gatos para ficar de olho em 2015
- 13 SEXY X OVER**
- 114 AGITE & USE**

VOCÊ, VOCÊ, VOCÊ

- 44 PARA QUEBRAR AS REGRAS** A história de oito mulheres que fizeram diferença ao redor do mundo lutando por mais participação e direitos femininos
- 48 SUA VIDA RESOLVIDA EM UM CLIQUE** Aplicativos para otimizar seu tempo e simplificar as tarefas – da organização

- 48 DR. GAUDÊNCIO EXPLICA**
- 50 "COMO SE FOSSE A PRIMEIRA VEZ"** A jornalista Mirella Nascimento se desafia, há um ano, a fazer algo inédito todos os dias
- 54 POR QUE TANTA CRÍTICA ÀS CANDIDATAS MULHERES?** A deputada federal Clarissa Garotinho e a estadual do Rio Grande do Sul Manuela D'Ávila debatem sobre as principais crenças que impedem as mulheres de crescer na política
- 112 NOVA YORK PARA NÃO TURISTAS** Os melhores lugares da Big Apple para jantar, badalar, paquerar – por cinco moradoras de lá

CARREIRA E DINHEIRO

- 72 #PROJETOSUCCESSO**
- 74 VAI DAR TRABALHO** Top de cor forte
- 76 CONSULTOR DE CARREIRA: ROBERTO SHINYASHIKI**

HOMEM

- 106 DONO DO TEMPO** Marcio Garcia continua lindo. Continua casado com a mesma mulher há 14 anos. Continua empolgado com tudo que faz. Continua ♥
- 108 MANUAL DO HOMEM**
- 109 COMO LIDAR, FELIPE?**
- 110 GATO DE NOVA**

MODA E ESTILO

- 14 FASHIONISMO** Crochê
- 16 ACESSÓRIO DESEJO** Plataforma
- 17 AME SEU CORPO** Macaquinho
- 18 BATALHA FASHION**
- 20 (NEM SEMPRE) CABE MAIS UM** Os itens curinga para levar na mala de viagem e nunca mais sofrer por falta de espaço – nem de opção de look



88 MODA

2015 mal começou e já é hora de voltar no tempo? as estampas retrô estão com tudo!

SEMPRE EM NOVA

- 7 BASTIDORES DE NOVA**
- 8 CAIXA DE ENTRADA** **9 NOVA.COM.BR**
- 118 HORÓSCOPO** **120 ONDE ENCONTRAR**
- 122 RAPIDINHAS DE NOVA**

FOTOS: GEFARDO CHAVES (LIBRA); JEFFREY WHESTEROCK/STUDIO DYNAMIX; EDUARDO SWEZIA (SAGITÁRIO); MELISSA PUNCH/STUDIO D (SAGITÁRIO); TH CORRIGIANI; HEVVI SWENBY/STUDIO D (LIBRA); STUDIOPHOTO.COM (PISCÍDIAS); RAPHAEL DIAS/ICAO GASTRO, DIVULGAÇÃO



VIRGEM (23/8 a 22/9)
 ○○○○○|♥♥♥♥♥|♣♣♣♣♣

Você, que costuma ser tããão controlada, vai pirar um pouquinho — culpa de uma paixão inesperada e do tipo avassaladora. Se jogue! **Chegou a hora de focar na carreira, dando gás em tudo o que fizer.** O empenho pode render promoção. Mas não deixe de cuidar da saúde e da alimentação. Os dias 9, 10 e 11 são os mais promissores.

LIBRA (23/9 a 22/10)
 ○○○○○|♥♥♥♥♥|♣♣♣♣♣

Você não está no mood de compromisso. **Quer mais é cair na balada, encontrar uns caras gatos...** Se já tem namorado, pode questionar a relação e sentir vontade de conhecer gente nova. Profissionalmente, precisa investir num curso de inglês ou MBA. É hora de divulgar seus talentos. Melhores dias: 12, 13, 21, 22, 29 e 30



ESCORPIÃO (23/10 a 21/11)
 ○○○○○|♥♥♥♥♥|♣♣♣♣♣

Para realizar seus sonhos, vai precisar de dedicação e disciplina. Só cuide para que problemas com a família não desviem a atenção de seus objetivos. Foque em seu marketing pessoal e vai conseguir aquela promoção. **Micou com um amor platônico? Arrisque uma aproximação.** Tente nos dias 14, 15 ou 16.



SAGITÁRIO (22/11 a 21/12)
 ○○○○○|♥♥♥♥♥|♣♣♣♣♣

Você se libertou de tudo o que não fazia mais sentido na sua vida. Chegou a hora de colocar em prática seus novos projetos: desde mudar de emprego até botar ponto final na relação se ela anda mal. As viagens ficam mais frequentes e **pode rolar aquele seu sonho de passar um tempo longe do Brasil.** Nos dias 17 e 18, esteja perto de alguém importante.

CAPRICÓRNIO (22/12 a 20/1)
 ○○○○○|♥♥♥♥♥|♣♣♣♣♣

Você continua na base do tudo ou nada! Mas pode demonstrar suas opiniões sem parecer radical nem arrogante. Vá com calma e pese prós e contras antes de tomar uma atitude. Boa fase para ganhar dinheiro e receber uma promoção. **Mas não vá torrar tudo no shopping. Aquela bolsa pode esperar.** Para investir, prefira os dias 2, 29 e 30.



PEIXES (20/2 a 20/3)
 ○○○○○|♥♥♥♥♥|♣♣♣♣♣

Talvez você fique meio desanimada e com uma preguiçinha. Bola pra frente! Se conseguir diminuir seu grau de exigência, vai encontrar aquele amor que procura. **Não deixe que alguns altos e baixos nas finanças te tirem do sério.** A tendência é que tudo comece a melhorar depois do dia 13.

O HORÓSCOPO DELE

ÁRIES Está animado e busca experiências inovadoras. Aproveite para testar novas posições. **Dias quentes:** 7, 17, 18, 25 e 26.

TOURO O foco do taurino está na carreira e em ganhar dinheiro. Não se chateie. A situação é temporária. **Dias quentes:** 9, 12, 18, 27 e 28.

GÊMEOS Com dinheiro no bolso e tempo livre para sair por aí curtindo terras estrangeiras. Se ofereça para fazer companhia. **Dias quentes:** 3, 13, 21, 29 e 30.

CÂNCER Ele é um querido, o sexo foi incrível e você está a fim. O problema é que o gato pode querer te controlar. **Dias quentes:** 5, 6, 15, 23 e 24.

LEÃO O Facebook dele anda bombando de mensagens. Nada de reclamar: você escolheu um gato carismático e extrovertido. **Dias quentes:** 7, 8, 17, 25 e 26.

VIRGEM Focado no trabalho, não tem tempo para sair. Melhor curtir o gato com programinhas mais caseiros. **Dias quentes:** 9, 10, 19, 20 e 27.

LIBRA Cheio de planos e carinhoso. Vai ser uma ótima companhia para pegar aquela praia nas férias. **Dias quentes:** 3, 12, 13, 21 e 22.

ESCORPIÃO Meio enrolado com a família, ele tende a te dar pouca atenção. Calma, logo passa. **Dias quentes:** 5, 14, 15, 23 e 24.

SAGITÁRIO O gato busca liberdade e inovação. Abuse da criatividade no sexo. **Dias quentes:** 7, 8, 17, 25 e 26.

CAPRICÓRNIO Radical e com pavio curto, ou seja, não é hora de DR. Ele quer momentos de prazer. **Dias quentes:** 9, 10, 19, 20 e 27.

AQUÁRIO Com sucesso na carreira, ele pode te chamar pra comemorar! **Dias quentes:** 12, 21, 22, 29 e 30.

PEIXES Está sem energia e meio apagado. Turbine a autoestima dele. Sugira momentos mais íntimos. **Dias quentes:** 5, 14, 15, 23 e 24.



CAIO CASTRO
22/12/1982



SABRINA SATO
4/2/1981

ISIS VALVERDE
17/2/1987

AQUÁRIO

21 DE JANEIRO A 19 DE FEVEREIRO

Você anda muito doce e sensível, mas bastante popular e comunicativa. Desse jeito pode conhecer pessoas interessantes (quem sabe aquele gato) e curtir na companhia de amigos antigos. Mais tranquila e menos questionadora, vai aproveitar a vida com mais qualidade. Que tal retomar o plano de levar a academia a sério?

CARREIRA

Depois de ter passado por uma fase de bode com o que faz e ganha, finalmente você encontrou seu caminho. Agora basta incrementar o currículo com cursos de aperfeiçoamento — melhor se matricular depois do dia 6. Como está passando por um período mais consumista, tente segurar os gastos, ok?

AMOR

Vale tudo: sair com aquele boy do Tinder ou com o

amigo de sua amiga que te paquera faz tempo, namorar, transar sem compromisso... Quem está solteira pode se despedir dos tempos de carência e deixar de lado aquela caixa de chocolate. Para quem já tem um gato, o momento é bom para conversar. Melhor fase: entre 4 e 27.

SEXO

Use a imaginação para ter mais prazer. Sem timidez, experimente todos os seus fetiches e fantasias. Só não exagere no ciúme.

CONSELHO BOM Turbine seu currículo. Aprenda coisas novas e se informe. **VALVULA DE ESCAPE** Alguma atividade artística no seu tempo livre. **SEUS DESAFIOS** Fale menos e faça mais. **PODER DE SEDUÇÃO** Diga para o gato o que te dá prazer. **MELHOR APOSTA DO MÊS PARA AQUÁRIO** Tudo o que está precisando é de um ariano cruzando seu caminho.



ÁRIES

(21/3 a 20/4)

Tanto no trabalho quanto no amor, você pode sentir que precisa mudar e se libertar do que não curte mais. Você vai abrir caminho para que role uma nova proposta de trabalho ou um gato do jeito que deseja, especialmente depois do dia 21. **Cuidados com o make e o cabelo e uma produção de arrasar vão ajudá-la a atrair pretendentes...**

TOURO

(21/4 a 20/5)

Com a atenção dividida entre amigas, família e trabalho, o clima tende a ficar mais tenso do que o normal. Não estranhe se bater aquele impulso de desistir de tudo e de todos...

Para contornar o clima, fuja no fim de semana para o campo. Com o gato, claro. Prefira agendar para os dias 10 e 11. Na volta, vai se sentir renovada.



GÊMEOS

(21/5 a 20/6)

Você anda morrendo de vontade de arrumar as malas e embarcar para uma aventura. **Faça as contas e, se tiver grana para não ficar no aperto no retorno, bora fazer as malas!** Aproveite a viagem e faça um curso. Existe até a possibilidade de conhecer um cara super-hot. Melhores dias: 2, 3, 29 e 30.

CÂNCER

(21/6 a 21/7)

Com a libido em alta, deve rolar uma atração à primeira vista — com sexo incrível. E a aventura pode se transformar em coisa séria. **Aproveite para comprar aquele sapato lindo** e pegue uma praia no final de semana — quem sabe já vai com boy novo. A melhor data é 24 e 25. No trabalho, tire suas ideias da gaveta.



LEÃO

(22/7 a 22/8)

Sua tendência é exagerar em tudo: balada, gastos e pegação. Calma! Se quer assumir compromisso ou comprar um apê, a fase é boa. Mas avalie bem antes de tomar qualquer decisão. Prefira os dias 7, 8 e 26 para fechar contratos.

